UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE HISTÓRIA SOCIAL

**A PRIMEIRA DÉCADA DA AIDS NO BRASIL:
O *FANTÁSTICO* APRESENTA A DOENÇA AO PÚBLICO
(1983-1992)**

Germana Fernandes Barata

**SÃO PAULO
2006**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**A PRIMEIRA DÉCADA DA AIDS NO BRASIL:
O *FANTÁSTICO* APRESENTA A DOENÇA AO
PÚBLICO (1983-1992)**

Germana Fernandes Barata

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Gildo Magalhães dos Santos Filho

SÃO PAULO
2006

DEDICATÓRIA

A todos aqueles envolvidos de alguma forma com o esforço de combater a Aids e em melhorar a qualidade de vida e a dignidade daqueles que contraíram o HIV. Deles compartilho o desejo de ver os pacientes humanizados e recebidos de braços abertos pela família, pelos colegas de trabalho e pela sociedade em geral.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho se iniciou por uma exigência profissional, mas terminou como uma conquista pessoal. Muitos foram os que acreditaram em mim e no meu projeto. O primeiro deles é Gildo Magalhães, que aceitou orientar uma bióloga, especializada em jornalismo científico que queria se aventurar pela história da ciência. A partir daí iniciou-se um trabalho verdadeiramente de orientação, de humildade e incentivo que foi de fundamental importância para a historiadora que se formou e para o trabalho que amadureceu e aqui se encontra.

Mergulhar em um mestrado quando se divide o tempo entre tantas outras prioridades exige paciência, muito mais daqueles ao nosso redor. E é a eles que quero agradecer pela paciência nas viagens adiadas, nas visitas breves, nas louças não lavadas, na poeira não retirada e nos almoços não compartilhados aos domingos, pela insistência nas dezenas de convites recusados, pela tolerância a meu mau humor, desânimo, horas de medo e de dúvida, mas também pelos deliciosos almoços e cafés no final do dia, e pelo ambiente de trabalho sempre cor-de-rosa, que tanto aliviaram minha pressão. Ao meu marido Joel Hardeman, meus pais Dulce e Lauro Barata e minha irmã Letícia. Aos meus doces amigos Cristiano, Nucilene e Francisco, Sabine, e às distantes, mas sempre presentes, amigas biólogas (em ordem alfabética) Emília Saleh, Lilia Asuca Sumiya - por ter compartilhado comigo as aflições de duas mestres *to be* -, Maria Angela sempre Huszka e Maria Luiza de Mello e Souza, que tantas vezes me acolheu na cidade maravilhosa em meio ao trabalho ou eventos científicos.

A minha amiga Marianne Frederick por ter me ajudado e incentivado na história da Aids desde o princípio, quando o tema surgiu em uma conversa por telefone, quando tudo que eu mais queria era ingressar no mestrado com um projeto que acreditasse.

Obrigada ao Centro de Documentação da Rede Globo por ter cedido 26 programas do *Fantástico*, sem os quais esta pesquisa não teria sido realizada.

Ao Affonso Romano de Sant'Anna por me ajudar a consolidar a negociação junto ao Cedoc-Globo, viabilizando esta pesquisa. À Ingrid Lemos por ter conseguido traduzir em imagens um trabalho de 3 anos, com a criação da capa desta dissertação, e ao Tiago Zetula Rodrigues por ter transcrito três programas, disponíveis nos ANEXOS.

Agradeço também àqueles que insistiram no meu potencial na academia e que admiro pelos profissionais que são, por verem a ciência verdadeiramente como uma vida de dedicação voltada para satisfazer as inquietações do intelecto, mas também como meio de contribuir para uma sociedade mais equilibrada.

RESUMO

Este trabalho analisa como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), considerada a maior epidemia do século XX, foi divulgada pelo programa *Fantástico*, da Rede Globo de televisão, entre 1983 e 1992, primeira década em que a doença aparece na mídia brasileira. No caso da Aids, a televisão, principal fonte de informação da população, desempenhou papel chave ao apresentá-la ao público, muito antes que os governos, profissionais da saúde e pesquisadores tivessem respostas seguras sobre a doença. Das 105 notícias divulgadas no programa durante a década, selecionou-se 26 que priorizaram os aspectos científicos da enfermidade - encontros científicos, descobertas e avanços na prevenção, diagnóstico e tratamento. Por ser desconhecida, mortal e sexualmente transmissível, principalmente, a Aids encontrou espaço reservado no *Fantástico*, que valoriza histórias extraordinárias, bizarras e grotescas, inspiradas no gênero *fait divers*. Trabalhos que abordaram a televisão enquanto meio de divulgação da Aids são escassos e lidam apenas com campanhas de prevenção da doença. O programa foi pioneiro na divulgação do nome Aids na grande mídia ao exibir em 27 de março de 1983 uma matéria que já trazia a dimensão de “epidemia do século”. A cobertura priorizou o cenário nacional e o discurso científico, reservando um bom espaço para a divulgação da doença e contribuindo para informar a população sobre os meios de prevenção, os avanços científicos em relação à enfermidade e à qualidade do sistema de saúde público brasileiro. No entanto, fica claro também o fortalecimento dos mitos e metáforas relativos à história das doenças e à ciência, além dos preconceitos e estigmas contra seus pacientes, sobretudo os pertencentes aos chamados grupos de risco, o que pode ter contribuído para distanciar o telespectador da realidade da doença. A mídia, cuja relação de divulgação com a ciência, é tantas vezes problemática, no caso do programa *Fantástico* preencheu algumas lacunas junto ao grande público, mas deixou a descoberto os flancos por onde entram as questões bioéticas, morais e, no final, ideológicas.

Palavras-chave: Aids, televisão, divulgação científica, história das doenças, saúde pública e ciência.

ABSTRACT

This work analyses how the Acquired Immune Deficiency Syndrome (Aids), considered the most extensive epidemic of the 20th Century, has been broadcasted by the TV show *Fantástico*, from the Brazilian television network Globo, in the first decade in which the disease appeared in the Brazilian media, 1983-1992. Television, as the main source of information for the population at large, played a key role in presenting Aids to the public, well before governments, health professionals and scientists had reliable answers about this disease. Out of 105 pieces of news broadcasted by *Fantástico*, 26 were selected as those giving priority to the scientific aspects of the syndrome – scientific meetings, discoveries and advances in its prevention, diagnosis and treatment. Aids has naturally found a privileged space in *Fantástico*, in large account due to its unknown, lethal, sexually transmitted nature, which fits well into the scope of this TV show, with emphasis on the extraordinary, bizarre or even grotesque, very much inspired in the old tradition of the *fait divers*. There are few works analyzing television as a medium for popularization of Aids and those that do so focus on prevention campaigns. *Fantástico* was a pioneer program in spreading the name Aids in the Brazilian news media, when it broadcasted a show in which the disease was already called the “20th Century epidemics” on March 27, 1983. The coverage of Aids by this show has emphasized the national scenario and the scientific discourse, giving a reasonable space for the diffusion of information concerning the disease, telling the population of the available means for its prevention and the scientific advances towards understanding Aids and the quality of the Brazilian public health system. However, it is clear that this TV show has also contributed to the strengthening of myths and metaphors concerning science, the history of diseases, as well as prejudices and stigmas against its patients, a factor that has probably played a role in drifting away the spectator from the crude reality of the disease. *Fantástico* has filled in important gaps in the knowledge of the population at large, but at the cost of leaving aside the great moral, bioethical and ideological issues.

Key-words: Aids, television, public understanding of science, history of diseases, public health and science.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	10
- Meios de Comunicação	11
- Aids na Mídia	15
- <i>Fantástico</i>	17
- Considerações metodológicas	18
- Hipóteses	20
- Dificuldades encontradas	21
I – HISTÓRIA E AIDS	25
1.1. História das doenças	25
1.2. Período pré-Aids	30
1.3. Vírus desafiam a medicina	33
1.4. O surgimento da Aids	35
II – A TELEVISÃO COMO CONSTRUTORA DA REALIDADE	47
2.1. Televisão	47
2.2. Popularizando a TV	50
2.3. TV e poder	53
2.4. Rede Globo	59
2.5. O noticiário	66
III – FANTÁSTICO E A DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA	76
3.1. <i>Fantástico</i> : dualidades de uma colcha de retalhos	76
3.2. A conquista de um espaço para a ciência e tecnologia	85
3.2.1. C&T atendendo os requisitos do <i>Fantástico</i>	93
3.2.2. A Aids atendendo os requisitos da mídia	97
IV – O FANTÁSTICO APRESENTA A AIDS AO PÚBLICO	104
4.1. Cenário geral	107
4.2. A ciência e o medo apresentam a Aids	113
4.3. A política entra em cena	117
4.4. A Aids veio para ficar	124
4.5. Espaço para esperança	127
4.6. Paciente sem rosto e identidade	132

4.7. As metáforas da Aids _____	137
4.8. Desmistificando a doença e a ciência _____	138
CONCLUSÕES _____	142
BIBLIOGRAFIA _____	151
- Fontes primárias _____	151
- Referências bibliográficas _____	152
ANEXOS _____	159
A-I - Levantamento de programas do <i>Fantástico</i> sobre Aids - CEDOC - Globo	
A-II – Breve descrição dos programas selecionados	
A-III ¹ – Espelho ² de dois programas do <i>Fantástico</i>	
A-IV – Transcrição de três programas do <i>Fantástico</i>	
A-V – Imagens de caricaturas sobre Aids	
A-VI – Capas da revista Veja sobre Aids	

¹ Espelhos retirados da tese de Mesquita (1999) por incluir programas sobre Aids analisadas nesta dissertação.

² Espelho é a breve descrição da composição do programa apresentado em um domingo, onde é possível analisar a posição da notícia sobre Aids em meio aos outros assuntos abordados no mesmo dia.

INTRODUÇÃO

O surgimento da Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) nos anos 1980, considerada a maior epidemia do século XX, modificou o papel da medicina e da ciência, como panacéia para os problemas humanos. Evidenciou as relações sexuais na sociedade - pós-libertação sexual, vivida durante ao final da década de 1960 e marcada pelo festival de Woodstock (EUA) - e os preconceitos, a moral e censuras relativos a elas, traços que, no Brasil, estariam em coerência com o governo militar que se encerraria em 1984, após 20 anos de castração intelectual. Foi também a Aids que implementou mudanças, sem precedentes, no sistema público de saúde, no controle de qualidade dos bancos de sangue, na responsabilização governamental pelos custos do tratamento dos pacientes e nas disputas pela quebra de patentes de medicamentos da poderosa e bilionária indústria farmacêutica mundial. A área de imunologia também conquistou um novo *status* a partir dos investimentos e atenção que recebeu pós-Aids e foi desafiada a compreender, ironicamente, os complexos mecanismos usados por uma das formas de vida mais simples – o retrovírus com seu RNA¹. Nenhuma outra patogenia impulsionou tantas discussões científicas, governamentais e sociais, em tão curto espaço de tempo e de forma globalizada. A Aids forçou o diálogo dentro dos lares entre diferentes gerações e casais, revelando a homossexualidade, a infidelidade, o uso de drogas e a precocidade sexual. Permitiu, pela primeira vez, que a comunidade homossexual ganhasse uma identidade, engajamento e respeito. Desempenhou também papel importante na divulgação científica, levando ao público leigo informações sobre as descobertas, avanços e desafios enfrentados por médicos e cientistas, inclusive questionando sua ética, preconceito e fraqueza, ampliando a visão de ciência como aquela não mais exclusiva dos especialistas, da verdade e da neutralidade, mas aquela que pertence à sociedade e é passível de críticas. Democratizou a preocupação com sua contração e disseminação entre pobres e ricos, jovens e velhos, homens e mulheres, brancos e negros, alfabetizados e iletrados. Conquistou importante espaço na grande mídia, brilhou em Hollywood, popularizou seu símbolo de fita vermelha e humanizou os doentes através de seus célebres soropositivos (portadores do vírus

¹ Ácido Ribonucléico, material genético semelhante ao DNA, mas com diferente composição e funções.

transmissor da Aids). Trouxe à tona velhos mitos e símbolos da humanidade, sempre latentes no inconsciente coletivo, e nos obrigou a lidar com a fragilidade do homem moderno e seu temor pela morte.

Nestes 25 anos após o reconhecimento oficial do primeiro caso da Aids no mundo, a problemática da doença se sofisticou, passando do *status* de doença letal para crônica, baixando a guarda das novas gerações que cresceram na era dos coquetéis anti-HIV (vírus causador da Aids), onde os soropositivos podem retomar suas vidas e se reintegrar na sociedade, muitas vezes preferindo manter sua condição em sigilo. Ainda não existe cura, mas os tratamentos avançaram, a qualidade de vida dos pacientes que têm acesso à medicação melhorou, mas permanece o estigma em torno dos portadores do vírus HIV, que são automaticamente julgados por meio de onde e como se deu a contração da síndrome.

Entender essas múltiplas facetas em que a doença estava imersa é fundamental para a análise que se segue nesta dissertação. O foco de interesse é a análise da divulgação científica da Aids para a população durante os dez primeiros anos em que a doença pautou a grande mídia brasileira, de 1983 a 1992. No caso da Aids, a informação era e ainda hoje é, o maior aliado de sua prevenção. Estimativas do Programa de HIV/Aids das Nações Unidas (UNAIDS, 2004) dão conta de que a conscientização da população pode reduzir 29 milhões dos 45 milhões de novas infecções do HIV até 2014. E são, justamente, as primeiras notícias divulgadas que ajudaram a construir o imaginário da doença na população e moldaram ou reforçaram o comportamento social diante da doença e de seus pacientes.

Meios de Comunicação

A vida cotidiana faz parte das características do ser humano, independente de seu papel social. É a vida do indivíduo que, ao assimilar a cotidianidade de sua época, assimila também o passado da humanidade de forma não consciente. Desta forma, Agnes Heller pontua que a vida diária não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer

histórico², uma vez que é através dela que a história se constrói. Motter (2001)³ afirma que o discurso histórico não segue o real, apenas o significa, podendo ser reconstruído de acordo com o contexto vivido no presente. Desta construção participam, de forma essencial, os meios de comunicação, já que diariamente apresentam informações sobre os acontecimentos nacionais e internacionais, escolhidos segundo os critérios de cada veículo, mas que são reconhecidos como a própria realidade.

Com o aperfeiçoamento das tecnologias de comunicação, cada vez mais, esta realidade é vista de modo mais imediato, colocando a internet na linha de frente desta instantaneidade, dando aos receptores da mensagem uma sensação de testemunha ocular da realidade. Neste ano de 2005, ficou marcada a cobertura feita pela mídia em geral, e pela rede de computadores, em particular, sobre o agravamento da saúde do Papa João Paulo II até sua morte. Era possível, ao longo do dia, acompanhar o estado e os progressos de sua saúde, causando a sensação de que estávamos dentro do próprio hospital a receber os últimos boletins médicos disponíveis. Assim, a realidade apresentada pelos meios de comunicação é indiscutível enquanto fato, sem entrarmos aqui no mérito dos pontos de vistas escolhidos para representá-la.

Como bem resume João-Francisco Duarte Jr em seu “O que é realidade” (1989), pode-se considerar como *real* tudo aquilo que pode ser lido, ouvido e visto através dos meios de comunicação e tudo aquilo que ali não constar, não pode ser pensado e, conseqüentemente, não faz parte da realidade, não existe, a exemplo do *slogan* “Aconteceu virou Manchete”, da revista Manchete (1952-1999)⁴. No entanto, poderíamos ampliar esta definição de realidade também para o que se pode ler, ouvir e ver mesmo sem a presença dos meios de comunicação, considerando que a participação da mídia é atualmente, de fundamental importância para a construção, manutenção e modificação da realidade da sociedade contemporânea.

² Heller (1972), p. 20.

³ Motter (2001).

⁴ Louzada (2004).

Michel de Certeau⁵ apresenta a problemática da história tentar tratar a realidade de uma forma ampla, enquanto só é possível estudá-la em recortes, setorizada, da forma permitida pelo seu objeto de estudo. Os acontecimentos registrados nos noticiários dos meios de comunicação não deixam de ser um desses recortes da realidade que, na visão de Schaff, correspondem a verdades parciais, incompletas e, portanto, variáveis na medida em que se desenvolve o nosso conhecimento⁶. Assim, a verdade total só existe enquanto processo⁷. Quanto mais exposto o indivíduo estiver a diferentes fontes de informação, mais se ampliará o ângulo de visão daquela realidade.

No caso da televisão, sua linguagem visual é o diferencial mais poderoso dentre todos os meios de comunicação, além de dar mais credibilidade e veracidade às informações, carrega consigo símbolos e significados que fazem dela uma grande produtora de mitos⁸. Essa capacidade de disseminar formas simbólicas, via texto e imagem, funciona como sementes ideológicas que são reforçadas na vida cotidiana e podem ser incorporadas nas interações sociais. Os símbolos que aparecem na TV são produzidos por ela, mas também reproduzidos a partir da sociedade, em um processo de retro-alimentação. “A TV só influencia porque é o elo que industrializa a confecção do mito e o recoloca na comunidade falante. A TV não manda ninguém fazer o que faz; antes autoriza, como espelho premonitório, que seja feito o que já é feito”⁹, contrariando a visão de que a televisão apenas manipula seus espectadores, em uma atitude autoritária, de mão única, que dela tudo se aceita de forma passiva. É bem verdade que há situações amplamente estudadas em que a televisão foi o diferencial para a mudança de comportamento da população, principalmente nos casos políticos, como o famoso caso das eleições presidenciais de 1990 em que o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva perdeu o segundo turno (então tido como ganho) para Fernando Collor de Mello, como resultado da revelação de fatos pessoais da vida de Lula pela TV e vantagem dada ao debate para Collor. Mas seria ingênuo

⁵ Certeau (1982).

⁶ Schaff (1978), p. 95.

⁷ Ibidem p. 97. “O conhecimento de um objeto finito deve, pois, ser também infinito, constituir um processo infinito: o processo de acumulação de verdades parciais. Neste – e por este – processo, enriquecemos sem cessar o nosso conhecimento completo, exaustivo, total, que como o limite matemático, não pode ser atingido num único ato cognitivo, permanecendo para sempre um dever infinito”.

⁸ Bucci e Kehl (2004), p.15.

⁹ Ibidem. p. 19.

acharmos que a população não tem opiniões bastante consistentes em relação à programação da TV e às informações que transmite. No caso de questões não-políticas a priori, como é o caso de informações de saúde pública, ciência e cultura, por exemplo, é preferível concordar com o que colocou Schaff:

O sujeito não é um aparelho registrador passivo, mas que introduz no conhecimento um fator subjetivo, ligado ao seu condicionamento social. Esta contribuição do sujeito explica as diferenças existentes não só na avaliação e interpretação dos fatos, mas também na percepção (articulação) e na descrição da realidade; diferenças que caracterizam o conhecimento de sujeitos pertencendo a diversas épocas históricas ou, se são contemporâneas, a diversos meios (étnicos, sociais, etc) ”¹⁰.

No caso da Aids, a televisão desempenhou papel chave em sua história, ao apresentá-la à população, em um momento de enorme desinformação, muito antes que os governos, profissionais da saúde e pesquisadores tivessem respostas seguras sobre a doença. Até 1985, a Aids não foi incluída na agenda governamental brasileira, por ser vista como uma doença de ocorrências isoladas, restrita a segmentos sociais específicos e a partir de então, o Ministério da Saúde, estabelece as diretrizes para o Programa de Controle da Aids.

É justamente a construção de uma realidade social como a Aids que esta pesquisa objetiva. Se o interesse primeiro da divulgação de uma doença desconhecida e fatal na grande mídia pode estar ligado à prestação de serviço para com sua audiência, não se pode esquecer o caráter comercial das informações, cuja divulgação está ligada ao grau de interesse de seus “consumidores”, neste caso os telespectadores. E o surgimento da Aids como doença letal, moralizante e desconhecida da ciência preenchia os requisitos necessários para justificar sua presença na mídia.

Diferentemente de outras epidemias como a febre amarela, malária e tuberculose, nas primeiras duas décadas em que a Aids surgiu, ela era vista como uma doença democrática, por não se restringir apenas às populações economicamente excluídas. Ao contrário, ela atingiu homens, mulheres e crianças, homo e heterossexuais, ricos e pobres de países de norte a sul do Globo. “Ao atacar primeiro os homossexuais e fechar o cerco nas grandes

¹⁰ Schaff p. 83, 1978.

cidades americanas, o HIV mexeu com uma das ‘organizações’ mais poderosas e estruturadas. Mexeu com ricos e informados, com conta bancária e histórico escolar, perfil muito diferente do das vítimas da febre amarela, da malária e da dengue”¹¹. Mesmo enfermidades que continuam matando mais, como as centenárias tuberculose¹² e malária, não receberam nem uma pequena parcela de atenção recebida pela Aids na mídia¹³.

Nos primeiros anos da década de 1980, a divulgação das informações sobre a Aids precisou encontrar um equilíbrio entre tratar a questão pelo viés da moralidade - condenando os comportamentos dos grupos mais infectados pelo HIV (vírus que causa a doença) - e o da saúde pública, procurando garantir aos infectados uma qualidade de vida e tratamento médico. Foi assim que, a mídia se viu diante de um desafio: reportar um novo problema de saúde fatal e desconhecido, de uma forma responsável - informar sem inflamar, educar sem alardear¹⁴.

Aids na Mídia

Certamente, esta não é a primeira vez que a divulgação da Aids nos meios de comunicação de massa desperta a atenção da academia. No entanto, as análises da divulgação da Aids através da mídia brasileira têm sido feitas quase exclusivamente nos jornais (Fortes *et al*, 1992; Galvão, 1992; Cortes *et al*, 1994; Biancarelli, 1997; Simões, 1997; Ruon, 2001; Spink *et al*, 2001; França, 2001, 2002; e Soares, 2001), sendo que Castro (2005) analisou revistas. Os jornais, diferentemente da televisão, ainda são um produto de elite, atingindo uma pequena parcela da população, com mais acesso à educação e a outras fontes de informação. Dados do Ibope indicam que apenas 19% dos paulistanos lêem jornal (de abril a junho de 2002), enquanto a televisão está presente em mais de 90% dos lares brasileiros (2003), superando a existência de rádio (87,8% em 2003) e reforçando sua denominação de

¹¹ Biancarelli (1997), p.138.

¹² Declaração de Rolf Zinkernagel, Nobel de Medicina de 1996, no jornal *O Estado de S. Paulo*, A22, 8 de junho de 2005.

¹³ Biancarelli (1997), p.144. A pesquisa analisou 7.074 notícias sobre a Aids publicadas no jornal paulista *Folha de São Paulo* entre setembro de 1987 a dezembro de 1996. Esse resultado revela uma média de duas matérias por dia ao longo de quase uma década. Segundo o autor do trabalho, apenas em 1996 foram 1550 reportagens que trataram da doença, ou uma média de 4,24 por edição.

¹⁴ Princeton, p.1, 1996.

meio de comunicação de massa. Em 1960, com uma população de 70 milhões, o Brasil contava com pouco menos de 600 mil televisores (uma média de 1 aparelho para cada 116,7 pessoas), em 1977 já eram mais de 10 milhões de aparelhos para quase 93 milhões pessoas (ou 1 para 9,3), e em 1986 este número pulou para 26,5 milhões para cerca de 140 milhões de habitantes (1 para 5,3)¹⁵. Por ser São Paulo o Estado que concentra riquezas (33.7% do PIB nacional), pesquisas (produz 52% de todos os artigos nacionais) e a população com maior escolaridade do país¹⁶, pode-se concluir que o percentual de leitores de jornal nos outros Estados tende a ser ainda mais baixo.

Os jornais, apesar do número de leitores limitado, facilitam o acesso do pesquisador ao seu objeto de estudo, uma vez que inúmeros arquivos dispõem de expressivas coleções dos principais jornais distribuídos nacionalmente (gratuitamente ou, por vezes, disponíveis a quem puder pagar pelo seu acesso). E pela própria característica do veículo, as informações podem ser mais aprofundadas e tratar um mesmo acontecimento de forma diferenciada (editorial, artigos opinativos, crônicas, notas, notícias, ou reportagens mais longas), muitas vezes no mesmo exemplar. Assim, embora seu alcance junto ao público seja em menor proporção, quando consideramos, por exemplo, a televisão e o rádio – onde o tempo é limitado –, as análises da divulgação científica nos jornais tendem a ter mais espaço para informações mais detalhadas e, portanto, podem servir de parâmetro para a comparação com outros veículos. As análises feitas em jornais serão aqui utilizadas para balizar a análise da divulgação da Aids na TV. No entanto, os estudos em mídia impressa costumam se restringir à análise puramente do ponto de vista da comunicação, atentando para a qualidade das informações e responsabilidade dos meios de comunicação para com elas. Elas não trazem, por exemplo, um estudo contextualizado à história social, que certamente traria novas perspectivas às conclusões, colocando a mídia como desempenhando um papel dentro de um contexto bem mais complexo que permite compreender melhor o porquê da qualidade da informação que ela divulga e não apenas o como, a exemplo do que se buscará fazer nesta dissertação.

¹⁵ Os números referentes ao número de televisores no país foram retirados de Mesquita, p.16. 1999. Já os dados sobre o tamanho da população brasileira foram extraídos dos dados históricos dos Censos do IBGE, sendo que os dados utilizados para 1977 foram aproximados de um total de 93.139.037 habitantes em 1980, e os dados referentes a 1986 foram estimados a partir das 146.825.475 pessoas existentes em 1990.

¹⁶ FAPESP (2005), *Indicadores de C&T do Estado de SP*.

Trabalhos que tomaram a televisão enquanto meio de divulgação da Aids são escassos e lidam apenas com campanhas de prevenção à doença exibidas durante os intervalos comerciais e não propriamente dentro de programas televisivos. Este é o caso da análise de 28 campanhas produzidas pela Rede Globo, entre 1990 e 1994, feita por Polistchuck (1999), e também das campanhas oficiais produzidas pelo Ministério da Saúde, como fizeram Hildebrand (1995) e, mais recentemente, Contrera (2002)¹⁷. As campanhas, diferentemente do noticiário, estão voltadas para a prevenção e foram lançadas em 1986, quando o mundo já tinha construído uma primeira imagem da Aids. Sua análise, portanto, fica atrelada às estratégias e conteúdos das campanhas enquanto serviço prestado à população.

Fantástico

Nesta dissertação optou-se pela análise de um programa da Rede Globo, emissora que aos 40 anos de vida lidera a audiência nacional com 51% e detém cerca de 70% da verba publicitária destinada ao setor¹⁸. Mesmo quanto se leva em conta as outras emissoras disponíveis na TV aberta - SBT, Record, Bandeirantes, Cultura (ou Educativa no restante do país) e a Rede TV! – ou os mais de cem canais ofertados pela TV por assinatura, a Globo é preferida pela audiência. Ela está presente no território nacional por meio de suas 118 emissoras e afiliadas presentes em 5.445 municípios.

Renato Janine Ribeiro (2004) atribui a liderança da Globo a dois motivos principais: qualidade técnica e imagem de respeito que construiu dentro dos mais diversos meios sociais. Para ele, entre os fatores que contribuem para a preferência popular está o fato que, diferentemente de seus concorrentes, a Globo não incorre nos fatores negativos de seus concorrentes – “o caráter popularesco do SBT e hoje da Band, igrejeiro da Rede Vida e da Record, de crise permanente da Manchete/TV!”¹⁹.

¹⁷ Polistchuck, Ilana. *Campanhas de Saúde pela Televisão: a campanha da Aids da rede Globo*. Escola de Comunicação da UFRJ, 1999. Contrera, Wildney Feres. *Saindo da toca: um passeio no espaço público*. A publicidade Oficial sobre Aids e o seu impacto comportamental. Dissertação de Mestrado apresentada na Escola de Comunicações e Artes da USP. 2002.

¹⁸ Reportagem publicada na revista *Carta Capital* em 26 de janeiro de 2005.

¹⁹ Janine, p. 151, 2004.

O interesse da pesquisa volta-se para a verificação de como a divulgação da Aids foi realizada na primeira década em que a doença apareceu no país via noticiário televisivo, canal aberto de TV, na emissora mais popular e hegemônica do Brasil, a Rede Globo. Optou-se pelo programa-revista *Fantástico*, que contém os resumos dos principais fatos da semana e, há 32 anos, vai ao ar sempre aos domingos, arrebanhando grandes índices de audiência²⁰. Uma das características mais marcantes desse programa é a valorização de histórias extraordinárias, bizarras e grotescas inspiradas no gênero *fait divers* – originado na França do século XVIII para contar histórias na forma oral e escrita. “O *fait divers* proporciona assuntos que desviem da norma, levando o público a sentir-se melhor sobre si mesmo e descompromissando o autor da responsabilidade de analisar a história, ou seja, ao narrador cabe o papel de simplesmente mostrar/contar esta história”²¹. Estes quesitos foram plenamente atendidos pela Aids.

“ (...) o Fantástico permanece na linha de uma revista feita para agradar os olhos e espírito, colocando o telespectador num mundo ameno, quando muito ameaçador, mas só longinquamente, lá nos Estados Unidos ou na Europa, com temas trazidos pelos correspondentes, onde o que ocorre não significa uma ameaça real”²².

Outra característica importante é que o *Fantástico* se destacou na divulgação de temas de Ciência e Tecnologia desde a década de 1970, quando mostrava os avanços dos países desenvolvidos²³ e sempre reservou amplas reportagens à questão da saúde, confirmando a preferência pelo tema também na divulgação científica de jornais e revistas.

Considerações metodológicas

A análise partiu de um levantamento solicitado ao Centro de Documentação (Cedoc²⁴) da Rede Globo de televisão sobre as matérias que abordaram a Aids de 1981 a 1990, para

²⁰ Por exemplo, de 2 a 8 de maio de 2005 chegou a 33% na Grande São Paulo, segundo dados do Ibope.

²¹ *Apud* Dubied, Annik e Lits, Marc. Extraído de Mesquita, S. *Fantástico 27 anos no ar: o caleidoscópio da TV brasileira*. Dissertação de Mestrado apresentada na Escola de Comunicações e Artes da USP. São Paulo, p.45, 1999.

²² Artur da Távola para o jornal *O Globo* (14/11/1979)

²³ Siqueira (1999), p. 96.

²⁴ O Cedoc está localizado no Jardim Botânico, Rio de Janeiro, RJ.

cobrirmos a primeira década da doença. Como a busca no banco de dados é feita através do uso de palavras-chave (neste caso *Aids*), foram localizadas 105 matérias²⁵, mas cuja exibição iniciou-se em 1983, o final do período da amostra foi estendido até 1992, de modo a cobrir uma década. Selecionou-se 26²⁶ matérias que priorizaram os aspectos científicos da doença - encontros científicos, descobertas e avanços na prevenção, diagnóstico e tratamento. O tamanho da amostra foi definido dentro das possibilidades disponibilizadas pela equipe do Cedoc e como resultado de uma insistente negociação com a emissora que, a princípio, preserva seu arquivo de imagens para uso próprio. A parceria Globo e Universidade, feita entre a emissora e a Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo (USP), foi o primeiro ponto de partida, muito embora tenha sido insuficiente para permitir o acesso à documentação desejada. Por pouco a pesquisa não foi inviabilizada. Infelizmente, a maior parte do conteúdo da Globo que é analisado em pesquisas é extraído não do arquivo da emissora, mas de gravações feitas diretamente da TV durante o período de desenvolvimento do trabalho, para evitar as dificuldades postas. Assim, as pesquisas de conteúdos antigos são limitadas.

O foco escolhido está menos no conteúdo científico e mais nos símbolos e signos da Aids e da ciência produzidos como fruto de um fenômeno cultural e priorizou-se uma análise qualitativa.

Ao contrário do que costuma ser afirmado, a análise qualitativa também pode produzir dados estatísticos de qualidade e não apenas abordagens discursivas²⁷. Para tanto, é preciso criar categorias que possam ser avaliadas em cada notícia e cuja pertinência seja definida pelo pesquisador, que pelo seu conhecimento do objeto de estudo será capaz de determinar seu enfoque. Assim, em um primeiro momento determinou-se que a qualidade das informações das reportagens do programa *Fantástico* fosse medida segundo as seguintes categorias:

²⁵ A lista completa está disponível no ANEXO A-I.

²⁶ A descrição resumida da amostra está no ANEXO A-II.

²⁷ Natércia (2004), p.18.

- a) Fontes utilizadas (cientistas, instituições, governo, organizações sociais organizadas, pacientes/indivíduos e outros), que refletem seu posicionamento em relação à doença.
- b) Enfoque das matérias (científico, social, político).
- c) Presença de estereótipos, preconceitos, estigmas (em relação ao cientistas, ciência, pacientes e Aids).
- d) Presença e função de infográficos (gráficos, tabelas, esquemas explicativos), música, narração em *off* (sem aparecer o narrador, apenas sua voz).
- e) Tom (que seria o resultado da somatória das categorias anteriores): neutro (sem prevalecer uma ou outra posição), tendencioso (prevalece um ponto de vista e sugere uma visão parcial dos acontecimentos) ou sensacionalista (informações exageradas que tendem a reforçar a desinformação).

Embora a Análise do Discurso não esteja no foco desta pesquisa, ela contribui na identificação dos pontos de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos. O desafio é “realizar leituras críticas e reflexivas que não reduzam o discurso a análises de aspectos puramente lingüísticos nem o dissolvam num trabalho histórico sobre ideologia”²⁸.

Hipóteses

A análise sobre a qualidade da divulgação da Aids feita pelo *Fantástico*, que se segue, teve como ponto de partida as seguintes hipóteses:

1. Dado as características da TV (tempo reduzido das notícias), as informações são de baixa qualidade.
2. Perpetuou-se o mito da ciência como estando acima de qualquer suspeita (ou seja, não sendo passível de ser questionada).
3. A escolha das notícias sobre Aids priorizou os aspectos trágicos, misteriosos, desconhecidos, fatais e anormais (em relação ao socialmente aceito) da doença, também como forma de atender os critérios do *fait divers*, favorecendo o tom sensacionalista, principalmente nos primeiros anos em que a doença surgiu.

²⁸ Brandão (2002).

4. As metáforas, mitos, estereótipos, estigmas e preconceitos da Aids divulgados pelo *Fantástico* refletem e reforçam o inconsciente coletivo.
5. A divulgação da Aids teve efeito moralizante.
6. Como no caso de outras epidemias, a Aids compartilha padrões que teriam sido refletidos na divulgação da doença através da TV ao longo da primeira década em que surgiu. Estes padrões, segundo Charles Rosenberg²⁹, iniciam-se pela negação da epidemia, a necessidade posterior de explicá-las via moral, religião ou razão, seguidos pela tomada de medidas coletivas para o controle da crise e, finalmente, por um olhar retrospectivo sobre o episódio para extrair dele lições.
7. Conforme foi-se esclarecendo os mecanismos biológicos da Aids e, conseqüentemente seu aspecto misterioso, diminui o interesse do *Fantástico* pela doença.

Dificuldades encontradas

A pesquisa em História prioriza a necessidade de haver distanciamento do tempo estudado, de forma a melhor analisar e entender o momento histórico. Isso porque, muitos dos impedimentos presentes (acesso a documentos, por exemplo) e preconceitos nos impedem de compreender o momento da realidade histórica que vivemos e, raramente, ela pode ser compreendida quando vista de dentro. “Os preconceitos da história e dos historiadores desaparecem quando se modifica a situação à qual se referem”, explica Certeau³⁰. Mas como então se estudar a história da Aids, considerada tão recente e sem o distanciamento necessário do tempo estudado?

No caso da história da Aids, os 25 anos passados contêm tão claras mudanças sociais, políticas, científicas e até econômicas em relação à doença, que permite tomar algum distanciamento histórico na análise aqui proposta. Por outro lado, a sociedade vive em um bombardeio infinito e freqüente de informações que torna os fatos muito mais descartáveis do que em qualquer outro momento histórico, tornando-os ainda mais distanciados do tempo presente. E se Albert Einstein já previa que tempo e espaço eram relativos, pode-se

²⁹ Citado em Nascimento e Carvalho (2004), pp.25-26.

³⁰ Certeau, 1982.

dizer que mudou a percepção de tempo nos dias atuais e, assim, dos fatos históricos. No caso da Aids, a geração hoje adolescente já não sente a doença como a ameaça mortífera que outrora sentimos. A Aids foi sendo absorvida pela sociedade, uma vez que seus tratamentos tornam, aos poucos, a doença antes mortal em crônica, aumentando sua incidência nos países que não podem arcar com os custos dos coquetéis antiretrovirais, levando - como ocorreu no início - a ameaça mortal e o pânico assombrando o cotidiano para o estrangeiro (neste caso a África), como se aqui a epidemia não continuasse a crescer de forma silenciosa.

Identificadas as mudanças já ocorridas na história da Aids deve-se considerar os registros feitos pela mídia (escritos, filmados ou gravados) como importantes fontes para a pesquisa histórica. A mídia, segundo Le Goff³¹, cria novos acontecimentos históricos ao fazer um regresso ao acontecimento, o que lhe confere enorme responsabilidade: “na medida em que as nossas decisões e as nossas lutas diárias são, no que é fundamental, determinadas pelo discurso da informação, torna-se claro que o que está em jogo é, nada menos, que o futuro da nossa sociedade”³².

Outra dificuldade inicialmente encontrada foi a multidisciplinaridade do tema escolhido. A história da Aids vista através do programa *Fantástico* da Rede Globo requer uma compreensão sobre a História da Aids, das Doenças, e da contextualização do momento histórico do momento escolhido (anos 1980, principalmente). Pede também o estudo da mídia, enquanto instrumento prioritário da sociedade de massa, discurso social e ferramenta indispensável do poder. Entra aqui também a análise mais cuidadosa da Rede Globo de televisão como mega corporação da comunicação, dos negócios, do poder e disseminadora de ideologias. A compreensão da face científica da Aids e desta na mídia abre ainda outros leques: os avanços científicos da medicina e da imunologia que contextualizaram o momento em que a doença surgiu, a percepção pública da doença e sua divulgação na mídia. E, finalmente, o programa *Fantástico* requer a reflexão sobre as dualidades história/ficção, cômico/trágico, jornalismo/entretenimento.

³¹ Le Goff (1990), p. 243.

³² Idem.

O passeio pelas várias facetas da questão está ilustrado nas fontes e referências bibliográficas selecionadas e foram organizadas e estudadas em capítulos. Assim, o primeiro capítulo (*História e Aids*) trata da história das doenças e seus impactos na sociedade, o contexto social e científico (especialmente da imunologia) anteriores à chegada da Aids e que subsidiaram a compreensão posterior da doença. A Aids é apresentada à população via meios de comunicação de massa e começa a ter seus significados construídos pela ciência, pela mídia, pela sociedade e pelo governo. A evolução da doença e as mudanças de sua compreensão e de seu perfil, até os dias atuais, são descritas.

O capítulo seguinte (*A televisão como construtora da realidade*) aborda os meios de comunicação de massa e tenta responder às seguintes questões: Que relações de poder se estabelecem nos meios de comunicação e na Rede Globo, considerados como o 4º poder? A TV é disseminadora de ideologias e promotora da ordem social? A TV desqualifica a informação? O impacto que a informação pode causar em seus espectadores/consumidores está acima de sua qualidade e responsabilidade? Como os noticiários participam da construção da realidade?

Dando continuidade, o terceiro capítulo (*Fantástico e a divulgação da ciência*) tratará especificamente sobre o programa *Fantástico*, sua história, sua tradição na divulgação de temas de ciência e tecnologia. Discorrerá sobre gênero *fait divers*, as dualidades do programa de domingo e as razões para sua liderança da audiência desde sua origem. Outro foco é a divulgação científica no Brasil, seu interesse pelos meios de comunicação de massa, os elementos que impulsionaram a mudança de *status* deste gênero jornalístico nas últimas décadas, com enfoque para a área de saúde-medicina e, posteriormente sobre a Aids e as características que a transformaram em boa-notícia.

O capítulo quatro (*O Fantástico apresenta a Aids ao público*) traz o coração da dissertação, que é a análise do objeto de estudo propriamente dito, ou seja, dos programas do *Fantástico* levantados e selecionados durante os anos 1983 e 1992. A análise buscou traços comuns na construção da doença e que atendiam às características do programa. Como o programa vê

a ciência e o seu desenvolvimento? Qualitativamente, o que se pode afirmar da construção da Aids frente ao contexto social e a análise averiguada em outras pesquisas? Como o *Fantástico* contribuiu para a percepção pública da doença?

A dissertação fecha com a conclusão das análises, perspectivas de pesquisas futuras e balanço das hipóteses pontuadas.

CAPÍTULO I – História e Aids

1.1. A história das doenças

A história das doenças sempre esteve intimamente ligada ao contexto social, produzindo significados que vão além de suas características biológicas, e são, sobretudo, fruto de um fenômeno cultural. As enfermidades revelam muito sobre as crenças, os costumes, as identidades, as organizações social e política, além da moral, e, por isso, sua compreensão tem sido cada vez mais ampliada para além do discurso médico-científico. “Assim como a história, a doença, como fenômeno social, também é uma construção”³³.

*“O vírus da peste negra foi a causa primeira o despovoamento da Europa. Mas a epidemia não se propagou tão rapidamente senão devido a determinadas condições sociais – portanto, na sua natureza profunda, mental – e os efeitos morais explicam-se apenas pelas predisposições particulares da sensibilidade coletiva”*³⁴.

Dilene do Nascimento (2005)³⁵, em sua análise comparativa entre a tuberculose e a Aids, concluiu que “as percepções médico-científicas, institucionais e sociais dessas doenças, (...) como representações de um mesmo fenômeno – a doença -, são construções nascidas de suas múltiplas imbricações”.

E esta construção inicia-se a partir do momento em que a doença surge como um problema, e, como tal, exige uma explicação. O doente, juntamente com grupos mais vulneráveis, acaba sendo responsabilizado pela disseminação do “mal” e, portanto, marginalizado pela sociedade. Não casualmente, os mais atingidos costumam ser as populações pobres, seja pela sua condição de higiene precária (fruto da má infraestrutura sanitária, sobretudo), falta de informação ou má alimentação (que deixa o organismo debilitado, predisposto a contrair doenças).

³³ *Apud* Lucien Febvre extraído de Nascimento e Carvalho (2004), p. 13.

³⁴ Bloch (1965), p.193.

³⁵ Nascimento (2005), p. 173.

Da mesma forma que essa população carrega a culpa a ela atribuída pela pobreza do país, pela violência, pela ignorância, pela poluição das margens de rios, pela sujeira das cidades, pela má qualidade da programação da TV e por tantas outras que refletem as fraquezas sociais, ela mesma vira símbolo do agente patogênico social que precisa ser combatido.

A cada contexto histórico os significados das doenças são moldados, ganhando novos sentidos. O câncer, por exemplo, antes uma doença estigmatizada, apontada como castigo, vergonha e maldição para os doentes³⁶, é hoje reconhecido por acometer pessoas de forma distinta e com causas mais distintas ainda. Os avanços no diagnóstico e no tratamento do câncer e, fundamentalmente, a maior transparência junto aos familiares e amigos ajudaram a humanizar os doentes que agora encontram forças para combater a doença, de maneira democrática e digna. A tuberculose, por sua vez, já foi considerada glamurosa, acometendo apenas os hipersensíveis, talentosos, passionais e poetas, na primeira metade do século XIX, ganhou nova perspectiva quando passou a estar associada ao modo de vida insalubre dos trabalhadores urbanos, tornando seus doentes uma ameaça à ordem social. Na primeira metade do século XX torna-se mais temida que a hanseníase, pelos sanitaristas, e os portadores são vistos como detentores de um estilo de vida desequilibrado, com desordens emocionais. Hoje, com o aumento de casos da doença – o que está relacionado à Aids que enfraquece o sistema imune de seus portadores, deixando-os expostos ao bacilo *Mycobacterium tuberculosis*, causador da tuberculose - assistimos na televisão à campanha de combate à tuberculose de maneira aberta, tendendo a uma imagem que se restringe ao aspecto biológico.

Susan Sontag³⁷ aponta algumas metáforas que estão freqüentemente associadas às patologias. A principal delas é a da peste, que enxerga as doenças coletivas como forma de castigo (divino) à comunidade (pecadora). O desconhecimento do agente patogênico favorece essa interpretação, embora, muitas vezes, o seu conhecimento não a anule completamente. Talvez o imaginário religioso esteja tão arraigado nas sociedades

³⁶ Susan Sontag (1988) escreveu a *Aids e suas metáforas* 12 anos antes de ter enfrentado um câncer. “Estava convencida de que as metáforas e os mitos podiam matar” p. 19. A autora resolveu encarar o câncer como doença e não como castigo ou maldição. “A reputação da doença aumenta o sofrimento dos portadores”, p.16.

³⁷ Sontag (1988) analisa as metáforas relacionadas às epidemias em geral e se atém em detalhar as ligadas ao câncer e à Aids.

ocidentais e na brasileira, em especial, que mesmo com explicações científicas disponíveis, que se atêm ao mecanismo de ação da doença, permanece a necessidade de compreender o porquê, mais do que o como, fugindo do alcance científico. Essa metáfora pode ser ilustrada através da epidemia de sífilis que causava repulsa daqueles que transgrediam a moral e conduta desejadas socialmente - leia-se comportamentos sexuais -, uma vez que se trata de uma doença sexualmente transmissível (DST), assim como a Aids. Outra metáfora muito presente segundo Sontag é a do estrangeiro, que atribui ao outro a origem do “mal”, dando ao doente o *status* de algoz, alimentando a xenofobia ou o racismo. Não raras vezes as enfermidades têm seus nomes atrelados ao local da possível origem: foi assim com a gripe espanhola, a cólera asiática, o mal-francês (sífilis) e, mais recentemente, a pneumonia asiática. Tronca (2000) lembra que as doenças chinesas eram percebidas na América (e também na Europa) como mais letais e, acima de tudo, incuráveis. Uma delas foi a hanseníase, em 1870, atribuída aos chineses. A doença apareceria como pano de fundo de um *perigo amarelo* econômico que ameaçava o mundo ocidental. A antipropaganda contra os chineses e sua desmoralização eram estratégias, na verdade, para inibir o contínuo fluxo migratório chinês para os EUA, a partir de 1870. Sontag também enfatiza a metáfora militar generalizada em relação às doenças, que teria ganhado força, literalmente, a partir da Primeira Guerra Mundial, quando se alastram a gripe espanhola, a sífilis e o cólera, e na Segunda Guerra Mundial, com a tuberculose. Essa metáfora é até hoje bastante presente nos meios de comunicação para explicar os mecanismos de ação de um agente patogênico no corpo humano.

As doenças representariam o desequilíbrio social e nesta condição a sociedade procura identificar suas origens. No caso da epidemia de febre amarela, por exemplo, os negros foram condenados por serem responsáveis por levar a doença ao Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, no momento em que o governo atraía a mão-de-obra imigrante branca, para favorecer o embraquecimento da população³⁸. Os imigrantes eram mais suscetíveis às enfermidades³⁹, o que provocou um problema de ordem econômica e

³⁸ Chalhoub, 1996.

³⁹ Provavelmente em função do pouco tempo de adaptação às novas condições ambientais do Brasil, ao contrário dos negros e colonizadores portugueses que já contavam com maiores resistências naturais às mesmas (clima, patologias, alimentação, entre outras).

disseminou ainda mais preconceito contra os negros. Inúmeros sanitaristas e políticos apontavam a abolição da escravidão como um dos caminhos possíveis para diminuir o contágio da população branca. Neste caso, é interessante notar que, ao invés de serem apontados como culpados pelas epidemias, os imigrantes são vistos como vítimas, uma vez que faziam parte dos interesses políticos da nação.

Com a sífilis, os perseguidos foram as prostitutas, que eram responsabilizadas pela transmissão não apenas da doença mas também de comportamentos sexuais desviantes e promíscuos dentro da sociedade⁴⁰. Como uma justificativa divina, as doenças serviriam como uma punição para comportamentos à margem dos preceitos morais estabelecidos. “É como se punindo os culpados a sociedade pudesse se livrar daqueles que a corrompem”⁴¹. Foi assim, por exemplo, nas epidemias de hanseníase (século XIX, principalmente), sífilis (1920) e, finalmente, da Aids (a partir dos anos 1980).

Conseqüentemente, a tomada de medidas rígidas de controle de epidemias era uma medida comumente adotada pelas autoridades sanitárias sob o aval da maioria da população. Entre elas estavam a vigilância sanitária de moradias e estabelecimentos comerciais, o isolamento (quarentenas) e o seqüestro dos doentes. Os leprosários e os sanatórios de tuberculosos eram instituições destinadas a este fim que, com o pretexto de oferecer tratamento diferencial para os doentes, acabavam livrando a família e a sociedade da responsabilidade de conviver com eles⁴².

Entre as soluções encontradas pelo Império estava a transferência de cortiços da região central para a periferia, uma vez que eles eram tidos como risco imediato à sanidade social,

⁴⁰ Parker *et al*, 1994.

⁴¹ Idem.

⁴² Ângela Porto, in Nascimento & Carvalho (2004) p. 99, mostra que “A emergência da noção de contágio da tuberculose traz uma série de conseqüências morais e práticas para o doente. Este se sentia culpado na medida em que expunha seus parentes e todos aqueles que o circundavam ao perigo da contaminação. O princípio do contágio transformava o doente num ser pestilento, portanto indesejável para o convívio doméstico. Desses dois aspectos que passaram a dar forma à imagem do consuntivo para si e para os outros, deduziu-se o imperativo do isolamento. No primeiro momento, o isolamento deu-se no próprio seio da família, na própria casa”. (...) “Para vencer a resistência dos médicos que viam o isolamento fora do seio familiar um sério comprometimento ao seu próprio prestígio, desenvolver-se-á a idéia de que a criação de uma instituição de tratamento do tuberculoso, com forte base higiênica, permitiria a pesquisa e o exercício de novas formas de tratamento médico para a doença”, p. 100, 2004.

foco de sujeira e de germes. O sentimento de que o lixo, hábitos pouco higiênicos, a proximidade de cemitérios e a pobreza causavam doenças era a linha mestra da teoria dos miasmas. A urbanização ganha novo *status* e influência a partir do final do século XIX, quando há a construção de cidades como Belo Horizonte, que tirou de Ouro Preto o título de capital do Estado, ou a própria capital do Império, Rio de Janeiro, que sofre uma reforma profunda, aos moldes das capitais européias, como Paris – de ruas largas, calçadas e limpas, com casas ventiladas.

Durante epidemias, os jornais, assim como as autoridades de saúde e o governo aproveitam para difundir comportamentos e atitudes esperadas, como única forma de combater o “mal”, culpabilizando o cidadão pelas tragédias que ocorrem, muito mais do que tornando-o co-responsável.

Como dito acima, a ausência de explicações científicas para as doenças alimentava – e continua alimentando – crenças e mitos ao redor das doenças. Um dos meios mais eficientes de disseminação destes sentidos é através da imprensa, que com a justificativa de prestar serviços e ser porta-voz dos cidadãos, desempenha papel chave na construção junto à sociedade dos sentidos por trás de cada patologia. No livro *Uma História Brasileira das Doenças* (2004) estão presentes exemplos de críticas à atuação do governo durante epidemias, explicações sobre meios de prevenção (a limpeza é sempre enfatizada), receitas para o tratamento e, como não podia deixar de ser, a perpetuação de crenças através da imprensa: “Virá, pois, o cólera reformar-nos. Quem não vê que o Brasil ainda na infância tem a corrupção das outras nações na velhice? E quando essas nações sofrem a peste, a fome e a guerra poderia Deus na sua justiça poupar-nos?” (*O Commercial*, de Fortaleza, de 20 de setembro de 1855, retirado do capítulo de Francisco Carlos Jacinto Barbosa, p. 84).

A exemplo das conclusões a que chegou Susan Sontag em relação às metáforas das enfermidades, é comum na história das doenças que as epidemias do passado sejam recuperadas como analogias do presente, simplesmente de forma a relativizar os eventos de seu contexto. Charles Rosenberg, citado por Nascimento e Carvalho (pp. 25-26, 2004), por exemplo, acredita que as epidemias compartilham de padrões que se iniciam pela negação

do surto, a necessidade posterior de explicá-las via moral, religião ou razão, seguidos pela tomada de medidas coletivas para o controle da crise e, finalmente, por um olhar retrospectivo sobre o episódio para dele extrair lições. Negar o fato de que, a cada episódio, construímos respostas a partir de experiências passadas e vividas, seria negar a importância da história em cada acontecimento. Portanto, tomarei o padrão proposto por Rosenberg como parâmetro para a investigação que se segue. No entanto, é preciso olhar além da repetição do passado e considerar os contextos históricos que permitiram, neste caso, que a Aids fosse construída de uma e não de outra maneira, respondendo aos padrões de comportamento pessoal e institucional vigentes na contemporaneidade. Mais ainda, verificar quais foram as condições sociais que beneficiaram o surgimento e a disseminação da Aids nos anos 1980.

Entre as epidemias mais importantes que assolaram o Brasil desde o final do século XIX, estão a de febre amarela nos anos 1850 e 1870, a varíola de 1834 a 1839, a gripe espanhola entre os anos de 1918 e 1919, de sífilis em 1920, e a dengue nos anos 1930 e, mais recentemente, de 1987-1990 e de 2000-2002. Nenhuma delas, porém, era recente ou desconhecida da humanidade, pelo contrário. A maioria delas, como é o caso da febre amarela e sífilis, já eram consideradas doenças centenárias, embora continuem matando, como a primeira, e infectando pacientes⁴³. Dessas todas, apenas a varíola foi considerada oficialmente erradicada em 1977⁴⁴.

1.2. Período pré-Aids

O combate à Aids através da política de saúde pública brasileira contribuiu para destacar o país no cenário mundial, apesar do enorme contraste sócio-econômico aqui presente. Hoje vivenciamos os casos da quebra das patentes de antiretrovirais usados no tratamento da

⁴³ Pegando como exemplo apenas a incidência de doenças em 2003, para efeito comparativo tem-se: A tuberculose teve incidência de 40,76 por 100 mil habitantes; a sífilis congênita 4.233 casos para uma população estimada em 161.700; com 64 casos de febre amarela registrados; enquanto a Aids teve uma incidência de 18,17 para 100 mil habitantes (dados retirados do Datasus do Ministério da Saúde). Há ainda a hanseníase, atualmente com taxa de incidência igual a 4 em cada 10 mil habitantes, ou seja, a cada ano são diagnosticados 43 mil novos casos no país. Já a dengue infectou 299.764 pessoas apenas em 2003. Dados do Ministério da Saúde.

⁴⁴ Em 1980 houve um caso de varíola causado por uma contaminação acidental em um laboratório da Inglaterra. Nascimento e Carvalho p. 222, 2004.

Aids e o da responsabilização governamental pela sua distribuição gratuita para os soropositivos, em atitudes pioneiras que servem de modelo na redução de infecção do vírus HIV (vírus que causa imunodeficiência em humanos) e no acesso ao tratamento. O Brasil foi o primeiro país do mundo a oferecer o coquetel anti-Aids gratuitamente para os soropositivos.

Esse caminho começou a ser traçado na segunda metade do século XIX com o movimento dos médicos-sanitaristas que iniciaram a institucionalização da saúde, com a criação da Comissão Central de Saúde Pública e a Junta de Higiene Pública, num esforço de conter a epidemia de febre amarela na capital do Império, Rio de Janeiro, em 1850⁴⁵. A saúde começou a sair da esfera privada para a pública, onde a urbanização e o direito ao atendimento passaram a compor o debate, seja para melhorar a saúde da população em geral, ou para minimizar a ameaça que as classes menos abastadas representavam.

Outro passo importante foi a profissionalização da categoria dos médicos, a partir de meados do século XIX, que organizavam instituições de pesquisa e de saúde e passaram a ter grande influência junto ao governo seja no estabelecimento de estratégias para conter patologias, ou para combater práticas não-científicas ou charlatãs, que ameaçavam não apenas a saúde da população (como diziam), mas, sobretudo, o poder da classe médica.

Mundialmente, Roy Porter⁴⁶ enfatiza a inclusão dos laboratórios como principal local de pesquisa no ensino da medicina, principalmente na Alemanha, a sofisticação tecnológica como parte integrante da medicina e a inclusão de análises químicas rigorosamente quantificadas, como cruciais para mudar o perfil da medicina. Se antes ela era mais prática e voltada para as observações empíricas feitas pelos profissionais da saúde em hospitais e campos de batalha, passa a contar com maior precisão, escorando-se na experimentação controlada e sistemática.

As contribuições do químico francês Louis Pasteur na final do século XIX para a microbiologia e imunologia impulsionaram a medicina de maneira decisiva. Pasteur

⁴⁵ Pimenta in Nascimento e Carvalho p.33, 2004.

⁴⁶ Em seu *Das tripas Coração: uma breve história da medicina*, p. 102, 2004.

conseguiu invalidar a Teoria da Geração Espontânea⁴⁷ com seus estudos do processo de fermentação do vinho e da cerveja que acabaram originando o processo da Pasteurização⁴⁸, praticado ainda atualmente, e que garantiu o fim do leite como fonte da tuberculose e distúrbios intestinais⁴⁹. Com isso, Pasteur demonstrou que as doenças eram causadas por agentes patológicos microscópicos – como previa, igualmente Robert Koch⁵⁰, descobridor do bacilo que leva seu nome, transmissor da tuberculose, em 1882, e do cólera em 1883. O cientista francês também foi responsável por dar um salto qualitativo à medicina quando desenvolveu vacinas⁵¹ contra o carbúnculo de ovelhas (1881) e raiva (1885), doenças fatais que afetavam tanto animais quanto humanos. Este eficaz método de prevenção contra doenças contribuiu, nas décadas seguintes, para reduzir drasticamente a incidência de inúmeras doenças transmitidas por bactérias e aumentar a expectativa de vida da humanidade. A chamada Era da Vacinação seria, justamente, a primeira fase da história da imunologia, que seguiu até meados do século XX, quando surgiu a teoria da formação de anticorpos e que levou à segunda fase, quando passou a haver um entendimento sobre o sistema imunológico (Söderqvist & Stillwell, 1999, p.210).

Outras vitórias foram conquistadas pela medicina já no final do século XVIII e início do XIX para entender a origem das doenças. Entre elas estão a descoberta do ciclo da malária por Ronald Ross (Nobel de Medicina de 1901) em 1894, o combate ao mosquito do gênero *Anopheles* (hospedeiro do vírus transmissor da febre amarela) durante a construção do Canal do Panamá (1904-1914), o isolamento do espiroqueta *Treponema pallidum* (transmissor da sífilis) em 1905 e o desenvolvimento do composto de arsfenamina por Paul

⁴⁷ Segundo esta teoria, enunciada pelo filósofo grego Aristóteles, as espécies originavam-se de uma massa inerte que, em contato com um princípio vital, geraria vida sob condições favoráveis do meio.

⁴⁸ Processo em que se eleva a temperatura do leite a 62° C por trinta minutos ou a 72° C por 15 segundos, matando os microorganismos. Enciclopédia Britânica (1974).

⁴⁹ Porter, p. 108, 2004.

⁵⁰ Seus postulados foram fortemente retomados no caso da Aids, para se averiguar se o vírus HIV era realmente o causador da doença (Harder, 1992). De acordo com os postulados, para se comprovar que um agente patológico é mesmo o causador de uma doença é preciso: (a) o organismo específico tem que estar presente em todos os casos da doença infecciosa; (b) o organismo deve ser passível de cultivo numa cultura pura; (c) a inoculação de um animal experimental com a cultura deve reproduzir a doença e; (d) os organismos podem ser recuperados do animal inoculado e novamente reproduzidos numa cultura pura. (Porter, 2004), p. 111.

⁵¹ Termo cunhado por Pasteur em homenagem a Edward Jenner, médico rural inglês que, no final do século XVIII, havia defendido a inoculação de varíola bovina contra a varíola humana. Porter (2004), p. 110.

Ehrlich⁵² (1854-1915), dois anos mais tarde, para curar os sífilíticos. Esses fatos contribuíram para fortalecer, ainda mais, a credibilidade na medicina e na ciência a partir do século XX. “Quanto mais científica e eficaz ela [a medicina] se tornou, mais o próprio público, seus representantes políticos e os meios de comunicação passaram a recorrer a seu potencial benevolente, dando às artes curativas o papel de uma fada madrinha que, segundo se esperava, atenderia aos desejos de todos”⁵³.

No Brasil, a recém implantada República (1889) investiu na implementação das questões nacionais de saúde pública com a criação do Instituto de Manguinhos (hoje Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz), fundado no final do século XIX, do Instituto Butantan (de 1901) e do Instituto Biológico (de 1927), que voltaram sua atenção para pesquisar doenças de maior incidência no país e produzir vacinas, barateando custos e aperfeiçoando sua técnica e qualidade, que resultaria na exportação de soros e vacinas. As campanhas de vacinação em massa introduzidas por Oswaldo Cruz, a partir de 1904⁵⁴, mudaram, definitivamente, a responsabilidade de prevenção a doenças, antes individual, para as mãos do governo.

1.3. Vírus desafiam a medicina

As vacinas, no entanto, mostravam-se eficazes contra doenças bacterianas, sobretudo. Uma nova geração, eficaz contra doenças transmitidas por vírus, como o sarampo, a poliomielite e a gripe, só começaria a surgir da década de 1950, com a vacina contra a poliomielite de Albert Sabin. Assim, fica claro entender porque uma das mais graves epidemias do século XX, a da gripe espanhola (transmitida por vírus) que teria matado mais de 60 milhões de pessoas em todo o mundo, não encontrou barreiras nem soluções médicas pela frente. Os vírus, diferentemente das bactérias, são organismos extremamente simples, formados por material genético e cápsula protéica e, ironicamente, é esta simplicidade que traz à medicina uma enorme dificuldade: deter sua rápida e freqüente mutação genética que os

⁵² O próprio Ehrlich acreditava que as drogas químicas deveriam seguir o modelo previsto pela teoria dos anticorpos naturais, ou seja, serem específicas no combate a um dado microorganismo hostil, mas inofensivo para o hospedeiro. Porter p. 128, 2004.

⁵³ Porter (2004), p.188.

⁵⁴ A vacinação em massa daquele ano foi decretada obrigatória o que culminou na Revolta da Vacina e que acabou sendo suspensa no ano seguinte, resultando em 10 mil casos de varíola. Scliar p. 58, 2002.

torna resistentes a medicamentos, ao mesmo tempo em que conseguem se inserir no material genético do hospedeiro, fazendo dele seu principal meio de reprodução.

O primeiro vírus indutor de doença, o causador de leucemia em galinhas, foi identificado em 1908 pelos veterinários dinamarqueses Vilhem Ellerman e Oluf Bang⁵⁵. Três anos depois, Peyton Rous identificou que o sarcoma de galinhas também é causado por um vírus, acrescentando que este organismo carrega informações genéticas específicas para poder produzir sempre o mesmo tipo de sarcoma⁵⁶, contribuição que lhe seria reconhecida com o recebimento do Prêmio Nobel de Medicina de 1966.

O período pós-Segunda Guerra Mundial promoveu uma mudança da predominância da química para entender os fenômenos imunológicos para o emergente interesse nos fenômenos celulares coincidindo com a comprovação da teoria sobre as defesas do corpo⁵⁷. Surge uma série de metáforas militares, utilizadas até os dias de hoje e a que Sontag (1988) fez referência: combate aos vírus, guerra contra os agentes patológicos, células que matam a bactéria, defesa do organismo, entre outras.

A imunologia adquire *status* de disciplina nos anos 1960, com o aparecimento de evidências sobre a teoria da formação dos anticorpos, a identificação do linfócito como uma das células responsáveis pela produção de anticorpos e do timo como órgão central no desenvolvimento precoce do sistema imune. Esta e a próxima década foram descritas como as que marcaram a maior e mais radical transição na imunologia, com sua institucionalização – criação de departamentos, sociedades científicas, a publicação de periódicos especializados, além da organização de eventos na área, como a Conferência Internacional de Imunologia em 1971⁵⁸.

Pouco antes do surgimento da Aids, a imunologia conheceria a transcriptase reversa, uma proteína produzida pelo chamado retrovírus que permite sua reprodução de forma indireta.

⁵⁵ Karpas p. 913, 2004.

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ Söderqvist e Stillwell (1999), p. 209.

⁵⁸ Ibidem, p.206.

Isso quer dizer que, ao invés da forma até então conhecida, em que o DNA⁵⁹ do vírus se reproduz, gerando uma cópia, neste caso o material genético principal é o RNA⁶⁰, cuja proteína transcriptase reversa produzida cataliza a transcrição (produção de um correspondente) de RNA em DNA, que é então inserido no genoma da célula hospedeira (aquela que o vírus invadiu) e passa a ser a fábrica reprodutora de novos retrovírus⁶¹. Esta descoberta ocorreu entre 1970 de maneira independente pelos cientistas Howard Temim & Mizutani e David Baltimore, três anos mais tarde já havia diferentes testes para identificar a presença de transcriptase reversa de retrovírus. Mais tarde os retrovírus foram sub-divididos em três grupos: (a) oncoviridae: muitos dos quais causam câncer, (b) spumaviridae: não causam patologias - embora sejam morfológicamente semelhantes aos primeiros -, mas causam degeneração celular em cultura de tecidos, (c) lentiviridae: conhecidos como vírus lento, causam citopatologia nas células que invadem para se replicar e causam doenças progressivas como a Aids⁶².

Em 1980, Robert Gallo, Poiesz e colegas identificaram o primeiro retrovírus humano, batizado de Vírus Humano de Leucemia da Célula-T (HTLV-I, ou *Human T-cell Leukaemia Virus*, na sigla em inglês)⁶³. Sem saber, a ciência estava se preparando para a chegada da Aids, que foi descrita como “o capítulo mais espetacular da história da saúde pública no período pós-II Guerra Mundial” por Söderqvist & Stillwell (1999) em seu artigo sobre a historiografia da imunologia⁶⁴.

1.4. O surgimento da Aids

Diferentemente das outras epidemias que ocorriam em épocas de guerras e crises econômicas, a Aids surge em um momento em que a medicina já dispunha de métodos bastante eficientes que, através do desenvolvimento da bacteriologia e da descoberta da penicilina em 1928, asseguravam a identificação, melhor compreensão e combate a

⁵⁹ Ácido Desoxirribonucleico, substância da qual os genes são compostos; material genético. Suzuki (1992).

⁶⁰ Ácido Ribonucleico, material genético semelhante ao DNA, mas com diferente composição e funções. Suzuki (1992).

⁶¹ Suzuki et al, *Introdução à Genética*, p. 322, 1992.

⁶² Karpas p. 914, 2004.

⁶³ The Chronology of Aids Research, comentário em *Nature*, p. 435, 1987.

⁶⁴ Söderqvist & Stillwell p. 210, 1999.

microorganismos patológicos, diminuindo a incidência de grandes epidemias. Aos poucos, as doenças deixaram de causar mortes em massa graças ao uso de vacinas e medicamentos, o que não significa, no entanto, como Camargo (1994) enfatiza, que o problema tenha sido superado, já que, no Brasil, os surtos de epidemias retornam com certa frequência. A maioria destas moléstias, porém, estão associadas a países pobres, com saneamento básico e educação precários, e onde são disseminadas por grupos economicamente menos favorecidos e, portanto, ainda ocorrem de maneira silenciosa.

O primeiro caso de Aids - doença sexualmente transmitida, que debilita o sistema imunológico e leva à morte – foi oficialmente diagnosticado em 1981 por inúmeros médicos em grupos de homens homossexuais nos EUA⁶⁵. Um dos primeiros artigos de que se tem notícia foi o estudo publicado por Gottlieb e colegas⁶⁶ com quatro pacientes jovens diagnosticados com uma síndrome de imunodeficiência adquirida. A doença pôs em cheque a ciência como panacéia da humanidade, se alastrou rapidamente pelos países desenvolvidos e periféricos. Quase 25 anos mais tarde a epidemia não deu trégua, tendo índices de infecção sempre crescentes. Apenas em 2004 houve 5 milhões de novos casos da infecção, maior número registrado na história da Aids⁶⁷.

Surgiu como uma enfermidade completamente nova e aterradora, uma vez que era fatal em um curto período após ser diagnosticada⁶⁸. Neste contexto, a ciência, embora tenha desvendado importantes mecanismos de transmissão da doença – o que pode ser considerado relativamente rápido em relação às outras patologias⁶⁹-, decepcionou a

⁶⁵ Gallo e Montagnier (1987). *The Chronology of Aids research*. Nature, vol. 326, p.435.

⁶⁶ Gottlieb, M. S., Schoroff, R., Schanker, H. M., Weisman, J. D., Fan, P. T., Wolf, R. A. & Saxon, A. *Pneumocystis carinii* pneumonia and mucosal candidiasis in previously healthy homosexual men: evidence of a new acquired cellular immunodeficiency. New England Journal of Medicine, vol. 305, pp. 1425-1431. 1981, in Karpas (2004).

⁶⁷ Comunicação pessoal de Luiz Loures, diretor das Iniciativas Globais do Programa de HIV/Aids das Nações Unidas (Unaid). Julho de 2005.

⁶⁸ Até o desenvolvimento de testes de detecção de anticorpos anti-HIV, em 1985, a única forma de se identificar os pacientes da Aids era a partir da manifestação dos sintomas da doença. Com o desenvolvimento dos testes, passou a ser possível identificar pacientes soropositivos, mas que ainda não desenvolveram a Aids.

⁶⁹ Enquanto o primeiro caso oficial foi identificado em 1981, o vírus causador da Aids (HIV) foi identificado em 1984. Apenas para efeitos comparativos, já havia relatos da tuberculose 3 mil anos antes da era cristã, mas seu bacilo só foi identificado em 1882, por Robert Koch [Ângela Porto in Nascimento e Carvalho p.91, 2004]. No caso do bócio, causado por uma carência de iodo no organismo que provoca a hipertrofia da glândula tireóide (localizada no pescoço), seu mecanismo de ação só foi compreendido no início do século XIX, com os

expectativa de uma população ávida por respostas e resolução de problemas. E esta decepção fertilizou ainda mais um sentimento de insegurança e fragilidade da humanidade. Contrariamente a esta sensação, a imunologia, como visto, já atingira um nível de amadurecimento do conhecimento que lhe permitiria identificar seu agente transmissor em 1984, métodos de identificá-lo por meio de exame de sangue em 1985, com o primeiro medicamento indicado para o tratamento da doença, o AZT, em 1986.

Fee e Fox (1989, p. 305), em sua breve *Historiografia Contemporânea da Aids*, enfatizam que a Aids foi identificada como uma descontinuidade do passado, uma vez que poucos queriam acreditar que uma doença que surgira tão de repente tivesse raízes profundas com o passado, ao mesmo tempo em que não se acreditava na possibilidade dela tornar-se uma ameaça a ser combatida a longo prazo. A historiografia que se praticava até o final da década de 1980, como retrataram os autores, reconhecia que se tratava de uma doença contemporânea e buscava analogias no passado apenas como forma de identificar os aspectos da doença como peste, ameaça, meio de vitimizar e estigmatizar seus pacientes, como ocorreu fortemente com os homossexuais, nos primeiros anos de 1980. Doenças venéreas, como a sífilis, ou a tuberculose eram usadas para entender a Aids apenas para vitimizar e estigmatizar seus pacientes, ou para entender suas formas de contágio. No entanto, ignoraram-se outros aspectos como os longos tratamentos necessários, o problema da conscientização da população e o financiamento de cuidados paliativos, para melhorar a vida dos doentes. Desta forma, já no final da primeira década da Aids, a idéia de descontinuidade seria descartada, sendo substituída pela dura possibilidade que as doenças crônicas trazem para os portadores, seus familiares e para o sistema de saúde: a ameaça não é transitória, mas veio para ficar e, como as doenças cardíacas, o câncer e, hoje, a obesidade, sobrecarregaria o já debilitado orçamento da saúde pública. Já apontado em 1988 por Sontag, Fee e Fox (1989) e enfatizado por Samuel Broder, então diretor do Instituto Nacional do Câncer dos EUA em junho de 1989, a Aids passou a ser vista como uma doença crônica análoga ao câncer – muito mais do que patologias como o cólera -, uma vez que exige tratamentos que prolongam a vida de seus portadores e unidades

avanços na bioquímica, muito embora a doença, pelo menos no Brasil, já tivesse sido relatada no século XVIII (Marques e Mitre in Nascimento e Carvalho pp.182-193, 2004).

especializadas de saúde e programas mundiais de pesquisa e combate. Vale lembrar que um dos primeiros nomes populares da Aids foi “câncer gay”, visto que um dos sintomas mais característicos dos doentes era o desenvolvimento do sarcoma de Kaposi, um tipo de câncer que causa úlceras na pele. A analogia também possibilitou a aprovação da primeira droga para o tratamento dos soropositivos, o AZT (Azidotimidina), desenvolvida anos antes para o tratamento do câncer - uma vez que bloqueia a divisão celular -, mas que havia sido abandonado em função de seu alto nível de toxicidade.

Outro fator que foi fundamental para diferenciar a Aids das outras epidemias foi a presença dos meios de comunicação de massa no cotidiano. A Aids foi a primeira epidemia a ser divulgada pela mídia, conectando o Brasil a redes internacionais de notícias, o que reforçaria, ainda mais, a sensação de desproteção e a velocidade de disseminação da doença. Apenas para ilustrar, vale lembrar que o *Fantástico*, programa da Rede Globo e objeto de estudo desta dissertação, já contava com correspondentes internacionais de jornalismo, além da reprodução de matérias transmitidas por agências internacionais de notícias, como a britânica BBC (*British Broadcasting Corporation*). Ora, uma vez que o mundo fica conectado de maneira mais eficaz, ele fica menor, aumentando a percepção da aproximação de uma ameaça. No caso da Aids, as notícias de que a doença havia sido identificada começaram nos Estados Unidos (1981), passaram para o Haiti, França, Canadá, Inglaterra e tantos outros países, até ficar claro que, apenas por uma questão de tempo, ela chegaria ao Brasil, o que ocorreria de fato em 1982.

Atualmente, com a internet e a TV por satélite, essa percepção ficou ainda mais aguçada, permitindo que o mundo todo pudesse presenciar ao vivo a queda da segunda torre do *World Trade Center* em 11 de setembro de 2001, ou acompanhar o avanço dos casos de pneumonia asiática (ou SARS), mais recentemente, pela mídia na Ásia e em alguns pontos do mundo, além das providências internacionais para barrar uma doença de transmissão por via respiratória e com altos índices de letalidade.

Assim que foi detectada, a Aids provocou resistência por parte dos médicos, que relutaram em aceitar que uma infecção pudesse ser provocada por um agente desconhecido, e mais ainda pela população (França, 2002), que se sentiu ameaçada.

Considerada a maior epidemia do final do século XX, a Aids, apenas assim nomeada em 1982, já matou mais de 20 milhões de pessoas até 2004⁷⁰. Hoje sabe-se que a doença é causada pelo referido vírus HIV que pode ficar incubado por um período de cerca de 8 anos, quando passa a reproduzir-se com velocidade dentro das chamadas células T do sistema imunológico, utilizando para isso o material genético (DNA) delas. Aos poucos, o HIV fragiliza o sistema de defesa do corpo, causando perda muscular nos indivíduos infectados e deixando-os mais propensos a infecções.

A transmissão dá-se através de líquidos do corpo humano, principalmente sangue, espermatozoides e leite materno (Camargo, 1994). Mas no início da década de 1980, os métodos de transmissão da doença ainda eram desconhecidos. Apesar de terem sido diagnosticados, desde o surgimento da doença, casos em hemofílicos, inclusive crianças, usuários de drogas injetáveis, pessoas que se submeteram a transfusões de sangue, além de mulheres, a Aids não era considerada motivo de preocupação entre os heterossexuais. O noticiário sobre contágio e transmissão entre os homossexuais recebeu mais atenção e pouco comentou-se sobre casos de transmissão heterossexual (França, 2001).

Não só a mídia enfatizou a imagem da Aids como sendo uma doença de homossexuais, mas também o cinema. O excelente francês *O declínio do império americano*⁷¹ lida com as relações humanas ilustradas por um grupo de amigos que se reúne para comer, beber e conversar. Embora fique clara a infidelidade no casamento, praticada tanto pelas mulheres quanto pelos homens, a Aids apenas surge como uma ameaça a um dos personagens, um homossexual, traduzindo a provável falsa sensação de segurança dos heterossexuais em relação à doença.

⁷⁰ Relatório de 2004 da UNAIDS (Programa de HIV/Aids das Nações Unidas).

⁷¹ Filme cujo título original é *Le Déclin de l'Empire Américain*, foi dirigido por Denys Arcand com 101 minutos de duração. Canadá, 1986.

Mas, certamente o reforço da construção da Aids veio do discurso oficial e legítimo de cientistas, que também eram tomados por incertezas sobre a doença. Desde o início, cientistas como Robert Gallo⁷² – que mais tarde seria considerado um dos descobridores do vírus HIV – reforçaram o discurso de que a transmissão da doença poderia ser exclusivamente por via anal, reforçando a construção da Aids como doença de homossexuais, e simplesmente fechando os olhos para a possibilidade dos heterossexuais também praticarem sexo anal. Mesmo artigos científicos atuais, como o do hematologista Abraham Karpas (2004), continuam reforçando que “o HIV não é um vírus facilmente transmissível e a taxa de transmissão durante o intercurso sexual é bem baixa entre heterossexuais saudáveis”⁷³. O autor continua “foi estimado que o parceiro receptivo durante o intercurso sexual anal é cerca de 100 vezes mais passível de ser infectado quando comparado ao sexo vaginal, graças à presença de abrasivos no ânus”. Embora esta colocação pareça bastante imparcial, uma vez que menciona o sexo anal e não o homossexualismo em contraposição ao sexo vaginal, fica claro que o trecho anterior indica, na visão de Karpas, uma tendência a deixar os homossexuais mais expostos à doença.

A comunidade homossexual, anos antes, começava a experimentar uma abertura, pela primeira vez na história moderna, após anos de opressão e, em várias cidades norteamericanas, já contavam com uma visível presença política⁷⁴.

Gerald Oppenheimer⁷⁵ mostra como a primeira evidência patológica da Aids foi construída com base em dados epidemiológicos descritos como GRID (Doença Imunodeficiência Relacionada aos *Gays*, na sigla em inglês), apesar dos relatórios que divulgavam a ocorrência da nova síndrome em pacientes heterossexuais e usuários de droga intravenosa. “O processo de definição tanto da doença quanto das pessoas infectadas tem sido um

⁷² Nas palavras de Robert Gallo, um dos descobridores do vírus da Aids, se alguém quisesse um agente biológico perfeito, seria difícil ganhar desse vírus – citado em Grauerholz, 1988.

⁷³ Karpas p. 921, 2004.

⁷⁴ Fee & Fox p. 304, 1989.

⁷⁵ *Apud* Fee & Fox (1989) p. 309 em referência ao capítulo “In the eye of the storm: the epidemiological construction of Aids” pp. 267-300 in Fee and Fox, *Aids: the burdens of history* (Berkeley, 1988).

processo no qual as percepções políticas e sociais estão inseridas nas construções científicas e políticas de sua realidade e significado”⁷⁶.

É provável que esse ato tenha acarretado sérias conseqüências para a saúde pública e, certamente, contribuiu para reforçar o estigma e a discriminação. Dados do Ministério da Saúde brasileiro apontam que, entre os anos 1980 e 1998, houve uma clara inversão no quadro de transmissão sexual da Aids, que, se até 1992 atingia majoritariamente os homossexuais; a partir deste período, passou a infectar a população heterossexual com maior intensidade. Levando-se em conta que o vírus fica incubado (sem causar sintomas da doença) por cerca de 8 anos, esses dados indicam que os heterossexuais dos anos 90 não estavam atentos à transmissão da doença na década anterior.

O constante estigma sobre a comunidade homossexual acabou incentivando uma intensa mobilização social durante os primeiros anos da Aids, como mostrou Arantes (2002) sobre a criação de organizações não-governamentais por homossexuais, em um primeiro momento, e pessoas com HIV/Aids, para denunciar as discriminações e defender sua dignidade. Receberam, aos poucos, o apoio de movimentos de minorias e de associações comunitárias e religiosas. Esse movimento foi inspirado no movimento de homossexuais norte-americanos que tentavam conquistar um espaço político e comportamental em plena era Reagan, marcada por uma retração dos movimentos libertários de seu país e pelo corte das verbas públicas para programas de saúde (França, 2002). O papel destes ativistas norte-americanos foi foco de estudo de Epstein (1995), que mostrou a forma com que conquistaram credibilidade em meio a um período marcado por controvérsias e poucas certezas (como veremos adiante). Ou seja, enquanto no imaginário popular esperava-se uma proteção vinda através de cientistas e médicos, e a realidade mostrou que estes ainda encontravam-se confusos e despreparados para conter a epidemia, a sociedade precisou mobilizar-se com urgência para garantir sua própria segurança.

Para Parker *et al* (1999) a Aids surgiu no Brasil, por um acaso histórico, nos anos finais de uma prolongada ditadura militar, coincidindo com a gradual redemocratização da sociedade

⁷⁶ Ibidem.

civil e com a reforma e reestruturação do sistema brasileiro de saúde. Até 1985, a Aids não foi incluída na agenda governamental brasileira, por ser vista como uma doença de ocorrências isoladas, restrita a segmentos sociais específicos, como mostra o próprio Ministério da Saúde em publicação, de 1998, sobre a Aids no Brasil. A partir de 1985, com o aumento do número de casos, ficou difícil ignorar a doença. O governo federal, então, através do Ministério da Saúde, resolveu estabelecer as diretrizes para o Programa de Controle da Aids, em um período em que os recursos financeiros eram escassos. As ações governamentais, primeiramente, foram voltadas para a vigilância epidemiológica, a assistência médica e a divulgação de mensagens de alerta e de não discriminação. Mas foi apenas a partir de 1988 que o Programa constituiu-se e consolidou-se, para ser desestruturado dois anos mais tarde com o governo Collor (Ministério da Saúde, 1998). Neste período, em que a epidemia se agravou com o isolamento das ações governamentais, houve uma maior e mais expressiva mobilização da sociedade.

“Não bastam métodos, técnicas e elementos supereficazes isoladamente considerados para prevenir ou curar esta enfermidade [a Aids], é necessário que seja assegurado a toda a população o acesso mais equitativo aos serviços de saúde onde sejam aplicados tais métodos; a democratização e a socialização da informação é a única arma possível contra a epidemia” (Parker et al, 1994).

A Aids, que até 1985 tinha 76% dos infectados com nível superior ou segundo grau completo foi, progressivamente, atingindo analfabetos ou pessoas com o primeiro grau completo, chegando estes a representar, em 1994, 65% dos casos (Ministério da Saúde, 1998). Como observou o Ministério da Saúde, as populações tradicionalmente marginalizadas e sobre as quais recaem a grande maioria das doenças endêmicas (causadas pela fome e ausência de saneamento), estão se infectando, cada vez mais, pelo HIV. Para agravar essa situação, dentre as pessoas infectadas pela Aids, essa camada social ainda enfrenta dificuldades de acesso aos serviços de saúde e informação, de um modo geral, e à informação sobre saúde, de um modo particular.

Assim como outras doenças venéreas, tais como a sífilis, a Aids é uma doença urbana com rápido crescimento relacionado à intensificação das relações sócio-urbanas, como bem notou Parker et al (1994). Graças a sua forma de transmissão, a Aids espalhou-se por todas

as classes econômicas da população brasileira e mundial, expandiu-se e coletivizou o risco, migrando de países desenvolvidos para os periféricos e da elite intelectual para as massas. Erradicar esse tipo de mal através da profilaxia é complexo por interferir no nível institucional, comportamental e de valores estabelecidos.

Por ser fatal e ainda hoje não ter cura, a Aids causou medo e fez com que a população começasse a mudar de hábitos, fato que certamente abalou as relações sociais do final do século XX. Essas características da doença garantiram uma posição de destaque no noticiário brasileiro, como observou Biancarelli (1997). Ele afirma que, mesmo enfermidades centenárias como a tuberculose, ou que continuam matando mais como a malária, não receberam nem uma pequena parcela de atenção recebida pela Aids na mídia.

Mesmo com a presença da Aids no noticiário, nas campanhas de saúde, ela continua a alastrar-se de forma crescente, notadamente na Ásia (China, Indonésia e Vietnam) e na Europa do Leste. A epidemia apresenta também uma face feminina, uma vez que as mulheres representam quase 50% de todos os soropositivos em 2003, além de serem elas, juntamente com meninas, as que mais sentem o impacto da doença, uma vez que ficam encarregadas de cuidar dos doentes, órfãos e sofrem mais discriminação⁷⁷.

É alarmante igualmente a alta taxa de infecção entre jovens de 15 a 24 anos, que respondem por quase 50% dos novos casos⁷⁸. É justamente a geração que cresceu em uma época que a Aids não se configura como novidade, o que representa um importante objeto de estudos para psicólogos, antropólogos e médicos. Tudo indica que as mensagens a que eles são expostos – pelo menos em países em desenvolvimento e naqueles em que há um engajamento para combater a doença, como no Brasil - não têm sido compreendidas ou incorporadas. Valeria a pena uma investigação mais aprofundada para melhor compreender a recepção dessas mensagens e as formas que elas passam de um conhecimento de causa para uma mudança de comportamento e atitude.

⁷⁷ Dados extraídos do Relatório 2004 sobre a epidemia Global da Aids divulgado pela UNAIDS (Programa de HIV/Aids das Nações Unidas).

⁷⁸ Idem.

Na sociedade do consumo atual a televisão desempenha um papel chave na reprodução dos valores máximos, celebrando a conquista (de bens de capital e de pessoas), a sedução, a valorização do corpo, o sucesso a qualquer custo e o consumo inveterado, voltam-se cada vez mais para a individualização do sujeito. Com isso, parece não haver o comprometimento com atitudes voltadas para o coletivo, dificultando a penetração no indivíduo de mensagens voltadas para o coletivo.

Outro fator que certamente ameniza a preocupação da contração do HIV é a existência de tratamentos que prolongam e garantem uma melhora significativa na vida dos seus portadores, dando a ilusão de que, a exemplo da diabete, a Aids faz parte de nosso cotidiano. Esquece-se, no entanto, da alta toxicidade desses medicamentos, que provocam deformidades no corpo de seus usuários, afora o fato dos medicamentos precisarem ser constantemente substituídos em função das altas taxas de mutação dos retrovírus que lhes garantem resistência às drogas.

Por fim, há a diminuição da presença da Aids na mídia, o que também exigiria um balanço e avaliação mais detalhada da última década, mas que tem sido uma advertência da sociedade organizada, como ficou claro durante o I Seminário Mídia na Luta Contra a Aids⁷⁹. Segundo os palestrantes, a banalização da doença perante a população e a perda de interesse da mídia ocorre graças a dois fatores principais: (a) diminuição das chances da doença levar seus portadores à morte diminui o estado de alerta na população; (b) mudança de perfil da Aids que se concentra nas classes sociais mais pobres, de maneira similar a que ocorre com a malária, a doença de Chagas e a tuberculose - que crescem de forma silenciosa na população mais pobre.

Certamente, a mudança do perfil da epidemia da Aids para as populações mais pobres tem modificado a atitude em relação à doença. Ocorreria uma volta à metáfora da doença como estrangeira, como colocara Susan Sontag (1988) e que ficou mais evidente no início da década de 1980. A África torna-se a menina-dos-olhos, detendo dois terços de todos os

⁷⁹ O evento que ocorreu no dia 1º de dezembro de 2004 em Ribeirão Preto, SP, e contou com a participação de membros do Grupo de Apoio aos Portadores de Aids (Gapa) e da Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids, além de reunir mídia local, portadores de HIV e interessados.

casos registrados no mundo, mesmo possuindo apenas 10% de toda a população mundial⁸⁰. Assim, a doença deixa de ser uma ameaça presente para ser uma ameaça distante, muito embora ela não tenha desaparecido de nenhum dos outros continentes.

Apesar dos avanços no tratamento e compreensão médica da doença, das campanhas de saúde, da humanização dos soropositivos, da institucionalização do combate à epidemia mundialmente, e da divulgação da doença nos meios de comunicação de massa, a Aids continua sendo uma doença sem cura e seus medos e mitos continuam latentes, ou seja, não se fala abertamente sobre o assunto e muitos dos portadores continuam invisíveis, optando por viver uma vida normal, onde as pessoas ao seu redor simplesmente desconhecem a sua condição. Em países ricos, como nos Estados Unidos e na Europa, embora haja acesso aos antiretrovirais e haja altos investimentos para se combater a doença, o relatório da Unaid de 2004 alerta para o crescimento das infecções do HIV⁸¹.

Stella Botelho (2004)⁸² afirma que o acesso à informação apenas não é suficiente para impedir que a população se contamine com o vírus HIV, mas seria necessário adquirir um grau de consciência que levasse os indivíduos a efetivamente modificarem seu comportamento. Para exemplificar, Botelho lembra que todos sabem que fumar pode causar a morte, no entanto, existem fumantes. Essa vulnerabilidade social, como preferiu chamar, deve ser trabalhada em três frentes principais para que a prevenção à Aids seja mais eficiente: a individual, a social e a programática. A mídia não seria o único ator atuante neste processo, mas será preciso apoiar mudanças de atitudes dentro de casa e ao redor do indivíduo, com diálogos mais abertos sobre sexualidade, por exemplo, assim como entre professores e alunos, a conscientização dos direitos do cidadão para exigir acesso a cuidados e medicação disponíveis pelo Sistema Único de Saúde (SUS), além de um amplo

⁸⁰ Relatório 2004 sobre a epidemia Global da Aids divulgado pela UNAIDS (Programa de HIV/Aids das Nações Unidas).

⁸¹ De acordo com o relatório, em 2001 havia 900 mil soropositivos nos EUA e em 2004 eles já eram 950 mil. Enquanto na Europa esse número subiu de 540 mil para 580 mil no mesmo período. O gasto com tratamentos anti-HIV nos EUA é 35 vezes maior do que os despendidos na América Latina e Caribe e mil vezes maior quando comparado à África.

⁸² Comunicação de Botelho, membro do Programa Municipal de Saúde de Ribeirão Preto, durante evento I Seminário Mídia na Luta Contra a Aids que ocorreu dia 1º de dezembro de 2004.

programa dos governos federal, estadual e municipal, também no sentido de dar acesso à educação e qualidade de vida para todos.

Conseqüentemente é possível afirmar que a Aids também se diferencia das outras doenças epidêmicas em que o conhecimento do agente causador foi um passo fundamental para reverter o crescimento da incidência e índices de mortalidade da doença. No caso da Aids, nenhum dos dois aspectos é verdadeiro, quando considera-se estatísticas mundiais. A doença continua se disseminando entre a população.

Na chamada sociedade da informação, não deixa de ser um paradoxo que a Aids continue se disseminando, quando informação parece ser um dos principais antídotos contra o vírus HIV.

Capítulo II – A televisão como construtora da realidade

2.1. Televisão

“O que singulariza a grande corporação da mídia é que ela realiza limpidamente a metamorfose da mercadoria em ideologia, do mercado em democracia, do consumismo em cidadania”⁸³.

Espelhando as tendências econômicas de reprodutibilidade, facilidade de acesso e padronização do capitalismo, o entretenimento tornou-se um importante produto, no final do século XIX e início do XX, nos Estados Unidos e na Europa. A cultura, antes limitada a poucos privilegiados, sofre um processo de padronização e racionalização que, de acordo com Max Horkheimer e Theodor Adorno⁸⁴, teóricos da Escola de Frankfurt, por um lado, foi capaz de democratizar, mas por outro diminuiu a capacidade individual de pensar e agir de forma crítica e autônoma, contribuindo para a ruína da própria cultura.

Os elementos da cultura, oferecidos como produto, satisfazem o comprador que pode agora consumi-lo e ter uma identidade comum com a prevalecente na sociedade. É como se os indivíduos antes excluídos pudessem agora acessar e fazer parte de uma grande tribo. E o elemento unificador da sociedade, onde são ilustrados os padrões e os modelos a serem buscados é, inicialmente o cinema, que a partir dos anos 1960 cede lugar à televisão. Para Thompson (1996), esse processo de uniformidade e padronização, serve como identidade para os indivíduos, mas os torna cada vez menos capazes de um pensamento independente e cada vez mais dependentes de processos sociais sobre os quais têm pouco ou nenhum controle⁸⁵.

Um dos elementos responsáveis pela padronização do pensamento são as imagens, pois de acordo com Le Goff (1990), “a televisão fornece imagens que ficarão na memória e

⁸³ Octavio Ianni citado em Brittos e Bolaño (2004), p.63.

⁸⁴ Horkheimer e Adorno (1990), pp. 207-208. Lembremos que os autores viveram em um momento em que o nazismo fazia uso do cinema e dos meios de comunicação para disseminar suas ideologias e se legitimar perante a sociedade.

⁸⁵ Thompson (1996), p.100.

assegurarão a homogeneização do imaginário social”⁸⁶. Nesta padronização operariam também as ideologias, termo descrito por Thompson como sendo o significado transmitido por formas simbólicas para estabelecer e sustentar relações de dominação. Mais do que isso, as ideologias operam de forma a explicar e compreender a realidade, como explicitou Marilena Chauí (1989).

“Além de procurar fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem idéias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas idéias ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia”⁸⁷.

Certamente, as ideologias estão presentes em todas as relações humanas, nos discursos e na tentativa de, através deles, convencer o receptor. Mas elas são tanto mais fortes quanto maior for sua influência e acesso, para disseminar seus valores de forma maquiada, nas entrelinhas, como se aquela fosse a última verdade.

As ideologias, assim como os mitos, são elementos fundamentais da construção da realidade. Realidade esta que é construída, segundo definiu Duarte (1989), a partir de um processo de aprendizagem que se dá em dois momentos principais:

- Fase primária: é a fase mais importante e ocorre dentro da família, começando pelo processo de aprendizagem da linguagem, junto à qual estão os símbolos, os estereótipos, os valores. O indivíduo ainda não tem sua individualidade e conceitos de sociedade e realidade cristalizados. Portanto, esta é uma fase básica, fundamental e com alta carga de emoções, sobre a qual se construirá a próxima.
- Fase secundária: é aquela na qual a realidade do indivíduo precisa transcender o mundo familiar através do social. Aqui há a introdução a submundos institucionais (escola e ambiente de trabalho, por exemplo) que compõem a sociedade, onde se conhecem os papéis e funções dentro da sociedade. Essa realidade interiorizada na segunda fase é

⁸⁶ Le Goff (1990), p. 243.

⁸⁷ Chauí (1989), p.20.

mais frágil, fugaz e objetiva que a primeira. É passível de mudanças mais bruscas por processo de reeducação e ressocialização.

A tênue divisão destas fases pode ser difícil de ser identificada, pois poderíamos dizer que a primeira delas, mais marcada pela influência familiar, recebe influências diretas da segunda. Assim, a escola pode estar presente muito cedo na vida de um indivíduo, participando, junto com a família, da formação de suas realidades. O mesmo poderíamos dizer da televisão – considerando que os jornais e rádio não são, propriamente, a preferência dos jovens –, que, por vezes, está mais presente que a escola⁸⁸ e, mais recentemente, embora ainda em menor proporção, a internet. Do mesmo modo, a família que forma os referenciais dos filhos está sendo simultaneamente bombardeada pelo ambiente de trabalho, pela mídia, pelas instituições de ensino e pelos políticos e, conseqüentemente, contribuindo para a formação das realidades da fase primária.

Neste sentido, os meios de comunicação de massa, desempenham papel fundamental no fluxo de informações e representações da realidade, sendo que a televisão, particularmente, tem um enorme potencial de disseminação de ideologias. A principal delas é a lógica de mercado, que move não apenas os meios de comunicação de massa, mas todo o sistema capitalista. Na TV as mensagens são facilmente decodificadas, graças à multiplicidade de linguagens que oferece, o amplo alcance e acesso, e a posição central que ocupa nos lares, ao redor do qual muitas interações sociais ocorrem⁸⁹.

É especialmente esta capacidade de divulgar símbolos, mitos e ideologias que justifica o interesse por fazer da televisão o objeto de estudo desta dissertação. Ainda mais quando consideramos a construção de uma doença, como a Aids, que passou a fazer parte da realidade social quando a informação chegou à população via meios de comunicação de massa. Que realidade é esta que foi exibida pela TV em relação à doença e que contribuiu

⁸⁸ Dados do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) de 2000 revelam que crianças com até 14 anos assistiram, em média, 28 horas de TV por semana (ou 4 horas por dia) e permaneceram 23 horas semanais na escola no Brasil. Informação retirada do artigo “Babá via satélite” de Alexandre Penhalver in Pereira Jr (2002), p.44. Para mais informações sobre a relação da mídia com as crianças leia artigos “Dieta de TV”, “Quem cria infantis evita a TV” e “Quem joga pedras?”, na mesma obra, páginas 43-52.

⁸⁹ Thompson (1996), p.267.

para a conscientização e construção social da Aids? Para responder a tais questões, no entanto, é preciso entender o papel e a influência que a televisão exerce na sociedade e os contextos históricos que fomentaram os acontecimentos de uma e não de outra forma.

2.2. Popularizando a TV

No Brasil, foi justamente o potencial de construir e difundir uma identidade social e ideologias que fez com que o governo militar (1964-1985) apoiasse a profissionalização e a infraestrutura da televisão. “(...) Principalmente entre 1964 e 1985, a televisão foi usada como poderosa ferramenta política, tanto de mobilização social como de formação de opinião pública”⁹⁰. Sérgio Mattos descreve como sendo 1964 o início do período de popularização da televisão no país⁹¹, que na década anterior era considerado objeto de consumo restrito à elite.

Na verdade, o movimento de popularização da TV iniciou-se em 1958, quando a essência da programação foi modificada, deixando de ser mais cultural, para ampliar a audiência⁹². Em 1960, o desenvolvimento do videoteipe permitiu a gravação e a repetição de programas, difundindo o hábito de ver TV. Oito anos mais tarde, era possível adquirir um televisor por meio de financiamento a ser quitado em um a três anos⁹³.

Para que a expansão das emissoras de TV se concretizasse era preciso investir justamente nos centros urbanos, mais populosos, ao qual o veículo era dirigido e que seriam os alvos da ideologia do regime e da produção de bens duráveis e não duráveis anunciados pelos comerciais que sustentavam, e ainda hoje sustentam, a televisão. Cerca de 1% do produto interno bruto (PIB) brasileiro equivale a investimentos publicitários, dos quais a maior parte alimenta a TV, cerca de 61% em 2004, refletindo um crescimento que vem desde 1998⁹⁴. E essa capacidade de atrair os publicitários influencia direta e fortemente o

⁹⁰ Mattos (2000), p.23.

⁹¹ Ibidem, 91.

⁹² Ibidem, p.94.

⁹³ Ibidem, p.102.

⁹⁴ Dados de investimentos publicitário por meio de comunicação (em %) retirado do Mídia Dados 2005, p. 418.

conteúdo televisivo, como produto que deve atrair audiência e, conseqüentemente consumidores para os comerciais, em um ciclo que mantém o funcionamento do veículo e justifica sua existência.

Desde que passou a fazer parte da indústria cultural⁹⁵, a televisão conquistou um espaço fundamental na sociedade contemporânea, sendo o meio de comunicação mais presente na vida dos brasileiros. Em termos mundiais, o Brasil ocupava em 2003 o 55º lugar em leitura de jornal, com uma média de 52,3 exemplares para cada mil habitantes adultos⁹⁶, ou seja, 5,23%. Enquanto a televisão está presente em 89,8% dos domicílios brasileiros⁹⁷, sendo o principal meio de transmissão de informação entre a população e, portanto, de padrões comportamentais, morais e culturais, funcionando tanto como entretenimento como vitrine para a “realidade”, como veremos mais detalhadamente na análise sobre os noticiários.

Com o enorme investimento e desenvolvimento de tecnologias cada vez mais avançadas, são raros os locais em que a TV não chega. De todas as mídias – incluindo TV por assinatura, rádio, internet, jornal, revista e cinema - a televisão aberta ainda tem a melhor penetração por faixa etária, sexo e classe social⁹⁸. Sua preferência entre a população fica ainda mais evidente com os dados de 2002 do IBGE que indicam a existência de 2 milhões de lares no país que possuíam televisão, mas dispensavam o uso da geladeira⁹⁹. O que faz dela um bem prioritário?

Daniel Piza, no prefácio de *A vida com a TV*, afirma¹⁰⁰ que a TV foi a mais importante revolução visual, pois tem as imagens que o rádio não possui e é capaz de fixar hábitos na rotina das pessoas, ao contrário da internet – pelo menos por hora. A estas características poder-se-ia adicionar que a TV atinge um público mais amplo, uma vez que seu acesso não fica restrito àqueles que podem pagar ou ser alfabetizados para decodificar suas mensagens.

⁹⁵ Thompson, p.97, 1996.

⁹⁶ Dados da Associação Mundial de Jornais (WAN) divulgados pela Associação Nacional dos Jornais.

⁹⁷ Nos anos 1980, 56,1% dos domicílios no Brasil tinham aparelho de TV e na década seguinte eram 73,7%⁹⁷, segundo dados da Projeção do Grupo de Mídia publicados no Mídia Dados 2005, Grupo de Mídia São Paulo (2005), p. 151.

⁹⁸ Mídia Dados (2005), p.36.

⁹⁹ Pereira Jr, p. 21, 2002.

¹⁰⁰ Ibidem, p.13.

Mais do que apenas reunir várias linguagens em um único meio, a TV seduz com uma nova linguagem que incentiva uma multiplicidade de sentidos em pleno espaço privado, permitindo a visualização e penetração no mundo público e privado, sem os riscos reais que eles oferecem. Essa sedução é certamente maior do que nos outros veículos, primeiro pelas características que reúne, como já citado, a linguagem de áudio às imagens, somadas à temporalidade, agilidade e credibilidade das imagens ao vivo, além de sua ampla capacidade de penetração e acesso ao público.

O IBGE calcula que os brasileiros assistem, em média, 3,9 horas por dia de televisão¹⁰¹. Apenas para efeito comparativo, o tempo de leitura diária de jornais no país não chega a uma hora¹⁰². “A TV é um mediador de parte significativa de nossas relações sociais”¹⁰³, resumiu Piza, e a alta exposição ao seu conteúdo, faz dela um importante objeto de estudo sobre essas relações.

A TV passou a pautar as conversas do dia-a-dia e ampliou, cada vez mais, seu espaço de atuação – ocupando desde os telefones celulares portáteis, bares e restaurantes, até a internet, enquadrando-se à crescente demanda por um mundo cada vez mais versátil. Paradoxalmente, ela contribuiu para a individualização do sujeito, que se sente socializado em sua companhia, ainda que solitário.

Segundo Pierre Bourdieu¹⁰⁴, quando a TV surgiu, os sociólogos previram, erradamente, que ela homogeneizaria o público, sem prever as enormes mudanças que provocaria nos outros meios de comunicação e também na produção cultural, pressionando-os a adaptarem-se ao seu formato. Assim, os jornais e revistas impressas ganharam mais cores e imagens, os políticos aprenderam a falar diante das câmeras sem qualquer embaraço, os esportes

¹⁰¹ Pereira Jr (2002), p.58.

¹⁰² São 47 minutos por dia, durante a semana, e 54 no final de semana, segundo dados do Ibope Monitor – Tempo dedicado a ler ou folhear um exemplar de jornal disponibilizados pela Associação Nacional de Jornais.

¹⁰³ Ibidem.

¹⁰⁴ Boudieu (1997), p 51.

mudaram suas regras e horários¹⁰⁵, suas artistas substituíram as modelos das capas de revistas, comerciais e desfiles de moda, seus programas abastecem o mercado com CDs, jogos e livros, ao mesmo tempo em que a TV incentiva o consumo através das infindáveis propagandas¹⁰⁶ que exhibe ou dos modelos de vida que enaltece em suas programação. Portanto, tanta influência pode ser interpretada, ao final, como produtora de uma certa homogeneização dos bens de consumo, dos conteúdos e das alternativas apresentadas ao público, o que nos leva a pensar que os sociólogos não estavam tão errados como disse Bourdieu.

2.3. TV e poder

A linguagem visual é o diferencial mais poderoso da TV que, além de dar mais credibilidade e veracidade às informações, carrega consigo símbolos e significados que podem ser recebidos e compreendidos de maneiras diferenciadas entre seus espectadores, fazendo dela, segundo Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl (2004), uma grande produtora de mitos¹⁰⁷. Mais do que produzir mitos, ela realimenta, reforça e reconstrói aqueles já existentes. E ao reunir a riqueza simbólica produzida pela sociedade e fazê-la circular, refaz pelo menos uma parte dos laços comunitários perdidos pelo desenvolvimento do sistema capitalista, como propõe Kehl¹⁰⁸. O fato de esses mitos alimentarem o imaginário popular não é responsabilidade do meio de comunicação apenas, afirmam os autores, pois ele também é influenciado pelo seu público, em um processo de eco, de reflexo, de retroalimentação, criando uma via de duas mãos que gera identidade entre emissor e receptor e, portanto, audiência.

Essa capacidade de disseminação de formas simbólicas, via texto e imagem, funcionaria como sementes ideológicas que são plantadas diariamente ou, ao menos, freqüentemente na vida cotidiana e podem acabar incorporadas nas interações sociais. Aproveitando a

¹⁰⁵ Entre os exemplos citados por Keila Jimenez e Bruno Saito em Pereira Jr (2002), está a mudança de horário da corrida de São Silvestre de meia-noite para o dia a partir de 1990 e a introdução do *tie break* no tênis a partir de 1994 para encurtar as partidas, p.66.

¹⁰⁶ A TV abocanhou 61% de todos os investimentos em publicidade no Brasil, que em 2004 somaram um total de R\$ 15 bilhões segundo o Mídia Dados 2005, Grupo Mídia São Paulo (2005), p.25.

¹⁰⁷ Bucci e Kehl (2004), p.15.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 78.

metáfora da plantação, pode-se afirmar que estas sementes só germinariam se encontrassem as condições adequadas, ou seja, não basta que as ideologias sejam divulgadas para serem aceitas e praticadas, mas devem ser avaliadas dentro do contexto individual para então serem ou não incorporadas.

Pesquisa sobre recepção de conteúdo do *Jornal Nacional* por trabalhadores de duas comunidades (São Paulo e Nordeste)¹⁰⁹, revelou que as informações recebidas pela TV são apenas mais um componente na formação de sua representação da realidade e que fontes interpessoais, igreja, movimento sindical, partidos políticos e outros meios de comunicação também participam desta construção. Conclusão que está de acordo com a proposição de Duarte, descrita anteriormente.

“A TV não manda ninguém fazer o que faz; antes autoriza, como espelho premonitório, que seja feito o que já é feito”¹¹⁰, indo contra com a visão de que a TV manipula seus espectadores, que dela tudo aceitam de maneira passiva. Inegável é a influência das informações transmitidas da televisão ao público, mas esta sedução está longe de encontrar um “alvo” passivo. Como dito acima, no caso dos mitos, ela requer um reconhecimento com os valores individuais para se legitimar.

Na visão otimista de Dominique Wolton e Jean-Louis Missika¹¹¹ a televisão é hoje o meio mais democrático de acessar a vida política e dela participar, por menos profunda que possam ser as discussões que ela motiva. E foi dando espaço à opinião pública, que este meio de comunicação audio-visual contribuiu para alterar o papel da voz popular no funcionamento das políticas das sociedades modernas. Assim, para esses autores, a TV não fabrica opiniões, mas depende delas para existir. No entanto, questiona-se essa “participação” popular, uma vez que esta não deveria ficar reduzida apenas ao papel de consumidor que consegue pressionar para que as emissoras modifiquem sua

¹⁰⁹ Pesquisa de Carlos Eduardo Lins da Silva em 1985 citada em Mattos (2000), pp. 200-201.

¹¹⁰ Bucci e Kehl (2004), p.19.

¹¹¹ Missika e Wolton, (1983) e Wolton (1996), sendo que este último elogia a Rede Globo de televisão, como emissora que mistura o modelo de TV pública e privada da Europa e EUA, respectivamente.

programação¹¹², mas sim enquanto cidadãos, participando concretamente de tomadas de decisão social, política ou econômica. Essa falsa sensação de participação do espectador o agrada e satisfaz a TV, que mantém o seu consumidor conectado.

O caso da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Correios¹¹³, iniciada em 2005, deixou claro que muitos políticos atuavam apenas quando as câmeras da TV estavam ligadas captando imagens para os noticiários, atividade que se mostrava ainda mais intensa quando estas câmeras pertenciam à Rede Globo e cujas filmagens eram para o *Jornal Nacional*, por ser o telejornal de maior audiência. Vale lembrar que 2006 será ano eleitoral e certamente assistiremos a campanhas em que candidatos aparecerão nas CPIs, como políticos atuantes e combatentes da corrupção no país. Portanto, mesmo que a política esteja mais próxima da população, sua realidade é maquiada de forma a se diferenciar da realidade sem a presença das câmeras.

Távola (1984)¹¹⁴ propõe a existência de dois tipos de atitudes do receptor da comunicação: a **leitura reativa**; e a **leitura crítica**. A primeira consiste na reação imediata baseada na emoção e na opinião, que surge em função de um repertório já existente e seria mais bipolar (gosta/não gosta; aceita/nega; aplaude/vaia etc), ou seja, julga e compara. A segunda é fruto de uma interpretação, análise, decodificação ideológica, de mitos e símbolos, onde há “um exercício da razão e da reflexão em consonância com a emoção”.

Nos estudos sobre a relação de TV e público, é importante levar em conta que o acesso na produção e difusão de conteúdos é restrito, ou seja, são poucos os que criam as mensagens

¹¹² O programa “Você decide”, exibido a partir de 1992 na rede Globo, incitava a participação do telespectador por telefone, para que pudesse escolher o final de cada episódio. O mesmo ocorre com os programas chamados de *Reality Shows*, que consistem em mostrar o cotidiano de um grupo de pessoas que co-habitam um determinado local ou cenário em busca de um prêmio que é concedido ao participante que sobreviver às simultâneas eliminações dos concorrentes através do voto da audiência. Ou seja, a opinião popular não constitui em qualquer senso um exercício de cidadania.

¹¹³ A origem da CPI dos Correios foi uma denúncia de corrupção exibida em primeira-mão em reportagem exibida no dia 3 de julho de 2005 no *Fantástico*, da Rede Globo. O chefe do Departamento de Contratação e Administração de Material dos Correios, Mauricio Marinho, é filmado aceitando uma propina de R\$3 mil. A denúncia acabou revelando um esquema de corrupção que desencadearia uma das maiores crises políticas do país.

¹¹⁴ Távola (1984), pp. 248-250.

que serão transmitidas por ela. São estes controladores do conteúdo programático que podem definir, inclusive, pautas políticas, por meio do jornalismo investigativo que, cada vez mais em prática no Brasil, estampa as capas das revistas e jornais e, posteriormente, geram até a necessidade de se criar CPIs. Há aí o lado de instrumento de democracia, mas há também a evidência do poder da TV. Se são poucos os que criam os conteúdos, são milhões que recebem estas informações, tornando a TV uma ferramenta extremamente oportuna para que as ideologias operem dentro das sociedades contemporâneas. O cuidado deveria ser ainda maior quando se trata de países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, uma vez que há baixa escolaridade, diminuindo as chances de haver um olhar crítico em relação às imagens da realidade (im)posta pela TV, especialmente o telejornalismo, e que é a principal fonte de informação¹¹⁵ para orientar a relação do indivíduo com a sociedade.

A televisão, de acordo com Artur da Távola, que “vem disputar com a escola e a família o primado do monopólio da fala, da cultura e do conhecimento e roubar do livro o primado da influência sobre as massas, é um poderoso instrumento de dominação ideológica”¹¹⁶. Ela apresenta, assim como a escola e a família, valores e modelos a serem seguidos ou condenados, dentre eles os que dizem respeito à própria família e escola. Instituições estas que, como o fazem hoje os meios de comunicação, sempre foram massificadoras, agindo por meio da ideologia dominante, segundo o autor. Conseqüentemente, a mídia, como meio de comunicação para e sobre a sociedade, evidencia e divulga o *modus operandi* desta, suas formas de poder e seus valores e ideologias, tanto para ser aceita, como para manter as estruturas estabelecidas. Como ferramenta do poder, e não como um poder que surge independentemente das relações e hierarquias pré-estabelecidas na sociedade é que a televisão desperta enorme interesse pela política e pelo mercado.

Atento a essa capacidade de fortalecer ou modificar a opinião pública, a Junta Militar que governava o Brasil em 1968 sancionou o Ato Institucional número 5 (AI-5), de forma a controlar a produção de informações pelos meios de comunicação que poderiam ser uma

¹¹⁵ Ibope de 1980 já identificava o telejornalismo como sendo a mais importante e ampla fonte de informação da população. Mattos (2000) p. 129.

¹¹⁶ Távola (1984), p.13.

importante arma contra o regime por eles imposto. Desta forma, a Rede Globo, por exemplo, divulgava em seu semanal *Jornal Nacional* (a partir de sua criação em 1969) e no dominical *Fantástico* (datado de 1973) fatos e realidades distantes da repressão intelectual e da crise econômica que mais tarde estouraria no país, detonando um processo de crescimento econômico que ocorrera ao longo da década de 1970. A censura funcionou então de forma a transmitir uma realidade tranqüilizante para a população, amenizando as atrocidades e “castrações” cometidas pelos militares contra a população civil e como uma forma de reprimir qualquer justificativa de insucesso do governo vigente.

O poder de influência da mídia foi preocupação das administrações de Médici (1969-1974) e Geisel (1974-1979), que organizaram uma série de palestras sobre as implicações e responsabilidades educacionais e culturais da TV, sobre os conteúdos de seus programas e efeitos negativos dos mesmos. Médici proibiu toda publicação e transmissão de matérias consideradas “ofensivas à moral e dos bons costumes”, em janeiro de 1970¹¹⁷. “Como resultado indireto, a televisão brasileira avançou e melhorou suas técnicas e padrões culturais, bem como iniciou um processo de nacionalização da programação”¹¹⁸, muito embora a mídia estivesse sendo censurada e mutilada em vários setores.

Não fosse a enorme permeabilidade de poderes nos meios de comunicação de massa, seria mais aceitável a justificativa de ausência de necessidade de controle de ação para com eles. A condição de quarto poder¹¹⁹ acaba dando certa imunidade à mídia contra a possibilidade dela mesmo ser controlada, uma vez que ela aparece como sendo responsável por resguardar os outros três poderes: Executivo, Legislativo, e Judiciário. Assim, a mídia se coloca como um instrumento de liberdade de expressão e de democracia e, portanto qualquer controle passa a ser visto como sinônimo de censura.

¹¹⁷ Mattos (2000), p. 112.

¹¹⁸ Ibidem, p.116.

¹¹⁹ O quarto poder seria um “poder privado na sua propriedade e gestão, porém eminentemente público na sua função social precípua de agir como um *watchdog* ou cão de guarda, dos poderes estabelecidos”. A denominação de quarto poder teria ganhado forma durante a Carta de Direitos de 1791 da Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos, citado em Brittos & Bolaño (2004), p. 65.

Por tamanha influência que detém na sociedade, a TV precisa ser objeto de estudo não apenas da Comunicação, como na grande maioria dos casos, mas também de outros campos do saber, como a História, as Ciências Sociais e a Educação, onde as pesquisas ainda são incipientes. Jaz um grande preconceito na academia para com a televisão, talvez influenciado pelo conceito de que o veículo só serve para emburrecer, homogeneizar as mentes e empobrecer o intelecto. Como vimos, ela é a principal forma de acesso à informação do que ocorre no país e no mundo e, portanto, de levar informação ao público de maneira veloz e massificada. É ferramenta incondicional para a saúde pública, eleições, vendas de produtos e mudanças de comportamento, ou seja, com enorme potencial e poder de comunicar à sociedade. Afora isso, não se pode generalizar a baixa qualidade para toda a programação. Renato Janine¹²⁰ afirma que mesmo programas tradicionalmente tidos como popularescos e grotescos, como o Programa do Ratinho (SBT), em meio ao autoritarismo, tratam de questões que dizem respeito aos direitos das mulheres, como os famosos testes de paternidade (DNA), o direito à pensão e a violência doméstica.

Para a História, a televisão representa um riquíssimo arquivo vivo (com som e imagem) que pode revelar importantes elementos que teriam influenciado e, ao mesmo tempo, representado uma época.

É possível aproximar a análise do conteúdo dos símbolos e mitos de uma obra de arte com os presentes na TV, guardadas as devidas proporções, já que ambas são carregadas de símbolos. “O que aproxima mitos e pinturas (obras de arte em geral) é, por um lado, o fato de terem nascido e serem transmitidos em contextos culturais e sociais específicos; e, por outro, a sua dimensão formal” (Ginzburg, 2003)¹²¹. O objeto da iconologia é representado pelos “princípios de fundo que revelam a atitude fundamental de uma nação, período, classe, uma concepção religiosa ou filosófica (inconscientemente) classificada por uma personalidade e condensada numa obra”¹²². Conseqüentemente, se obras de arte podem servir como documento de pesquisa, assim como as outras fontes impressas e orais, a

¹²⁰ Janine (2004), pp.49-51.

¹²¹ p. 12.

¹²² Ginzburg, p. 70.

televisão pode fornecer importantes elementos de compreensão do contexto histórico em que ela está inserida em cada período e deve ser considerada uma importante fonte de pesquisa. “Tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca, pode e deve informar a seu respeito”, Marc Bloch (1965) ¹²³.

Na análise do conteúdo do *Fantástico*, aqui proposta, é preciso atentar para que ela não seja feita levando-se em conta apenas a intenção de seus produtores, mas tentando compreendê-lo dentro do contexto histórico em que foi produzido.

No caso da Aids, investigada nesta dissertação, a TV representa o principal meio esclarecedor da doença entre a população, uma vez que foi o meio através do qual a sociedade recebeu as primeiras informações a respeito e que pode ter influenciado fortemente a maneira pela qual as pessoas lidaram e se relacionaram com a doença e os doentes. Essa construção pode ter contribuído, inclusive, para deixar a população mais ou menos exposta ao risco de contrair a doença, sem querer aqui culpabilizar a TV por uma epidemia, mas, como tradutora dos sentimentos de uma época, que podem nos revelar um pouco sobre o imaginário social, as atitudes dos governantes, dos cientistas e profissionais da saúde e da própria população. Tratando a TV desta forma, como produto cultural, a análise fica mais rica para uma abordagem dentro da História Social.

2.4. Rede Globo

Nascida em pleno regime militar (26 de abril de 1965), a Rede Globo beneficiou-se diretamente do Golpe de 1964, que viu nela a oportunidade de constituir um veículo de construção da identidade e integração nacional convenientes para seus propósitos. Foi justamente durante o período de maior restrição governamental aos meios de comunicação de massa que a Rede se desenvolveu com mais intensidade¹²⁴. Pouco antes, em 1961, a Globo assinara um convênio com a *Time-Life* que permitiu uma grande injeção de dólares

¹²³ Bloch, p. 114.

¹²⁴ Mattos (2000), p.106.

para investimentos em tecnologia, adquirindo *know-how* em gerenciamento e profissionalização de sua equipe. Acordo este que ia contra o artigo 160 da Constituição de 1964, que não permitia empresas estrangeiras terem direito de propriedade sobre meios de comunicação¹²⁵. “Nem a Comissão Parlamentar de Inquérito instaurada no Congresso Nacional, nem as pressões de Assis Chateaubriand [então proprietário da pioneira Rede Tupi, que inaugurou a TV brasileira em 1950] foram suficientes para impedir que a ditadura militar arquivasse a fraude evidente consumada pela Globo”¹²⁶. O acordo transformou a Rede na emissora mais rica e melhor estruturada do país¹²⁷.

Embora a Globo insista em afirmar que sua atuação durante o Golpe de 1964 se deu apenas de maneira a se autopreservar, mas que também sofrera censura, é histórico o relacionamento de seu proprietário, Roberto Marinho, com os políticos e seu engajamento para fazer da emissora a vitrine do governo militar, mostrando-o como bem-sucedido, pród-desenvolvimento e progresso do país. Assim, mais do que não-atrapalhar o governo militar, como é comumente dito, a Globo, por meio de Roberto Marinho, exaltou o regime militar¹²⁸, iniciando sua vocação governista que visa o casamento entre seus interesses e os do governo vigente. Indicativo disso é que um dos fatores de crescimento da Rede Globo, atribuídos por Artur da Távola, é o fato dela “jamais haver desdenhado sua relação com o mercado real”¹²⁹. Outro fator a ser adicionado, certamente, é o fato de também ter sempre dançado conforme a música que toca no Planalto da República, seja ela militar, neo-liberal, de esquerda conservadora ou de centro-esquerda, encontrando assim apoio para se manter de pé e continuar sendo hegemônica. “A televisão é um aparelho ideológico, ou seja, um meio modelador, destinado a construir e manter a ética e a estética próprias ao sistema hegemônico (dominante)”¹³⁰.

¹²⁵ Ibidem, p.109.

¹²⁶ Brittos e Bolaño (2004), p.67.

¹²⁷ O documentário inglês *Muito além do cidadão Kane* (1993) informa que a Globo detinha US\$ 6 milhões do acordo com a *Time-Life* para estruturar sua rede, enquanto que a rede Tupi, até então a maior e mais antiga rede nacional, o fizera com meros US\$ 300 mil.

¹²⁸ Depoimento de Gabriel Priolli para *Muito além do cidadão Kane* (1993).

¹²⁹ Citado em Mattos (2000), p.111.

¹³⁰ Távola (1984), p.49.

A censura aos meios de comunicação foi iniciada em 1968 com o Ato Institucional no. 5 (AI-5), que também incentivava práticas de auto-censura dos veículos, o que no caso da Globo eram eficazmente praticadas. Neste ano a emissora aparece em 3º lugar em audiência em São Paulo¹³¹ e a partir do ano seguinte até os dias de hoje passa a ser líder.

Em 1969 estreou o *Jornal Nacional (JN)* como primeiro programa a ser exibido em todo o território nacional, com a missão de contribuir para a identidade e unificação do território brasileiro, dentro da proposta do governo militar. O pioneirismo foi fundamental para popularizar a Globo e dar uma arrancada em sua posição em meio às outras redes de comunicação. A partir de então, ampliou-se não apenas a audiência, mas também o alcance dos comerciais e, com isso, os ganhos com o espaço vendido para a publicidade e a disseminação da cultura consumista.

Barbosa e Ribeiro¹³² chamam atenção para o fato do *Jornal Nacional* ter também inaugurado uma nova temporalidade na sociedade, uma vez que passou a levar diariamente para o interior dos lares imagens dos fatos mais importantes nacional e internacionalmente, com uma preocupação pela cobertura de “grandes acontecimentos” e com a interrupção da programação para inserção destes. Um marco fundamental foi a chegada do homem à Lua, em 1969, com transmissão de imagens para o mundo todo, que não apenas unificou o mundo em torno de um mesmo acontecimento, mas também marcou o interesse e apelo dos avanços científicos e tecnológicos para a audiência, especialmente os que se desenvolveriam nos Estados Unidos.

Vale fazer aqui um parêntese. Os Estados Unidos, como idealizadores da televisão e produtores de aparelhos e equipamentos influenciaram o Brasil desde a sua estréia, nos anos 1950, como um modelo a ser seguido. A nação promoveu, como visto anteriormente, a formação de infraestrutura e recursos humanos para colocar a emissora brasileira sob os trilhos, mas seus programas, idéias, temas, roteiros e técnicas administrativas serviram como fonte de inspiração para a Globo. O próprio fato dos norte-americanos terem apoiado

¹³¹ Dados de audiência de TV no Rio de Janeiro e São Paulo, de 1968 a 1982, Mesquita (1999), p. 19.

¹³² No capítulo *Telejornalismo na Globo: vestígios, narrativa e temporalidade* in Brittos e Bolaño (2004), p. 211.

o Golpe de 1964 e o governo militar, através da injeção de enormes volumes de dinheiro que financiariam o tão aclamado progresso do país, é indicativo de que eram bons aliados. O modo de vida, os valores, o comportamento social, os confortos, a governabilidade, a língua e os símbolos *made in USA* eram, e ainda hoje são, objeto de desejo para muitos brasileiros. E certamente a mídia, a televisão e, especialmente a Rede Globo, desempenharam papel chave para disseminar essa cultura entre o povo brasileiro. Valeria perguntar porque a americanização é tão forte no Brasil, quando a comparamos a outros países da América Latina. Embora esta questão não faça parte do escopo desta pesquisa, renderia uma interessante análise, principalmente no que diz respeito à entrada da Rede Globo em países da América Latina.

Antes do *JN*, porém, a emissora já possuía seus telejornais diários, líderes de audiência, muito embora a audiência tivesse proporções mais modestas. Em 1966 foi inaugurado o *Jornal de Vanguarda*, que inovou ao dar um toque coloquial à linguagem tradicional, servindo de ensaio para o formato que seria empregado no *Jornal Nacional*. A partir de 1967 o jornalismo da casa é reformulado, ganhando investimentos em novos equipamentos e na contratação de mais profissionais¹³³.

As mudanças seriam fundamentais no novo projeto. As manchetes do *JN* eram curtas e lidas de forma ágil pelos apresentadores que se revezavam (fórmula copiada do modelo norte-americano e que persiste até os dias atuais), além da inclusão de depoimentos de entrevistados para legitimar o discurso e aproximá-lo do público.

*“A voz do entrevistado, complementando a informação, construía o ideal de credibilidade, de fidelidade à realidade. A voz, além de relacionar o espectador com as práticas da oralidade, o que foi fundamental para a popularização do gênero, era utilizada como referencial de uma realidade que não poderia ser, na construção feita para o telespectador, modificada. A voz era o testemunho, encharcada de toda a sua carga significativa. A voz era a verdade”*¹³⁴.

¹³³ Brittos e Bolaño (2004), pp.208-209.

¹³⁴ Brittos e Bolaño (2004), p. 212.

É nos anos 1970 que a Globo implanta o Padrão Globo de Qualidade, “onde não há espaço para as imagens de miséria, atraso econômico e cultural”¹³⁵. O Padrão viria como uma forma de atrair as classes mais abonadas e marcar a identidade da rede.

O *teleprompter* - equipamento que permite a leitura do texto pelo jornalista sem que para isso ele tenha que tirar seus olhos da câmera – chegou na redação da Globo em 1971, dando mais espontaneidade ao âncora (apresentador do telejornal) e maior intimidade deste com a audiência, uma vez que a comunicação passa a ser feita diretamente aos olhos do público. Esta aproximação com o público, inicia um relacionamento que mais tarde se torna familiar e angaria uma audiência fiel.

Dois anos depois, as cores estamparam a televisão, garantindo mais quantidade e qualidade de informação, maior credibilidade à realidade apresentada e preenchendo o ideal de modernidade aspirado pelo governo militar, muito embora houvesse poucos aparelhos de TV compatíveis com a nova tecnologia. Outro avanço na técnica foi o aumento da mobilidade dos câmeras, em 1976, por meio de equipamentos mais leves que permitiam a envio de imagens e sons do local do acontecimento diretamente para a emissora¹³⁶, sem a necessidade de revelar os filmes, agregando ainda mais veracidade ao trabalho jornalístico, diminuindo o espaço de tempo entre o momento do ocorrido e sua transmissão. Tecnologias de alto custo e que, certamente, não estavam ao alcance do orçamento de qualquer emissora. Portanto, programas coloridos, com imagens exclusivas inevitavelmente se diferenciariam dos demais, garantindo um salto qualitativo para a Globo, que até hoje não foi superado.

Em 1976 o conteúdo da Globo era fortemente nacional, 75%¹³⁷, o que contribuiu para aumentar a identificação do espectador com a emissora, cristalizando-se no *slogan* na Rede: “Globo e você, tudo a ver!”.

¹³⁵ Mesquita (1999), p. 20.

¹³⁶ Brittos e Bolaño (2004), p. 216.

¹³⁷ Porcentagem que crescerá dez pontos em 2000. Mattos (2000), pp. 123 e 124.

Nos anos 1980, a TV Tupi encerrou suas transmissões por falta de pagamento de dívidas que contraíra. Sua concessão foi distribuída, entre o Sistema Brasileiro de Telecomunicações (SBT) de Silvio Santos – que vai ao ar um ano depois - e a TV Manchete, em 1983, como uma tentativa de amenizar os efeitos do monopólio da Globo. É neste cenário que se inicia o período da análise das notícias de Aids transmitidas pelo *Fantástico*, objeto de estudo desta pesquisa. Este é um momento em que a emissora já se destacava em qualidade, audiência e desfrutava de confortável posição junto aos governantes.

Em 1985 o Brasil contava com quatro redes comerciais (Bandeirantes, Globo, Manchete e SBT), duas regionais (Record, em SP; Brasil Sul, no RS) e uma estatal (Educativa).

Mesmo depois do processo de redemocratização, a partir de 1984, a televisão, especialmente a Globo, estabeleceu novas relações com os governos e preservou seu poder ao atuar como uma espécie de “porta-voz oficial das preferências da nação”¹³⁸. Depois da morte de Tancredo Neves, então eleito presidente da república, José Sarney assumiu. O Ministro das Comunicações era Antônio Carlos Magalhães, amigo de velha data de Marinho e então membro ativo do governo militar, que cuidou para que Sarney aprovasse 90 concessões de rádio e TV, antes de entrar em vigor a nova constituição que passaria a regulamentar as comunicações no país e tiraria do presidente o poder de dar concessões. Sarney era, na época, dono de duas afiliadas da Rede Globo.

Mesmo com o AI-5 já invalidado, o cenário da crise econômica que se anunciava já no início do novo governo democrático, com índices de inflação galopante, não impediu que a Globo continuasse com sua maneira própria de apresentar os fatos. Beth Costa¹³⁹, em depoimento ao documentário da BBC (1993), lembra que as notícias tiravam o peso negativo da inflação, mostrando seu lado positivo, dizendo, por exemplo, que a caderneta de poupança daquele mês renderia 30%, 40%.

¹³⁸ Lino (2002), p.3.

¹³⁹ Ela fora jornalista da Globo e presidente da Unidade de Jornalismo do RJ, em depoimento do documentário *Muito além do Cidadão Kane* (1993).

Atualmente, a Rede Globo detém 30% a 50% da audiência no horário nobre e uma participação de mercado que chega a 80%¹⁴⁰. Fica claro seu poder hegemônico enquanto preferida pela audiência nos horários de pico - período mais importante do ponto de vista comercial/publicitário.

Sonia Cristina Lino (2002) analisou os programas comemorativos dos 50 anos da televisão brasileira que foram produzidos pela Rede Globo. A história, exibida pela emissora, induz o público a confundir a história da TV com a da emissora, uma vez que constam poucas imagens de outras emissoras. O estudo também evidencia o papel que a televisão toma para si em conhecer a realidade, o mundo e seu impacto na política e na sociedade, uma vez que transmite valores e estabelece uma lógica narrativa que permite compreender o “mundo real” e as próprias vidas e sentimentos. Outra idéia que perpassa o conteúdo do programa *TV Ano 50* é a quebra de limites entre ficção e realidade tanto na dramaturgia quanto no jornalismo. Há tempos a Rede Globo tem se utilizado das novelas para tratar temas do cotidiano que acabam, inclusive, pautando o noticiário Global e de outros veículos¹⁴¹; além de recrutar atores para apresentar programas jornalísticos ou de trazer a vida privada de seus atores para preencher a programação de seus noticiários¹⁴².

Desde sua origem, a programação da Globo é fortemente estruturada por telenovelas (atualmente são cinco ao dia), que apenas recentemente têm tido alguma concorrência nos outros canais¹⁴³, e pelo telejornalismo (quatro nacionais e três regionais diariamente). O discurso de ambos foi analisado por Silmara Cristina Dela-Silva (2004), que constatou que embora privilegiem, cada um, a ficção e a realidade, os discursos são complementares e

¹⁴⁰ Dados do Ibope de 5 de julho de 2004 citados em Brittos & Bolaño (2004) p. 47.

¹⁴¹ Assim ocorreu com as novelas de Glória Perez que abordaram os dramas das mães cujos filhos desapareceram, do câncer e mais recentemente dos imigrantes ilegais brasileiros nos EUA, com a novela *América*.

¹⁴² O *Jornal Nacional* de 29/07/98 apresentou, durante 10 minutos, o nascimento da filha de sua apresentadora Xuxa. As matérias do *JN* não costumam passar de 2 minutos de duração.

¹⁴³ Atualmente (maio de 2005) o SBT reprisa *Os ricos também choram* e *Canavial de Paixões*, a Record conta com a nova *Prova de Amor*, e, finalmente, a Bandeirantes tem *Floribela*. Embora a concorrência entre as emissoras tenha aumentado, ocorre um interessante fenômeno de homogeneização, como colocou Bourdieu no caso dos noticiários. Os atores e equipe técnicas que hoje atuam e trabalham nas concorrentes da Rede Globo, fizeram escola justamente na Globo e agora levam o seu *know-how*, contribuindo assim para agregar a elas técnica e profissionalismo adquirido no “Padrão Globo de Qualidade”. A matéria “Ataque do clone” do jornal *Folha de S. Paulo* de 30 de outubro de 2005, p. E1 aborda este assunto.

dialogam entre si. Começando com o horário do *Jornal Nacional* que se insere entre duas novelas. Dela-Silva constatou que ambos os discursos são moralizantes, ou seja, “associam a moral ao comportamento adequado, definido juridicamente ou, na sua falta, dos preceitos religiosos”¹⁴⁴. Os dois discursos constroem a realidade, embora se pretendam ser a própria realidade (no caso do jornalismo) e a sua recriação (na novela)¹⁴⁵.

Jobim¹⁴⁶ coloca o real e a ficção como formas do homem se relacionar com a História e, portanto, justifica a importância das novelas e telejornais na construção da realidade. Elementos que se fazem presentes simultaneamente na variedade de temas tratados pelo *Fantástico*, que privilegia assuntos tanto da ficção como da realidade, em uma combinação de entretenimento e informação. No caso deste programa, como será visto mais detalhadamente no próximo capítulo, esses discursos se fundem já na concepção da pauta. Assim, a transmissão de imagens de uma notícia como o atentado às Torres Gêmeas de Nova Iorque (11 de setembro de 2001) lembra um filme de Hollywood e as crônicas de Denise Fraga¹⁴⁷ encenam acontecimentos verídicos de pessoas comuns. Cria-se uma atmosfera única em que ficção e realidade estão simultaneamente presentes ao longo do programa e em cada notícia ou quadro exibido.

Antes de entrarmos especificamente no detalhamento do *Fantástico*, é importante olharmos mais atentamente para o noticiário, gênero televisivo escolhido para ser analisado nesta pesquisa.

2.5. O noticiário

O noticiário é hoje uma das programações mais tradicionais dos canais abertos brasileiros, destacando-se os apresentados pela Rede Globo, em especial o *Jornal Nacional* (1969-dias atuais) que é ainda hoje referência no jornalismo televisivo. Juntamente com as novelas, que propagaram o hábito de ver TV e construíram o lado ficcional da vida privada, os

¹⁴⁴ Dela-Silva (2004), p.118.

¹⁴⁵ Ibidem, p.124.

¹⁴⁶ Jobim, J. L. *A ficção dos limites e os limites da ficção*. In Gumbrecht, H. U.; Rocha, J. C. C. Máscaras da mimesis. Rio de Janeiro/São Paulo, 1999. Autora citado por Dela-Silva (2004), p.45.

¹⁴⁷ Comediante que apresenta um quadro no programa *Fantástico*.

noticiários trouxeram a chamada realidade para dentro dos lares, como uma janela para o mundo, transformando hábitos e conquistando, definitivamente, um espaço privilegiado para o aparelho de TV dentro dos lares. O espaço público conquistou assim, uma sede, com tempo e espaço próprio.

“O telejornalismo não só se reproduz como também é produtor de modos de ver o mundo e, ao se mostrar como resenhado do real, acaba de certo modo por ocupar o lugar da narrativa oral primitiva, apresentando-se como agente de difusão de experiências”¹⁴⁸.

Geralmente, os noticiários são diários, inserindo-se na vida cotidiana de seus consumidores e, portanto, agindo sobre a construção de sentidos e da realidade social, uma vez que são os principais canais por onde os indivíduos acessam os acontecimentos diários regionais, nacionais e internacionais. Mídia e cotidiano têm uma relação estreita de construir e ser construído, assim como o sujeito constrói o cotidiano e é construído a partir dele.

A constância, estabilidade e ordenação do cotidiano possibilitam conhecermos o mundo com segurança, resultando na construção da realidade individual e coletiva, ou social. O telejornal, nesse sentido, reafirma os acontecimentos da realidade, uma vez que os narra de maneira veloz e fazendo uso de inúmeras fontes que lhe dão credibilidade. Isso pode ser facilmente constatado quando observamos as transmissões *ao vivo*, que levam imagens às residências, como se o espectador estivesse ele mesmo testemunhando o acontecimento mostrado¹⁴⁹. Conseqüentemente, a realidade ali apresentada é, muitas vezes, vista como indiscutível.

“A busca da objetividade jornalística e o distanciamento crítico são fundamentais para garantir a lucidez quanto ao fato e seus desdobramentos concretos”, afirma o Manual da Redação da Folha¹⁵⁰, que poderia servir também para o telejornalismo. O que a *Folha de S. Paulo* oficializou no Manual está de acordo com os princípios defendidos pelo jornalismo,

¹⁴⁸ Dela-Silva (2004), p. 203.

¹⁴⁹ Fecé (1998), p.2.

¹⁵⁰ Manual da Folha (2001), p. 22. A publicação estabelece regras de redação e comportamento que seus funcionários devem seguir à risca.

em que o noticiário deve procurar ser neutro, objetivo e imparcial, tal qual a ciência¹⁵¹. No entanto, o próprio Manual admite que:

*“Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível”*¹⁵².

O jornalista, então, é tido como porta-voz que leva ao público depoimentos que, teoricamente, são exibidos de forma a compor uma série de visões, mas deixando a conclusão final a cargo do espectador. Mas tal é a forma com que ele constrói este discurso que as informações acabam sendo moldadas de acordo com os interesses do jornal, do editor e do jornalista. “Enunciar na mídia é enunciar segundo a interdiscursividade que determina as formulações da mídia, por mais que os jornalistas possam ainda afirmar que eles se pautem pela objetividade dos acontecimentos”, afirma Guimarães (2001)¹⁵³.

Como vimos, a televisão faz parte de uma indústria cultural e, portanto, trata suas notícias não apenas como relatos da realidade, mas, e principalmente, como produto. Assim, cada noticiário seleciona sua seqüência de assuntos que considera prioritários para o seu público alvo (consumidores), dando um enfoque que poderá diferenciá-lo de seu competidor. A consulta ao Ibope é hoje feita quase instantaneamente, permitindo inclusive modificar a duração de uma notícia que vai ao ar, pois essa ferramenta é o termômetro da “preferência” do espectador e que valoriza o preço dos espaços disponíveis no intervalo para agências de publicidade, que financiam o sistema televisivo. Aqui, o público e o privado se confundem. Há o interesse de se prestar um serviço público ao divulgar os acontecimentos do dia, as questões de urgência ou mesmo de proporcionar entretenimento para a população, mas há também os interesses das empresas de comunicação em cativar mais audiência que as concorrentes e a oportunidade de servir como estratégias de poder¹⁵⁴. A Aids, ao mesmo tempo em que constitui uma clara notícia enquadrada como prestação de serviços, por ser

¹⁵¹ A própria ciência, no entanto, revela constantemente seus valores, subjetividades e parcialidades (Lacey, 1998), assim como será discutido no Capítulo III e como poderá ser observado no discurso científico presente na divulgação da Aids no *Fantástico*.

¹⁵² Manual da Redação (2001), p. 45.

¹⁵³ Guimarães (2001), p. 15.

¹⁵⁴ Gomes, p.15, 2003.

uma questão de saúde pública, é um ótimo produto a ser vendido. O bom produto (notícia), então, deve buscar o diferencial, muitas vezes ilustrado pelo chamado “furo”¹⁵⁵ e pelo sensacional. O paradoxo é que, se por um lado há a busca pelo diferencial do produto, há também a contínua busca pela aproximação aos temas tratados pelos veículos concorrentes e que acaba gerando uma certa homogeneização das informações, pois os veículos estão sujeitos a pressões e pesquisas de opinião muito semelhantes. Fácil notar esta homogeneização ao assistir, em um mesmo dia, a noticiários de canais diferentes, pois exceto por uma ou outra notícia, a grande maioria (sobretudo as internacionais) são semelhantes. Essa homogeneização também pode ser constatada nas capas das principais revistas semanais¹⁵⁶ e dos jornais diários.

Bucci¹⁵⁷ afirma que por depender fortemente das imagens, o noticiário trata de notícias quando os fatos produzem imagens interessantes para serem divulgadas, caso contrário elas passam por nunca ter existido¹⁵⁸. No entanto, podemos lembrar que no telejornalismo nem todas as notícias são acompanhadas de imagens, mas apenas são narradas pelo âncora ou jornalista responsável. Poderíamos dizer, concordando com a afirmação de Bucci que os fatos não precisam produzir imagens reais para existir e estar nos noticiários, mas acabam reproduzindo imagens tão fortemente presentes no imaginário social que justifica que sejam noticiadas. A Aids pode ser um exemplo ilustrativo. Embora a epidemia em si não produza imagens (ao contrário de uma enchente, por exemplo), há uma enorme quantidade de símbolos¹⁵⁹ que podem ser traduzidos em imagens.

A realidade apresentada pelos noticiários é apenas aparente e parcial, e pode ser traduzida na análise feita por Magalhães (2005) a respeito da fotografia: “(...) não há objetividade numa fotografia, mas sim subjetividade que enquadra uma porção do visível, como se por

¹⁵⁵ Informação de grande impacto dada com exclusividade por um veículo de comunicação.

¹⁵⁶ As capas das revistas *Veja*, *Istoé* e *Época* na semana do dia 23/03/2005 trouxeram o novo lançamento do livro – *Zahir* – de Paulo Coelho, revelando o forte lobby da editora junto à imprensa, além da uniformidade entre as revistas, que não quiseram correr o risco de “perder” mercado, uma vez que o autor é um *bestseller* internacional, conhecido por tratar de temas lidam com auto-ajuda.

¹⁵⁷ Bucci e Kehl (2004).

¹⁵⁸ *Ibidem*, p.213.

¹⁵⁹ Como visto no Capítulo I, entre os símbolos pode-se citar: imagens relacionadas à ciência, à morte, peste, homossexuais e pacientes atingidos pela enfermidade, entre outras. O Capítulo IV contém estas imagens-símbolos em minúcia.

detrás se insinuasse o não-visto, uma realidade que se espraia além do que passou pela lente”¹⁶⁰. Substituiríamos assim, “fotografia” por imagens que aparecem no noticiário (como se cada quadro fosse uma fotografia) e “lente” por “lente da câmera ou filmadora”. Ou seja, o que é mostrado na TV pode ser tomado como uma versão dos fatos.

No discurso televisivo deve-se atentar para a presença de, ao menos, dois discursos principais – o texto (falado) e a imagem, que permitem leituras distintas. A diferença entre as linguagens justifica-se, de acordo com Artur da Távola, da seguinte forma:

“A palavra tem um caráter racionalista, pragmático, lógico, que se presta à modelagem de acordo com os interesses da ideologia, mas a imagem tem um caráter desestruturador. Enquanto a palavra (por ser originária da razão), estrutura, organiza, convence e persuade, a imagem, por sua natureza ‘poetizante’, ‘dramatizante’, e ‘surrealizante’, não se enquadra nos rigores racionais da palavra. A imagem pulsa e porta cargas que por suas características ‘dramatizante’, ‘poetizante’ ou ‘surrealizante’ ‘falam’ um idioma independente”¹⁶¹.

Embora o objetivo primeiro do jornalismo seja que texto e imagem sejam interdependentes, sejam voltadas para o mesmo objetivo de transmissão de uma notícia, digamos, é preciso atentar para a possibilidade dessas linguagens terem interpretações díspares. A imagem carrega, mais do que o texto, símbolos e mitos que podem contradizer, complementar ou ser independente das palavras e, portanto, exige um olhar cuidadoso.

Este cuidado pode ser traduzido nos três níveis de análise que Távola¹⁶² propõe para programas televisivos: a) o primeiro deles seria o patente, caracterizado pelos elementos concretos da imagem ou fala e que fazem parte de uma apropriação racional, intelectual, ou mesmo literal da informação que está sendo apresentada. Este seria, digamos, o ideal para o jornalismo, e pode ser exemplificado com as imagens de um político dando um depoimento ou da inundação de uma cidade após um dia de chuvas intensas. b) o segundo é o latente, que depende de uma maior acuidade do observador. Trata-se de um discurso oculto em que se expressam verdades e se escondem outras. “Embora não verbal e não óbvio, ele é

¹⁶⁰ Magalhães (2005), p. 26.

¹⁶¹ Távola (1984), p. 36.

¹⁶² Távola (1984), p. 246. Para mais detalhes veja a páginas 55 desta dissertação.

poderoso porque conota em profundidade o elemento afetivo-emocional”¹⁶³. Um exemplo ilustrativo seria a exibição de imagens de torturas aos novos sargentos do Exército, como parte de um trote¹⁶⁴. A longa matéria não tinha apenas a intenção de denunciar ao público sobre o fato, mas também de mostrar imagens sem qualquer censura e zelo, causando desconforto e mal estar, mas garantindo a audiência do programa. c) jacente, e que permanece em estado de concentração, incubação, transformação, intensa atividade interna. A colocação de uma notícia que exhibe, por exemplo, constantemente os terroristas como sendo palestinos tem um outro discurso jacente que poderia, por exemplo, justificar uma ofensiva dos EUA para com aquela nação ou mesmo estereotipar os palestinos como sendo todos terroristas. Pelas diferenças entre a segunda e a terceira serem muito tênues, poder-se-ia reunir as duas últimas categorias em uma única, descrita como: b) latente, ou aquela que não é literal ou de leitura de elementos concretos da imagem ou da fala, mas sim do discurso que está ocultado atrás da patente. Em outras palavras, seria aquela que está por trás do discurso, onde estariam as intenções, os valores, os mitos, o poder, e as ideologias do emissor.

Essa realidade selecionada para ser mostrada no noticiário deve atrair e divertir o público, justificando a tendência, identificada por Pierre Bourdieu (2001), de se escolher temas sensacionais e banais, como sangue, sexo, melodrama e crime, que sempre venderam bem, ao mesmo tempo em que distraem a atenção de eventos relevantes. “Quando se utiliza tempo precioso para dizer coisas banais, no sentido de que elas ocupam o lugar de coisas relevantes, estas banalidades tornam-se, de fato, muito importantes”¹⁶⁵. E o princípio que determina esta seleção é a busca pelo sensacional e pelo espetacular e, portanto, da dramatização, que toma forma por meio de palavras que exageram a importância do evento, legitimando-o.

“As vezes eu gostaria de retomar cada palavra usada pelos jornalistas dos noticiários televisivos, que as utilizam freqüentemente sem pensar e sem ter a menor idéia da dificuldade e seriedade dos assuntos que estão tratando ou das responsabilidades que assumem ao falar sobre eles na frente de milhares de pessoas que assistem ao noticiário

¹⁶³ Távola (1984), p. 247.

¹⁶⁴ Matéria de denúncia exibida com exclusividade pelo *Fantástico* no dia 13/11/2005.

¹⁶⁵ Bourdieu (2001), p. 247.

*sem entender o que estão vendo, e sem compreender que não o entendem. Pois estas palavras têm efeitos, elas constroem coisas –criam fantasmas, medos e fobias, ou simplesmente falsas representações”.*¹⁶⁶

Outro fator fundamental na televisão e no noticiário é o tempo. Cada vez mais os noticiários trazem um número maior de notícias, encurtando seu tempo de apresentação, justificando mais ainda o suporte de imagens que ajudem a fixar a mensagem para o telespectador. Desta forma, as curtas transmissões de notícias de interesse público, como informações sobre a Aids (o que será tratado mais adiante), podem ser pouco memoráveis, graças ao “atropelo” causado pela rápida sequência de notícias, com duração média de um filme publicitário (30 segundos), dificilmente suficientes para seu entendimento e absorção. É devido a este *flash* de informações que Bourdieu¹⁶⁷ coloca a TV como não sendo propícia ao pensamento, que justamente está ligado à necessidade de tempo para ser construído. A falta de tempo somada à velocidade de informação contribui para estimular a divulgação de estereótipos, clichês, preconceitos¹⁶⁸, que causam o empobrecimento da verdade. Mas que por fazerem parte do senso comum, facilitam a assimilação da informação.

A repetição de assuntos relacionados que causam impacto nos espectadores, como é o caso de violência, fome e tragédias, por exemplo, pode, ao invés de sensibilizar a audiência, passar a sensação de impotência diante de problemas de difícil resolução, ou então, banalizar os fatos de modo a serem absorvidos sem estranhamento ou indignação. No caso da Aids, esta banalização pode ter tido conseqüências importantes para criar um distanciamento do público para com as informações transmitidas. A transmissão de estereótipos e preconceitos em relação à doença e aos doentes não deve estar atrelada apenas à breve exibição das notícias, mas também pode ser feita quando o tempo é suficiente¹⁶⁹, apenas por fazer parte do senso-comum. Este ponto será considerado nas análises das notícias sobre a Aids, descritas no Capítulo IV.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 248.

¹⁶⁷ Bourdieu (1997), pp.39-40.

¹⁶⁸ Arbex, p.89. 2003.

¹⁶⁹ Como será possível observar na análise das matérias sobre Aids no *Fantástico*, em matérias com média de 7 minutos de duração, que para o telejornal pode ser considerado uma longa duração.

A repetição de fontes pelos jornalistas também pode limitar o espectro de visões sobre uma determinada questão. Bourdieu¹⁷⁰ descreve as “boas-fontes”, ou aquelas que conseguem se expressar de forma clara, como sendo os *fast-thinkers* (pensadores rápidos) que se sentem completamente confortáveis em falar diante de câmeras. Estes são os primeiros a serem consultados pelos jornalistas quando o tema é relacionado à especialidade da fonte, até porque se estabelece um vínculo entre jornalista e fonte que traz ganhos para ambos, menos para o público. Isso porque o jornalista consegue seu depoimento para a matéria (é sempre bom lembrar que o tempo para o jornalista escrever uma matéria é curto) e a fonte ganha *status*, uma vez que divulga seu nome e seu trabalho em rede nacional. Para o público, no entanto, ficam os mesmos pontos de vista sobre determinado tema. No caso do debate sobre células-tronco durante 2004 e 2005, uma das fontes preferidas pelos jornalistas tem sido a bióloga Mayana Zatz, da USP, que apareceu incansáveis vezes para esclarecer sobre o assunto. Zatz foi consultora da novela *O Clone*¹⁷¹, da Rede Globo, que trazia o tema da clonagem na trama, e costuma se expressar com facilidade e de modo carismático diante do público e das câmeras. O estudo das relações entre fontes e jornalistas e suas preferências certamente contribuiria para compreender a percepção pública sobre os temas científicos. Isso porque, diferentemente de outras áreas, como a economia e a política, o jornalismo científico – como veremos no próximo capítulo – ainda tem seu discurso muito dependente da visão do cientista e, portanto, tem tímida autonomia opinativa.

Para Deleuze e Guattari, a linguagem das notícias não é nem informativa nem comunicativa, mas transmite palavras de ordem¹⁷², estabelecendo um laço social que lembra constantemente os deveres do Estado e os deveres do cidadão. É comum assistirmos a notícias que tratem de direitos humanos, de punições daqueles que infringem a lei, de questões morais, entre outras, como se fosse a imposição de limites e valores que devem ser exemplares e que sejam esperados dos cidadãos. A moral (aqui posta com os valores do que é certo ou errado) surge como resultado da relação entre os sujeitos sociais. Mais uma vez, a análise do discurso jornalístico sobre a Aids se enquadra neste contexto, por ser um tema

¹⁷⁰ Bourdieu (1997), p. 40.

¹⁷¹ Novela transmitida de outubro de 2001 a junho de 2002, no horário das 20hs.

¹⁷² *Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro, editora 34, vol. 1. 1995. Citado em Gomes (2003), p.102.

extremamente moralizante (em função de envolver comportamentos interpretados, ao menos no início da história da doença, como desviantes do ideal social, por exemplo, os homossexuais e usuários de drogas) e pode exemplificar este ponto.

Mas será que a tentativa de transmitir a moral para a sociedade é cumprida? Os produtores de conteúdo, tidos como o filtro da moral (editores de jornais, direção das emissoras etc), teriam pouco controle sobre a forma que suas mensagens chegarão até os receptores, dada a diversidade de contextos existentes na sociedade e que definirão o sentido da mensagem recebida. No entanto, a enorme influência que a TV exerce na sociedade contemporânea acaba formando referenciais que são tanto mais diversificados quanto maior for o acesso a fontes de informação e à educação, que permitam à audiência avaliar as informações que recebe.

Os estudos de impacto das mensagens televisivas na sociedade devem procurar identificar como estes conteúdos são apropriados pela audiência sem esquecer das circunstâncias sócio-históricas em que as ideologias estão inseridas¹⁷³. Se a operação da ideologia aumenta nas sociedades contemporâneas graças aos meios de comunicação de massa, então aumenta também sua complexidade e ambigüidade, já que os símbolos agora circulam em contextos múltiplos, com tempo e espaço distintos e podem ser assimilados, interpretados, discutidos ou contestados de maneiras diferentes sem que se possa antecipar ou controlar esses resultados antecipadamente¹⁷⁴.

Quando se trata da Aids, como vimos no capítulo anterior, os símbolos e mitos estavam muito presentes no início da epidemia. Uma doença sexualmente transmissível em sua base, revelando modos de vida antes invisíveis para a sociedade e, portanto inexistentes, são levados à tona, causando desconforto e, conseqüentemente, encaixando-se perfeitamente como elemento moralizante. A sociedade, por outro lado, familiarizada com as mensagens televisivas, à linguagem jornalística, e ao seu cotidiano mostrado através dos noticiários, recebe as primeiras informações da Aids pela televisão, seu canal de contato com o mundo e com a realidade.

¹⁷³ Tester (1994), p.104.

¹⁷⁴ Thompson (1996), p.269.

O fato da Aids ter sido primeiramente identificada, em maior densidade, nos Estados Unidos, é um importante marco. Lembremos que os mais infectados, no início, eram homens homossexuais, cuja liberdade que estavam adquirindo era repudiada pelo governo republicano e moralista de Ronald Regan. Da mesma forma, os avanços tecnológicos e científicos estavam concentrados no mesmo país, embora não de forma exclusiva. Portanto, não seria de se estranhar que até na questão da construção da Aids a Globo pudesse seguir os exemplos norte-americanos, evidenciando assim uma enorme proximidade em todos os níveis existentes entre a sociedade brasileira e a norte-americana. Proximidade esta que a própria história da Aids acabou revelando, seja através do movimento *gay* e seu engajamento na luta contra a doença, seja nos altos índices de contração do vírus HIV¹⁷⁵ entre a população.

A Aids como enfermidade que nocauteou um país desenvolvido e de tantas influências políticas, econômicas e culturais como os EUA, no Brasil, tornou-se muito mais valorizada. É pensando nesta possibilidade que a análise da divulgação da doença no *Fantástico* poderá ganhar novos significados.

¹⁷⁵ Em 1988 o Brasil passa a ser o segundo país do mundo com o maior número de casos da doença, sendo que o primeiro em incidência da Aids eram os EUA.

CAPÍTULO III – *Fantástico* e a divulgação de ciência

3.1. *Fantástico* – dualidades de uma colcha de retalhos

“ (...) o *Fantástico* permanece na linha de uma revista feita para agradar os olhos e espírito, colocando o telespectador num mundo ameno, quando muito ameaçador, mas só longinquamente, lá nos Estados Unidos ou na Europa, com temas trazidos pelos correspondentes, onde o que ocorre não significa uma ameaça real”¹⁷⁶.

Dados recentes indicam que o *Fantástico* é o quarto programa de maior faturamento da Rede Globo, com uma média de 33 pontos no mercado nacional¹⁷⁷. Em seus 32 anos de história raros foram os momentos que a concorrência o superou em audiência¹⁷⁸. Foi ao ar pela primeira vez com o nome de *Fantástico: o show da vida*¹⁷⁹ em 5 de agosto de 1973, com o objetivo de ganhar a audiência aos domingos, voltada a programas de auditório e de humor popularesco. Mas o alvo era o público de nível social mais elevado, oferecendo um pouco de tudo que pudesse ser considerado de alto nível cultural, como trechos de óperas e balés, músicas nacionais e internacionais, notícias de cunho jornalístico, além de quadros de humor e mágica, de modo a mostrar na televisão uma realidade mais amena e atraente. O chamado programa-revista, apropriadamente empregado ao *Fantástico*, é composto por assuntos variados a exemplo da *Revista Manchete* (1952-1999), modelo que serviu de inspiração a José de Oliveira Bonifácio (o Boni)¹⁸⁰.

¹⁷⁶ Artigo de Artur da Távola para o jornal o *Globo* (14/11/1979).

¹⁷⁷ Este índice equivale a uma média de 24 milhões de telespectadores em todo o país, sendo que 71% deles pertencem às classes AB e C. Dados disponibilizados pela Rede Globo em seu site em novembro de 2005: http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_show/fantastico_ap.php

¹⁷⁸ Em 07/08/1983, porém, o Ibope registrou dois domingos consecutivos em que os Trapalhões (Dedé, Didi, Muçum e Zacarias), à época na TV Tupi, venceram o *Fantástico* por 40 pontos contra 35. Antes do terceiro domingo, a Globo tratou de contratá-los, inaugurando a estratégia “da geladeira”, expressão que descreve a negligência com artistas ou programas são tratados, seja pelo cancelamento do programa ou de sua exibição em horários de baixa audiência. Dados retirados de Mesquita (1999), p. 90. Outro momento de perda de liderança na audiência foi em 22 e 29 de setembro de 1991, quando o SBT transmitia reprises do “Topa Tudo por Dinheiro” que atingiram 40 pontos, contra 31 e, no segundo domingo a 37, contra 29 pontos. Em 2001, o jornal *Folha de S. Paulo* noticiou “*Fantástico* perde em audiência pela segunda vez em 28 anos” (12/11/2001). O responsável foi o *reality show* da emissora SBT “Casa dos Artistas”.

¹⁷⁹ Slogan que deixou de vigorar em 1988, embora até hoje continue sendo assim tratado pela imprensa.

¹⁸⁰ Idealizador do *Fantástico* e que hoje atua no corpo de Conselheiros da Rede Globo.

A característica de reunir elementos da realidade e da ficção não era uma idéia pioneira. No começo dos anos 1960, os Estados Unidos já discutiam o conceito de “jornalismo espetáculo”, então chamado de novo jornalismo em que passa a ser possível escrever jornalismo como um romance, mas garantindo o impacto do realismo nas emoções¹⁸¹.

As características do programa atenderam plenamente os objetivos do governo militar, então há 9 anos no poder, ao mostrar um Brasil alegre, bonito, e livre da realidade pesada e tensa que vivia. Nestes termos, as cores na TV, tecnologia possível a partir de 1974, permitiram a divulgação de uma realidade ainda mais otimista e menos cinza.

O padrão Globo de qualidade, que até hoje serve de modelo para as concorrentes, foi se consolidando como marca da identidade da emissora e meio de atrair audiência. Nele, não havia lugar para imagens de miséria, atraso econômico e cultural, pintando-se uma realidade otimista e fugaz.

Atualmente, o programa conta com quatro apresentadores dentre uma equipe de 70 pessoas, dentre os quais 9 editores, que, segundo informações da emissora, não atuam em diferentes editorias, como era feito nos anos 1980. Naquela época, Mesquita (1999) identificou 13 editorias, a saber: ciência, saúde, denúncia, cultura, Brasil, gente, religião/esoterismo, comportamento, consumo, aventuras e esportes, especiais, crônica e internacional. Na prática, o que se constata hoje é a mesma preocupação em contemplar todos esses tópicos. A divulgação de ciência, por sua vez, não ficava restrita à editoria de ciência, como notou Siqueira (1999), mas distribuída pelas demais, a exemplo do que foi notado em pesquisas com jornais (Marques de Melo, 1986; Bauer et al, 1995; Vogt et al, 2001¹⁸²). E esta ampla temática permite, com o passar dos anos, rearranjar o conteúdo de acordo com as demandas do público, sem que para isso seja necessário mudar a identidade do programa.

¹⁸¹ Mesquita (1999), pp. 52-53.

¹⁸² Pesquisa de Vogt et al (2001), pp. 135-180, publicado em Guimarães (2003).

Os 27 anos do *Fantástico* compõe o detalhado trabalho de Mesquita (1999)¹⁸³, que descreve as origens e a fórmula do que chamou de caleidoscópio da vida, tentando compreender sua manutenção no topo da preferência nacional. Sobretudo, a autora lembra que o programa funciona como um laboratório, onde inúmeras linguagens e formatos são testados e acaba exportando modelos para os outros programas jornalísticos da emissora e até mesmo os de entretenimento. Foi no *Fantástico* que os clipes musicais brasileiros foram criados, as bancadas dos âncoras abolidas, para deixá-los transitando à vontade no palco, as aberturas futurísticas de Hans Donner¹⁸⁴ inovaram a programação e diferentes dosagens de humor, esporte, mágica, tragédia e mistério foram experimentadas de acordo com o Ibope. Mudaram-se os cenários, os apresentadores e as aberturas ao longo dos anos, mas manteve-se a identidade.

O principal traço do programa é a valorização de histórias extraordinárias, bizarras e grotescas inspiradas no gênero *fait divers* para contar histórias na forma oral e escrita. Esse gênero surgiu na França do século XVI, primeiramente como gênero oral, onde histórias eram contadas em ambientes públicos, e do XVII, posteriormente¹⁸⁵ na forma escrita nos folhetins, sendo frequentemente utilizado pela mídia mundial nos dias atuais. Assim, é condição básica, dentro de todos os quadros do programa, que haja o encaixe nos moldes deste gênero. “(...) O *fait divers* proporciona assuntos que desviem da norma, levando o público a sentir-se melhor sobre si mesmo e descompromissando o autor da responsabilidade de analisar a história, ou seja, ao narrador cabe o papel de simplesmente mostrar, contar esta história”¹⁸⁶.

Os pontos fortes são as palavras de efeito: espetacular, inédito, dramático, interessante, assustador, dramático, pioneiro, luxo, exclusivo, arrepiante, maravilhoso, especial, fatal, fama, destruidor, descoberta, alerta, contaminação, polêmica, magia, mistério, trágico e

¹⁸³ O fato da autora ter sido repórter da Globo enriquece a pesquisa, uma vez que conhece os meandros, os bastidores do “fazer televisão” na principal emissora do país e a quarta emissora de comunicação do mundo, com suas 118 emissoras nacionais.

¹⁸⁴ Austríaco contratado em 1983 para cuidar das vinhetas produzidas com computação gráfica, dando um ar futurista ao programa e à emissora.

¹⁸⁵ Mesquita (1999), p. 45.

¹⁸⁶ Dubied, Annik e Lits, Marc (1999), citado em Mesquita, 1999, p.45.

cômico. Sempre presentes nesse programa-adjetivo, as palavras pretendem, sobretudo, tocar a emoção.

O *fait divers* é a espinha dorsal, a linha de costura que mantém tantos estilos coesos em um só programa e também o maior responsável por apagar os limites entre o que pode ser considerado como ficção e realidade. Conseqüentemente, o que é jornalismo - e que, portanto, deveria ser um relato ou uma análise da realidade - se confunde com os quadros de humor, mágica e espetáculo. Uma vez que as notícias e reportagens jornalísticas apresentadas no *Fantástico* se apóiam em fatos excêntricos, raros, incompreensíveis e misteriosos (apenas para exemplificar alguns), a realidade tende a se aproximar da ficção, e distanciar-se do espectador, que não a reconhece enquanto realidade vivenciada.

O trágico e cômico aparecem lado-a-lado no *Fantástico*¹⁸⁷. Se não se sobrepõem, pelo menos minimizam os tênues limites entre cada vertente. Não seria surpreendente assistir a uma notícia trágica, como a do tsunami¹⁸⁸ que atingiu 12 países da Ásia e África em 26 de dezembro de 2004, que possa ser seguida de um quadro de humor com Denise Fraga¹⁸⁹, ou dos resultados dos jogos de futebol da semana. A estratégia parece banalizar a tragédia ou os fatos, minimizá-los, ou mesmo dessensibilizar o espectador que é bombardeado com informações e imagens que mexem constantemente com suas emoções.

O cômico, na visão da *Poética* de Aristóteles, era o não-trágico. Mas ele não seria o único a insistir nesta separação. Por muito tempo acreditou-se que o cômico era o oposto de sério e representaria, assim, tudo que não se pode crer, não tem credibilidade, em oposição à verdade.

¹⁸⁷ A presença do trágico-cômico, o entretenimento-jornalismo, a realidade-ficção no *Fantástico*, veja descrições de dois programas completos, as matérias que o compõe e as entradas de comerciais, veja ANEXO A-III.

¹⁸⁸ Trata-se de um fenômeno que produz ondas gigantes em conseqüência de um maremoto.

¹⁸⁹ Comediante que interpreta histórias engraçadas ou pouco usuais de pessoas comuns, em que novamente a realidade vira ficção.

Para compreender o riso, diz Bergson (1993), é preciso localizá-lo no seu meio natural que é a sociedade¹⁹⁰ onde, portanto, tem uma função social. “O riso castiga os costumes; ele faz com que procuremos imediatamente parecer o que deveríamos ser”¹⁹¹, já que é fruto de um julgamento de traços que fogem da normalidade, como um mecanismo de ajuste, corregedor e criador. O drama, por outro lado, embora tenha seus elementos de anormalidade e julgamento, de acordo com Bergson, é compreendido como um estado que continua a se preservar, mesmo com o sentimento claro de horror que inspira, ao contrário do cômico que, uma vez revelado deve ser modificado ou amenizado.

Aparentemente, o trágico e o cômico ocupam espaços distintos, com limites claros. No entanto, Monica Pimenta Velloso (1996)¹⁹² acrescenta, em sua análise sobre a modernidade, que a caricatura, como um gênero do cômico teria, entre outras, a função de chamar a atenção para determinado aspecto, fazer pensar e mudar a percepção do cotidiano. Desta forma, trágico e cômico não precisam estar separados, mas podem complementar-se. Essa combinação é visível no caso das caricaturas sobre a Aids, como os cartuns inscritos na I Bienal Internacional de Humor¹⁹³ em 1997 (Xavier, 2001). Os desenhos foram analisados por explicitarem o imaginário social sobre a doença. Para Xavier, o riso é iluminado e iluminador por transgredir o senso-comum e o bom-senso, por apresentar uma nova ótica e inaugurar uma nova lógica. “É preciso rir das coisas sérias para poder lidar com elas sem temê-las, com verdade e ousadia”¹⁹⁴, disse justificando o uso do humor como ferramenta para a educação.

Esse não parece ser o caso do *Fantástico*. Nele, os elementos cômico e trágico aparecem lado a lado, indo de um a outro, com a mesma facilidade com que vão da ficção à realidade, do entretenimento à notícia. Essas passagens não são feitas de forma diametralmente oposta dentro do programa, mas intercalam-se de modo a não existir uma ordem lógica que não a de fragmentar a atmosfera de um e outro tema para não entediar o espectador e tornar as realidades ali apresentadas mais brandas. Essas mudanças, como descreveu Pierre Bordieu

¹⁹⁰ Bergson, *O riso*, 1993, p.21.

¹⁹¹ Ibidem, p. 26

¹⁹² Velloso (1996), p.107

¹⁹³ Alguns cartuns podem ser encontrados no ANEXO A-V.

¹⁹⁴ Xavier (2001), p. 23.

(1997), são feitas tão rapidamente, de um assunto a outro, que a reflexão sobre o tema apresentado fica comprometida com a chegada de uma nova série de imagens e informações. Quem nunca se incomodou ao notar que a notícia assistida já havia terminado, sendo substituída por outra, mesmo antes de termos registrado sua conclusão?

As dualidades do *Fantástico* parecem homogeneizadas aos olhos do telespectador, que identifica a identidade do programa mesmo em meio ao aparente caos de temas que o compõem. No final do domingo, dia de lazer e descanso, o público se informa, entretém e relaxa, antes de iniciar mais uma semana tomada pelas obrigações e pela seriedade dos noticiários, conhecendo a fonte da qual extrairão os acontecimentos mais marcantes do país e do mundo. Nada mais simbólico do que substituição do informal *Fantástico* pelo sóbrio *Jornal Nacional*, ao longo da semana. Este estado de relaxamento e desobrigação também influencia a maneira pela qual a audiência percebe os temas abordados, possivelmente deixando os limites existentes entre realidade/ficção, entretenimento/informação, trágico/cômico mais tênues. Como resultado, minimizam-se os impactos das informações e amplia-se o distanciamento em relação à realidade apresentada. Por outro lado, este estado descompromissado de receber informações aos domingos pode significar novas adesões a temas como os científicos e tecnológicos.

No mesmo ano em que o *Fantástico* vai ao ar, a Globo inaugura um escritório em Nova Iorque, um ano depois em Londres, mais tarde, em Paris, Portugal e Buenos Aires (1977) e depois em Washington (1982)¹⁹⁵. Com isso, melhora enormemente o acesso a pautas exclusivas e a fontes de informação no exterior, condição que se revelou oportuna para a cobertura da Aids, uma vez que os primeiros casos oficiais da doença foram reportados nos Estados Unidos, mais especificamente nas cidades de Nova Iorque, São Francisco e Los Angeles.

Em 1985, o programa da Globo aumentou a quantidade de matérias voltadas ao entretenimento, sem esquecer de atender “os valores da classe média conservadora, e ainda

¹⁹⁵ Citado em Brittos e Bolaño (2004), p. 217.

os comprometimentos políticos que a empresa sempre teve”¹⁹⁶. Paralelamente, neste mesmo ano, o governo brasileiro admite que o país vive uma epidemia de Aids e assume suas responsabilidades, estruturando o Programa Nacional de Controle da doença.

Neste contexto, será interessante atentar para a divulgação da Aids no *Fantástico*, entre elas a matéria “Combate a Aids no Brasil e no Exterior” (05/05/1985), que poderá esclarecer como foi a divulgação da enfermidade em rede nacional a partir deste momento, em comparação com os programas anteriores, tanto ao que se refere às atitudes do governo federal quanto ao tratamento com os pacientes soropositivos, principalmente em relação à moral de comportamento destes.

Mesquita, em sua dissertação sobre a história do programa, define uma fase de desenvolvimento do *Fantástico* de 1988 a 1992. Segundo a autora, o *slogan* “o show da vida”, criado para o programa, deixa de ser utilizado, embora até hoje ele seja uma referência utilizada por aqueles que mencionam a atração. É neste período que o gênero *fait divers* perde a ênfase para ceder lugar para matérias jornalísticas que fogem do sensacionalismo. A disputa pela audiência fica mais acirrada no horário nobre. As matérias de denúncia ganham destaque, como continuam até hoje e, em 1992, o programa conclui sua milésima apresentação.

O programa foi descrito como sendo “uma estranha combinação de elementos que se acrescentam à visão de mundo da Globo”, no documentário da BBC “Muito além do cidadão Kane” (1993), sobre o poder da Rede Globo e de seu proprietário, Roberto Marinho. O documentário exemplifica esta “estranha combinação” apresentando três chamadas do início de um programa: o incrível mundo de Disney World (turismo); visita da viúva Porcina a Cuba – personagem da atriz Regina Duarte na novela Roque Santeiro de 1985 (celebridade), –; e o perfil de um assassino de mais de 60 mulheres, cuja ficha policial

¹⁹⁶ Mesquita (1999), p. 116.

teria mais de três metros de extensão (crime)¹⁹⁷. Em novembro de 2005 era possível assistir a uma composição muito similar no programa¹⁹⁸.

“A cada dia se desvanece mais a fronteira entre o que se entende por jornalismo e por entretenimento. Nunca, como agora, tivemos tanto do ‘show da vida’, que o *Fantástico* anuncia desde 1973”¹⁹⁹. Gabriel Priolli acredita que a fórmula híbrida informação-entretenimento é a grande aposta da Globo para o sucesso mercadológico de seus produtos. Fica claro assim que a bem sucedida combinação do *Fantástico* influenciou o jornalismo como um todo, na lógica de que quanto mais variado em linguagem, temas e tons forem as matérias, maior será o espectro da audiência a ser atingida.

Nos anos 1990, o *Fantástico* se adaptou à chegada da internet, levando a interatividade ao ar, aumentando a participação do telespectador, através de enquetes que, na verdade, pouco revelam sobre a opinião pública, escolhas de programas ou contribuições que geram ou compõem suas matérias.

Em 1992 o jornalismo da Globo passou, definitivamente, a assumir o uso do ficcional para auxiliar a narração do real, por meio de reconstituições de fatos com desenhos ou gravações com atores, mudando o tom da produção das matérias²⁰⁰. Assume-se então o casamento do real e da ficção. E em 1995, incorpora-se matérias voltadas à prestação de serviços, marcada pelo jornalismo regional ou da comunidade, forma hoje consagrada nos noticiários regionais e também de inspiração estrangeira. O objetivo foi o de formar um laço ainda maior com a audiência através da cobertura de problemas de bairro, da realidade do cidadão, em prol de seus direitos.

¹⁹⁷ As informações em parênteses representam o assunto a que se refere a matéria, assim definida aqui apenas para melhor caracterizar a variedade de assuntos abordados pelo programa.

¹⁹⁸ O programa apresentado no dia 20 de novembro de 2005 mostrava logo na abertura um resumo das principais matérias (atrações) do dia: contato com índios isolados (antropologia); a cirurgia de laqueadura de trompas (medicina); caça aos raios cósmicos (ciência), o mistério da incorporação de espíritos (religião/misticismo) e como dizer não aos filhos (auto-ajuda). Para ver uma descrição de dois programas completos, as matérias que o compõe e as entradas de comerciais, veja ANEXO A-III.

¹⁹⁹ Artigo *Jornalismo espetáculo* de Gabriel Priolli em Pereira Jr, p. 189, 2002.

²⁰⁰ Brittos e Bolaño (2004), p. 221.

“(...) os telejornais da Globo passam no final da década a fornecer um cardápio de assuntos como um caleidoscópio de imagens, materializando uma apropriação temporal preexistente na sociedade. A efemeridade do presente, que se atualiza sem cessar, aparece sob a forma de imagens que mostram as misérias e agruras do mundo, ao mesmo tempo em que fala de curiosidade e amenidades diante de um público que assiste ao noticiário não mais na sala de jantar, mas nos múltiplos lugares onde a televisão passou a se espalhar”²⁰¹.

Aos domingos o *Fantástico* liderou enquanto gênero televisivo até 1985, quando outro programa revista estreou, na Rede Manchete, com o nome de *Programa de Domingo* (Mesquita, 1999, p.116), para concorrer com aquele que se inspirara justamente na *Revista Manchete*. E atualmente, a Rede Record exibe o seu *Domingo Espetacular*²⁰², em uma clara alusão ao *Fantástico*, investindo em cenários futuristas, dois apresentadores (um homem e uma mulher) e na fórmula de matérias que combinam ficção e realidade, jornalismo e entretenimento, tal e qual o concorrente. A cópia é declarada. Seus âncoras são ex-profissionais da Globo e, como tais, empregam sua voz e o gestual que lá aprenderam. Uma rápida mudança de canais poderia facilmente confundir o espectador, não fosse a diferença de horário²⁰³.

Gomes (2004) aponta uma função doutrinária no *Fantástico*, ao transmitir informações como palavras de ordem, com a função de ordenar, educar, disciplinar e controlar o cabível²⁰⁴. Essa afirmação vai ao encontro do que Deleuze e Guattari haviam apontado em relação aos noticiários, focalizados no capítulo anterior. No entanto, há dois pontos a serem atentados: o primeiro diz respeito à recepção das mensagens pela audiência, que depende dos contextos em que cada um está imerso e que poderá ecoar ou não. Em outras palavras, é preciso não subestimar a percepção pública; o segundo é o termo “doutrinário” utilizado pelos autores, que parece excessivo. Mais adequado seria substituí-lo por ideológico, do que aceitarmos, como sugere o filme 1984²⁰⁵, que a transmissão de palavras de ordem é o objetivo primeiro da comunicação em massa. Diferentemente, a ideologia de mercado

²⁰¹ Barbosa e Ribeiro in Brittos e Bolaño (2004), p. 221.

²⁰² De 10 a 16 de outubro de 2005, o programa ocupava o quarto lugar de maior audiência na Record, com 7 pontos percentuais nos domicílios da Grande São Paulo (de cerca de 5,23 milhões de domicílios), segundo dados do Ibope, publicados na *Folha de S. Paulo* em 30 de outubro de 2005.

²⁰³ O *Fantástico* começa por volta das 21hs e o *Programa de Domingo* às 18hs.

²⁰⁴ *Op. Cit.*, p.82.

²⁰⁵ Filme dirigido por Michael Radford, 1984, baseado no romance homônimo de George Orwell (1948).

direciona e lapida a programação televisiva mais intensamente do que nos outros meios de comunicação²⁰⁶, buscando atender a preferência do freguês - seja ele o Estado, o público, os compradores de espaços publicitários ou a própria emissora, em uma combinação de discursos e interesses. Nada garante, assim, que a emissão de palavras de ordem será absorvida e praticada pela audiência passivamente.

É inegável, no entanto, a importância da TV enquanto divulgadora de idéias e informações na sociedade moderna e por esse motivo, portanto, pode ser considerada como uma forte aliada na popularização de temas científicos e tecnológicos, ainda muito voltados para o discurso de seus especialistas, ou para o discurso oficial. Estas questões devem, de outra forma, promover debates e a conscientização que a ciência e a tecnologia, cada vez mais, dizem respeito a todos. Afinal, “na política pública, a consideração exclusiva dos aspectos científico-tecnológicos já não é suficiente como fonte de legitimidade. As decisões devem ampliar-se até iniciativas que contemplem o direito à informação e à participação por parte da sociedade como um requisito fundamental para o verdadeiro exercício da democracia”²⁰⁷.

3.2. A conquista de um espaço para a ciência e tecnologia

No mundo moderno e tecnológico em que vivemos é comum tomarmos a realidade científica como sendo a verdadeira. Se há o aval da ciência, há então credibilidade. Mas é importante nos lembrarmos da importância que a realidade cotidiana exerce sobre nossa relação com o mundo. Assim a realidade científica pode ser classificada como realidade de segunda ordem, pois ela é construída em cima de relações que se estabelecem no dia-a-dia. A religião, como a ciência, já fora a grande mantenedora da realidade social, mas no século XVII, com a primeira revolução científica, a crença começa a perder espaço enquanto única detentora do saber. O conhecimento transforma-se num bem econômico e que fornece para aqueles que o detém *status* e poder e democratiza-se por meio dos livros, da educação e da

²⁰⁶ Os jornais e revistas contam principalmente com a verba de vendas de seus exemplares através dos assinantes e, em segundo plano, e bancas de jornal.

²⁰⁷ Vogt e Polino (2003), p.69.

imprensa²⁰⁸. Abriu-se a possibilidade da expressão de outras formas de entender a realidade, conforme se estabelecem as interações homem-mundo e, no entanto, a verdade científica como verdade mais legítima deve igualmente ser desmistificada, uma vez que ela é uma forma de construir e entender a realidade, como será analisado a seguir.

Duarte (1989) afirma que ciência é baseada na construção de modelos que representam determinados aspectos da realidade, em uma maneira de construir a realidade ao invés de descobri-la, como anuncia o método científico. No entanto, embora esta construção da realidade seja contínua, há elementos que servem de base para esta construção e permitem a modificação dos fatos. Assim, a composição da matéria pode ter mudando sua interpretação ao longo da história da física, mas ela foi ganhando elementos que se adicionaram a percepções do cotidiano. Uma descoberta então, poderia favorecer uma compreensão da realidade, como muitas vezes ocorre na ciência, ou seja, primeiro descobre-se algo, para depois compreendê-lo através de uma construção.

O próprio conhecimento de mundo através da ciência sofre mudanças paulatinas, e aos poucos é lapidado, modificando a realidade ou mesmo desacreditando-a e substituindo-a. Dentro da ciência existem diferentes realidades, se considerarmos, por exemplo, as ciências naturais (exatas e biológicas) e as humanas, cujos conflitos são freqüentes, graças ao método de pesquisa de cada campo²⁰⁹. Dentro de cada área e cada disciplina também é comum encontrar-se muitas vozes dissonantes, uma vez que a realidade está sempre em constante processo de ser (des)construída. Parte destes embates se dá em função da compartimentalização, especialização das áreas de conhecimento, que tornam seus especialistas cada vez mais voltados para o seu mundo de atuação e menos atentos às influências e permeabilidades que cada questão científica sofre.

²⁰⁸ Democratizar aqui não quer dizer que o conhecimento tenha deixado de ser propriedade de alguns para estar disponível a todos, mas não há dúvida que ele passou a estar disponível a um número maior de pessoas, embora poucos ainda controlem a sua difusão e divulgação.

²⁰⁹ A principal diferença é que, enquanto as ciências exatas estudam objetos que se diferenciam daquele que o está estudando (ex. natureza-homem), as ciências humanas se debruçam sobre as questões humanas, ou seja, o objeto de estudo se iguala àquele que o está estudando.

Desde o fim da segunda Guerra Mundial, com a explosão das bombas atômicas sobre o Japão, a ciência, mais do que nunca, passou a ser problema de todos, evidenciando interesses políticos e econômicos que naturalmente culminam em questões éticas que ultrapassam os limites da academia. Neste sentido, os meios de comunicação, por meio dos jornalistas, constituem instrumentos essenciais para levar novos debates e problemas à sociedade.

“O discurso jornalístico, juntamente aos da história e da ciência, se caracteriza pela concepção de que servem à transmissão da verdade”²¹⁰. Desta forma, pode-se prever que a divulgação de temas científicos no jornalismo tem um peso ainda maior, ou seja, ele é duplamente legitimado, tanto pela voz do jornalista, quanto do cientista, dificilmente dando espaço para questionamentos e dúvida.

A divulgação de temas científicos e tecnológicos ainda está muito aquém da de temas de economia, política e esporte. A tendência, é que o discurso científico apareça como verdade e quando há questionamentos, o único habilitado a entrar em confronto com a opinião de um cientista é um outro cientista²¹¹. “É importante que o jornalista, diante de temas científicos, continue a exercer seu direito de dúvida”, sugere Graça Caldas²¹².

Certamente a qualidade das informações jornalísticas e da especialização do jornalista está intimamente ligada ao desenvolvimento destas áreas no país e, conseqüentemente, ao interesse da população. O jornalismo econômico e político especializaram-se e profissionalizaram-se já nos anos 1970, em função do crescimento econômico e posterior crise econômica e a mudança de regime político. Em 1985 a Rede Globo inaugurou a inserção de comentários econômicos nos seus noticiários, em função das crises e planos econômicos cíclicos em que o país estava vivendo²¹³. O comentário permite o questionamento e o esclarecimento de informações latentes aos fatos, abrindo novas perspectivas de interpretação ao público leigo, acostumado a ser apenas informado sobre os

²¹⁰ Dela-Silva (2004) assim analisou o discurso de telenovelas e telejornais da Globo ao retratar temas científicos, como a clonagem, o uso e tráfico de drogas e a falsificação e contrabando de mercadorias.

²¹¹ Rondelli (2004), p.110.

²¹² Caldas (1998, p. 214) citada em Rondelli (2004), p. 96.

²¹³ Brittos e Bolaño (2004), p.218.

fatos. O jornalismo científico, por sua vez, só começou a ensaiar uma expansão efetiva a partir da década de 1980²¹⁴. A Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC) é criada em 1977 e inaugura formalmente a especialização. Em 1982 é lançada a revista *Ciência Hoje*, publicada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o programa de TV *Globo Ciência* vai ao ar em 1984, três anos depois é publicada a *Superinteressante* (Editora Abril) e em 1989 surge sua mais forte concorrente a *Globo Ciência* (hoje *Galileu* – Editora Globo). Durante a década são abertos os primeiros museus de ciência no país, o país ganha seu primeiro prêmio na área de divulgação científica²¹⁵, e se multiplicam as seções de ciência nos jornais.

A formação profissional em jornalismo científico, no entanto, ainda era incipiente, basicamente dependente de profissionais autodidatas, e mais voltada para a tradução dos fatos científicos – como se pode ainda identificar na divulgação científica praticada hoje. Com isso, a tendência é que o profissional mal formado no conhecimento das ciências se ancore muito mais no depoimento de suas fontes, tendo pouca autonomia para opinar ou questioná-lo.

Dentre as principais fontes de informação dos noticiários de ciência e tecnologia estão as instituições governamentais, as sociedades científicas e as universidades (Princeton, 1996; Fapesp, 1999), por meio de seus cientistas. Esta parece ser uma tendência do jornalismo científico mundial iniciada pelos norte-americanos, que adotaram as citações de especialistas nas notícias, especialmente a partir da década de 1970 (Bauer *et al*, 1995). O grande problema das citações é que o discurso se constrói baseado nestas vozes, de modo acrítico, ao invés de dialogar com elas.

Eni Orlandi²¹⁶ enfatiza que a divulgação científica não se caracteriza como uma tradução do discurso científico para o jornalístico, como é proposto por alguns, mas um complexo jogo de interpretação entre estes dois discursos e que gera um terceiro, próprio do

²¹⁴ Mais sobre a história da divulgação científica brasileira em *Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil*, de Moreira e Massarani, in Massarani *et al* (2002).

²¹⁵ Ennio Candotti, atualmente presidente da SBPC, ganha em 1988 o prêmio Kalinga - patrocinado pela Unesco e que reconhece aqueles que se destacaram na popularização da ciência – pelo projeto da revista *Ciência Hoje*.

²¹⁶ Artigo *Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana* in Guimarães (2001), p. 23.

jornalismo científico. Este novo discurso mantém um diálogo com o discurso científico por meio do que a autora chamou de encenação, que dá credibilidade às enunciações e encena a fala do próprio cientista para o leitor²¹⁷. Outro ponto de conexão são as terminologias, que fornecem uma ancoragem científica, permitindo com que termos vindos da ciência circulem e sejam transmitidos por meio do novo discurso.

No entanto, esses traços da divulgação científica não garantem a ausência de tradução. Mais do que uma mudança de discursos é preciso haver uma mudança de posicionamento do jornalista em relação a sua fonte.

“O que pode-se verificar nas notícias de ciência é que elas freqüentemente enfatizam os resultados e conclusões voltadas para a melhoria na qualidade de vida. Sem dúvida estas informações são importantes, mas o público deve também conhecer as dificuldades, interesses, impactos, controvérsias e o processo de longo-prazo que permeiam a ciência e a tecnologia. Afinal, o objetivo da divulgação científica não é apenas informar mas também conscientizar o público e torná-lo participante ativo na prática científica, o que torna necessário ampliarmos o conceito de ciência”²¹⁸.

Por ampliação do conceito de ciência, deve-se entender a inclusão das ciências humanas - raramente presentes nas seções especializadas de ciência - o governo, a sociedade civil organizada, filósofos, historiadores, o mercado e a cultura como partes interessadas no processo de interação ciência-sociedade.

Nesse sentido, a televisão é uma importante ferramenta para divulgar e popularizar a ciência, pelo seu alcance e influência na sociedade. Vogt e Polino (2003) afirmam que a televisão é um dos principais meios de consumo de informação científica, de acordo com pesquisa de percepção pública. Contudo, “não há espaço na televisão para o abstrato, para o conceitual. É preciso tornar ‘concreto’, visível, por meio de imagens, desenhos ou dramatizações, para que o público absorva as informações veiculadas”²¹⁹.

²¹⁷ Entre os exemplos que podem ser facilmente identificados pode-se citar: *segundo* o cientista X; *ele se refere à* biologia; *especialistas concluem que*; *os resultados demonstram que*; entre outras. Orlandi (2001), in Guimarães (2001), p. 26.

²¹⁸ Barata et al (2004), p. 2.

²¹⁹ Siqueira (1999), p. 64.

Essa visibilidade pode ser obtida utilizando uma estratégia bastante recorrente no jornalismo, que é a aproximação de temas científicos com o público a partir de seu cotidiano. A aplicação da ciência a justifica, enquanto consumidora de investimentos geralmente públicos, como no caso brasileiro²²⁰. Muitas vezes, contudo, esta aproximação acaba forçando uma possível aplicação da pesquisa básica, em detrimento do processo científico que prevê a produção de conhecimento sem necessariamente gerar produtos. “Assim, há um apagamento dos percursos de produção de conhecimento”²²¹. O projeto do Genoma Humano, por exemplo, prometeu inúmeras e rápidas aplicações, uma panacéia para os problemas que a medicina e a agronomia ainda não conseguiram solucionar. Aplicações estas que foram divulgadas pela mídia, mas, sobretudo, pelos cientistas que quiseram justificar o projeto e seus custos.

A inclusão de depoimentos de pessoas comuns nas notícias de ciência e tecnologia é, da mesma forma, uma maneira de humanizar a ciência e mostrar que ela interessa a todos, como, por exemplo, nos casos de portadores de uma enfermidade, de moradores que serão desalojados para a construção de uma hidrelétrica, ou de consumidores de produtos que contêm soja potencialmente transgênica.

Para Siqueira, o lugar mais apropriado para se tratar de ciência na televisão são os programas de jornalismo científico, uma vez que os outros (em que os temas de ciência e tecnologia estão diluídos em meio à programação, como os noticiários) “divulgam representações, com seus possíveis equívocos e exageros. São lugares-comuns e ajudam, sim, a construir o mito da ciência”²²². No entanto, há de se convir que o simples fato do programa estar rotulado como sendo de “ciência” tende a inibir a audiência, assim, poderíamos concluir que há mais exposição de temas científicos na população quando estão inseridos na programação rotineira dos telejornais e até mesmo nos filmes e telenovelas. O fato de contribuírem para mitificar a ciência permite questionarmos a formação dos jornalistas e o aprimoramento da discussão do papel da ciência na sociedade e não,

²²⁰ Em 1999 o dispêndio nacional em pesquisa e desenvolvimento no Brasil era de 62,4% do Governo e 37,6% do setor empresarial. Fapesp (2001), p. 5-4.

²²¹ Guimarães (2001), p. 20.

²²² Siqueira (1999), p.69.

simplesmente, abriremos mão de ricos espaços que a televisão abriga para a divulgação de ciência e tecnologia. Outro problema é acharmos que a divulgação de temas científicos com qualidade só pode ser feita em programas especializados, fato que mantém a ciência elitizada e restringe o debate dentro dos limites da ciência, ao invés de torná-la propriedade da sociedade como um todo. De outra forma, estaremos destinando a divulgação científica a horários restritos e de baixa audiência²²³.

Na televisão, um importante marco da divulgação científica foi a chegada do homem à Lua, exibida mundialmente em 1969, como uma importante conquista do homem decorrente de sua ciência e tecnologia. O acontecimento também foi uma importante divulgação do poder e hegemonia norte-americana – consolidado com a bandeira daquele país sendo cravada na superfície lunar - que, no Brasil, já era (e é) visto como o ideal de desenvolvimento.

É justamente neste período, final de 1960 e início de 1970 que a medicina e a saúde passam a tomar o lugar da física²²⁴ na preferência da divulgação científica, para deixá-la para trás já na década de 1980, como constatou um detalhado estudo de conteúdo da imprensa britânica, de 1946 a 1990 (Bauer et al, 1995). O ponto de virada estaria no final da década de 1960 e início de 1970. Uma possível interpretação dos autores é que passa a haver um processo de medicalização das sociedades industrializadas avançadas, tornando a medicina tema prioritário. Poderia-se dizer que este processo foi impulsionado por avanços na medicina, com o lançamento da vacina contra a poliomielite em 1955, a pílula anticoncepcional em 1959, o crescimento de seguros de saúde privados na década de 1960, o desenvolvimento de drogas antivirais e imunossupressoras (que evitam a rejeição do corpo a órgãos transplantados) na década de 1970, a erradicação da varíola em 1977, o bebê de proveta em 1978 e, finalmente, o surgimento da Aids em 1981. O reflexo disso, certamente, é a mudança de *status* da medicina na sociedade e na conquista definitiva de espaço na divulgação científica dos meios de comunicação de massa, um dos principais aliados da indústria médica. Interessante notar como todos estes marcos estão de alguma forma ligados aos Estados Unidos. Roy Porter (2004) lembra que “a saúde tornou-se um setor fundamental de crescimento da economia norte-americana, abarcando a indústria

²²³ O programa Globo Ciência é exibido na Rede Globo aos sábados, às 6h30 da manhã.

²²⁴ A física desde a segunda guerra mundial representava o principal tema abordado na divulgação científica.

farmacêutica, os fabricantes de equipamentos para diagnóstico, instrumentos laboratoriais e aparelhos terapêuticos, e ainda o pessoal médico, as equipes hospitalares e sua penumbra de empresas financeiras, seguradoras, advogados, firmas de relações públicas e contadores”²²⁵.

“Mesmo tratada como bem de consumo, a saúde mantém seu poder de ser ouvida em qualquer instância”²²⁶, talvez por ser a medicina a primeira das áreas em que os avanços de ciência e tecnologia geram aplicações que beneficiam diretamente a população. Por este motivo, tem participação fundamental tanto na história da ciência quanto na divulgação científica. Mais do que qualquer outra ciência, ela lida com a vida e a morte e, portanto, reproduz os mitos e símbolos mais primitivos da humanidade.

Por suas características, a TV tem sido responsável pela maior exposição a informações de saúde e medicina para a população. Não se pode falar de campanhas de saúde sem se planejar uma divulgação via televisão. No caso da Aids, Arlindo Castro enfatiza que “em muitos casos a televisão parece ser mesmo a melhor maneira de atingir grupos sociais com pouco acesso a informações sobre a doença”²²⁷, afirmação que poderia ser estendida para outras enfermidades.

Elizabeth Rondelli²²⁸ resume bem o papel da televisão na divulgação de temas de saúde:

“ (...) a televisão consegue socializar algumas informações sobre a saúde, esforçando-se na busca de uma linguagem acessível e adequada ao seu público, na medida em que é governada pelos índices de audiência. Esta atitude, em si uma solução, pode ser também um problema, pois a televisão trata as questões de saúde a partir dos seus próprios critérios de relevância, que podem não coincidir necessariamente com os anseios de uma política voltada para um grande conjunto da população brasileira”.

Uma das dificuldades em se fazer uma divulgação efetiva de questões ligadas à saúde através da televisão é que o noticiário pode transmitir informações de qualidade, mas as cenas de novelas, filmes e comerciais podem contradizer as mensagens transmitidas. Um exemplo pôde ser verificado no caso da Aids, em que as campanhas frisavam o sexo

²²⁵ Porter (2004), p. 201.

²²⁶ Weber (1995), p. 154. Comunicação: estratégia vital para a saúde. In Pitta (1995).

²²⁷ *Televisão e Aids: questões para o planejamento* in Pitta (1995), 168.

²²⁸ Artigo *Mídia e Saúde: os discursos se entrelaçam* in Pitta (1995), p. 46.

seguro, mas este era absolutamente excluído das cenas de programas de entretenimento²²⁹, provavelmente em nome da estética, apenas para citar um exemplo. Esta contradição ou sobreposição de pontos de vista pode anular qualquer tentativa de conscientização.

3.2.1. C&T²³⁰ atendendo os requisitos do *Fantástico*

Para ser exibido no *Fantástico* não basta ser científico, é preciso ser inusitado, bizarro, inédito, como requer o gênero *fait divers*. A única proibição “é usar uma linguagem difícil nas reportagens científicas”, como diz o *site* oficial do programa. As escolhas ficam claras quando tomamos os exemplos a seguir: em (12/08/1973)²³¹ o programa divulgou o aparelho que, nos EUA, permitia aos cegos enxergarem ou a matéria sobre o menino norte-americano que vivia dentro de uma bolha (21/09/1975), em função de uma deficiência imunológica²³². A ciência é tratada muito menos pelo valor de suas informações, do que para legitimar o aspecto curioso dos fatos. Curiosamente, o jornalista responsável pela segunda matéria era o então correspondente nos Estados Unidos Hélio Costa, que abordaria oito anos mais tarde a primeira matéria sobre a Aids, mais uma doença do sistema imune no mesmo país, mas desta vez com a particularidade de atingir homossexuais e ameaçar os heterossexuais.

O programa foi pioneiro na divulgação científica desde seu início, quando o destaque era para a pesquisa em desenvolvimento em países avançados como os EUA, com destaque para uma abordagem sensacionalista, na maioria das vezes²³³. Não por acaso, as matérias selecionadas acima divulgavam pesquisas e acontecimentos que ocorreram nos Estados Unidos e assim permanece até os dias atuais, sendo a Globo uma importante disseminadora dos feitos científicos daquele país, importando imagens e matérias de emissoras, cultivando uma ideologia que lhe está enraizada desde os primórdios, quando precisou da ajuda dos

²²⁹ Arlindo Castro (2005) verificou que há escassez de cenas de sexo seguro na TV

²³⁰ C&T – ciência e tecnologia.

²³¹ Matéria citada em Mesquita (1999), p. 34.

²³² Informações divulgadas no *site* do programa na internet. Esta matéria foi descrita pela Globo como “uma das mais marcantes da TV brasileira”.

²³³ Pretto (1993), citado em Siqueira (1999), p. 96.

Estados Unidos para adquirir tecnologia e profissionalismo que viriam a ser sua marca. Essa relação, mencionada no capítulo anterior, foi fundamental na divulgação da Aids.

Apesar de suas ricas características, ampla audiência e história, o *Fantástico* foi poucas vezes objeto de estudo. Dentre as identificadas nota-se um traço em comum: a preocupação em avaliar a divulgação de ciência e tecnologia. O tema foi primeiramente debatido em artigo de Luiz Fernando Santoro, de 1982, e mais tarde nos mestrados desenvolvidos por Denise da Costa Oliveira Siqueira (UFRJ), em 1997, e Daniella Rubbo Rodrigues Rondelli (UMESP), em 2004. Apenas um trabalho fugiu do tema e preferiu abordar a história do programa em detalhes, como o fez Samla Mesquita (USP), em 1999.

Santoro avaliou que em grande parte das matérias o *Fantástico* reservava um bom espaço do conteúdo à divulgação de temas de ciência e tecnologia, sendo que a maioria era produzida no exterior, notadamente nos EUA. De um lado, o interesse pela pesquisa norte-americana se justifica por sua tradição em divulgação científica e pelo desenvolvimento de ciência e tecnologia²³⁴, mas, por outro lado, o autor chamou atenção para o fato das notícias científicas na TV brasileira (e o volume maior está no *Fantástico*) não deverem ser analisadas desvinculadas de seu aspecto político e econômico²³⁵. Nesta análise também fica claro que a distinção entre ficção científica e notícia científica no programa é difusa e “deixa muito a desejar”, fazendo com que o público “as receba igualmente como um espetáculo”²³⁶.

Em seu estudo qualitativo de 10 programas, Siqueira notou que o enfoque político do exercício da ciência nunca aparece²³⁷, mas sim “o valor de espetáculo que o produto [da ciência] possa oferecer, a capacidade que tenha de promover contemplação”²³⁸. A ciência também costuma ser abordada sempre de maneira conexa ao cotidiano dos espectadores,

²³⁴ Os EUA lideram o ranking mundial de maior produção científica, enquanto nação. Em 2004, eles foram responsáveis por 33%, segundo dados do *Institute for Scientific Information* (ISI).

²³⁵ Santoro (1982), p.103.

²³⁶ Ibidem, p.104.

²³⁷ Observação que Rondelli (2004) p. 103 compartilha.

²³⁸ Siqueira (1999), p. 138.

para aproximar-se dele, mas o resultado final é a divulgação de uma ciência embasada em mitos, rituais e simbolismos que renovam o imaginário social.

Rondelli fez uma análise do discurso do *Fantástico* baseada no princípio de que nenhum discurso está livre de intenções. Sua pesquisa concluiu que a maior parte das matérias avaliadas, cerca de 70%, fazem parte da editoria de saúde, sendo que não considera como científicos os temas ligados às ciências humanas. A pesquisadora discorda da visão de que o programa trate a ciência de forma sensacionalista, mas afirma que contribui para humanizar a ciência, uma vez que mostra sua utilidade e presença no cotidiano. Apesar disso, o pensamento científico é pouco desenvolvido.

Entre os temas científicos mais recorrentes no programa da Globo, estão: a medicina ou saúde²³⁹, seguido de viagens espaciais, desenvolvimento tecnológico e indústria²⁴⁰. Temas estes que também são predominantes na divulgação científica de jornais (Bauer et al, 1995; Princeton, 1996; Fapesp, 1999; Guimarães, 2001), somados às questões ambientais, geralmente por seu caráter mais prático. Essa preferência é coerente com a imagem que a população tem de ciência, que se traduz em grandes descobertas, avanços técnicos e melhoria da vida humana²⁴¹. Os temas de saúde ficam reservados para o fechamento, em matérias que podem passar de dez minutos de duração²⁴², ao qual o público é atraído através de repetidas chamadas para as matérias durante a abertura e os blocos precedentes. No início dos anos 1980, a direção do *Fantástico* resolveu tirar do ar as matérias de doença, criticadas pela imprensa da época, mas “voltaram com tudo em quatro meses, depois da direção da emissora ter recebido o resultado de uma pesquisa confirmando que o público sentia falta das matérias sobre saúde do final do programa”²⁴³.

Para o programa, assim como para a Rede Globo, a ciência é vista como panacéia dos problemas humanos. Aposta-se no desenvolvimento científico e tecnológico como forma de

²³⁹ Siqueira (1999), p. 113.

²⁴⁰ Santoro (1982); Siqueira (1999).

²⁴¹ Pesquisa de percepção pública da ciência realizada no Brasil, Argentina, Espanha e Uruguai. Vogt e Polino (2003), p.79.

²⁴² Nos telejornais diários uma matéria dificilmente ultrapassa 2 minutos.

²⁴³ Mesquita (1999), p. 100.

render progresso e riquezas ao país. Ideologia esta que está freqüentemente presente na divulgação de C&T, em detrimento do questionamento, da dúvida e da crítica em relação à ciência. Ao fazer isso, o *Fantástico* diz aos seus espectadores que a ciência pertence a um rol seletivo de pessoas que podem criticar, debater e modificar a ciência, mas que cabe ao programa apenas reportar, traduzir a linguagem científica.

Rondelli observou que a participação dos cientistas no *Fantástico* é feita muito mais pela autoridade que representa do que pela informação que tem a transmitir. Assim, “(...) em nenhum momento a informação científica é questionada diretamente pelo programa, que muitas vezes trata o cientista quase com deferência. Em nenhuma das matérias, mesmo aquelas em que as informações científicas sofrem algum tipo de confrontação, é possível encontrar um membro da equipe do programa questionando as afirmações de cientistas”²⁴⁴.

Hélio Costa, hoje ministro das Comunicações, era conhecido por suas longas matérias de saúde nos Estados Unidos que encerravam o *Fantástico*. Com um tom severo, Costa contribuiu para trazer aos telespectadores as novidades das pesquisas daquele país, enquanto símbolo do desenvolvimento científico e, portanto, econômico. Costa era o único correspondente nos Estados Unidos quando o *Fantástico* estreou e sua participação como tal foi encerrada em 1986.

Atualmente, o principal responsável pelas matérias de saúde no programa é o médico Dráuzio Varella. Seu quadro é um dos de maior apelo popular, uma vez que Varella costuma dar um tom pessoal e sincero às reportagens, sem a pretensão de deixar os temas superficiais. Esta importante prestação de serviço aos telespectadores hoje aborda uma série sobre sexualidade (principalmente em adolescentes), mas já tratou de questões relacionadas à obesidade, problemas cardíacos, à dificuldade de se abandonar o vício do cigarro, entre outras, ou seja, problemas que atingem a massa. Embora seja médico atuante, Varella não aparece na TV com jaleco branco ou estetoscópio ao pescoço, a exemplo de muitos profissionais de saúde que transitam pelas ruas, o que contribui para aproximar o público da temática, desmistificar a ciência e a soberania do cientista. O médico-repórter começou na

²⁴⁴ Rondelli (2004), p. 127.

Globo como especialista consultado sobre temas de saúde ou medicina²⁴⁵. Ele estreou sua participação na emissora como repórter apresentando uma série sobre corpo humano da rede britânica BBC, em 2001, e em seguida inaugurou seu quadro “E agora, doutor?”. Seu livro “Estação Carandiru” publicado em 1999 pela Companhia das Letras foi transformado no filme “Carandiru” das Organizações Globo, em 2003, e no ano seguinte, sua obra “Por um fio” (Cia. das Letras) se transformou em sucesso de vendas. Sua atuação na televisão populariza a medicina, as questões sociais relacionadas a ela, torna-o mais conhecido e certamente alavanca a audiência do programa.

3.2.2. A Aids atendendo os requisitos da mídia

Dentre os assuntos de saúde e medicina, é provável que a Aids seja, depois do câncer, a doença que mais esteve presente na mídia. Biancarelli (1997), por exemplo, identificou uma média de duas matérias que faziam referência à doença por dia, no jornal *Folha de S. Paulo* ao longo de 9 anos²⁴⁶. No meio acadêmico, é interessante comparar a importância da doença em relação a outras patologias, quando se verifica o número de periódicos especializados existentes: a Aids possui hoje cerca de 13 periódicos dedicados à sua pesquisa. O câncer, tradicionalmente com maior incidência entre a população, soma 56; enquanto a malária e a tuberculose, que matam mais do que a Aids, possuem apenas um periódico, cada²⁴⁷. Estes dados, aparentemente pouco relacionados, podem ser justificados. A academia científica revelou-se, principalmente no início da epidemia, como a principal fonte dos meios de comunicação de massa, seja como entrevistados ou articulistas. Assim, se a própria ciência abraçou a questão da Aids, priorizando-a, há uma tendência de se ter mais resultados, iniciativas, avanços e recursos humanos especializados para fomentar a divulgação científica. Sem dúvida, a Aids recebeu volumes de investimentos em pesquisa que doenças mais antigas²⁴⁸, nem por isso menos problemáticas, ainda batalham para conquistar. Embora a relação entre o interesse científico e da divulgação científica pareça

²⁴⁵ Varella é uma das fontes consultadas sobre a Aids nos programas analisados nesta dissertação.

²⁴⁶ O período escolhido foi de setembro de 1987 a dezembro de 1996. Biancarelli (1997).

²⁴⁷ A busca pelos periódicos foi feita através do *site* do Sistemas de Bibliotecas da Unicamp, que reúne mais de 17 mil títulos de periódicos. Utilizou-se para isso a ferramenta de busca com as palavras: Aids, câncer, tuberculose e malária. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

²⁴⁸ Um exemplo são as chamadas doenças negligenciadas, como a tuberculose, malária, chagas, febre amarela, geralmente concentradas nos países de população pobre.

claro, é preciso cuidado. Pesquisa de Colby e Cook (1991), por exemplo, indica que, embora a Aids tivesse níveis de mortalidade crescentes, assim como as pesquisas voltadas para a doença, a divulgação de notícias sobre Aids exibidas na TV não seguiu a mesma tendência, na década de 1980. Ao invés disso, os autores identificaram picos de notícias, conforme o interesse jornalístico sobre o que deve virar notícia. Há campo aqui para estudos comparativos da Aids, enquanto interesse da medicina, e outras doenças, voltados, por exemplo, para a produção científica, instituições, centros e grupos de pesquisas especializados, medicamentos disponíveis no mercado, patentes, especialistas, entre outros.

O que nos interessa aqui, no entanto, são as análises dedicadas a compreender a relação entre mídia e Aids. No Brasil, a maioria delas, como dito anteriormente, utilizou os jornais como objeto de estudo (Fortes *et al*, 1992; Galvão, 1992; Cortes *et al*, 1994; Biancarelli, 1997; Simões, 1997; Fausto Neto, 1999; Maksud, 2000; Ruon, 2001; Spink *et al*, 2001; França, 2001 e 2002; e Soares, 2001), outros poucos trabalharam com rádio (Santos *et al*, 1996) e revista (Castro, 2005). Sobre a televisão, as pesquisas se concentram nas campanhas de ONGs ou as oficiais governamentais nela transmitidas (Polistchuck, 1999; Hildebrand, 1995; Contrera, 2002). As campanhas preventivas na televisão, no entanto, começaram a ser veiculadas tardiamente na história da Aids, em 1985, quando a percepção pública da doença já estava em construção desde 1983, ano em que ganha espaço no noticiário nacional, como Aids, e o país anuncia sua primeira morte. O único estudo identificado que propriamente trata da divulgação da doença em noticiários televisivos, vem dos Estados Unidos (Colby & Cook, 1991).

Spink e colegas analisaram os quatro jornais de maior tiragem de junho a dezembro de 1996, período em que ocorreu a implantação da Assessoria de Imprensa do Centro Nacional de DST/Aids do governo federal. Foram identificadas 1220 matérias que tratavam diretamente da doença, com destaque para a abordagem sobre a terapêutica²⁴⁹. A análise descreveu o espaço ocupado pelas matérias, a forma discursiva e a relação das matérias com indicadores de conteúdo. A pesquisa conta com depoimentos de jornalistas e editores que esclarecerem sobre a escolha de pautas e o funcionamento do jornal. A Aids foi

²⁴⁹ Entre as categorias estabelecidas, estavam os temas: avanço de pesquisa, comportamento, prevenção, teste, transmissão, vacina e vários.

considerada atrativa para os jornais por reunir polêmicas, histórias humanas e pelo grande volume de informações que produz, como os dados estatísticos.

No livro “Imagens veladas: Aids, imprensa e linguagem”, Soares trabalha com a análise do discurso da Aids na *Folha de S. Paulo* no período de 1994 a 1995, caracterizando como o espaço do jornal foi utilizado para a divulgação. As notícias dirigidas para o caderno de Ciência, por exemplo, tinham um tom mais neutro e impessoal, retomando a idéia de encenação do discurso científico, mencionada acima. O discurso utilizado é frequentemente médico e científico, e a imagem da ciência aproxima-se à da religião – responsável por trazer a cura, esperança, mistério, crença e a salvação. Estes pontos de contato entre religião e ciência fizeram com que o discurso da Aids no jornal e nas mídias, como doença contemporânea, retomasse velhos mitos, sentimentos e símbolos.

A primeira década da doença, para França se caracterizou por notícias vindas de agências internacionais, que alimentaram as redações brasileiras. “Na tentativa de simplificar e traduzir em palavras e imagens o universo misterioso da doença, os jornalistas americanos criaram expressões, aprofundaram preconceitos e distorções que foram apropriados pela imprensa brasileira”. Desta forma a autora responsabiliza e culpabiliza a imprensa pela imagem criada na Aids e aponta seu despreparo ao lidar com a questão. Um dos exemplos citados é a disputa da descoberta do vírus da Aids que teria sido divulgada de forma confusa pelos jornais²⁵⁰. Falta-lhe, no entanto, a contextualização social necessária para compreender a razão que levou a esta construção da mídia. Uma das causas disso pode ser atribuída à confusão e falta de informações entre os próprios cientistas, principais fontes dos jornalistas para esclarecer sobre a Aids. O mesmo pode-se dizer da divulgação de estereótipos e preconceitos em relação aos soropositivos, como a ligação da doença ao homossexualismo e grupos de risco com sua posterior responsabilização pela disseminação da doença, como apontaram Barata e Magalhães (2005)²⁵¹. No entanto, França enfatiza que

²⁵⁰ “A princípio, os meios de comunicação não se deram conta dos lances dessa disputa [da descoberta do vírus da Aids] e nem ousaram contestar a divulgação da notícia da descoberta do vírus pelo americano Robert Gallo”, (França, 2001), p. 125.

²⁵¹ Trata-se de uma pesquisa preliminar que indica que a construção acadêmica da doença extrapolou os limites da dita neutralidade e objetividade científica, deixando transparecer seus valores, subjetivos e parciais, num clima altamente moralizante. A análise foi feita nos periódicos científicos *Science* e *Nature*, entre 1983 e 1985.

este despreparo da mídia pode ser atribuído à falta de fontes para consulta no Brasil, embora já tenha sido aqui mencionado que nos anos 1980 o jornalismo científico ainda era incipiente e a formação de jornalistas especializados inexistente, o que deve ter prejudicado a qualidade da divulgação.

Neste sentido, o trabalho de Biancarelli complementa o anterior uma vez que admite que embora a imprensa tenha reproduzido expressões preconceituosas na divulgação da Aids, “a maioria da imprensa evoluiu, aprendeu e adotou atitudes politicamente corretas, como se diz. Por exemplo, com exceção do uso em títulos, a palavra “aidético” foi substituída por “doentes de Aids” ou “portadores do HIV”; “grupos de risco” passaram a ser “grupos mais expostos ao risco”; e “drogados” viraram “dependentes” ou “usuários de drogas”²⁵². A mudança de discurso, novamente, é um reflexo das mudanças de conscientização científica e social da doença.

Castro verificou a divulgação da doença nas duas principais revistas semanais nacionais: *Veja* e *Isto É*. O enfoque deu-se, principalmente, nas questões ligadas ao pânico e à sexualidade, sobretudo o homossexualismo que era visto como responsável pela disseminação da doença e, portanto, poderia ameaçar os heterossexuais. Em ambas as publicações o marco zero da ameaça da Aids é o anúncio da morte do estilista Markito, em junho de 1983. O discurso das revistas se legitima através de depoimentos dos médicos, enquanto autoridades, e através dele se revalorizam práticas e comportamentos sexuais que tinham ficado para trás quando a sexualidade passou por profundas transformações a partir dos anos 1960.

Mas a grande luz é jogada pelo trabalho de Colby e Cook (1991), que analisou a divulgação da Aids nos três canais mais populares de televisão dos EUA – ABC, CBS, NBC –, de 1982 a 1989. Apesar dos índices de mortalidade estarem crescendo continuamente desde 1981, a cobertura jornalística sobre a doença não é uniforme ou sensacionalista, mas revela um atraso na divulgação das notícias em relação à história da doença. As primeiras

Trata-se de publicações freqüentemente usadas pela mídia para pautar temas ligados à ciência, e que teriam contribuído para a construção da Aids na sociedade.

²⁵² Biancarelli (1997) analisou a *Folha de S. Paulo*.

transmissões são de dezembro de 1982 e há o registro de três picos de divulgação da Aids: em 1983, 1985 e 1987²⁵³, que marcaram uma mudança na opinião pública e deram início à discussão e debate governamental. “A construção da Aids pela mídia influenciou não apenas como os indivíduos devem reagir, mas também como nós, enquanto sociedade e cidadãos, devemos atuar”²⁵⁴. Em 1986, após a morte do ator Rock Hudson, as emissoras de TV perceberam que a Aids era uma pauta valiosa e passaram a divulgá-la não apenas por meio de jornalistas especializados em ciência e medicina, mas também em legislação, política e assuntos regionais. As fontes com opiniões divergentes apareceram na mesma matéria, não apenas como resultado de uma melhor compreensão da Aids, mas pelo aumento da disponibilidade de fontes fora dos Estados Unidos, em função do crescimento de casos na Europa e África.

A análise de Colby e Cook fomentará a análise que se segue, não apenas em função da ausência de pesquisas semelhantes no Brasil, mas, sobretudo, porque revela a construção da Aids na televisão norte-americana. Como visto anteriormente, este país influenciou enormemente o governo militar, a estruturação da Globo, a divulgação científica, a história da medicina e a foi protagonista da história da síndrome. Assim, os resultados servirão para balizar a análise do programa da Globo e enriquecerão a compreensão da constituição da doença em rede nacional.

No caso do *Fantástico* é possível prever que a Aids, enquanto tema, atendeu a todos os requisitos necessários, principalmente no que diz respeito ao gênero *fait divers*. A epidemia permitiu a construção de um enredo composto por elementos indispensáveis a uma boa ficção científica, romance, novela e, porque não dizer, noticiário. Iniciando-se pelo **vilão**, representado pela própria doença, que desestabiliza a paz e a ordem até então estabelecida na sociedade. Com a descoberta do causador da doença, em 1984, o vilão ganha forma e um ano mais tarde, um nome: HIV – vírus da imunodeficiência adquirida em

²⁵³ Em 1983 o crescimento da divulgação se dá em função da crescente especulação de que a Aids atingiria níveis epidêmicos impactando toda a sociedade. Dois anos depois, o interesse da mídia seria renovado depois do anúncio de que o ator Rock Hudson teria contraído o HIV, em julho, mas diminuiria logo depois de sua morte em outubro do mesmo ano. Em 1987 a atenção se volta para a possibilidade da transmissão da doença entre os homossexuais e com o primeiro anúncio oficial do governo Reagan em relação à Aids.

²⁵⁴ Colby e Cook (1991), p. 218.

humanos. Dentre os vilões pode-se incluir os homossexuais, os profissionais do sexo, os usuários de drogas, os haitianos, os africanos e, mais recentemente os pobres, como aqueles que são responsabilizados pela disseminação da Aids. A transmissão por via sexual, prioritariamente, traz o **desejo** para o cenário e, junto com ele, a idéia de pecado e de julgamento **divino**, especialmente quando a doença ainda não tinha seus mecanismos biológicos desvendados. Para combater o mal e trazer o retorno da tranquilidade à população nossos **heróis** são aqueles capazes de resolver o problema, assim como a medicina e os cientistas. Contra eles ninguém se habilita criticar, duvidar, pois a frágil sociedade só os tem como única alternativa para reverter a situação. Poder-se-ia adicionar ainda as **vítimas**, que complementam o enredo e estariam representadas por inúmeros personagens que surgiram ao longo da história da doença, entre eles os hemofílicos, as crianças e as mulheres, sobretudo as casadas. Acrescenta-se a eles uma atmosfera de medo, incertezas e desconhecimento. Tem-se, assim, os ingredientes adequados para vender boas pautas e atrair audiência.

Preenchidos os requisitos necessários para o drama, a Aids ganha espaço garantido nas pautas dos meios de comunicação de massa e, mais especificamente, do *Fantástico*. É a primeira vez que um tema científico específico, como a Aids, está sendo analisado no programa e em noticiários televisivos.

Estes elementos atraíram a atenção da mídia para a doença, na década de 1980, mas já em 2001, Spink e colegas (2001)²⁵⁵ reconheceram uma diminuição no interesse da mídia. Fato este que pode ser atribuído a dois fatores principais: a mudança do perfil epidemiológico da doença e o avanço das terapias disponíveis e conseqüente melhora de vida de seus pacientes, “é possível que a Aids tenha perdido a natureza trágica, que lhe dava um caráter especial, e o ineditismo, que lhe conferia o estatuto de pauta quente”²⁵⁶.

É possível que as gerações da Aids – aquelas que nasceram após o surgimento da doença – e mesmo aqueles que viveram todo o rebuliço do aparecimento de uma nova ameaça à

²⁵⁵ Spink et al (2001), analisaram as notícias sobre a Aids que foram publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* e notaram que em 1994 havia cerca de 3,87 matérias por dia, número que passou para 2,27 em 1999.

²⁵⁶ Ibidem, p. 23.

humanidade, já se acostumaram à situação posta e baixaram as guardas. Este estado de relaxamento e a falsa segurança podem ser indicativo de que apenas o acesso à informação pode não ser suficiente para modificar atitudes e comportamentos. Mas é também possível que seja um reflexo da diminuição da Aids enquanto pauta dos meios de comunicação de massa ou mesmo da mudança de tratamento da questão, que estaria mais voltada para o tratamento, os medicamentos, as patentes e a divulgação de relatórios com estatísticas da doença.

O que se vê é um contínuo alastramento da Aids pelo mundo de forma silenciosa. Estudos de percepção pública sobre a doença podem contribuir para traçar estratégias que sejam capazes de sensibilizar a população, sobretudo os jovens, para se precaverem contra uma doença que há 25 anos era considerada a maior ameaça do século.

CAPÍTULO IV – O *Fantástico* apresenta a Aids ao público

A nosso pedido, o Centro de Documentação da Rede Globo (Cedoc) fez uma busca no arquivo do *Fantástico* para localizar as matérias sobre Aids que foram por ele divulgadas, localizando um total de 105²⁵⁷ em dez anos, de 1983 a 1992. Isso equivaleria a 20,2% dos programas ao longo da década²⁵⁸, o que não indica necessariamente homogeneidade ao longo dos anos. Para saber da relevância desta porcentagem, é preciso recorrer a análises sobre a Aids na mídia e também sobre a presença da ciência na mídia. Marques (2001) fez um levantamento de notícias sobre a Aids que foram divulgadas no ano de 1985, em um jornal diário, e constatou a presença de 300 notícias sobre o tema em diversos aspectos, ou seja, quase uma por dia (0,82/dia). Biancarelli (1997), verificou um número ainda maior na *Folha de S. Paulo* em 1996, ou 4,24 por edição que abordaram algum aspecto da doença. Já Spink e colegas (2001) encontraram uma média de 2,2 notícias sobre Aids por dia no jornal *Folha de S. Paulo*; 1,5 no *Globo*, 1,2 no *Estado de S. Paulo* e 0,8 no *Jornal do Brasil*, quando um período de 7 meses foi estudado em 1996. Embora o único resultado que poderíamos considerar mais próximo do analisado nesta dissertação seja o de Marques, por ter considerado o ano de 1985, fica claro que a cobertura do *Fantástico* em relação à doença foi modesta, ou seja, uma matéria a cada 5 domingos. Se considerarmos o número de notícias divulgadas por ano, esta proporção será ainda menor entre 1983-1986 e em 1990. No que diz respeito a televisão, poderíamos comparar a cobertura reservada à Aids com a divulgação de conteúdo científico e tecnológico. Barca (2004) analisou 293 edições de telejornais²⁵⁹ no Brasil e nos EUA, sendo que em 80,3% havia a presença de ciência e tecnologia. Dentre os temas mais frequentes estão as ciências da saúde que respondem por mais da metade (53,7%) do total de reportagens apresentadas. Ressalte-se que dentro das ciências da saúde existem inúmeras abordagens²⁶⁰, sendo que a Aids é apenas uma delas.

²⁵⁷ A relação completa das matérias se encontra em ANEXO A-I.

²⁵⁸ O cálculo baseia-se no total de programas *Fantástico* em um ano, ou 52, o que equivaleria a 520 em uma década.

²⁵⁹ Barca pesquisou o *Jornal da Record*, da Rede Record; o *Jornal Nacional*, da Rede Globo; e o *World News Tonight*.

²⁶⁰ Barca (2004, p. 216) definiu ciências da saúde como incorporando os seguintes temas: saúde, diagnóstico médico, tratamento médico, tecnologia médica, medicina preventiva, farmacologia, medicina veterinária, nutrição, saúde pública, genética e engenharia genética.

Além disso, é preciso lembrar que, diferentemente dos jornais ou telejornais, o *Fantástico* é um programa semanal e, portanto, costuma divulgar apenas as informações que mais se destacaram durante a semana anterior, agregando os requisitos exigidos pelo programa. Desta forma, não basta que a Aids gere informação para aparecer no programa de domingo da Globo, mas deve haver algum aspecto espetacular, ou pioneiro, dramático, incrível, único, novo, estarrecedor, extraordinário, desconhecido, misterioso, entre outros. A notícia deve assim, tocar a emoção do público, seja por seu elemento curioso, informativo ou emocional. Portanto, a Aids ter ocupado 20,2% dos programas exibidos na década, pode ser indicativo de uma boa exposição do tema à população, lembrando que o *Fantástico* é assistido atualmente por uma média de 24 milhões de pessoas em todo o país, segundo estimativas da Rede Globo.

Ao longo da década selecionada, a cobertura da Aids é bastante desigual, havendo uma incidência menor durante os primeiros 3 anos (1983-1986) e em 1989 (veja gráfico 1 abaixo). Marques (2001) observou uma lacuna na cobertura da imprensa brasileira sobre a atuação do governo desde a oficialização de uma atitude deste diante da Aids, em 1985. De fato é possível observar uma queda brusca na cobertura de Aids pelo *Fantástico* entre 1985 e 1986; mas também há um desinteresse pelo tema em 1984 e entre os anos de 1988 e 1990. Assim, embora os casos da doença estivessem aumentando continuamente no país (veja tabela 1 abaixo), o interesse da imprensa não foi proporcional. Assim também observaram Colby e Cook (1991), na cobertura de 3 telejornais norte-americanos analisada entre 1982 e 1989. Eles identificaram três picos de cobertura da doença: 1983, 1985 e 1987, indicando momentos em que a doença passou a ser problema do público geral, evitando assuntos que fossem superficiais para a audiência.

GRÁFICO 1

TABELA 1

As pautas sobre Aids selecionadas pelo programa *Fantástico* baseiam-se, principalmente, em:

- Eventos: científicos; dia internacional da Aids; manifestações públicas.
- Novidades: descobertas científicas; desenvolvimento de medicamentos, testes; primeiro hospital do mundo para tratar doença.
- Estatísticas: nos chamados grupos de risco (homossexuais, usuários de drogas injetáveis e hemofílicos, sobretudo), em presidiários, entre mulheres e heterossexuais; distribuição da doença nas diferentes regiões do país.
- Interesse público: nova legislação; situação dos hospitais públicos; falta de controle em bancos de sangue; campanhas de saúde; educação sexual; comportamento de risco; sexo seguro.
- Fatos pouco comuns: jovem se casa com portador de Aids; crianças portadoras do vírus da Aids sofrem preconceito; contaminação de enfermeiras; julgamento de homem que tenta doar sangue mesmo sabendo ser soropositivo; pacto entre “aidéticos” para disseminar doença; pessoa que contrai doença no dentista.
- Personalidades: morte de celebridades como Lauro Corona, Freddy Mercury; anúncio de contaminação de pessoas conhecidas como Herbert de Souza, Magic Johnson, Rock Hudson; festival de música em benefício das vítimas de Aids.

4.1. Cenário geral

Na história da Aids, o *Fantástico* foi pioneiro na divulgação do nome Aids na grande mídia ao exibir em 27 de março de 1983 a reportagem “Síndrome da Deficiência Imunológica-Epidemia do Século”²⁶¹ de Hélio Costa. Segundo Soares (2001), a matéria mais antiga sobre a síndrome a que ela teve acesso data de 3 de junho de 1983, publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo* sob o título “Congresso Debate doença comum entre homossexuais”, que já trazia o nome de Aids e constava que no Brasil ainda não teria sido diagnosticado nenhum caso. O *Jornal do Brasil*, no entanto, bate a *Folha de S. Paulo* com sua notícia de 21 de abril de 1983 de título “Congresso debate no Rio Aids, a doença que prefere os ‘gays’”. Outras notícias trataram da Aids anteriormente ao *Fantástico*, mas não nomeavam a doença desta forma. Entre elas: “Doença nova atinge homossexuais nos EUA” (30/05/1982), do *Jornal do Brasil*, e “Médico relatará o ‘câncer dos homossexuais’”, de 25 de março de 1983, da *Folha de S. Paulo*. Mais interessante é perceber a dimensão que o *Fantástico* dá à doença quando apenas em junho daquele mesmo ano apareceriam os primeiros dois casos de Aids no Brasil.

De forma geral, as 26 notícias selecionadas somam 178,08 minutos de duração ou pouco menos de 3 horas, o que equivale a uma média de 7 minutos de duração para cada. Se compararmos com os padrões das notícias televisivas, pode-se dizer que são notícias longas²⁶². Dos 105 entrevistados, a grande maioria é de cientistas (61), revelando uma prevalência do discurso científico no programa, da mesma forma que notou Soares, em sua análise de notícias sobre a Aids publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* entre 1994 e 1995, um período que o conhecimento científico básico da doença já estava bastante desenvolvido se compararmos com a década de 1980, ou seja, em que se esperaria uma menor influência da ciência. As próximas fontes que mais foram ouvidas são os pacientes de Aids (15), membros do governo (7), sociedade civil organizada (4) e pessoas envolvidas com pacientes de Aids (4). Há também de se considerar o público em geral que foi entrevistado

²⁶¹ A transcrição completa desta e de mais duas matérias (29/04/1984 e 21/08/1988) encontram-se disponíveis no ANEXO A-IV.

²⁶² Embora 2 minutos já possa ser considerado um tempo relevante nos telejornais diários.

(17), embora a grande maioria (14) tenha sido entrevistada na matéria 24 (**M24**)²⁶³, quando se faz uma matéria sobre comportamento de risco. Assim, é possível dizer que as matérias de Aids se sustentaram e justificaram em função da opinião de autoridades científicas, principalmente, com enfoque nos médicos e imunologistas.

Rondelli (2004)²⁶⁴ afirma que o *Fantástico* dá um peso maior para a pesquisa estrangeira e dedica pouco espaço para a pesquisa nacional. No entanto, na amostra selecionada verificou-se uma grande prevalência de especialistas e enfoque apenas nacional (16 matérias, ou 61,5%), sendo que em outras 3 o Brasil aparece junto com os EUA. Nas matérias exclusivamente internacionais, o país mais abordado, como era de se esperar, são os Estados Unidos (3), responsáveis, na década de 1980, pelo surgimento dos primeiros casos da doença e com a maior incidência de casos no mundo. A maior divulgação de temas nacionais e, dentre os internacionais, dos Estados Unidos, também foi verificada nos telejornais brasileiros (Barca, 2004).

Em uma das matérias do *Fantástico*, aqui analisada, esta tendência fica clara. O enfoque era a descoberta do vírus da Aids (**M3**), feita em conjunto entre um pesquisador norte-americano e um francês - como descrito no capítulo I. No entanto, o programa acabou priorizando o discurso da Secretária de Saúde dos EUA em defesa de sua nação quando afirma que “os pesquisadores americanos estão mais adiantados, porque conseguiram produzir o vírus em quantidade suficiente para ser estudado” (**M2**). Outros países também abordados são Inglaterra (2), França (1), Europa e África, juntos (1).

Os adjetivos usados nas matérias reforçam o gênero *fait divers* do programa: assunto *grave*, doença *misteriosa*, epidemia mais *violenta*, mal *fulminante*, avanço *assustador*, resultado *dramático*, estatísticas *estorrecedoras*, *esperança* na luta, *melhores* perspectivas, apenas para citar alguns. Eles poderão ser identificados ao longo da análise seja para instigar uma atmosfera dramática, caótica, de esperança, alegrias ou medo. O fundamental é tocar a emoção do telespectador.

²⁶³ Veja lista completa das matérias da amostra selecionada em ANEXO (A-2).

²⁶⁴ Rondelli (2004), pp.124-125.

A música de fundo e a narração estão muito presente nas matérias sobre a Aids. Santoro (1982) já havia apontado que a sonoplastia feita nos enfoques científicos do *Fantástico* “serve exclusivamente para reforçar a tensão do momento, na tentativa de dar à matéria um tom de mistério e suspense, tal qual uma série de ficção científica”²⁶⁵. Além disso, ela tem a função de indicar previamente qual será a abordagem - por exemplo, incitando medo, mistério, tensão ou esperança – resultado que também é obtido por meio da entonação, tom de voz e as feições dos narradores (Siqueira, 1999)²⁶⁶.

A autoria das matérias fica diluída em meio ao amplo número de repórteres em cada notícia, uma vez que são muitas as vozes ouvidas. Em **M4** participam da matéria 5 repórteres, em **M7** são 7 cientistas consultados e em **M24** participam 14 pessoas representando o público em geral. Os vários discursos são costurados de forma a se tornarem um único discurso jornalístico, o que nos permite apontar uma tendência interpretativa, que foi, sobretudo, ligada ao medo e à incerteza nas primeiras matérias, em que a doença ainda era desconhecida de todos, mortal e misteriosa, passando para a inclusão de um tom de esperança, com o surgimento de medicamentos que prolongavam a vida dos pacientes, até um tom mais ameno, neutro, como fica mais patente a partir da segunda metade da década de 1980.

O *Fantástico* dá amplo espaço para o discurso científico, sem questioná-lo, como se fosse a indiscutível verdade, dentro da busca pela neutralidade, objetividade e imparcialidade da ciência, tanto quanto do jornalismo. “É claro que a objetividade é um valor a ser buscado no conhecimento, assim como conhecer a verdade é um dos seus ideais, mas esclarecemos que há uma contínua introdução na ciência de idéias políticas, sociais e filosóficas que afetam o conhecimento”²⁶⁷.

Fica clara também a crença que o *Fantástico* tem na ciência. Em vários trechos aparecem afirmativas que indicam que a ciência vai resolver o problema da Aids, seja desenvolvendo uma vacina, um tratamento ou encontrando a cura. “Só resta que os cientistas encontrem a

²⁶⁵ Santoro (1982), p. 104.

²⁶⁶ Siqueira (1999), p. 139.

²⁶⁷ Magalhães (2005), p.48.

cura logo para este mal fulminante”²⁶⁸, afirma Hélio Costa. Outro exemplo se encontra na fala de Robert Gallo, considerado um dos descobridores do vírus da Aids: “na pior das hipóteses as pessoas que já têm a doença poderão ser tratadas, impedindo-se que o vírus se reproduza e se alastre de uma célula para outra”²⁶⁹.

A fé no rápido desenvolvimento de uma vacina que vá curar os pacientes de Aids é outro mito muito presente. Ricardo Veronesi²⁷⁰, na época presidente da Sociedade Brasileira de Imunologia, menciona que Robert Gallo já estaria desenvolvendo uma vacina com efeitos positivos e que em um ano a vacina poderia estar à disposição da população. No entanto, omite-se o longo processo de desenvolvimento, testes em animais, humanos e aprovação de vacinas com que a ciência está acostumada a lidar, tudo em prol da fé na ciência para resolver os problemas da humanidade. Em meio a uma atmosfera de medo, ganha o cientista que promove a sua atividade e ganha a emissora que vende esperança ao seu público, que por sua vez ganha um pouco de tranquilidade. Segue trecho sobre a convicção de Veronesi na ciência:

“Veronesi: O doutor Robert Gallo acabou de me telefonar, ainda ontem, dizendo que em chimpanzés a vacina está funcionando muito bem. Ele já está iniciando as vacinas para experimentação em humanos e vai reportar, agora em fevereiro, no nosso Congresso Nacional em Curitiba, ele irá reportar o resultado desta vacina e o estágio evolutivo que ele já conseguiu. Repórter: O Senhor acha que essa vacina poderia estar pronta quando? Veronesi: Bom, acho que no mínimo um ano ainda leva para que ela esteja à disposição”.

Como ocorre na divulgação científica, o jornalista muito mais traduz para o telespectador as informações passadas pelos cientistas do que as questiona. Com sua autoridade científica, os especialistas consultados extrapolam a dita neutralidade e objetividade científica, deixando transparecer seus valores, subjetivos e parciais (Barata & Magalhães, 2005). Assim, tomemos, por exemplo, o depoimento de Bijai Safai²⁷¹, médico do Memorial Hospital de Nova York. Ele explica que os médicos acreditam que a doença seja transmitida através do contato sexual de homossexuais, agulhas contaminadas e sangue contaminado nas transfusões, e conclui: “se conseguirmos controlar isto, a doença será

²⁶⁸ Afirmação do repórter Hélio Costa em **M1**.

²⁶⁹ **M3**.

²⁷⁰ Depoimento dado em **M7** - 07/12/1986.

²⁷¹ A ortografia do nome foi aproximada, uma vez que o nome não apareceu em legenda.

contida”. Fica assim evidenciado que deve-se então controlar o contato sexual de homossexuais, não se mencionando o possível risco de heterossexuais ou formas de prevenção da doença entre os homossexuais.

Outro exemplo aparece em **M7** em que o Dr. Walter Belda, professor da USP, informa que, para resolver o problema de contaminação do vírus entre o grupo dos drogados é preciso “tratar este indivíduo, para que largasse de tomar droga”. Neste caso, o simples uso do termo “drogado” tem sentido pejorativo, sendo preferíveis os termos “usuário de droga/entorpecente” ou mesmo toxicômano. Outro ponto é a sugestão de que a única forma de se evitar a Aids nestas pessoas seria evitar que elas consumissem drogas, o que culmina em uma questão ainda mais complexa e demorada, além de ser uma forma de julgar moralmente o comportamento destas pessoas, ao invés de propor o uso de seringas de injeção descartáveis, caso semelhante ao dos homossexuais apresentado logo acima.

Em sua análise da divulgação científica no *Fantástico*, Siqueira (1999) notou que “o mito da ciência também aparece no contexto da forma, já que esteticamente, por exemplo, os cientistas ou os representantes do saber, os especialistas, costumam aparecer em locais representativos de suas funções: laboratórios de experiências, consultórios e escritórios onde há grande quantidade de livros ou aparatos tecnológicos. Outro elemento rico simbolicamente, muitas vezes presente, se situa na esfera da indumentária: o jaleco branco trajado por médicos e cientistas”²⁷². Estas são características que para a autora contribuem para a mistificação da ciência²⁷³. Nesta análise, as imagens da ciência estão exaustivamente presentes: tubos de ensaio, laboratórios, cientistas vestindo o jaleco branco, óculos, estetoscópio, salas com livros, microscópios, imagens de células e bactérias em movimento no microscópio, entre outras. As qualificações dos cientistas, especialistas ou instituições de pesquisa são sempre enfatizadas, de forma a legitimar a informação dada pelos entrevistados. Entre estas, podem ser exemplificadas as referências: “Centro de Controle de doenças é a mais importante instituição de pesquisa de doenças contagiosas dos Estados Unidos” (**M1**); “Dr. Edward Brand, a principal autoridade da saúde pública americana” (**M2**); “Memorial Hospital de Nova York, o maior centro de pesquisas do câncer nos

²⁷² Siqueira (1999), p. 138.

²⁷³ Ibidem, p. 30.

Estados Unidos” (M2); “Universidade de Harvard, que está fazendo talvez a pesquisa mais importante para encontrar a cura da doença” (M2); “Dr. Cláudio Daniel Ribeiro morou seis anos na França e conviveu com o Dr. Luc Montaigner” (M3); “o mais revolucionário centro de estudos da Aids” (M6); “FDA é a ‘rigorosíssima’ agência do governo [norte-americano] que controla drogas e alimentos” (M9); “Raphael Cali, que estudou no Instituto Pasteur de Paris” (M9). Como pode-se perceber, são comuns também o uso de título de doutor (Dr.) junto ao nome do entrevistado.

Eni Orlandi (p. 23, Guimarães, 2001) afirma que uma das características do discurso da divulgação científica é a transferência de elementos do discurso científico para o seu, como uma “encenação” da fala do próprio cientista, por exemplo: segundo o pesquisador X; ele se refere à biologia; especialistas concluem que, e assim por diante. Estes elementos marcam a presença da legitimidade da ciência no discurso da divulgação científica. É possível notar também a explicação de termos científicos para o espectador, a exemplo de: “imunoadesina é uma substância que não existe na natureza” (M14); “linfócitos T, ou glóbulos brancos, são conhecidos como células assassinas” (M14); e “substância que recupera o sistema imune, chamada de substância imuno-estimulante” (M15). Um esforço de transmitir as informações científicas com a credibilidade da ciência e do jornalismo para o leigo, ao mesmo tempo em que a ciência é colocada como única verdade, autoridade máxima sobre os conhecimentos científicos e também sobre o bem estar da população, mesmo quando o interesse por temas científicos está mais associado ao conteúdo exótico ou sensacional do que pelo valor científico, propriamente dito²⁷⁴. Em outras palavras, recorre-se ao discurso científico para validar um discurso primeiro buscado pelo jornalista-editor-emissora e que poderá ser identificado ao longo da análise a seguir.

Tendo o tamanho da amostra escolhida para a dissertação, 26 programas²⁷⁵ ao longo de uma década (1983-1992), é difícil considerar fases muito bem delineadas. Seria preciso, para isto, considerar um número maior de matérias. No entanto, é possível, com base na história da Aids e em outros trabalhos que analisaram a presença da doença na mídia, verificar algumas tendências. A primeira delas estaria localizada entre 1983, quando se

²⁷⁴ Santoro (1982), p. 102.

²⁷⁵ Lista com todos os programas selecionados nesta amostra vide ANEXO (A-II).

iniciam as matérias no *Fantástico*, e 1985, representando uma atmosfera de medo e insegurança em relação a Aids. Trata-se de um conjunto de matérias que se ancoram na opinião de cientistas para compreender a doença, seus modos de transmissão, sintomas, mecanismo de ação do vírus e grupos de risco. Uma segunda tendência inicia-se em 1985, momento em que o governo brasileiro oficializa a criação de um programa nacional voltado para a doença, quando a doença chega ao Brasil e começa a revelar um sistema de saúde pública deficiente e ineficaz. A terceira e última, localizada a partir de 24/11/1991 (**M20**), com o anúncio de que Magic Johnson, jogador de basquete norte-americano contraiu o vírus da Aids de uma mulher. Até então, falava-se muito mais da transmissão sexual de homens para homens ou de homens para mulheres ou mesmo entre os usuários de drogas injetáveis ou pessoas que precisaram fazer transfusão de sangue. Assim, uma enorme parcela da população não precisava se identificar com a problemática da doença, afinal ela era a doença do “outro”, ou do estrangeiro²⁷⁶, como diria Susan Sontag (1988), ou seja, se ela atinge os *gays* norte-americanos, os refugiados haitianos e os usuários de drogas, não há motivos de preocupação para os demais.

A análise que se segue procura descrever cada uma destas tendências de maneira geral para depois trazer mais detalhes sobre características pontuais propostas na metodologia deste trabalho. Ao início de cada item proposto o leitor encontrará os títulos, data e duração de cada programa. Cada um deles está numerado, de forma a facilitar a citação ao longo do trabalho. Para mais detalhes, veja a lista completa dos programas com um breve resumo disponível no ANEXO (A-II).

4.2. A ciência e o medo apresentam a Aids

- **M1** - *Síndrome da Deficiência Imunológica - Epidemia do Século* (27/03/1983). Duração: 11min25seg.²⁷⁷
- **M2** - *A Luta contra a Aids - doença que destrói as defesas naturais do organismo* (26/06/1983). Duração: 5min12seg.

²⁷⁶ Para mais detalhes sobre o uso de metáforas na história das doenças veja páginas 26-27 do Capítulo I.

²⁷⁷ As transcrições completas das matérias sobre Aids referentes aos programas de 27/03/1983 (**M1**) e 29/04/1984 (**M3**) encontram-se no ANEXO A-IV.

- **M3** - *Descoberto o vírus da Aids* (29/04/1984). Duração: 7min2seg.²⁷⁸
- **M4** - *Combate a Aids no Brasil e no Exterior* (05/05/1985). Duração: 17min56seg.

De 1983 a 85, as matérias contêm um tom que reforça o medo, o pânico e o mistério, estampado nas músicas de fundo, imagens escuras, tom de voz grave do narrador, que direcionam a interpretação que o telespectador deve fazer da informação recebida. As informações científicas são priorizadas, principalmente no que diz respeito ao mecanismo de ação da doença e do sistema imunológico, formas de contaminação, sintomas, grupos de risco²⁷⁹ (principalmente “homossexuais, drogados, refugiados haitianos e pessoas que receberam transfusão de sangue”), busca por uma vacina ou tratamento e as ações dos cientistas e do governo, principalmente brasileiro. Os pacientes que aparecem identificados são em sua maioria norte-americanos (*gays*, um menino hemofílico). Nos demais casos, os pacientes não aparecem nem com nome, nem com rosto. É a fase, como dito, do medo. O preconceito e o desconhecimento são enormes, tornando a admissão da doença uma morte social e moral. Esta fase seria o equivalente ao que Rosenberg²⁸⁰ chamou de segunda fase da história das epidemias, ou seja, aquela em que tenta-se explicar a doença por meio da moral, religião ou razão (medicina). A primeira fase, que diz respeito à negação não está presente nas notícias do *Fantástico* e, por este motivo mesmo, não existiu, a exemplo da afirmação de Duarte (1989) sobre fazer parte da realidade: tudo aquilo que não constar nos meios de comunicação, não pode ser pensado e, conseqüentemente, não existe.

A Aids é descrita como: “doença misteriosa”, “totalmente desconhecida há dois anos”; “epidemia mais violenta do século”; “a Aids é fatal”; “mal fulminante”; “mais implacável que a leucemia e mais contagiosa que a hepatite”²⁸¹; “doença misteriosa”, “doença terrível”; “nova doença”²⁸²; “a doença que vem assustando o mundo inteiro”; “o chamado câncer *gay*”; “doença que destrói as defesas naturais do organismo”; “epidemia”²⁸³. Fica

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ A denominação de grupos de risco é bastante utilizada na saúde pública para traçar estratégias de combate a doenças, mas ao mesmo tempo, passa a ser um estigma para as pessoas que pertencem a estes grupos, mesmo que elas sejam saudáveis.

²⁸⁰ Citado por Silveira e Nascimento (2004), pp. 25-26.

²⁸¹ Todas citadas em **M1**.

²⁸² Todas citadas em **M2**.

²⁸³ Todas citadas em **M3**.

evidente que se busca adjetivar a doença de forma a reforçar o medo, o pânico e a tocar fundo na emoção do espectador que tem, constantemente, sua atenção chamada para a ênfase na Aids enquanto doença nova e fatal. Somado à descrição oral da doença estão as imagens que compõem uma atmosfera de medo, como: manchetes de jornais e revistas no exterior com ênfase para palavras “Aids anxiety”(em letras vermelhas); “Epidemic” (em letras maiúsculas); “Misterious fever now an Epidemic”; “Aids: a plage of fear” (M2); “The gay plague” (M2, M4)²⁸⁴. Imagens de sangue sendo retirado de pacientes, bolsas de sangue em movimento (bancos de sangue), imagens de células em movimento, portas de hospital com o dizer “isolado” (M4) ou “Aids: entrada proibida”²⁸⁵ (M7), causam o mesmo efeito de horror.

O que motiva o anúncio da primeira notícia sobre Aids é a publicação de um informe especial sobre a doença na revista semanal norte-americana *Time*. Diz o narrador desta matéria logo na abertura: “O assunto é tão grave que, nesta semana mesmo, foi motivo de nova reportagem de alerta numa revista da importância de *Time*”. Este seria o que na linguagem jornalística chama-se de “gancho”, quando um tema permanente adquire sentido atual e, portanto, justifica sua presença no noticiário. No entanto, o que chama a atenção do *Fantástico* à informação não é o fato do assunto ter sido publicado na *Time*, até porque fica implícito que esta não foi a primeira matéria lá divulgada (“foi motivo de nova reportagem”), mas sim o fato da Aids ter se tornado uma ameaça à sociedade, uma vez que ela “não pode mais ser rotulada como ‘praga do homossexual’” e passa a ser diagnosticada em crianças e hemofílicos, além de pessoas que pertencem ao “tipo de pessoas que contraem a doença: de cada 10 pessoas, 9 são homens, alguns hemofílicos e outros refugiados haitianos. 25% são viciados em drogas e certamente usam injeções com agulhas contaminadas, 70% das vítimas são homossexuais, razão pela qual no início a Aids era chama de ‘praga do homossexual’”²⁸⁶. Apesar da grande incidência entre os homossexuais, a ênfase é que a doença agora deve ser uma preocupação de todos, sobressaindo a

²⁸⁴ Manchetes que aparecem no final de M2 e na M4, quando há referência aos casos na Inglaterra, país que é mencionado provavelmente em função da disponibilidade de um correspondente da Globo, neste caso Renato Machado. As palavras sublinhadas são marcações da autora para indicar palavras em inglês, mas que seriam facilmente entendidas em português, as chamadas palavras internacionais.

²⁸⁵ Cartaz que aparece em porta de hospital que poderia ser interpretada tanto em relação ao trânsito de pessoas como à doença em si.

²⁸⁶ Citação referente à matéria M1.

informação sobre o cuidado que se deve ter com os bancos de sangue e hemofílicos, embora a mesma matéria divulgue que 27 pessoas nos EUA contraíram a Aids via transmissão, em um universo de mil casos registrados no país. Àquela altura havia 70 casos em outros países (principalmente Europa Ocidental, Canadá, Haiti, Ilhas Caribe e América do Sul).

Apesar da informação de que a doença já ter sido detectada em hemofílicos e crianças²⁸⁷, fica a ênfase da doença relacionada a grupos de risco – homossexuais, principalmente, viciados em drogas e refugiados haitianos, a exemplo das informações divulgadas pelos Estados Unidos. No entanto, não aparece qualquer imagem de usuários de drogas ou de “refugiados” haitianos, reforçando a imagem da doença relacionada aos homossexuais, que aparecem como entrevistados ou apenas compondo a seqüência de imagens das matérias. Da mesma forma, vê-se aqui a ausência de qualquer questionamento em relação às possíveis causas de transmissão e, ao dizer “refugiados” haitianos, marca-se a importância do discurso político-ideológico, ou seja, será que o vírus só ataca os refugiados e o deixa de fazer nos imigrantes legalizados? Perde-se, assim, a oportunidade de esclarecer ao público sobre a (compreensão da) doença.

Em nenhum momento se fala sobre métodos de prevenção como o uso da camisa de Vênus, que hoje é um dos principais meios de evitar a infecção do HIV. Fala-se, no entanto, em acabar com a prática sexual promíscua dos homossexuais (como se a prática homossexual não-promíscua pudesse deixar de transmitir o vírus e como se os heterossexuais e bissexuais não pudessem ser afetados).

As matérias de 1983 não possuem legendas, provavelmente por dificuldades técnicas, o que passa a ser possível a partir de 1984. Desta forma, a referência à fonte e sua especialidade

²⁸⁷ Logo na primeira matéria (M1) cita-se que a doença já foi diagnosticada em crianças, trazendo, inclusive, o depoimento de Joe Harvard, menino hemofílico de 11 anos, que teria contraído a doença por meio de transfusão de sangue contaminado.

ou papel é sempre dita e, em alguns casos, não é mencionado nem o sobrenome, nem a profissão²⁸⁸.

Entre os infográficos utilizados há, no primeiro programa, um esquema animado de um vaso sanguíneo, no interior do qual está um organismo, com aspecto de monstro de desenho animado e que representaria o agente patológico²⁸⁹ que invade o corpo humano, sendo atacado por células brancas ou anticorpos. Em nova seqüência, o agente patológico, agora considerado como sendo o causador da Aids, aparece no vaso sanguíneo, mas desta vez os anticorpos são destruídos. A intenção é mostrar como funciona o sistema imunológico, em uma clara tentativa de servir como ferramenta de auxílio para a divulgação científica. No entanto, nos dois programas seguintes, este esquema é substituído por outro que pretende explicar o mecanismo de invasão do vírus da Aids²⁹⁰ às células de defesa do organismo com sua posterior multiplicação, mas a explicação narrada não é compatível com a ilustração, tornando a explicação científica pouco eficaz. Assim, o esquema tem a mera função ilustrativa e não explicativa, de forma a indicar a complexidade do funcionamento do organismo.

4.3. A política entra em cena

- **M7** - *Rio e São Paulo – Aids no Brasil* (07/12/1986). Duração: 17min.
- **M8** - *Pesquisadores e cientistas brasileiros discutem as melhores maneiras de se ter um bom sistema imunológico para o combate da Aids e de outras doenças* (11/01/1987). Duração: 8min35seg.
- **M9** - *As alternativas do tratamento da Aids* (28/06/1987). Duração: 19min9seg.
- **M10** - *Coordenadora do Grupo Executivo de tratamento da Aids do Ministério da Saúde Lair Guerra fala da prevenção da doença durante o verão* (27/12/1987). Duração: 1min11seg.

²⁸⁸ Este é o caso do Dr. Paulo que é entrevistado por uma repórter, cujo nome não é mencionado, na matéria **M3**. Mais tarde, na matéria 4 – Combate à Aids (05/05/1985), fica claro que se tratava de Paulo Roberto Teixeira, da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e então primeiro coordenador do Programa de Combate à Aids da cidade e do país. Na **M4**, no entanto, também há falhas na informação no caso do Dr. Richar Tedder (sem legenda).

²⁸⁹ Aquele que causa uma doença, como vírus, bactérias, bacilos ou protozoários.

²⁹⁰ A esta altura já se menciona que a Aids seria causada por um vírus, embora ainda não se saiba qual.

- **M11** - *Aumentam os casos de Aids em São Paulo* (17/01/1988). Duração: 9min53seg.
- **M12** - *Simpósio em São Paulo reúne os maiores especialistas em Câncer e Aids do mundo* (21/08/1988). Duração: 2min38seg.²⁹¹
- **M17** - *Médicos em São Paulo alertam para o aumento dos casos de Aids no país* (15/07/1990). Duração: 2min9seg.

A partir de 1985, quando o governo federal brasileiro oficializa sua ação de combate à Aids, as notícias mantêm o tom alarmante e pessimista, mas desta vez enfatizando que a epidemia está se disseminando, aproximando-se do espectador e, portanto, muitas das mensagens são transmitidas de forma a culpabilizá-lo pela disseminação da doença, ainda reforçando os chamados grupos de risco, ou aqueles que praticam comportamentos moralmente indesejados: homossexualismo, uso de drogas, prostituição. O discurso científico passa a lidar também com a política: falta de investimentos em pesquisa, equipamentos para hospitais e recursos humanos para tentar conter a doença.

Nesta fase, a Aids chega ao Brasil e começa a se disseminar em ritmo acelerado, a ponto do país ser considerado o segundo do mundo com o maior número de casos da doença, já em 1988 (**M12**). São mostrados os primeiros mapas da doença na televisão, com dados produzidos pelo Ministério da Saúde e pelas Secretarias Estaduais. As matérias revelam o esgotamento do sistema público de saúde e a falta de verbas para tratamento de doentes, hospitais e desenvolvimento de novas drogas. O clima é de abandono e de caos no Estado, deixando cientistas e população de mãos atadas. As matérias têm, principalmente, o objetivo de informar, com leve denúncia, sobre o quadro instalado. O enfoque passa a ser mais político, embora envolvendo questões científicas, como ética na liberação de medicamentos ainda não totalmente testados e medicina convencional versus a alternativa. O conteúdo é fortemente nacional e fontes do governo passam a ser consultadas com mais frequência. O telespectador passa a ser fortemente responsabilizado para evitar que a doença se alastre ainda mais pelo país, mas a referência à doença passa a ser menos

²⁹¹ A transcrição completa desta matéria (**M12**- 21/08/1988) encontra-se no ANEXO A-IV.

dramática, como as descrições presentes nas primeiras notícias, como visto acima, indicando assim, que a doença já não é mais nova e desconhecida.

A matérias ganham mapas que indicam a distribuição da doença pelo país e entre os grupos de risco (homossexuais, usuários de drogas e hemofílicos, num primeiro momento, e heterossexuais e mulheres, posteriormente). Estes dados refletem os levantamentos epidemiológicos feitos pelo Ministério da Saúde a partir de 1985 (Marques, 2001)²⁹². O objetivo é apresentar como a doença está distribuída no país e, para isso, o programa contou com a participação de cinco repórteres, cada um para reportar a situação em um estado do país (SP, RJ, MG, RS e PR). Embora as principais fontes consultadas sejam cientistas²⁹³ (sete no total), a matéria focaliza a falta de atitude governamental em relação à doença que estaria agravando o quadro da doença no país, em uma denúncia que é fortalecida quando feita na voz dos médicos.

Desta vez, o elemento dramático não é mais o vírus ou a Aids enquanto objetos do desconhecimento, mas sim o descontrole na disseminação da doença que o *Fantástico* divulga como uma enorme ameaça a todos. Entre as afirmações com tom de urgência e que reforçam a gravidade do assunto estão: “uma epidemia de Aids igual à que está acontecendo nos países da África pode se repetir aqui”; “os médicos garantem que a situação chegou no limite”; “temos que entrar com urgência na grande batalha internacional contra a Aids”; “a situação está se agravando dia a dia”; “a precariedade do Rio é exemplo do que está acontecendo no resto do país”. O apelo do Dr. Vicente Amato Neto, da Universidade de São Paulo (USP), resume bem esta atmosfera:

*“A Aids é um problema seríssimo, é uma doença inexoravelmente fatal, uma doença que exige assistência médica inglória, porque ela é só humanitária, não há possibilidade de recuperação. É uma assistência médica caríssima. Aqui, a área da saúde no Brasil já está cheia de problemas insolúveis e nós ganhamos mais este. É preciso enfrentar este problema com coragem de uma forma permanente e não através de atitudes isoladas”*²⁹⁴.

²⁹² Marques (2001), p.154.

²⁹³ Um total de sete cientista, além de Herbert de Souza, então coordenador da Fundação Brasileira Interdisciplinar da Aids e, portanto, representante da sociedade civil organizada.

²⁹⁴ As palavras foram sublinhadas pela autora para indicar maior ênfase dada pelo entrevistado.

As principais denúncias são feitas em relação à falta de leitos e condições nos hospitais públicos para pacientes de Aids, a necessidade de se produzir mais testes de Aids nos bancos de sangue do país, além do preconceito e medo de profissionais da saúde em lidar com os soropositivos. Trata-se de informações bastante pertinentes para a compreensão pública da Aids e suas múltiplas facetas. São ainda divulgadas informações de uma especialista que garante não haver perigo de transmissão entre profissionais da saúde e pacientes, e de um médico que lembra que para tratar os pacientes não é necessário de “grande aparelhagem”, mas sim de recursos para cobrir os altos custos dos medicamentos.

O estado de calamidade pública na saúde do país apresentado passa a reforçar o papel da população no combate à doença. Novamente repetem-se as informações relativas à prevenção, como palavras de ordem. Segue a transcrição do trecho em **M7**:

*“**Narrador:** Os médicos chamam a atenção de todos para um ponto fundamental: a vacina é uma esperança, mas a grande luta do Brasil contra a Aids tem de começar agora e cada pessoa tem que tomar os próprios cuidados. O doutor Walter Belda, professor da Universidade de São Paulo, explica o que se deve fazer.*

***Dr. Walter Belda:** Evitar promiscuidade sexual, evitar a troca de parceiros, principalmente de parceiros desconhecidos, e na medida que se tem uma vida sexual ativa, existem algumas manobras que poderiam diminuir esse risco. Uma delas, por exemplo, é o uso de preservativo de borracha nas suas relações. Na medida que isso for feito nós diminuimos o risco da doença ser transmitida ou ser apanhada. Para o grupo do drogado – para estes os conselhos geralmente não chegam, né? – o drogado precisava de todo um cuidado especial, que é tratar este indivíduo, elaborar um processo que seria para que este indivíduo largasse de tomar droga. E para o indivíduo que vai fazer uma transfusão, que analise bem que sangue ele vai querer, quem é que vai doar este sangue e hoje tem uma tendência do indivíduo ir armazenando seu próprio sangue para uma futura transfusão. E aí eu lembraria uma coisa: não existe risco absolutamente nenhum em doar sangue. Se você quer doar sangue, doe, isso faz falta”.*

Há no trecho anterior elementos importantes como a divulgação do uso de camisinha nas relações sexuais, tema que sempre esteve ausente ao se falar em Aids, desde as primeiras matérias. Pela primeira vez, fica claro que não se pode sugerir que as pessoas não tenham relações sexuais – como era mencionado no caso dos homossexuais. No entanto, o discurso acadêmico, enquanto autoridade, evidencia os valores do entrevistado como agente moralizante. No caso dos usuários de droga, a forma de breicar a transmissão da doença não é o uso de seringas descartáveis, mas sim que “este indivíduo largasse de tomar droga”.

Outro ponto que fica claro é que, novamente, a legitimidade do cientista não é questionada pelo repórter, mesmo quando é dito que quem quer se submeter a uma transfusão de sangue deve analisar “bem que sangue ele vai querer” e ainda informa, erroneamente, que há uma “uma tendência do indivíduo ir armazenando seu próprio sangue para uma futura transfusão”. A crença no cientista, neste caso, fica muito clara, tanto do ponto de vista do repórter, quanto do próprio médico. À época já se sabia que o sangue tem prazo de validade de trinta dias, em média, e, portanto, não pode ser armazenado por muito tempo. Da mesma forma, quem precisa de uma transfusão, geralmente não está em condições de fazer escolhas, mesmo se os bancos de sangue tivessem à sua disposição quantidade abundante do produto. Assim, trata-se de um erro que passa em branco, sem questionamentos.

A matéria anterior refere-se ao ano de 1986, quando ainda não tinha se consolidado o Programa Nacional de Combate à Aids, o que só ocorre em outubro de 1988 (Marques, 2001, p. 178). Assim, a ausência de ação governamental dá à mídia e às organizações não governamentais ainda mais responsabilidade na difusão de informações relativas à prevenção e cuidados com a Aids, fato este que fica evidente com a informação que a primeira campanha de informação é de 1985, como resultado de uma iniciativa do Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (Gapa). A primeira campanha nacional governamental surge apenas em 1987.

Ainda na década de 1990, continuou o clima de cobrança dos cientistas para que o governo agisse com urgência. Dráuzio Varella, por exemplo, em **M17** (15/07/1990) afirma que “não basta dizer que as pessoas precisam usar camisinha. Nós temos que entregar a camisinha, tornar a camisinha disponível, colocar em lugares públicos onde as pessoas possam adquiri-las sem constrangimento e distribuí-las para quem não pode comprar, e distribuí-las nas cadeias também, que é um dos lugares onde mais tem sexo no Brasil”. Com estas palavras Varella, não apenas continua seu trabalho de conscientização sobre a doença, mas também tira um pouco da responsabilidade que as matérias e os médicos vinham colocando sobre os ombros da população.

A matéria **M8** discorre sobre inúmeras maneiras de se fortalecer o sistema imunológico e buscar a saúde, sem ajuda do médico. Embora tenha 8 minutos e 35 segundos de duração, nos quais 6 médicos participam com depoimentos, a matéria é superficial e banal. Os especialistas são consultados meramente para legitimar conselhos para fortalecer o sistema imunológico²⁹⁵ que o cidadão comum já sabe: parar de fumar e de consumir álcool, comer alimentos naturais, controlar as tensões do cotidiano e as poluições ambientais. Para as mães foi sugerido amamentar seus bebês. Talvez o único conselho que não faça parte do senso-comum seja a diminuição do uso indiscriminado de medicamentos, principalmente antibióticos.

O fato é que o sistema imunológico foi popularizado desde o surgimento da Aids, que exigiu explicações com esquemas e uso de metáforas para auxiliar o esclarecimento do mecanismo de comportamento do vírus HIV no corpo humano. Portanto, **M8** trata de um tema muito presente no noticiário, de forma amena, dentro do senso comum, características que estão plenamente de acordo com a afirmação de Bourdieu (2001) de que ao reservar espaço para temas banais, a mídia acaba tornando o fato importante²⁹⁶.

A matéria sobre a Aids mais longa é **M9**, com pouco mais de 19 minutos de duração e que trata de alternativas do tratamento de Aids. O gancho são as manifestações que estão ocorrendo nos EUA de pacientes que vivem com o vírus da doença e querem ter direito ao acesso a medicamentos ainda em fase de testes. Assim, introduz-se aqui um importante elemento na percepção pública da ciência e da doença, que são as discordâncias existentes dentro da própria medicina (alopatia X homeopatia; médicos que só usam medicamentos aprovados em seus pacientes de Aids X os que tentam uma combinação de medicamentos, mesmo quando ainda não são aprovados) e entre a medicina e a não medicina. O que se tem é a apresentação para os telespectadores de uma grande quantidade de substâncias que estão em uso nos EUA e no Brasil. O principal questionamento é se pacientes de uma doença sem cura devem aguardar pela aprovação de medicamentos ou teriam direito a usá-los mesmo quando seus efeitos ainda não são conhecidos? O que seria mais menos ético:

²⁹⁵ O termo “sistema imunológico” é exaustivamente utilizado, apenas para valorizar a informação científica, mas poderia facilmente ser substituído por “saúde”.

²⁹⁶ Para mais detalhes sobre esta reflexão ver Capítulo II, pp. 71-72.

liberar medicamentos sem comprovação de eficácia ou permitir que pacientes piores ou morram sem experimentar medicamentos em testes que poderiam salvá-los? Este é um rico debate que ajuda a desmistificar a ciência e a medicina, uma vez que elas passam a ser questionadas, seja pela sociedade ou pelos pares.

Para embasar a discussão são consultados 5 pacientes de Aids, 1 membro de uma ONG, 8 médicos²⁹⁷, 1 especialista²⁹⁸ e 1 membro do governo. Com esta rica gama de fontes, com a participação de três jornalistas, o objetivo é apresentar soluções ou alternativas ao tratamento convencional da Aids, que afinal nem garantiu a cura nem um tratamento eficaz dos pacientes. Quando a medicina não encontra soluções, corre-se atrás de outros meios. No entanto, isto é feito de uma maneira bastante equilibrada, mostrando os prós e contras da questão e as precauções a serem tomadas.

Cita-se desde produtos mais naturais ou não científicos, como o chá do fruto do pinheiro branco japonês e produto AL-71-Lecitina, à base de gema de ovo. Mas em ambos os casos, há a preocupação de dar credibilidade não apenas com os depoimentos de pacientes de Aids que os utilizam e sentem-se bem, mas, sobretudo, pelo fato do primeiro ser “uma novidade que veio do Japão” e “testado em universidade”, e do segundo ser produzido em Israel e ter o aval do “Dr. Robert Gallo” em artigo publicado no periódico científico *New Journal of Medicine*. Enquanto que os outros eram medicamentos ainda em fase de testes, entre os quais: interferon, ribobirin, supernasin, ampligen, entre outros.

Neste debate, fica claro que, mesmo sem o aval total da ciência, através de seus procedimentos usuais, as alternativas apresentadas recebem o apoio de autoridades médicas ou institucionais. Fala-se em esperança, novamente, e em manter os pacientes da Aids vivos e com boa qualidade de vida.

²⁹⁷ Dos quais 3 são homeopatas e um é considerado especialista em medicina natural.

²⁹⁸ Não é considerado “Dr.” Apenas Marcelo Pereira, que é nomeado especialista em acupuntura.

4.4. A Aids veio para ficar

- **M20** - *As vitórias e as dificuldades no combate da Aids no Brasil* (24/11/1991). Duração: 7min1seg.
- **M21** - *As manifestações pela prevenção e combate à Aids na Europa e na África* (01/12/1991). Duração: 1min57seg.
- **M24** - *Com o problema da Aids, chega uma nova expressão: o “sexo seguro”* (19/01/1992). Duração: 10min16seg.
- **M25** - *O comportamento de risco para contrair a Aids, variação de parceiros sexuais e a negligência do uso de preservativos alastram a doença* (09/02/1992). Duração: 8min23seg.

Na década de 1990, o discurso da Aids fica mais ameno, sem alarde, e sugere que a sociedade aprenda a conviver com os portadores do HIV e com a doença da melhor forma possível. Muda o perfil da doença e os heterossexuais e mulheres passam a ser os principais novos casos de Aids. Continua a cobrança de cientistas por mais ação do governo. A população passa a ser consultada sobre sua percepção em relação à Aids, como uma forma preventiva e não mais apenas os ligados diretamente com ela (como médico e pacientes). A discussão também amplia-se mundialmente, saindo do eixo EUA-Brasil. A expressão “grupo de risco” é definitivamente substituída por “comportamento de risco”. Iniciam-se matérias que se interessam em esclarecer como a população deve agir em relação à Aids, com os temas de comportamento, indicando que definitivamente a doença é problema de todos e veio para ficar.

A grande mudança se dá já na primeira matéria (**M20**), de 24/11/1991, com o anúncio de que uma mulher teria transmitido o vírus da Aids para um homem, neste caso o jogador de basquete dos EUA, Magic Johnson²⁹⁹. Mostra-se o aumento da incidência da doença entre os heterossexuais, com crescimento acelerado entre as mulheres³⁰⁰. Estas informações são divulgadas pouco depois do médico Luiz Melo Amorim ter informado que quem pertencer

²⁹⁹ Mais detalhes nas páginas 17 e 23 deste capítulo.

³⁰⁰ Crescimento de 629% desde 1980.

ao grupo de risco e estiver com alguns sintomas da doença deve fazer o teste da Aids. Pela construção do discurso ao longo da matéria fica a mensagem que, se o senso-comum indicava a relação da Aids apenas com o grupo de risco, como mencionado pelo médico, agora deve-se ficar atento para uma mudança neste quadro. Há um reforço também na existência de bissexuais, difíceis de serem estimados, entre os homens que se revelam heterossexuais, ao que o repórter conclui: “informações falsas podem estar prejudicando as estatísticas”. Há aqui um retorno à culpabilização da chegada da Aids entre os heterossexuais por meio de pessoas que preferem esconder a sua condição para os médicos e para a sociedade. O julgamento moral a todo o momento está presente, já que uma das formas de transmissão da doença é por via sexual. Em seguida Carlos Alberto de Sá, diretor do Hospital Gafrée Guinle (RJ), lembra que ninguém declara sua sexualidade. Eduardo Cortês, do Programa Nacional de Combate à Aids enfatiza que “o vírus da Aids passa por relação sexual do homem pra mulher; da mulher pro homem e do homem pra outro homem”. Com isso o programa divulga uma pesquisa³⁰¹ que indica falta de informação sobre a Aids entre enfermeiras que tratam de pacientes da doença. Com isso, pretende-se mostrar que mesmo aqueles que lidam com a Aids diariamente estão desinformados, quem dirá o público em geral. Esta construção é confirmada com a divulgação de um número telefônico da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids que é colocado à disposição para tirar dúvidas da população.

Um mês depois dessa matéria ir ao ar, o *Fantástico* exhibe outra bem no Dia Internacional da Aids (1º de dezembro – **M21**), fazendo um *tour* pelas várias manifestações que ocorreram no mundo: em Uganda, na Escócia, Inglaterra, Rússia e França. Fica a mensagem de que a doença está presente nos vários países e, portanto, preocupa a todos. Uganda, na África, no entanto, é o único país que aparece com uma imagem de enorme pobreza e desorganização. A primeira imagem mostrada é de um hospital com um paciente debruçado na cama, em um quarto sujo e abandonado, associação que ficaria cada vez mais forte em relação ao continente africano, hoje o principal afetado pela enfermidade.

³⁰¹ A pesquisa não é muito esclarecedora nos seus dados, entre eles estão: 35% revelam ter sofrido acidentes durante a manipulação de instrumentos hospitalares; 61% dizem não ter recebido orientação para lidar com os pacientes e 64% nunca fizeram testes de Aids.

A partir de 19/01/1992 (M24) o público começa a ser indagado sobre a Aids, não apenas mais com interesse naqueles diretamente afetados com a Aids, mas sim com o objetivo de sensibilizar a população para a prevenção. A repórter Glória Maria, hoje âncora do programa, vai às ruas perguntar sobre o que as pessoas entendem sobre “sexo seguro”, certamente um termo utilizado pelos profissionais de saúde para evitar a transmissão da doença. Logo na apresentação, a âncora Doris Giesse afirma que “muita gente está mais fiel porque não quer correr o risco de se contaminar. Mas quase ninguém sabe o que é sexo seguro”, com isso sexo seguro fica definido pelo programa como sinônimo de fidelidade. Inúmeros entrevistados por Glória Maria nas ruas definem a expressão que varia entre: abstenção de sexo, fidelidade, ou manter relações sexuais apenas com o uso de preservativo. Nesta primeira parte há a exibição de muitas imagens que indicam “sexo inseguro”, como prostitutas e travestis³⁰² nas ruas esperando por um “programa”, dançarinas seminuas em boates e casais beijando-se. Carlos Alberto de Sá, diretor do Hospital Gafrée Guinle³⁰³ (RJ) afirma que apesar dos homossexuais e “viciados” terem mudado seu comportamento frente à Aids, a população em geral não o fez. “É preciso mudar o mais rápido possível”, alerta.

A matéria é rica no sentido que vai até o público para saber como este tem se comportado em relação à sexualidade em pleno “tempos de Aids”. Entre os entrevistados estão três atores da Rede Globo: Adriana Esteves, Miriam Pires e Maurício Mattar. A primeira com uma personagem rebelde na novela “Pedra sobre Pedra” da época, representando as jovens, a segunda uma senhora, representando as mulheres mais velhas, e o terceiro conhecido por estar sempre acompanhado de mulheres, representa as pessoas que costumam ter parceiros múltiplos. Todos definem “sexo seguro”. Em seguida, os entrevistados também tiram suas dúvidas com o médico Carlos Alberto, em um ping-pong de imagens, entre perguntas e respostas. Os questionamentos são provavelmente os mais freqüentes da época, ou seja, representavam o senso-comum, as dúvidas dos telespectadores, a saber: A mulher está imune à Aids? O vírus atravessa luva de látex? É possível contrair o vírus através da saliva?

³⁰² A imagem do travesti aparece bem no momento em que o narrador diz a palavra “homossexual”, presente na seguinte frase: “a doença costuma ser associada aos grupos de risco: homossexuais masculinos, viciados em drogas injetáveis e hemofílicos. Mas muitas vítimas depois, alguma coisa está mudando no comportamento das pessoas”.

³⁰³ Ele é, sem dúvida, a fonte mais freqüente na amostra do *Fantástico* selecionada.

Ao final da “enquête”, Glória Maria conclui a matéria dizendo: “De tudo isso fica pelo menos uma certeza: enquanto não se encontra a cura da Aids, o sexo seguro chegou para ficar”. Termina com as mesmas imagens da abertura. O discurso, aparentemente neutro, estampa uma mensagem de retorno ao comportamento sexual moralmente aceitável, ou seja, a fidelidade.

Seguindo a linha da matéria anterior, **M25**, exibida um mês depois (09/02/1992), esclarece que comportamento de risco é aquele praticado por pessoas que se relacionam sexualmente com muitas pessoas e não usam camisinha. “Qualquer um pode pegar Aids se tiver um comportamento de risco, seja homem, mulher, homossexual ou não”³⁰⁴. Novamente com tom moralizante, a matéria focaliza prostitutas e travestis nas ruas fazendo programas com clientes, cujo perfil é descrito como sendo a maioria de homens casados. São eles que representariam agora a ameaça desestruturante da sociedade, uma vez que mexe com a base da família: o casamento. O próximo passo da reportagem é indicar que alguns travestis, portadores do HIV, cientes de sua condição optam por infectar outras pessoas com o vírus. Para sustentar esta hipótese, surge o depoimento de uma médica, Maria Inês Linhares, que trabalha com prostitutas, travestis e meninos de rua. Ela explica que alguns optam por contaminar outras pessoas porque “ninguém nunca se importou comigo, nunca ninguém ligou para mim, então, eu quero mais é contaminar todo mundo”. Com isso, conclui-se o discurso moralizante de que falamos acima. Para os que escolhem o comportamento de risco, a punição é a chance de contrair o vírus de pessoas mal intencionadas. O discurso científico é apenas utilizado para legitimar a construção moralizante da Aids.

4.5. Espaço para esperança

- **M5** - *Instituto Pasteur* (24/09/1985). Duração: 5min29seg.
- **M6** – *O primeiro hospital do mundo só para o tratamento da Aids* (31/08/1986). Duração: 2min42seg.
- **M12** - *Simpósio em São Paulo reúne os maiores especialistas em Câncer e Aids do mundo* (21/08/1988). Duração: 2min38seg.

³⁰⁴ Fala do âncora Celso Freitas.

- **M14** - *Cientistas americanos descobrem um novo remédio para a Aids, a imunoadesina* (03/09/1989). Duração: 1min30seg.
- **M15** - *Aids e imunologia no Brasil* (07/01/1990). Duração: 52seg.
- **M16** - *Os medicamentos contra a Aids foram liberados nos EUA* (27/05/1990). Duração: 1min30seg.
- **M19** – *Dra. Dora Simbenberg faz testes com uma vacina japonesa em aidéticos* (03/03/1991). Duração: 2min50seg.
- **M23** - *Cientistas britânicos testam remédio capaz de reduzir em até 50% as mortes de pacientes aidéticos* (29/12/1991). Duração: 1min7seg.
- **M26** – *Prof. Walter Accorsi estudioso das plantas medicinais está tratando Aids através da fitoterapia* (15/11/1992). Duração: 6min8seg.

As matérias aqui agrupadas mudam bruscamente o tom até então abordado, substituindo o clima de medo e ameaça por esperança. A música de fundo torna-se leve, positiva, dando aos telespectadores um certo alívio do apocalipse apresentado até então. Finalmente a ciência heroína traz soluções para aliviar a dor dos pacientes de Aids e diminuir o peso da responsabilidade que tem com a sociedade. Há um retorno do enfoque científico, com tendência de divulgar tratamentos alternativos ou medicamentos que apresentaram bons resultados no combate da doença, embora não sejam, em sua maioria, aprovados pelas entidades científicas e governamentais responsáveis. É possível, no entanto, notar um cuidado em esclarecer o público sobre os procedimentos científicos de aprovação de medicamentos, mas não há uma continuidade sobre os desdobramentos das pesquisas. Assim, novas matérias abordam novas substâncias, sem que haja menção sobre o sucesso ou insucesso das que foram anteriormente citadas. Entre elas estão a HPA-23 (**M5**); AS-1001 e THF-2 (**M12**); imunoadesina (**M14**); retrovir (**M15**), apresentadas como novos remédios que melhoram a qualidade de vida dos pacientes, mas com pouquíssimos ou sem efeitos colaterais³⁰⁵, são “mais eficientes do que o AZT”³⁰⁶, ou “podem aumentar as

³⁰⁵ Definições presentes em M12 e M15.

³⁰⁶ Definição presente em M14. O AZT foi aprovado em 1987 e até este momento era o único tratamento aprovado e eficaz na redução da multiplicação do vírus HIV, causador da Aids. Até hoje ele é utilizado no tratamento da doença.

chances de cura da Aids”³⁰⁷ no tratamento de pacientes de Aids. Há também o anúncio de KM, “a primeira vacina japonesa que está sendo testada pela primeira vez no tratamento de doentes com Aids” por uma médica brasileira (M19). As descobertas servem como gancho que justifica a informação e trazem uma dose de positividade sobre a Aids.

A primeira boa notícia (M5) é o desenvolvimento do medicamento francês HPA-23, apresentado pelo repórter Sílio Boccanera, correspondente na França. Desenvolvido pelo Instituto Pasteur, está ainda em fase experimental, mas aparece como a grande promessa para os pacientes de Aids, será experimentado inclusive pelo ator norte-americano Rock Hudson³⁰⁸. O repórter se incumbe de mostrar o tratamento potencial: “uma ampola dessas por dia, tomada sob a forma de injeção, vem atacando diretamente o vírus da doença”. E para legitimar ainda mais o produto afirma que “já vem sendo produzida com rigoroso controle de esterilização”, como se os medicamentos em geral não o fossem. Embora em testes, a intenção é mostrar ao espectador que falta pouco para se chegar ao tratamento. Há ainda o depoimento do diretor do laboratório francês que fabrica o HPA-23 que afirma que em 6 meses, após a conclusão dos testes, “o medicamento poderá ser vendido e usado em outros países, inclusive no Brasil”. Esta afirmação vai ao encontro a uma informação divulgada em M2, quando o narrador afirma que o Dr. Robert Mayer, nos EUA, vai testar injeções de ozônio em vítimas da Aids na ilha de San Martin no Caribe³⁰⁹ e o Dr. Carlos Alberto Correia, da Universidade Federal de Pernambuco aposta na vacina imunoparvum que poderá dar bons resultados contra a Aids. Logo em seguida, no entanto, entra o depoimento da Dra. Valéria Petri alertando sobre a venda de medicamentos que prometem tratamento, mas não produzem efeito. Assim, fica evidente que o próprio programa muda de discurso rapidamente, esquecendo, por vezes, o que já tinha defendido anteriormente. Neste contexto, a ciência é mistificada no sentido de prometer resolver os problemas da Aids, doença ainda incurável.

³⁰⁷ Definições presentes em M12 e M15.

³⁰⁸ O interessante é que o programa não menciona que Rock Hudson é homossexual, embora ele apareça ao lado de uma mulher, talvez para reforçar sua imagem de heterossexual.

³⁰⁹ Nem se questiona porquê, com tantos norte-americanos com a Aids nos EUA o médico, norte-americano, prefere ir testar sua vacina no Caribe. Poderia-se desconfiar aqui de testes em humanos.

O cientista Luc Montaigner, do Instituto Pasteur, ameniza um pouco o discurso afirmando que o HPA-23 não cura a Aids, mas impede que o vírus se multiplique, mantendo o paciente vivo e com chances de curar as doenças oportunistas que ele desenvolva. Montaigner continua dizendo que não há motivo para isolar os doentes de Aids, que a doença não se transmite pela saliva ou lágrimas, e que não é correto afirmar que a Aids é 100% fatal, uma vez que há pacientes vivendo há 4 anos com o vírus. Neste ponto há, pela primeira vez, menção de que esta pode ser uma saída para os doentes de Aids, ou seja, viverem com o vírus, sem desenvolver a doença, o que mais tarde viria a se confirmar. Minimiza-se assim o temor à Aids.

Outra informação importante é a desmistificação do pânico em relação à doença, quando o repórter afirma que na França, diferentemente dos outros países, não há um clima de pânico, de paranóia, ao que uma socióloga brasileira que estava na França confirma essa informação.

E as notícias boas continuam em **M6**, com a inauguração do primeiro hospital dedicado ao tratamento de paciente com Aids, onde profissionais de saúde receberão treinamento especializado para lidar com estes pacientes “sem medo”³¹⁰. O diretor da instituição, Peter Mansell, promete avanços nas pesquisas “que vão surpreender o mundo inteiro”. Mas o dado mais importante desta matéria é a possibilidade dos pacientes serem tratados sem preconceito ou medo pelos próprios profissionais da saúde. A conclusão mostra um dos pacientes sendo abraçado “como se fôssemos pessoas comuns”. Há aqui a humanização do paciente.

Em **M12**, quando se trata de um evento científico que ocorreu em São Paulo e reuniu “os maiores especialistas em câncer e Aids” é interessante notar que, mesmo quando é mencionado que o Brasil é o segundo país do mundo em número de casos de Aids, o tom da repórter é tranquilo, sem alarde, ao contrário do que seria facilmente encontrado nos primeiros anos em que a doença chegou ao país. Ela afirma que “os números divulgados

³¹⁰ Como afirma a enfermeira Mary Fisher, que é entrevistada.

pelo Ministério da Saúde preocupam” ao invés dos termos escolhidos pelo repórter Hélio Costa, de que “as estatísticas são estarrecedoras”³¹¹.

No caso da vacina KM que está em testes em Porto Alegre pela médica Dora Simbenberg (**M19**), fala-se das melhoras que tem proporcionado aos pacientes de Aids, como o aumento de peso e a diminuição das infecções secundárias. Um dos soropositivos entrevistados, um homem de 47 anos, aparece de costas e ao fundo, onde se pode identificar um quadro com a imagem de Jesus. Quando perguntado sobre sua crença na cura de sua doença ele responde (eu vou me curar, eu tenho certeza”, compondo ainda mais o cenário de fé construído para o espectador. No entanto, quando questionada sobre o poder de cura da vacina Dora responde em tom cauteloso: “até o momento é proibido falar em cura”.

Em 29/12/1991, **M23** divulga o que seria “a descoberta mais importante nos últimos cinco anos de pesquisa”. Trata-se de um tratamento que combina o AZT com o Ciclovir e que reduziria a mortalidade de pacientes com Aids em 50%, descrito como a descoberta mais importante desde o aparecimento do AZT.

Em **M26**, o entrevistado é Walter Acorsi, “o cientista que transforma a voz do povo em ciência”. A intenção é mostrar que as plantas medicinais, extensivamente utilizadas pela população são um conhecimento legítimo a partir do momento que viram posse da ciência. Diz o repórter Ernesto Paglia: “Muitos cientistas sérios desenvolvem pesquisas sobre plantas que curam em lugares renomados como esta escola, a Escola de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo”. Com isso, ele demonstra que o conhecimento popular, muitas vez invalidado, passa a ser valorizado quando é objeto de estudo dos cientistas. Acorsi desenvolveu um fitoterápico para o tratamento da Aids à “base de óleos de alho, copaíba e fígado de tubarão, combinados com extrato de confrei e ginseng, além de lecitina de soja, própolis e vitaminas”. A descrição do fitomedicamento rapidamente nos leva a lembrar das poções de feiticeiros ou mesmo misturas caseiras. No entanto, para legitimar ainda mais a ciência, o repórter conta com o depoimento de um paciente que utiliza o fitomedicamento, junto com o tratamento convencional, e de uma médica que

³¹¹ Expressão presente em **M4** (05/05/1985).

acompanha a evolução do quadro destes pacientes, que garante vê-los tendo uma vida quase normal depois do uso dos remédios do cientista. A intenção aqui, não é julgar a eficácia deste tratamento, mas sim indicar que, mesmo em uma cenário que poderia parecer pouco científico, o discurso é legitimado com os títulos do professor, da instituição, e com os depoimentos de um usuário e de outra cientista.

Como afirma Pierre Bourdieu (1997), a informação televisiva é perecível e, o pouco tempo e a rápida seqüência de informações não permitem tempo para a reflexão, assim, poucos notaram que tantas promessas científicas não se concretizaram ao final do tempo estimado, a exemplo das vacinas que até hoje não foram desenvolvidas ou dos medicamentos que nunca chegaram às prateleiras das farmácias. Conseqüentemente, é interessante citar que atualmente o AZT continua sendo utilizado no tratamento da Aids, junto com outras 17 drogas que através de diferentes combinações compõem o chamado coquetel contra a Aids³¹². Dentre as drogas mencionadas anteriormente tiveram sucesso o retrovir e derivados do ciclovir. Quanto às vacinas, ainda não se conseguiu nenhuma que pudesse curar os soropositivos ou prevenir a contração do HIV. No entanto, continuam sendo muito freqüentes as notícias na mídia³¹³ que divulgam esperança em vacinas que ainda estão em fase de testes, indicando uma contínua crença na ciência.

4.6. Paciente sem rosto e identidade

Durante praticamente todos os programas os pacientes da Aids, sobretudo os brasileiros, aparecem sem rosto e sem identidade, marginalizados. Eles são identificados por meio de iniciais³¹⁴, nomes fictícios³¹⁵, e costumam ser filmados de costas³¹⁶, de modo a aparecer

³¹² Informações extraídas do site do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.aids.gov.br>.

³¹³ Apenas para citar algumas mais recentes: “Vacina contra Aids é promissora, diz estudo no Brasil”, BBC Brasil de 29 de novembro de 2004; “Índia testa vacina contra Aids”, revista Galileu de fevereiro de 2005; “Governo de SP recruta voluntários para vacina contra Aids”, jornal *Estado de S. Paulo* de 28 de novembro. Há, no entanto, a proliferação de notícias que abordam as dificuldades de se desenvolver uma vacina em um tom que indica uma melhora substancial na qualidade e responsabilidade da divulgação da Aids e da saúde, em geral.

³¹⁴ Como o paciente entrevistado no Grupo pela Vida, que é chamado de “S” (M25).

³¹⁵ Diz a repórter Mônica Teixeira “Eu vou chamar este garotinho de Luís e vou chamar a vó dele, que cuida dele, de Luiza” (M11).

³¹⁶ Paciente de 47 anos fala sobre os efeitos da vacina japonesa KM (M19).

apenas uma parte de seu corpo, através de sua sombra ou, em um caso extremo, mostrado por meio de uma fotografia de um rosto com uma faixa preta cobrindo os olhos³¹⁷. Frequentemente refere-se a eles como aidéticos e pergunta-se como contraíram a doença, reforçando o julgamento da doença e seu caráter culpabilizador.

Desaparece a carga do homossexual para com a doença e agora a doença “ameaça indistintamente a homens, mulheres e crianças”. Neste sentido os homossexuais aparecem como o grupo em que a contaminação da Aids tem diminuído proporcionalmente, por se ter feito trabalho melhor de conscientização. Aparecem os casos de crianças portadoras do HIV contraído dos pais³¹⁸. No entanto, a matéria 11 (**M11**) indica uma clara diferença na forma em que três pacientes de Aids são entrevistados no mesmo hospital, pela mesma repórter³¹⁹. São eles um homem, uma mulher e a avó de um menino de dois anos que está internado. No caso dos dois pacientes primeiramente citados, a repórter está vestida com avental, luvas, óculos, touca e máscara hospitalares e o tom da entrevista é visivelmente no sentido de julgar como estas pessoas contraíram o vírus da Aids e como estão se sentindo. Em contraste, na entrevista com a avó do menino, a repórter não está usando qualquer acessório hospitalar e a abertura da entrevista tem um tom de alegria. Diz a repórter: “Este garotinho que está tomando remédio aqui no Emílio Ribas tem Aids desde que nasceu. Ele está com 2 anos e 8 meses de idade e ele é uma espécie de alegria aqui dos médicos que cuidam das crianças com Aids, porque ele é a criança mais velha que está sobrevivendo há mais tempo”. O que os três entrevistados e pacientes têm em comum é que não possuem rosto, nem nome, além de serem julgados em relação à sua condição, sendo que no caso da criança, o julgamento é feito em relação aos pais, que teriam lhe transmitido o vírus. Ou seja, apesar de inúmeras matérias, principalmente as que tratam dos EUA, buscarem uma humanização dos pacientes, da diminuição do preconceito, da aproximação dos espectadores com a Aids, o programa se contradiz e corre o risco de com isso confundir o público ou anular resultados que teriam sido alcançados.

³¹⁷ Paciente que participa de testes da vacina (**M19**).

³¹⁸ Geralmente a mãe soropositiva transmite o vírus HIV durante o parto ou ao amamentar.

³¹⁹ Trata-se do Hospital Emílio Ribas em SP e da repórter Mônica Teixeira.

Os pacientes consultados que aparecem com nome e rosto são, até este momento (**M9** – 28/06/1987) norte-americanos. Todos os brasileiros que são entrevistados continuam sem rosto e sem nome. A novidade é que aqui surgem os pacientes com iniciais ou nomes fictícios, a exemplo dos marginais nas matérias policiais, mesmo quando se trata de uma notícia mais otimista, assim como o sentimento deles em relação ao seu futuro. A situação fica ainda mais grave em **M11**, quando a repórter Mônica Teixeira entrevista três pacientes de Aids no Hospital Emílio Ribas de São Paulo, a começar pelas perguntas dirigidas aos entrevistados que julgam os pacientes através do modo que teriam contraído a Aids, indicando um forte conteúdo moralizante. Esta característica também pode ser identificada em **M19**. Não é comum perguntar a um paciente de gripe ou hepatite, por exemplo, aonde ou como ele adquiriu a enfermidade. Outro ponto é o desrespeito ao lidar com o paciente e a sua condição. Em uma das entrevistas, a repórter entrevista uma mulher hospitalizada que perdeu um filho, há 4 anos, por conta da Aids que teria sido transmitida a ele. Segue abaixo um trecho desta entrevista:

Repórter: *Eu vou chamar a senhora de Dona Lúcia, tá? D. Lúcia, por que a senhora ficou doente?* **D. Lúcia:** *Porque eu tomei sangue, de transfusão (...)* **Repórter:** *E por que a senhora foi para o hospital?* **D. Lúcia:** *Foi uma gravidez que eu estava com muita dor e, direto, eu fiquei um mês no hospital.* **Repórter:** *e o nenê nasceu doente?* **D. Lúcia:** *Nasceu. Não, ele nasceu e estava tudo bem com ele, depois ele ficou doente, né?* **Repórter:** *E o que aconteceu com ele?* **D. Lúcia:** *Ele morreu, né? Disseram que ele estava com Aids.* **Repórter:** *Quando a senhora ficou sabendo que o seu filho também estava doente, como a senhora se sentiu?* **D. Lúcia:** *Ah, eu fiquei desesperada, Nossa Senhora, até agora não me conformo.* **Repórter:** *Por quê?* **D. Lúcia:** *Eu adorava muito ele, eu gostava muito dele.*

A entrevista revela a busca em atingir diretamente a emoção do espectador, prorrogando a dor do entrevistado e desconsiderando a sua condição. Isso é feito por meio de perguntas pessoais, previsíveis e que não contribuem para o esclarecimento sobre a doença.

Em **M11** (17/01/1988), apesar da carga sensacionalista nas entrevistas com os pacientes de Aids, são trazidas novas estatísticas da doença que indicam a diminuição dos casos entre homossexuais e o aumento de casos entre os “drogados” e também na proporção de heterossexuais e mulheres contaminadas pelo vírus, o que poderá aumentar os casos em recém-nascidos. Serve, portanto, de alerta para uma mudança no perfil da doença.

Em 10 de agosto de 1988, a revista semanal *Veja* traz a questão da Aids em sua capa ilustrada com um molde de um rosto, como se fosse uma máscara e o subtítulo “os que vão morrer contam sua agonia”³²⁰, mostrando que os pacientes ganham uma identidade a partir de agora e passam a compartilhar de sua história. Apesar desta abertura que começava a haver, os pacientes do *Fantástico* continuavam sem rosto e identidade, contrastando com as entrevistas feitas até então com pacientes norte-americanos ou a exposição do caso de personalidades soropositivas - como o ator Rock Hudson (1985). Quando Lauro Corona, ator da Rede Globo, morre em julho de 1989, o programa preferiu omitir o fato de que ele morrera em consequência da Aids³²¹, assim como sua opção pela homossexualidade³²². Corona era um dos símbolos sexuais das novelas da emissora e sua morte ocorre em um momento em que a Aids ainda significava não apenas a fragilidade do sistema de defesa do corpo humano, mas também a defesa social do indivíduo. Ou seja, deixa-se de lado o papel jornalístico do programa, para homenagear um dos funcionários da casa. Perde-se, com isso, a oportunidade de humanizar os pacientes no programa. Assim, em **M12** aparecem apenas trechos de trabalhos que o ator fizera na emissora, conservando sua imagem saudável e de galã entre as mulheres. Em outro momento, em matéria exibida em 24/11/1991 (**M20**), o *Fantástico* admite que Lauro Corona morrera de Aids, quando exhibe sua foto junto com a de outras celebridades que morreram com a mesma doença³²³.

Entre as celebridades que contraíram HIV citadas no *Fantástico* estão ainda Magic Johnson³²⁴, o jogador de basquete norte-americano, o cientista social, Herbert de Souza³²⁵ (o Betinho) e o cantor de rock inglês, Freddy Mercury³²⁶. No primeiro caso, o jogador

³²⁰ Veja a capa da *Veja* de 10/08/1988 no ANEXO A-VI.

³²¹ Apesar desta omissão, é curioso que o próprio Centro de Documentação da Globo tenha localizado esta matéria ao fazer a busca pela palavra-chave “Aids”.

³²² Neste caso é louvável que não precise expor as preferências sexuais dos pacientes de Aids, embora isso tenha sido feito por se tratar de uma celebridade da Globo, pois quando eram pacientes anônimos não havia este cuidado.

³²³ Entre as outras celebridades aparecem Cazuza, Rock Hudson e Betinho. Cazuza morre em 7 de julho de 1990, mas não é noticiado no *Fantástico*. O cantor de rock brasileiro foi um dos mais importantes símbolos da humanização da Aids no país, cuja imagem ficou célebre na capa da revista semanal *Veja* de 26/04/1989, em que ele fala sobre a doença (ANEXO A-VI).

³²⁴ Programa **M20** de 24/11/1991.

³²⁵ **M20** traz um “depoimento emocionante sobre o que é carregar no próprio corpo o vírus que vem assustando o mundo”.

³²⁶ Matéria de 01/12/1991 (**M22**) que relata sua morte em consequência da Aids e faz uma retrospectiva de seu trabalho.

aparece como “o símbolo de que a Aids hoje não escolhe vítimas” e tem o papel de alertar os heterossexuais de que é possível pegar a doença de uma mulher, como teria “confessado”³²⁷. No caso de Betinho, o objetivo é mostrar que os pacientes estão vivendo com o vírus de uma maneira razoavelmente normal e com esperança na busca da cura. Em ambos os casos, uma demonstração de que a Aids atinge também pessoas saudáveis e dignas de respeito – ao contrário do que parecia com aqueles que eram colocados nos grupos de risco - pretende aproximar os pacientes de Aids do telespectador.

A reportagem de Pedro Bial sobre Freddy Mercury, um ídolo do *rock* bastante popular, começa com a definição do cantor sobre ele mesmo como “uma prostituta da música” e revela o significado do nome da banda “Queen”, que em inglês significa não apenas “rainha”, “mas é sinônimo da expressão *gay*”. Apesar destas informações, o que fica forte é que mais um ídolo da juventude morreu de Aids e assim pode ajudar no combate ao preconceito em relação à doença. Bial resume este papel:

“Hoje, dia internacional da Aids, cada vez que morre alguém famoso, como Freddy Mercury, é ótimo. Ótimo para milhões de aidéticos que sofrem o estigma³²⁸ da doença. Se foi difícil para Freddy Mercury admitir que tinha o vírus da doença. Imagine uma pessoa comum”.

Talvez um dos raros momentos em que os pacientes ganham rosto e identidade é em 13/01/1991 (**M18**)³²⁹. A repórter Angela Lindemberg demonstra que está mudando a relação médico-paciente, mostrando a imagem do paciente de Aids Roberto Tavares chegando ao consultório médico, dando dois beijos no rosto de uma médica ou enfermeira que o recebe. Mais tarde, a repórter o entrevista em um parque, sentados em um gramado,

³²⁷ O verbo confessar carrega consigo um sentido religioso: “entre os católicos, contar (seus pecados) a um padre, ou declará-los a Deus em oração, para obter a absolvição”, Houaiss (2005).

³²⁸ Aqui fica clara a contradição da frase: falar em estigma do doente de Aids chamando-o de aidético, termo que mais tarde seria considerado politicamente incorreto, sendo substituído por paciente de Aids, soropositivo ou outros. Essa mudança na forma de tratamento também ocorre em função da melhora no tratamento e qualidade de vida dos pacientes, que mesmo sendo portadores do vírus HIV podem não desenvolver os sintomas da doença. Na história da hanseníase também há esta substituição de termos, de leproso para hanseniano. Esta substituição é impulsionada, sobretudo, com a publicação do decreto nº 165, de 14 de maio de 1976, no Brasil, com o intuito de diminuir o preconceito existente em relação à doença. Cf. artigo de Laurinda Rosa Maciel, “Notas históricas sobre a hanseníase no Brasil do século XX” in Nascimento e Carvalho (2004), p.112.

³²⁹ O título da matéria é *O Hospital Gaffree e Guinle consegue aumentar a sobrevida de pacientes aidéticos usando novos remédios e tratamento mais eficiente.*

com plantas e um lago ao fundo em meio a um dia ensolarado. A cena modifica a carga de imagens pesadas geralmente associadas aos soropositivos até então apresentadas. Tavares fala sobre sua melhora física e sua esperança de sobreviver à doença.

A divulgação do trabalho feito pelo Grupo pela Vida no Rio de Janeiro, de 09/02/1992 (M25), mostra a importância da solidariedade em relação aos pacientes de Aids. O paciente entrevistado, no entanto, é chamado de “S”, mas, contraditoriamente, há cenas em que é possível ver seu rosto e divulga-se informações que tornam possível identificá-lo, como ser “diretor de Harmonia do Salgueiro” (escola de samba do Rio de Janeiro).

4.7. As metáforas da Aids

Conforme aponta Susan Sontag, algumas matérias utilizam-se de metáforas militares³³⁰ na construção da Aids. Entre as metáforas identificadas pode-se citar os seguintes trechos: “encontro dos líderes de 12 países da Europa que vão detonar um plano conjunto de combate à Aids” e “temos que entrar com urgência na grande batalha internacional contra a Aids” (M7); “cada um de nós tem células protetoras que funcionam como um verdadeiro soldado no combate aos vírus e bactérias” e “um bom sistema imunológico pode derrotar o vírus da Aids, mas a tentativa de derrotar o vírus da Aids tem sido uma luta permanente dos pesquisadores” (M8). É provável que, neste contexto, as metáforas militares tenham surgido por dois motivos: a doença adquire uma dimensão mundial e, pela primeira vez na história das doenças ela passa a ser debatida e a receber uma ação global, criando a perspectiva de aliados que se unem para derrotar o inimigo, um contexto tipicamente militar.

Em um segundo momento elas são exaustivamente utilizadas, justamente na matéria cujo título é *As vitórias e as dificuldades no combate da Aids no Brasil* (M20), de 24/11/1991. Do título, ao fechamento, as metáforas militares são criativamente empregadas como em: Magic Johnson³³¹ virou o “soldado da guerra contra a Aids”; “um dos soldados de linha de

³³⁰ Ver página 27 do capítulo I para mais detalhes. Sontag (1988).

³³¹ Então o astro do time norte-americano de Basquete “Lakers”, símbolo da saúde, anuncia ser soropositivo.

frente da guerra contra a Aids no Brasil é o cientista social Herbert de Souza”; “a batalha pela vida”. O trecho a seguir resume bem o emprego das metáforas militares:

*“A guerra contra a Aids não é feita só com a frieza dos números das estatísticas. A batalha recomeça todo dia, a cada novo caso. Para o exército de médicos, uma nova frente de batalha se abre quando o teste para Aids no exame de sangue dá positivo. É o sinal de que a luta contra o vírus e pela vida vai começar”.*³³²

No caso da imunologia, como foi mostrado no Capítulo I (p.34), o uso destas metáforas coincidiu com a compreensão da teoria das defesas naturais do corpo após a Segunda Guerra Mundial.

Como Carlo Ginzburg (2003)³³³ afirmou, os símbolos atendem a necessidades, podendo servir para absolvição ou condenação dependendo do contexto em que são utilizados. Sua afirmação veio de uma análise de um processo da Idade Média em que uma mulher fora julgada por feitiçaria e que teria recorrido à imagem de Nossa Senhora quando acredita que será absolvida e à do Diabo quando é torturada, dependendo do que ela acha ser a vontade de quem questiona. No caso da Aids, vários são os símbolos apresentados junto ao discurso. Como no caso de **M18** (13/01/1991), quando a câmera aproxima-se do crucifixo que o paciente entrevistado traz no pescoço, justamente no momento em que ele afirma ter “esperança de ficar curado”. Ou igualmente, em **M19**, em que o paciente entrevistado tem ao fundo da cena um quadro com a imagem de Jesus, focalizada em tempo para ele responder à repórter que vai se curar.

4.8. Desmistificando a doença e a ciência

A cobertura da Aids no *Fantástico* traz importantes informações que contribuem para a desmistificação do cientista/médico, da ciência/medicina, além de tirar o preconceito contra homossexuais e, sobretudo, da Aids. A primeira delas é justamente em **M1**, quando o programa entrevista Phil Lantaratta, paciente com Aids. Em nenhum momento menciona-se que ele é homossexual ou questiona-se como teria contraído a doença, indicando aí uma

³³² As palavras sublinhadas são marcações da autora para indicar a presença de metáforas militares.

³³³ Ginzburg (2003), p. 31.

divulgação neutra. No entanto, aparecem imagens dele caminhando na rua ao lado de um outro homem da mesma idade, o que poderia sugerir sua opção sexual ligada ao fato dele ter contraído a doença. Lantaratta fora também entrevistado em 18 de outubro de 1982 pela rede norte-americana de TV ABC enquanto paciente de Aids, assumidamente homossexual³³⁴. Outro exemplo aparece em entrevista com Valéria Petri³³⁵, professora de dermatologia da Faculdade Paulista de Medicina, uma das primeiras profissionais da saúde que diagnosticaram casos de Aids no Brasil. Valéria afirma que “nem o pânico, muito menos o preconceito podem ajudar a resolver um problema inusitado como este”. Esta afirmação será parafraseada na matéria **M4** pelo narrador que diz: “é muito importante também que toda a população esteja informada sobre a doença, para que ela seja combatida sem pânico, com serenidade e que o problema não seja usado para incentivar preconceitos e discriminações contra qualquer grupo”. Mais um exemplo pode ser identificado em **M1** com o depoimento do Dr. Richard Filick, do Centro de Controle de Doenças de Atlanta (EUA), que informa que a Aids não pode mais ser rotulado como “praga do homossexual”. Da mesma forma, na **M2**, o narrador afirma que “segundo as estatísticas, até agora, as maiores vítimas são os homossexuais, o que acabou dando margem ao nome popular da doença ‘câncer gay’, uma denominação condenada pelo cientista Albert Sabin; há duas semanas em São Paulo, disse que a doença não é um tipo de câncer e nem atinge apenas os homossexuais”.

A entrevista com o médico Dráuzio Varella³³⁶, apresentada na **M3**, trata de mostrar que não é preciso temer o contágio da Aids apenas por estar perto ou por tocar as feridas de um paciente que manifesta os sintomas da doença, como o Sarcoma de Kaposi. Sua maneira de falar diretamente para a câmera e com grande desenvoltura faz com que minimize a má informação em relação à doença e desmistifique o médico, uma vez que ele próprio não está vestindo o jaleco branco e nem qualquer item hospitalar (avental, luvas, máscara ou toca higiênica).

³³⁴ Colby e Cook (1991), p. 225.

³³⁵ Entrevista em **M2**.

³³⁶ Hoje Varella é apresentador de quadros ligados à divulgação de temas de saúde no programa e, como mencionado no Capítulo III, um dos maiores responsáveis pela divulgação e popularização de temas médicos.

Outra questão que foi mencionada por uma das fontes consultadas é da bissexualidade. Por uma única vez surgiu a questão da sexualidade como não sendo exclusiva dos homossexuais. Paulo Roberto Teixeira, então coordenador do Programa de Combate à Aids do Estado de São Paulo, lembra que há um grande número de pessoas com a prática bissexual, o que nos permite prever que haverá um aumento no número de casos em mulheres. Esta informação preciosa não só é citada pela primeira vez, mas passa quase despercebida. A existência do bissexualismo não era apenas ignorada, era certamente velada, como tema tabu para uma sociedade que preferia acreditar que a Aids estava limitada aos grupos com comportamentos desviantes da moral aceita socialmente, como o *Fantástico* repetiu diversas vezes: homossexuais, usuários ou viciados em drogas e haitianos refugiados.

Em 1985 (M4) aparece a primeira entrevista sobre o conhecimento popular sobre a doença. O narrador diz: “muita gente, por incrível que pareça, ainda não acredita na existência da Aids”, em seguida mostra a repórter Eleonora Pascoal questionando três profissionais do sexo nas ruas de São Paulo – “Você sabe o que é a Aids? O que é?” Embora os entrevistados façam parte de um grupo socialmente excluído, é possível supor que os telespectadores se identifiquem com as perguntas, tentando respondê-las, em uma sensível aproximação do discurso da divulgação da Aids com o público.

Neste momento surgem os primeiros números de casos no Brasil, o anúncio de um número de telefone de atendimento ao público para esclarecer sobre a doença e fica bem marcado o crescimento da Aids em outros países, como nos Estados Unidos, onde “as estatísticas são estarrecedoras”³³⁷, e na Inglaterra, onde Richard Tedder³³⁸ afirma: “não há muita esperança para uma vacina para os próximos 3, 6 meses, talvez 2, 6 anos, talvez nunca. É muito difícil encontrar uma vacina contra este vírus”.

Apesar da atmosfera caótica, cientistas e governantes estão trabalhando, mas enquanto não se encontra solução, a responsabilidade é de cada um, para frear a epidemia.

³³⁷ Palavras do repórter Hélio Costa. Segundo a matéria, um milhão e cem mil pessoas podem estar contaminadas pelo vírus da Aids nos EUA.

³³⁸ Não é mencionada a instituição ou profissão do entrevistado. Seu nome, tampouco aparece em legenda.

“Vocês viram que a situação é realmente³³⁹ grave. Afinal, a Aids está se espalhando por todo o mundo numa velocidade espantosa. (...), mas você viu também que médicos, cientistas e o próprio governo, inclusive aqui no Brasil, estão enfrentando o problema com seriedade numa tentativa de conter o avanço da Aids, descobrir uma vacina imunizadora ou uma droga capaz de curar as pessoas já contaminadas. Mas nisso tudo uma coisa é certa, o primeiro passo para derrotar a Aids, para vencer esta batalha, é seguir à risca as recomendações médicas que vamos relembrar aqui”.

Em seguida, o narrador lista quatro recomendações que já haviam sido mencionadas em **M2**: 1ª) evitar a promiscuidade sexual e as relações com pessoas desconhecidas 2ª) uso do preservativo é importante 3ª) hemofílicos devem procurar os bancos de sangue mais conceituados 4) “se você tiver razões para achar que está contaminado, não hesite, procure imediatamente um médico e não faça doação de sangue em hipótese alguma³⁴⁰”. As recomendações acima, somadas a uma narração tensa, com uma música de suspense ao fundo podem dar minimamente a idéia do impacto com que esta mensagem deve ter sido recebida pelo público em um final de domingo.

Apesar desta contribuição, o discurso do programa acaba sendo contraditório, uma vez que as imagens reforçam a Aids enquanto doença dos homossexuais. É comum aparecer nestas primeiras matérias cenas de casais de homossexuais na rua, homens que parecem ser homossexuais, placas de saunas gays ou manchetes de jornais que são recuperadas com títulos em inglês onde se pode ler a palavra “gay”³⁴¹. Fica assim marcada uma forte contradição entre texto (falado) e imagem, corroborando Rondelli (2004, p. 129) que observou que não há ligação direta entre imagem e texto nas matérias que divulgaram ciência no mesmo programa.

³³⁹ A palavra sublinhada pela autora indica ênfase na pronúncia da palavra.

³⁴⁰ As palavras sublinhadas são marcações da autora para indicar ênfase na pronúncia das palavras.

³⁴¹ Cenas podem ser vista de M1 a 4, mas sobretudo em M4.

CONCLUSÃO

As informações transmitidas pelo *Fantástico* sobre Aids têm três preocupações principais: atrair audiência, preencher os requisitos de atratividade por meio do gênero *fait divers* do programa, e fornecer conteúdo com credibilidade e legitimidade. Estes elementos, somados a uma média de 7 minutos para cada matéria, resultaram em um destaque considerável da questão da Aids e, conseqüentemente, em uma grande exposição do tema para o público.

A mídia não foi a única a experimentar um período de desinformação sobre esse assunto. A própria ciência biomédica teve dificuldade em entender os mecanismos de atuação de um retrovírus desse porte (ação lenta, que provoca alta taxa de mortalidade), reforçando de início que se tratava de uma doença associada aos hábitos sexuais dos *gays*. Por outro lado, a Aids recolocou em discussão a subjetividade e os limites da distinção entre normal e patológico, tema historicizado e dinâmico³⁴², extrapolando da seara médica para a de costumes. A mídia, cuja relação de divulgação com a ciência, é tantas vezes problemática, no caso do programa *Fantástico* preencheu algumas lacunas junto ao grande público, mas deixou a descoberto os flancos por onde entram as questões bioéticas, morais e, no final, ideológicas.

O programa deu grande destaque ao enfoque nacional da Aids, embora o início da epidemia corresponda ao período com maior inserção de informações internacionais, assim como o anúncio de avanços científicos. Na categoria internacional, a ênfase foi dada aos Estados Unidos, onde a Aids foi registrada pela primeira vez, onde havia a maior incidência de casos e onde a produção científica e tecnológica é, até hoje, a maior do mundo, com destaque na área de saúde. Não se pode esquecer, contudo, da grande influência que essa nação teve na estruturação da Rede Globo. Nas matérias internacionais dos EUA e outras em que o foco também recai sobre o Brasil, evidencia-se que o programa brasileiro se baseou na mídia norte-americana para pautar seu noticiário e não nas fontes primárias de

³⁴² Conforme discorreu o médico e historiador da ciência Georges Canguilhem, em sua clássica tese de doutorado (1943), *O Normal e o Patológico* (Rio de Janeiro Forense Universitária, 1995).

temas científicos, como é comum identificar atualmente na divulgação científica, ou seja, naquelas informações que são retiradas de periódicos científicos, por exemplo. Isso é evidenciado nas manchetes de jornais e revistas que aparecem no noticiário sobre a Aids e de fontes que teriam sido igualmente entrevistadas pela mídia norte-americana (como o homossexual Phil Lanza, em **M1**). Isto, certamente, reforça o argumento de que a Globo busca um modelo de jornalismo e também sócio-cultural norte-americano.

Por vezes o discurso da imagem se contrapõe ao do texto. Assim, embora seja dito que todos podem potencialmente contrair a Aids, as imagens enfatizam os homens homossexuais como principais contaminados. Fala-se em evitar o preconceito e o pânico, mas as imagens frisam salas de hospitais com aviso de *isolado*, bolsas e seringas com sangue, pacientes são mostrados sem rosto ou identidade, sendo questionados sobre a forma de contração da doença, tudo isso em meio a uma narração com tom grave e com música de causar calafrios. O estabelecimento de uma cena de terror que, embora queira alertar, pode terminar por distanciar o público da realidade apresentada.

A Aids, enquanto questão de saúde e interesse público acaba não sendo diferente de todos os outros produtos que devem ser vendidos pela televisão. Para conquistar um espaço no *Fantástico*, a Aids teve que se adequar ao perfil do programa e ao gosto do público.

De acordo com as hipóteses apontadas na introdução, após a análise das múltiplas facetas que envolveram a construção da Aids no programa *Fantástico*, da Rede Globo, é possível concluir que:

1 – Não é possível afirmar que as informações sobre a doença divulgadas pelo *Fantástico* sejam de baixa qualidade. Isso porque a análise do programa revela um esforço em informar a população sobre as formas de transmissão da doença (sexual e através do sangue, principalmente), as condições precárias do sistema de saúde pública, os serviços para tirar dúvidas sobre a doença, os dados sobre números de casos no país e os tratamentos a que os pacientes da época estavam recorrendo, principalmente aqueles que não eram autorizados e os cuidados que se deveria tomar para usá-los. Apesar disso, há uma

combinação com a desinformação quando se reforça que a doença é ligada a grupos de risco, especialmente os homossexuais, usuários de drogas e hemofílicos, além de reforçar o preconceito contra os soropositivos mostrando-os como pessoas marginalizadas da sociedade (pacientes sem rosto ou identidade) e culpabilizá-los pelo seu comportamento, socialmente condenado, que seria a razão para sua condição enquanto paciente de Aids.

2 – Não é surpreendente a participação de cientistas, particularmente médicos, nos programas, uma vez que a Aids é uma enfermidade. No entanto, a Aids está longe de ser uma questão que diz respeito apenas à ciência, pois desde os primeiros anos da década de 1980 ela já envolvia a sociedade civil organizada (cujos membros eram principalmente homossexuais, pacientes de Aids, parentes e amigos desses), questões políticas (ações práticas dos governos) e, mais tarde econômicas (acesso a medicamentos, custo do tratamento, quebra de patentes, entre outros). No entanto, o grande número de entrevistas com cientistas, que dominaram a discussão sobre Aids no programa, indica que a imagem da ciência enquanto autoridade e acima de qualquer suspeita foi perpetuada. Não apenas os jornalistas e a TV optaram por enfatizar o discurso científico para legitimar os conteúdos selecionados sobre a doença, mas também e, fortemente, os próprios cientistas. A ênfase no título dos profissionais e na descrição das instituições de pesquisa, uma divulgação científica acrítica, voltada apenas para reportar ou mesmo “traduzir” as descobertas e avanços científicos, e a constante presença dos símbolos ligados ao cientista e à ciência, colocam o conhecimento científico acima de qualquer outro envolvido com a questão da Aids.

3 – Pode-se afirmar que a Aids foi priorizada pelos seus aspectos trágicos, misteriosos, desconhecidos, fatais e anormais (em relação ao socialmente aceito), em um primeiro momento, e de esperança, denúncia e alerta, para então tornar-se mais amena e informativa, sem perder de vista o gênero *fait divers*, ou seja, tocando a emoção do telespectador. O tom alarmista predominou nos primeiros anos em que a doença ainda era tida como um problema distante da realidade nacional e, sobretudo, do “outro”, aqui definido como os grupos de risco.

Uma das características do gênero *fait divers* no programa é justamente tratar de temas comuns à vida do espectador, mas de uma maneira incomum, tocando sua emoção e atraindo sua atenção. Esta estratégia acaba gerando um distanciamento entre público e a informação apresentada. A Aids poderia, assim, ter sido compreendida como trágica, como assustadora, como destruidora, como ameaçadora, mas de uma realidade bastante distante do cidadão comum, como mencionou o jornalista Artur da Távola³⁴³. Ao mesmo tempo, as características do programa teriam divulgado a doença pelo apelo imagético e moral que ela suscita, aproveitando para cumprir o papel de prestadora de serviços que o jornalismo cumpre perante a sociedade, que estava sendo apresentada a uma doença ainda desconhecida. Isso talvez se reflita nas longas reportagens que o programa dedicou à Aids, muitas vezes chegando a 10 minutos e até ultrapassando 17 minutos.

4 - A divulgação da Aids sem dúvida é carregada de símbolos de medo, moral, esperança ou ligados à ciência, ao conhecimento, que vão se intercalando conforme aumenta o conhecimento sobre a doença, mudando o perfil dos pacientes de Aids e os papéis dos personagens na história da Aids - primeiro os cientistas, os pacientes, depois o governo e a sociedade em geral. As informações são bastante presas ao discurso das fontes consultadas, de forma a desvincular o discurso dos próprios repórteres ou da emissora.

As metáforas, mitos, estereótipos, estigmas e preconceitos da Aids divulgados pelo *Fantástico* no período estudado refletem e reforçam o inconsciente coletivo. Assim, a Aids é a doença fortemente ligada aos homossexuais, ao usuário de drogas (injetáveis), ao hemofílico e, mais tarde, àquele que se excede nas relações sexuais, ou seja, que possui o comportamento de risco. A Aids tem o papel de revelar justamente as fragilidades sociais, sendo elas morais ou do sistema político, e que aparecem reproduzidas no *Fantástico*, embora de maneira maquiada.

“O erro é quase sempre orientado de antemão. Sobretudo não se espalha, não toma corpo, senão na medida em que se concilia com os preconceitos da opinião vulgar; torna-se [então]

³⁴³ Artigo para o jornal o *Globo* (14/11/1979), cujo trecho foi citado no início do capítulo III.

como que o espelho em que a consciência coletiva contempla as suas próprias feições”³⁴⁴. Assim, pode-se entender a disseminação de preconceitos e estigmas em relação aos pacientes soropositivos e a construção da Aids no *Fantástico* não como produto exclusivo de sua intencionalidade, mas também como fruto da sociedade. Como concluiu Dela-Silva³⁴⁵ em sua análise do discurso real e fictício das novelas e jornalismo da Globo, o discurso não se origina na TV mas se atualiza e se constitui em cada momento histórico.

De toda forma, há uma correspondência do público com o discurso do programa, sendo que os valores ali expressos em relação à Aids encaixaram-se bem à sociedade da época, conservadora em seus comportamentos e modos de agir. “A Aids ilumina tensões sociais escondidas. Os meios de comunicação de massa são um eco da postura inicial da medicina”, concluiu Camargo (1995)³⁴⁶.

5 - A divulgação da Aids não teve sempre efeito moralizante, uma vez que se identificaram vários exemplos em que o programa auxiliou na humanização dos pacientes, na compreensão dos processos científicos, na desmistificação da ciência e desvelando os problemas enfrentados por aqueles envolvidos com a questão da Aids no país. Mas não se pode esquecer do importante papel que desempenhou ao lembrar, constantemente, a população de seus deveres morais em frear a epidemia e, especialmente, dos “erros” que os soropositivos teriam cometido para estarem nestas condições. No entanto, Deleuze e Guattari³⁴⁷ exageram quando dizem que a linguagem dos meios de comunicação de massa “não é nem informativa nem comunicativa, mas transmite palavras de ordem”. No caso de um problema de saúde pública como o aqui estudado, em um momento em que havia escassez de informações, a mídia ocupou este lugar, embora, certamente o tenha feito também com o objetivo de atrair audiência e, assim, publicidade. A informação nunca será transmitida apenas por ser informativa, mas também por atender os interesses de quem informa e de quem será informado. Marques compartilha desta idéia quando diz que “(...) não podemos nos abster de salientar que a imprensa, mesmo aquela sensacionalista, tinha

³⁴⁴ Bloch (1965), p. 140.

³⁴⁵ Dela-Silva (2004), p. 121.

³⁴⁶ Camargo (1995), in p. 30. In Czeresnia et al (1995).

³⁴⁷ Mil platôs. *Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro, editora 34, vol. 1. 1995. Citado em Gomes (2003), p.102.

como fonte e bases iniciais os referenciais científicos para noticiar o surgimento dos primeiros casos, e as possíveis causas e formas de contágio”³⁴⁸.

6 - Como no caso de outras epidemias, a Aids compartilha de padrões que se refletem na divulgação televisiva ao longo da primeira década em que ela surgiu. Da mesma forma, como descrito por Charles Rosenberg³⁴⁹, os primeiros anos comportam a negação da epidemia, aqui refletida pela simples ausência do tema no *Fantástico* entre 1981 e 1982. Esta negação é ainda mais forte quando lembramos que a maior parte dos pacientes atingidos pela enfermidade era homossexual, assim, a negação não é apenas em relação à Aids, mas também em relação a eles. A Aids entrou no *Fantástico* a partir do momento em que deixa de ser uma doença restrita aos homossexuais e passa a representar uma ameaça aos outros grupos da sociedade. Ao longo da década de 1980, no entanto, os programas aparecem entrevistando homossexuais soropositivos com rosto e identidade apenas quando se refere à realidade norte-americana, pois quando se trata da brasileira os pacientes aparecem, sistematicamente, sem rosto ou identidade e os líderes do movimento *gay* nacional não são jamais consultados. Com isso, pode-se concluir que, embora haja uma tentativa de humanizar o homossexual enquanto uma das “vítimas” da Aids, ao não mostrá-los no Brasil contribuiu para omitir a sua existência. Se não está na mídia, não existe, afirmou Duarte (1989). Desta forma, o homossexual passa a ser uma realidade distante e, portanto, justifica a ausência da discussão de prevenção entre eles com, por exemplo, uso de preservativo. Contrariamente, o que fica é a imagem do grupo enquanto responsáveis pelos crescentes números de casos da doença e como ameaça ao restante da sociedade.

Posteriormente, Rosenberg cita a necessidade de se explicar a enfermidade moralmente e cientificamente, o que ficou explicitado nos programas que enfatizaram o discurso científico e os pacientes soropositivos. Em seguida, há a tomada de medidas coletivas para o controle da crise, presente nas informações sobre a distribuição da Aids no país, as ações necessárias para combatê-la, as denúncias da incompetência política e as tentativas da ciência em descobrir tratamento e vacinas que poderiam melhorar as condições de vida dos

³⁴⁸ Marques (2001), p. 95.

³⁴⁹ Rosenberg (1995), *Explaining epidemics and other studies in the history of medicine*, Cambridge University Press, citado em Nascimento e Carvalho (2004), p.25-26.

pacientes ou mesmo curá-los. A última fase seria um olhar retrospectivo sobre o episódio para extrair dele lições, em que está presente nas matérias que (des)constroem a expressão “grupos de risco”, os preconceitos e os medos para trazer novos significados e responsabilidades em relação à Aids, expondo-a a qualquer cidadão. Com estas nuances na história da Aids, o discurso científico, que era priorizado, amplia-se e cede espaço para os desdobramentos sociais e políticos.

7 - Embora tenha-se pensado que o interesse do *Fantástico* pela doença pudesse diminuir conforme o aspecto misterioso, mortal e inexplicável da doença fosse dando lugar a compreensão e conscientização, o que se averiguou foi que os interesses em relação à Aids foram sendo adaptados, indicando um aumento no número de notícias sobre Aids a partir de 1987. Mesmo quando consideramos que há uma diminuição gradativa até 1990, quando esse número volta a crescer, há um aumento no interesse em divulgar a enfermidade. Estes picos de notícias, também observados por Colby e Cook (1991) nos telejornais norte-americanos, poderiam estar relacionados ao fato do governo brasileiro ter lançado em 1987 sua primeira campanha nacional contra a Aids e constituir a Comissão Nacional de Aids, o que, portanto, fomentaria novas pautas ao programa. No entanto, o que se nota é que grande parte das 20 matérias exibidas em 1987, por exemplo, responsáveis pelo maior pico de divulgação da doença, voltam-se, sobretudo, para os casos pouco usuais da doença, entre eles: a brasileira que se casa com um “aidético” norte-americano (18/01/1987 e 15/02/1987); “contaminação de 3 enfermeiras com Aids” (24/05/1987); “bebê filho de pintor gaúcho e aidético sai do hospital, ele passa bem e não tem Aids” (31/05/1987); “uso de medicamentos não aprovados oficialmente” no tratamento de Aids (28/06/1987); “Aidético será julgado por tentativa de homicídio” (05/07/1987); “Gang da Aids em Florianópolis” (25/10/1987). Em um período em que os conhecimentos biológicos já tinham se ampliado e o conceito de grupos de risco já estava sendo modificado, ou seja, a doença estava se normalizando, há uma tentativa do *Fantástico* continuar priorizando os temas que valorizam o gênero *fait divers*, afastando a questão da realidade vivida pelo telespectador. É como se o medo ali apresentado se confundisse às matérias de ficção que se misturam às de jornalismo dentro do programa.

É possível que um discurso contrário gerasse estranhamento nos telespectadores e resultasse em diminuição da audiência e, conseqüentemente, de ganhos da emissora. Em função da busca por esta correspondência de significados, o *Fantástico* poderia ter contribuído para aproximar seu público de um problema que já em seu primeiro programa anunciara que seria a epidemia do século.

Após a consolidação desta dissertação é possível avaliar que muitos foram os objetivos, mas sem que se tivesse inicialmente a clara dimensão das propostas. Entre os pontos que foram adaptados do desejo inicial está a análise de discurso da transcrição de três matérias completas exibidas pelo *Fantástico* sobre Aids³⁵⁰. Avaliou-se não ser este nem o foco nem a prioridade de uma dissertação de História Social. No entanto, optou-se por utilizar a análise de discurso como ferramenta em inúmeros trechos das matérias que foram incluídos no capítulo IV e que ilustravam apenas os pontos mais importantes para a análise feita, como os que representavam os discursos referentes a palavras de ordem, uso de metáforas, julgamento moral, preconceito, legitimidade, entre outros.

Outra meta era utilizar artigos dos periódicos científicos norte-americano *Science* e o britânico *Nature*, para servir de base sobre os acontecimentos científicos mais relevantes sobre a Aids. Com esta referência em mãos pretendia-se compará-la com o conteúdo apresentado no *Fantástico*, uma vez que estas publicações são hoje fontes primárias freqüentemente consultadas pelos jornalistas de ciência e citadas em textos de divulgação científica. Com isso queria-se mostrar como o jornalista acessa as informações que circulam no meio acadêmico. No entanto, o que se verificou é que o *Fantástico* baseia-se fundamentalmente, no período selecionado, na mídia internacional (especialmente a norte-americana), dados oficiais do governo e na própria consulta com cientistas de referência sobre a doença, para pautar o programa. Ou seja, não foi utilizado conteúdo retirado diretamente de periódicos científicos, mas sim de fontes secundárias (a própria mídia) e fontes primárias outras que não os periódicos. Por outro lado, tornou-se claro que a discussão do discurso científico em suas dimensões sociais e epistemológicas é um tema

³⁵⁰ As transcrições completas das matérias sobre Aids referentes aos programas de 27/03/1983, 29/04/1984 e 21/08/1988, encontram-se no ANEXO A-IV.

tão rico que o estudo de caso da comunicação relativa à Aids pelas publicações *Science* e *Nature* transformou-se em nosso próximo projeto, desta vez de doutorado.

A expedição por meio desta rica questão multidisciplinar da Aids possibilita a exploração de novas frentes de pesquisa, algumas das quais foram sugeridas ao longo deste trabalho. A primeira delas e a mais importante é que as pesquisas sobre a televisão ainda são incipientes fora da área de comunicações, embora ela seja um veículo fundamental para a obtenção de informações e construção da realidade das sociedades contemporâneas.

Seria importante que, a exemplo do que se encontra para os jornais e revistas, que outros centros de pesquisa se incumbissem de arquivar sistematicamente programas televisivos, de acordo com a área de interesse (por exemplo, programas de divulgação científica, telejornais, *reality shows*, programas de humor, etc) como já ocorre para alguns programas educativos e telenovelas. Desta forma, o acesso público e de pesquisadores seria otimizado, independentemente das dificuldades e limites impostos pelas emissoras privadas, como se identificou no caso da Globo. Conhecer o modo de produção e o conteúdo de tais programas é fundamental para se reivindicar a melhoria da relação mídia-sociedade.

A análise do conteúdo da divulgação científica da Aids também possibilitou enxergar o papel do cientista enquanto construtor da realidade de temas científicos para o jornalista e a mídia, que então a reconstróem para o seu público. Nesta reconstrução, no entanto, preserva-se e fortalece-se grande parte do discurso e da intencionalidade do discurso original. Estudar a fundo o papel do cientista não apenas como fonte da divulgação científica, mas enquanto “co-autor” invisível desta divulgação é algo que merece ser investigado, abrindo-se uma rica linha de pesquisas.

Finalizando, reforçamos que a presente pesquisa indica que a análise da divulgação científica feita pela mídia exige a compreensão dos vários contextos (científicos, sociais, políticos e econômicos) em que os discursos estão imersos, mais do que apenas restringi-la ao conteúdo jornalístico em si.

BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias:

- Programas do *Fantástico* da Rede Globo. Centro de Documentação (Cedoc) da Rede Globo de Televisão. Notícias sobre a Aids, selecionados a partir de palavra-chave *Aids*. 1983-1992.

- Síndrome da Deficiência Imunologia-Epidemia do Século. 27/03/1983. Documento No. RJ51-0025560. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- A Luta contra a Aids- doença que destrói as defesas naturais do organismo – Entrevista com a Dra. Valeria Petri – S. Paulo. 26/06/1983. Documento No. RJ51-0027123. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Descoberto o vírus da Aids – Repórter Helio Costa – Depoimento de médicos americanos e brasileiros. 29/04/1984. Documento No. RJ51-0030409. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Combate a Aids no Brasil e no Exterior- Repórteres Eleonora Paschoal, Sérgio Brandão, Flávio Porcello, Hélio Costa e Renato Machado. 05/05/1985. Documento No. RJ51-0038591. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Instituto Pasteur – Em Paris – Desenvolve nova substância para o Tratamento da Aids – HPA-23 – Repórter Sílvia Boccanera. 24/09/1985. Documento No. RJ51-0042231. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Em Houston, EUA o primeiro Hospital do Mundo só para o tratamento da Aids, Instituto de problemas imunológicos. 31/08/1986. Documento No. RJ51-0050109. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- No Rio e São Paulo médicos e técnicos alertam contra o perigo da Aids no Brasil – Repórteres Sérgio Gregory e Afonso Mônaco. 07/12/1986. Documento No. RJ51-0051922. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Pesquisadores e cientistas brasileiros discutem as melhores maneiras de se ter um bom sistema imunológico para o combate da Aids e de outras doenças. 11/01/1987. Documento No. RJ51-0052258. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- As alternativas do tratamento da Aids – uso de remédios não aprovados oficialmente, terapias alternativas-J.Rebouças, A.Monaco e Eleonora Paschoal. 28/06/1987. Documento No. RJ51-0054957. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Coordenadora do Grupo Executivo de tratamento da Aids do Ministério da Saúde Lair Guerra fala da prevenção da doença durante o verão – Repórter Miriam Dutra. 27/12/1987. Documento No. RJ51-0057127. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Aumentam os casos de Aids em São Paulo - Aids em mulheres - Repórter Mônica Teixeira. 17/01/1988. Documento No. RJ51-0057244. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Simpósio em São Paulo reúne os maiores especialistas em Câncer e Aids do mundo - Rep. Rosângela Santos. 21/08/1988. Documento No. RJ51-0058809. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.

- Retrospectiva dos trabalhos do ator e cantor Lauro Corona por ocasião de sua morte. 23/07/1989. Documento No. RJ51-0062998. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Giro Pelo Mundo - Cientistas americanos descobrem um novo remédio para a Aids, a imunoadesina e outros assuntos. 03/09/1989. Documento No. RJ51-0063452. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Novidades de 89: Aids e imunologia no Brasil; a tendência da moda no mundo - Rep. C. Franco; aparelho de laser de neodímio-IAG, desenvolvido em São Paulo; outros. 07/01/1990. Documento No. RJ51-0064523. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Giro por aí: Os medicamentos contra a Aids foram liberados nos EUA. 27/05/1990. Documento No. RJ51-0067796. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Médicos em São Paulo alertam para o aumento dos casos de Aids no país - Rep. Fernanda Esteves. 15/07/1990. Documento No. RJ51-0068673. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- O Hospital Gaffree e Guinle consegue aumentar a sobrevivência de pacientes aidséticos usando novos remédios e tratamento mais eficiente - Rep. Angela Lindemberg. 13/01/1991. Documento No. RJ51-0071130. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Em Porto Alegre a doutora Dora Simbenberg faz testes com uma vacina japonesa em aidséticos e está conseguindo aumentar a resistência deles - Rep. Rosane Marchetti. 03/03/1991. Documento No. RJ51-0071353. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- As vitórias e as dificuldades no combate da Aids no Brasil. 24/11/1991. Documento No. RJ51-0076346. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- As manifestações pela prevenção e combate à Aids na Europa e na África - Rep. Sílvia Bocanera. 01/12/1991. Documento No. RJ51-0076371. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Freddie Mercury, vocalista do grupo de Rock inglês “Queen”, morre de aids aos 45 anos. A trajetória de sucesso de Mercury à frente do grupo. Rep. Pedro Bial. 01/12/1991. Documento No. RJ51-0076372. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Cientistas britânicos testam remédio capaz de reduzir em até 50% as mortes de pacientes aidséticos - Rep. Valéria Sfeir. 29/12/1991. Documento No. RJ51-0076764. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Com o problema da Aids, chega uma nova expressão: o “sexo seguro”. Artistas e pessoas na rua falam sobre o sexo seguro e suas dúvidas sobre Aids - Rep. Glória Maria. 19/01/1992. Documento No. RJ51-0077081. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- O comportamento de risco para contrair a Aids, variação de parceiros sexuais e a negligência do uso de preservativos alastram a doença- Rep. Sandra Passa. 09/02/1992. Documento No. RJ51-0077184. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.
- Professor Walter Accorsi estudioso das plantas medicinais está tratando Aids através da Fitoterapia - Repórter Ernesto Paglia. 15/11/1992. Documento No. RJ51-0081253. Cedoc. Rio de Janeiro, 2004.

Referências bibliográficas:

- ARANTES, José Tadeu. **O Sucesso Brasileiro na Luta contra a Aids**. Scientific American- Brasil, ano 1, n.4, setembro de 2002.

- ARBEX, José Jr. **Showrnlismo; a notícia como espetáculo**. Casa Amarela, 3ª edição. São Paulo, 2003.
- BARATA,G.F.; Vogt,C.;Evangelista,R.e Palloni, S. **A New Concept of Science Journalism on Debate**. 3rd International Conference on Public Communication on Science and Technology. Barcelona, Espanha, 2004.
- BARATA,Germana e Magalhães, Gildo dos Santos Filho. **A Construção da Aids no Discurso Acadêmico da Science e Nature, de 1983 a 1985**. 10º Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia. Belo Horizonte, MG. 2005.
- BARCA,Lacy Varella de Andrade. **Iguarias na Hora do Jantar: O espaço da Ciência no Telejornalismo Diário**. Tese de Doutorado defendida no Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2004.
- BAUER, Martin; Ragnarsdottir, Asdis; Rudolfsdottir, Annadis e Durant, John. **Science and technology in the British press. 1946-1990: a systematic content analysis of the press**. The Science Museu, London & London School of Economics. London, 1995.
- BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre o significado do cômico**. Guimarães editores, 1993.
- BIANCARELLI, A. **Doença em foco: as reportagens sobre a Aids publicadas pela Folha de S. Paulo**. Revista USP, 33: 137-147. 1997.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Trad. Maria Manuel e Rui Gracio. Portugal: Europa- América. 1965.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1997.
- _____. **Television**. European review., vol. 9, N. 3, 245-256, 2001.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 2002.
- BRITTOS, Valério Cruz e Bolaño, César Ricardo Siqueira. **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. Paulus. São Paulo, 2005.
- BUCCI, Eugênio e Kehl, Maria Rita. **Videologias**. Boitempo Editorial. São Paulo, 2004.
- CAMARGO, A. M. F. **A Aids e a sociedade contemporânea: estudos e histórias de vida**. Letras & Letras. São Paulo. 1994.
- CAMARGO, Kenneth Rochel Jr. **A construção da Aids**. In Aids: ética, medicina e biotecnologia. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec Abrasco. 1995.
- CANGUILHEM,Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- CASTRO, Paulo César. **A enunciação midiática da sexualidade a partir da Aids: os discursos de Veja e Istoé nas décadas de 1980 e 1990**. Trabalho a ser apresentado no V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. UERJ, Rio de Janeiro. De 5 a 9 de setembro de 2005.
- CERTEAU, Michel de. **Fazer História**. In: A escrita da história. Forense. Rio de Janeiro, 1982.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. Companhia das Letras. São Paulo, 1996.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. Editora Brasiliense. São Paulo,1989.

- COLBY, David C.; Cook, Timothy E. **Epidemics and agendas: the politics of nightly news coverage of Aids**. Journal of Health Politics and Law, vol. 16, no. 2. 1991.
- CONTRERA, Wildney Feres. **Saindo da toca: um passeio no espaço público. A publicidade Oficial sobre Aids e o seu impacto comportamental**. Dissertação de Mestrado apresentada na Escola de Comunicações e Artes da USP. 2002.
- CORTES, E.; Arce, S.; Coelho, A; Haas, E.; Costa, M.; Madureira, M.; Eksterman, L. & Oliveira, A. **Aids epidemic and mass media in Brazil**. International Conference of Aids, de 7 a 12 de agosto, 10 (2): 360. 1994.
- CZERESNIA, Dina; Santos, Elisabeth Moreira dos; Barbosa, Regina Helena Simões e Monteiro, Simone (Orgs.). **Aids: ética, medicina e biotecnologia**. Hucitec abrasco. São Paulo-Rio de Janeiro, 1995.
- DELA-SILVA, Silmara Cristina. **A realidade-ficção do discurso televisivo**. Dissertação de mestrado apresentada no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (unesp). São José do Rio Preto, SP. 2004.
- DUARTE Jr., João-Francisco. **O que é realidade**. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1989.
- ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. Vol.7, 15ª Edição. University of Chicago, 1974.
- EPSTEIN, Steven. **The construction of Lay Expertise: AIDS Activism and the Forging of Credibility in the Reform of Clinical Trials**. Sci. Tech. & Human Values. Vol. 20, No. 4: pp.408-437. 1995.
- FAPESP. **Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação em São Paulo – 2001**. São Paulo : Fapesp, 2002
- FAUSTO NETO, A. **Comunicação e mídia impressa: estudos sobre a Aids**. São Paulo: Hacker. 1999.
- FECÉ, José Luis. **Do realismo à visibilidade. Efeitos de realidade e ficção na representação audiovisual**. Rev. Contracampo, n.2. UFF, Rio de Janeiro. 1998.
- FEE, E & Fox, D. M. **Aids: the burdens of history**. University of California Press, 1988.
- _____. **The contemporary historiography of Aids**. Journal of Social History, vol 23 (2) pp 303-14. 1989.
- FORTES, L.; Cesar, R. & Cortes, E. **The mass media and the Aids epidemic in Brazil**. International Conference of Aids, de 19 a 24 de julho, 8 (2): D477. 1992.
- FRANÇA, Martha San Juan. **A mídia e a divulgação da Aids: a primeira década (1981-1991)**. Ciência & Ambiente, vol.24. Santa Maria. Julho/Dezembro de 2001.
- _____. **Repensando o modelo para a divulgação científica; a caso da Aids na Imprensa brasileira (1981-2001)**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP. São Paulo. 2002.
- GALLO, Robert C. and Montagnier, Luc. **The Chronology of Aids research**. Nature, vol. 326, 2 April, 1987.
- GALVÃO, Jane Lúcia Faislon. **AIDS e imprensa um estudo de antropologia social**. Tese de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1992.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Cia das Letras. São Paulo, 2003.
- GOMES, M. R. **Poder no Jornalismo**. Edusp. São Paulo, 2003.

- GRAUERHOLZ, John. **Optical biophysics and viruses**. 21st Century, vol. 1, n.3. July-August, 1988.
- GRUPO de Mídia São Paulo. **Mídia Dados 2005**. São Paulo: Grupo de Mídia, 2005.
- GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **Produção e circulação do conhecimento: Estado, mídia, sociedade**, vol. I. Editora Pontes. 2001.
- _____. **Produção e circulação do conhecimento: política, ciência, conhecimento**, vol. II. Editora Pontes. 2003.
- HARDEN, Victoria A. **Koch's postulates and the etiology of Aids: an historical perspective**. Hist. Phil. Life Sci., 14: 249-269. 1992.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Paz e terra. Rio de Janeiro, 1972.
- HILDEBRAND, Luci Mary Araujo. **Comunicação oficial brasileira sobre a Aids: um percurso pelas linhas e entrelinhas da telinha da teve**. Tese de doutorado apresentada na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.
- HORKHEIMER, Max e Adorno, Theodor. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massa**. In. Lima, Luiz Costa (org.). Teoria da Cultura de Massa. Paz e Terra, 6ª edição. Rio de Janeiro, 2000.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**, edição online. 2005. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>
- JANINE, Renato Ribeiro. **O Afeto Autoritário: televisão, ética e democracia**. Ateliê Editorial. Cotia (SP). 2004.
- KARPAS, Abraham. **Human retroviruses in leukaemia and Aids: reflections on their Discovery, biology and epidemiology**. Biology Review, vol. 79, 911-933, 2004.
- LACEY, Hugh. **Valores e atividade científica**. Discurso Editorial. São Paulo, 1998.
- LE GOFF, Jacques. **História**. In Enciclopédia Einaudi Memória-História, Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990.
- LINO, Sonia Cristina. **História e imagem: 50 anos de TV no Brasil**. In: VI Encontro Nacional de História Oral, 2002, São Paulo. Anais do VI Encontro Nacional de História Oral, 2002.
- LOUZADA, Silvana. **Ascensão e queda de O Cruzeiro e Manchete**. Observatório da Imprensa de 10 de fevereiro de 2004. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=263DAC002>
- MAGALHÃES, Gildo dos Santos Filho. **Introdução à metodologia da pesquisa: Caminhos da ciência e tecnologia**. São Paulo: Ática Universidade. 2005.
- MAKSDUD, Ivia. **Sexualidade e mídia: uma análise sócio-antropológica do discurso jornalístico**. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva apresentada ao Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.
- MANUAL da Redação: Folha de S.Paulo. São Paulo: Publifolha, 2001
- MARQUES de MELO, José. **Quando a ciência é notícia**. Departamento de Jornalismo e Editoração, USP. São Paulo, 1986.
- MARQUES, Maria Cristina da Costa. **A emergência política da Aids/HIV no Brasil**. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2001.
- MASSARANI, Luisa & Moreira, Ildeu de Castro. **A retórica e a ciência: dos artigos originais à divulgação científica**. França, Ciência & Ambiente, vol.24. Santa Maria. Julho/Dezembro de 2001.

- MATTOS, Sergio. **A Televisão no Brasil: 50 Anos de História**. Salvador – Bahia: Editora Pas-Edições Ianamá, 2000.
- MESQUITA, Samla. **Fantástico 27 anos no ar: o caleidoscópio da TV Brasileira**. Dissertação de mestrado defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), 1999.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Aids no Brasil: Um esforço conjunto Governo-Sociedade**. Brasília. 1998.
- MISSIKA, Jean-Louis e Wolton, Dominique. **Les intellectuels et la télévision e Le nouvel espace public**. In La folle du logis. La television dans le socetés démocratiques. Gallimard. Paris, 1983.
- MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção e História: imprensa e construção da realidade**. Arte & Ciência - Villipress. São Paulo, 2001.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; Carvalho, Diana Maul de (Orgs). **Uma história brasileira das doenças**. Paralelo 15. Brasília, 2004.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. **As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- NATÉRCIA, Flávia. **Transgênicos: a qualidade da informação nos jornais brasileiros**. Tese de doutorado apresentada no programa de pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2004.
- PARKER, Richard; Bastos, Cristiana; Galvão, Jane & Pedrosa, José Stalin (Orgs.). **A Aids no Brasil (1982-1992)**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS, UERJ, 1994.
- _____; Galvão, Jane e Besson, Marcelo Secron. **Saúde, desenvolvimento e política: respostas frente à Aids no Brasil**. Rio de Janeiro/São Paulo. ABIA/Editora 34, 1999.
- PEREIRA, Luiz Costa Junior (Org.). **A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano**. Editora Senac. São Paulo, 2002.
- PITTA, Áurea Maria da Rocha. (Org.). **Saúde e comunicação: visibilidades e silêncios**. São Paulo: Editora Hucitec-Abrasco. 1995.
- POLISTCHUCK, Ilana. **A emergência política da Aids/HIV no Brasil**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da FFLCH da USP. São Paulo, 2001.
- _____ **Campanhas de Saúde pela televisão: a campanha de Aids da Rede Globo**. Dissertação de Mestrado apresentada na Escola de Comunicação da UFRJ. Rio de Janeiro, 1999.
- PORTER, Roy. **Das tripas coração: uma breve história da medicina**. Editora Record. Rio de Janeiro, São Paulo, 2004.
- PRINCETON Survey Research Associates. **Covering the epidemic: AIDS in the news media, 1985-1996** (online). Menlo Park, CA: Henry J. Kaiser Family Foundation. June 26, 1996. Disponível em http://www.kff.org/archive/aids_hiv/general/psr/toc.html.
- RONDELLI, Daniella Rubbo Rodrigues. **A ciência no picadeiro: uma análise das reportagens sobre ciência no programa Fantástico**. Dissertação de mestrado apresentada no programa de pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2004.
- RUON, Patrícia. **A divulgação da Aids e a ética jornalística**. In Comunicando a Ciência: comunicações científicas apresentadas no 6º Congresso Brasileiro de

- Jornalismo Científico, organizado por Moacir Loth, pp.303-314. Florianópolis-SC, , 2001.
- SANTORO, Luiz Fernando. **Televisão e divulgação científica: um espaço para o Fantástico**. Comunicação e Sociedade. Ano IV, N. 7, março de 1982.
 - SANTOS, G.; Marinho, R.; GAPA-BA (Grupo de Apoio a Prevenção de Aids). **Radio broadcast program “Aids in review”: the radio tuned on the community**. International Conference of Aids, de 7 a 12 de julho, 11 (2): 184. 1996.
 - SCHAFF, A. **História e verdade**. São Paulo, Martins Fontes, 1978.
 - SCLIAR, Moacyr. **Oswaldo Cruz & Carlos Chagas: o nascimento da ciência no Brasil**. Odysseus. São Paulo, 2002.
 - SIMÕES, Adriana Machado. **A representação social da AIDS construída a partir das informações veiculadas nos jornais diários: análise da cobertura sobre Aids no jornal Estado de Minas**. Dissertação de Mestrado apresentada na Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais. 1997.
 - SIQUEIRA, D. C. O. **A ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo**. Annablume, 1999.
 - SOARES, Rosana de Lima. **Imagens Veladas: aids, imprensa e linguagem**. AnnaBlume. São Paulo. 2001.
 - SÖDERQVIST, Thomas e Stillwell, Craig. **Essay Review: the historiography of immunology is still in its infancy**. Journal of the history of biology. 32: 205-215, 1999.
 - SONTAG, S. **A Aids e suas metáforas**. Companhia das Letras, São Paulo, 1988.
 - SOUSA, Ana Paula e LÍRIO, Sérgio. **A Rede Globo Ganha outra**. Carta Capital. Ano XI, N. 326. pp. 26-32. 26 de janeiro de 2005.
 - SPINK, Mary Jane P.; Medrado, Benedito; Menegon, Vera M.; Lyra, Jorge & Lima, Helena. **A construção da Aids-notícia**. Cad. Saúde Pública vol.17, no.4. Rio de janeiro. Julho/Agosto, 2001.
 - SUZUKI, David T., Griffiths, Anthony J. F., Miller, Jeffrey H. e Lewontin, Richard C. **Introdução à Genética**. Editora Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 1992.
 - TÁVOLA, Artur da. **A Liberdade do Ver**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
 - TESTER, K. **Media, Culture and Morality**. Routledge, 1994.
 - THOMPSON, J. B. **Ideology and Modern Culture**. Polity Press. 1996.
 - TRONCA, Ítalo A. **As máscaras do medo: Lepra/Aids**. Editora da Unicamp. Campinas, 2000.
 - UNAIDS – United Nations Programme on HIV/AIDS. **Report on the Global Aids Epidemic**. 2004.
 - VELLOSO, M. P. **Modernismo no Rio de Janeiro: turumas e quixotes**. Rio de Janeiro : Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
 - VOGT, Carlos e Polino, Carmelo. **Percepção pública da ciência: resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai**. Editora Unicamp. São Paulo, 2003.
 - WEBER, Maria Helena. **Comunicação: estratégia vital para a saúde**. In Pitta, Áurea Maria da Rocha. (Org.). Saúde e comunicação: visibilidades e silêncios. São Paulo: Editora Hucitec-Abrasco. 1995.
 - WOLTON, Dominique. **O elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. Editora Ática. São Paulo, 1996.

- XAVIER, C. **Aids é coisa séria! - humor e saúde: análise dos cartuns inscritos na I Bienal Internacional do Humor, 1997.** Hist. Cienc. Saúde, v.8, n.1. Rio de Janeiro, 2001.

Filmes:

- **Muito além do cidadão Kane** (*Beyond Citizen Kane*). Direção de Simon Hartog. Documetário da BBC. Inglaterra, 1993.
http://www.dcc.unicamp.br/~gpsl/videos/muito_alem_do_cidadao_kane.avi
- **O declínio do império americano** (*Le Déclin de l'Empire Américain*). Direção de [Denys Arcand](#). 101 min. Canadá, 1986.
- **1984**. Direção de Michael Radford. EUA, 1984.

ANEXO – A-I

Nº Documento:	RJ50-0082045	Período De:	03/02/1985	Até:
Título:	APROVADOS OS TESTES PARA PREVENIR A AIDS			
Nº Documento:	RJ50-0084563	Período De:	31/05/1985	Até:
Título:	COMBATE A AIDS EM LONDRES - REPORTER RENATO MACHADO			
Nº Documento:	RJ50-0088107	Período De:	08/09/1985	Até:
Título:	ANTICORPOS DA AIDS ENCONTRADOS NUM LOTE DE GAMAGLOBULINA-ENTREVISTAS COM ALFREDO ABRAAO,DIRETOR DO HOSPITAL DO CANCER-SP E ELDO FRANCHIN,DIRETOR DO INST.BHERING			
Nº Documento:	RJ50-0112890	Período De:	17/05/1987	Até:
Título:	NA ALEMANHA OCIDENTAL,METADE DOS HEMOFILICOS PEGARAM AIDS DO SANGUE QUE DEVERIA SALVA-LOS			
Nº Documento:	RJ50-0114774	Período De:	30/08/1987	Até:
Título:	NOS EUA,MORADORES DE UMA PEQUENA CIDADE DECLARAM GUERRA CONTRA 3 CRIANCAS PORTADORAS DO VIRUS DA AIDS			
Nº Documento:	RJ50-0125479	Período De:	31/07/1988	Até:
Título:	LIXO HOSPITALAR CONTAMINADO COM O VIRUS DA AIDS PROVOCA O FECHAMENTO DE VARIAS PRAIAS NO LITORAL NORDESTE DOS EUA			
Nº Documento:	RJ50-0145055	Período De:	17/02/1990	Até:
Título:	ROMENIA INICIA TRATAMENTO DE BEBES E CRIANCAS COM AIDS NO PAIS.OMS FORNECERA INFORMACOES SOBRE A DOENCA E SEU TRATAMENTO PARA OS MEDICOS ROMENOS.			
Nº Documento:	RJ50-0159846	Período De:	19/05/1991	Até:
Título:	EM NOVA IORQUE,25 MIL PESSOAS PARTICIPAM DA SEXTA MARCHA ANUAL DA AIDS.			
Nº Documento:	RJ51-0025560	Período De:	27/03/1983	Até:
Título:	SINDROME DA DEFICIENCIA IMUNOLOGICA-EPIDEMIA DO SEculo			
Nº Documento:	RJ51-0027123	Período De:	26/06/1983	Até:
Título:	A LUTA CONTRA A AIDS - DOENCA QUE DESTROI AS DEFESAS NATURAIS DO ORGANISMO - ENTREVISTA COM A DRA.VALERIA PETRI - S.PAULO			
Nº Documento:	RJ51-0027244	Período De:	03/07/1983	Até:
Título:	OPINIAO PUBLICA AMERICANA SE MOBILIZA PARA EVITAR PANICO EM RELACAO AO AIDS - MANIFESTACAO EM NOVA IORQUE E ENTREVISTA COM EDWARD KOCH E HOMEM COM A DOENCA			
Nº Documento:	RJ51-0030409	Período De:	29/04/1984	Até:
Título:	DESCOBERTO O VIRUS DA AIDS - REPORTER HELIO COSTA - DEPOIMENTO DE MEDICOS AMERICANOS E BRASILEIROS			
Nº Documento:	RJ51-0037521	Período De:	31/03/1985	Até:
Título:	SIMPOSIO NA SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO SOBRE A AIDS - REPORTER FERNANDES ESTEVES			
Nº Documento:	RJ51-0038591	Período De:	05/05/1985	Até:
Título:	COMBATE A AIDS NO BRASIL E NO EXTERIOR-REPORTERES ELEONORA PASCHOAL,SERGIO BRANDAO,FLAVIO PORCELLO,HELIO COSTA E RENATO MACHADO			
Nº Documento:	RJ51-0038621	Período De:	12/05/1985	Até:
Título:	IMAGEM DO REMEDIO ISOPRINOSINE DE COMBATE A AIDS			
Nº Documento:	RJ51-0042231	Período De:	24/09/1985	Até:
Título:	INSTITUTO PASTEUR - EM PARIS - DESENVOLVE NOVA SUBSTANCIA PARA O TRATAMENTO DA AIDS - HPA-23 - REPORTER SILIO BOCCANERA			
Nº Documento:	RJ51-0043787	Período De:	03/11/1985	Até:
Título:	JOVEM GAUCHA SE CASA COM UM PORTADOR DO VIRUS DA AIDS			
Nº Documento:	RJ51-0043910	Período De:	24/11/1985	Até:
Título:	MUSICAL - DIONNE WARWICK,STEVIE WONDER,ELTON JOHN E GLADYS KNIGHT CANTAM "THAT'S WHAT FRIENDS ARE FOR" DE BURT BACHARACH EM BENEFICIO DAS VITIMAS DA AIDS			
Nº Documento:	RJ51-0046221	Período De:	10/01/1988	Até:
Título:	SECRETARIA ESTADUAL DE SAUDE DE SAO PAULO DECIDE PROIBIR OS CHAMADOS TESTES EM "POOL",TESTES COLETIVOS ANTI-AIDS - REPORTER NELSON ARAUJO			

Nº Documento:	RJ51-0047364	Período De:	29/06/1986	Até:	
Título:	TESTE PARA DETECTAR A AIDS NAO ESTA SENDO FEITO EM SAO PAULO MESMO SENDO PRESCRITO POR LEM - REPORTER CACO BARCELOS				
Nº Documento:	RJ51-0050109	Período De:	21/08/1986	Até:	* DAU *
Título:	EM HOUSTON, EUA O PRIMEIRO HOSPITAL DO MUNDO SO PARA O TRATAMENTO DA AIDS. INSTITUTO DE PROBLEMAS IMUNOLÓGICOS				
Nº Documento:	RJ51-0051922	Período De:	07/12/1986	Até:	
Título:	NO RIO E SAO PAULO MEDICOS E TECNICOS ALERTAM CONTRA O PERIGO DA AIDS NO BRASIL - REPORTERES SERGIO GREGORY E AFONSO MONACO				
Nº Documento:	RJ51-0052258	Período De:	11/01/1987	Até:	
Título:	PESQUISADORES E CIENTISTAS BRASILEIROS DISCUTEM AS MELHORES MANEIRAS DE SE TER UM BOM SISTEMA IMUNOLÓGICO PARA O COMBATE DA AIDS E DE OUTRAS DOENCAS				
Nº Documento:	RJ51-0052358	Período De:	18/01/1987	Até:	
Título:	EM NOVA IORQUE, A BRASILEIRA MARIA RIBEIRO QUER SE CASAR COM DAVID HEFNER UM CABLEIREIRO AMERICANO VITIMA DA AIDS - REPORTER LUCAS MENDES				
Nº Documento:	RJ51-0052818	Período De:	15/02/1987	Até:	
Título:	CASAMENTO DA BRASILEIRA MARIA RIBEIRO COM O AIDETICO NORTE-AMERICANO DAVID HEFTNER NA CATEDRAL DE SAINT-PATRICK EM NOVA IORQUE - REP. PAULO CESAR DE ARAUJO				
Nº Documento:	RJ51-0054156	Período De:	10/05/1987	Até:	
Título:	PRESIDENTE DO CONGRESSO NACIONAL DE HEMATOLOGIA ROMEU IBRAHIM DE CARVALHO FALA DO CRESCIMENTO DA AIDS NO BRASIL				
Nº Documento:	RJ51-0054251	Período De:	24/05/1987	Até:	
Título:	CONTAMINACAO DE 3 ENFERMEIRAS COM AIDS NOS EUA CAUSA APREENSAO SOBRE AS FORMAS DE TRANSMISSAO DA DOENCA-REP. LUIS FERNANDO S. PINTO-FONTE/WTN OU ABC OU				
Nº Documento:	RJ51-0054272	Período De:	31/05/1987	Até:	
Título:	CRAVIANO, BEBE FILHO DO PINTOR GAUCHO E AIDETICO LUIZ CARDOSO SAI DO HOSPITAL E VAI PARA SUA CASA-ELE PASSA BEM E NAO TEM AIDS				
Nº Documento:	RJ51-0054511	Período De:	07/06/1987	Até:	
Título:	PREPARATIVOS PARA O ENCONTRO DE CUFULA ECONOMICA ENTRE DIRIGENTES DOS 7 PAISES CAPITALISTAS MAIS RICOS DO MUNDO, EM VENEZA-REPORTER SILIO BOCCANERA				
Nº Documento:	RJ51-0054957	Período De:	28/06/1987	Até:	
Título:	AS ALTERNATIVAS DO TRATAMENTO DA AIDS - USO DE REMEDIOS NAO APROVADOS OFICIALMENTE TERAPIAS ALTERNATIVAS-J. REBOUCAS, A. MONACO E E. LEONORA PASCHOAL				
Nº Documento:	RJ51-0055100	Período De:	05/07/1987	Até:	
Título:	AIDETICO JOSEPH MARKOWSKI, 29 ANOS, SERA JULGADO POR TENTATIVA DE HOMICIDIO NOS EUA- ELE DOOU SANGUE APOS SABER QUE TINHA AIDS				
Nº Documento:	RJ51-0055101	Período De:	05/07/1987	Até:	
Título:	COMERCIAIS DA CAMPANHA INFORMATIVA DA REDE GLOBO SOBRE A AIDS, COM INFORMACOES APROVADAS PELA ORGANIZACAO MUNDIAL DE SAUDE				
Nº Documento:	RJ51-0055852	Período De:	06/09/1987	Até:	
Título:	A AIDS E A EDUCACAO SEXUAL NAS ESCOLAS - COLEGIOS PUBLICOS E PARTICULARES DE 1 E 2 GRAUS COMECAM A ORIENTAR ALUNOS SOBRE A AIDS - REPORTER SOLANGE BASTOS				
Nº Documento:	RJ51-0055886	Período De:	13/09/1987	Até:	
Título:	IRMAOS HEMOFILICOS BENEFIL, FRANCISCO MARIO E HERBERT DE SOUZA ESTAO CONTAMINADOS COM VIRUS DA AIDS - HERBERT DE SOUZA FALA DA IMPORTACAO DE AZT-A LINDENBERG				
Nº Documento:	RJ51-0055899	Período De:	20/09/1987	Até:	
Título:	BALANCO DA VIAGEM DO PAPA JOAO PAULO II AOS EUA-MOMENTOS MAIS EMOCIONANTES-REPORTER FERNANDO SILVA PINTO				
Nº Documento:	RJ51-0055904	Período De:	20/09/1987	Até:	
Título:	TRATAMENTO DE CRIANCAS COM AIDS NO HOSPITAL EMILIO RIBAS EM SAO PAULO - CRESCE O NUMERO DE CRIANCAS AIDETICAS NO BRASIL - REPORTER MONICA TEIXEIRA				
Nº Documento:	RJ51-0056127	Período De:	11/10/1987	Até:	
Título:	MODELO BRASILEIRA, MARJORIE ANDRADE, E ESCOLHIDA PARA PARTICIPAR DE EXPOSICAO DE POSTERS GIGANTES DOS 50 ROSTOS FEMININOS MAIS BONITOS DO MUNDO				

Nº Documento:	RJ51-0056161	Período De:	25/10/1987	Até:	
Título:	GANG DA AIDS EM FLORIANOPOLIS - MARCIA SILVEIRA, JOVEM QUE DENUNCIOU PACTO ENTRE AIDETICOS PARA DISSEMINAR A DOENÇA, E AMEACADA DE MORTE				
Nº Documento:	RJ51-0057110	Período De:	20/12/1987	Até:	
Título:	INSTITUTO WEIZMANN EM REHOVOT, ISRAEL DESENVOLVE PESQUISAS AVANÇADAS NO COMBATE AO CANCER E A AIDS - REPORTER GLORIA MARIA				
Nº Documento:	RJ51-0057127	Período De:	27/12/1987	Até:	
Título:	COORDENADORA DO GRUPO EXECUTIVO DE TRATAMENTO DA AIDS DO MINISTERIO DA SAÚDE LAIR GUERRA FALA DA PREVENÇÃO DA DOENÇA DURANTE O VÉRÃO - REPORTER MIRIAM DUTRA				
Nº Documento:	RJ51-0057163	Período De:	03/01/1988	Até:	
Título:	NÚMERO DE MORTES CAUSADAS PELA AIDS, EM SÃO PAULO, E O DOBRO DO NÚMERO FORNECIDO PELOS DADOS OFICIAIS SOBRE O ASSUNTO - REPORTER NELSON ARAÚJO				
Nº Documento:	RJ51-0057234	Período De:	17/01/1988	Até:	
Título:	A FALTA DE CONTROLE NOS BANCOS DE SANGUE BRASILEIROS, QUE CAUSAM UM NÚMERO CADA VEZ MAIOR DE DOENÇAS ADQUIRIDAS ATRAVÉS DO SANGUE CONTAMINADO - H. DE GRAMMONT				
Nº Documento:	RJ51-0057244	Período De:	17/01/1988	Até:	
Título:	AUMENTAM OS CASOS DE AIDS EM SÃO PAULO - AIDETICOS INTERNADOS NO HOSPITAL EMÍLIO RIBAS - A AIDS EM MULHERES - REPORTER MONICA TEIXEIRA				
Nº Documento:	RJ51-0057570	Período De:	20/03/1988	Até:	* DAU *
Título:	MUSICAL-CAMPAÑA DA AIDS-"VIVER OUTRA VEZ"-VÁRIOS ARTISTAS REUNIDOS GRAVAM DISCO CUJA RENDA REVERTERÁ EM BENEFÍCIO DAS VÍTIMAS DA AIDS-DIREÇÃO HELMAR SÉRGIO				
Nº Documento:	RJ51-0057660	Período De:	03/04/1988	Até:	
Título:	PREVISÃO DE EPIDEMIA DE AIDS NA CIDADE DE SALTO, SÃO PAULO, CAUSA POLEMICA - REP. CLAUDIA MIANI				
Nº Documento:	RJ51-0057925	Período De:	01/05/1988	Até:	
Título:	RELACÃO DOS MÉDICOS E ENFERMEIROS COM OS DOENTES AIDÉTICOS - REP. CARLOS DORNELLES				
Nº Documento:	RJ51-0058160	Período De:	05/06/1988	Até:	
Título:	NOVIDADES NA CIÊNCIA, TECNOLÓGICA E MEDICINA				
Nº Documento:	RJ51-0058181	Período De:	12/06/1988	Até:	
Título:	GLASNOST PERMITE A DISCUSSÃO SOBRE A AIDS NA UNIÃO SOVIÉTICA - REP. SÍLIO BOCCANERA				
Nº Documento:	RJ51-0058208	Período De:	19/06/1988	Até:	
Título:	CONGRESSO REÚNE EM ESTOCOLMO, SUÉCIA, CERCA DE SETE MIL CIENTISTAS EM AIDS, PARA DISCUTIR A DOENÇA-REP. SÍLIO BOCCANERA				
Nº Documento:	RJ51-0058221	Período De:	26/06/1988	Até:	
Título:	DANTURNER, UM DOS MAIS ANTIGOS AIDÉTICOS DO MUNDO				
Nº Documento:	RJ51-0058777	Período De:	14/08/1988	Até:	
Título:	SALÃO DO HUMOR EM PIRACICABA DÁ PRÊMIO HENFIL A TRABALHO S/AIDSELHOR TRABALHO SOBRE AIDS - REP. RENATA CERIBELI				
Nº Documento:	RJ51-0058809	Período De:	21/08/1988	Até:	
Título:	SIMPOSIÓ EM SÃO PAULO REÚNE OS MAIORES ESPECIALISTAS EM CANCER E AIDAS DO MUNDO-REP. ROSANGELA SANTOS				
Nº Documento:	RJ51-0061109	Período De:	29/01/1989	Até:	
Título:	SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DA BAHIA LANÇA CAMPANHA DE PREVENÇÃO DA AIDS NO CARNAVAL				
Nº Documento:	RJ51-0061955	Período De:	09/04/1989	Até:	
Título:	TERCEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL DE ODONTOLOGIA DE BRASÍLIA CONFIRMA QUE NÃO HA RISCO DE SE CONTRAIR AIDS EM CONSULTÓRIOS DENTÁRIOS-REP. MIRIAM DUTRA				
Nº Documento:	RJ51-0062004	Período De:	23/04/1989	Até:	
Título:	CIENTISTA PETER DUESBERG CAUSA POLEMICA AO AFIRMAR QUE O VIRUS HIV NÃO É O CAUSADOR DA AIDS - REP. LUIS FERNANDO SILVA PINTO				

Nº Documento:	RJ51-0062561	Período De:	11/06/1989	Até:	
Título:	CONFERENCIA SOBRE AIDS REUNE DOZE MIL MEDICOS,CIENTISTAS E PESQUISADORES DO MUNDO TODO EM MONTREAL,CANADA-REP.LUCAS MENDES.				
Nº Documento:	RJ51-0062744	Período De:	02/07/1989	Até:	
Título:	GIRO PELO MUNDO - MENINA SOME EM ENCHENTE EM HOUSTON E REAPARECE;INCOR FAZ ELETROCARDIOGRAMA DE PESSOAS QUE USAM MARCAPASSO PELO TELEFONE				
Nº Documento:	RJ51-0062998	Período De:	23/07/1989	Até:	
Título:	RETROSPECTIVA DOS TRABALHOS DO ATOR E CANTOR LAURO CORONA POR OCASIAO DE SUA MORTE				
Nº Documento:	RJ51-0063307	Período De:	20/08/1989	Até:	* DAU *
Título:	GIRO PELO MUNDO-AZT RETRATA O APARECIMENTO DA DOENCA EM PORTADORES DO VIRUS DA AIDS;URSA PROCURA FILHOTE EM ALBUQUERQUE;EMPREST.SOB RESTR.,VIDE OBS.E				
Nº Documento:	RJ51-0063452	Período De:	03/09/1989	Até:	
Título:	GIRO PELO MUNDO - CIENTISTAS AMERICANOS DESCOBREM UM NOVO REMEDIO PARA A AIDS,A IMUNOADESINA E OUTROS ASSUNTOS				
Nº Documento:	RJ51-0063674	Período De:	17/09/1989	Até:	
Título:	GIRO PELO MUNDO-PASSEATA DE PROTESTO DE AIDETICOS EM NOVA IORQUE,HELICOPTERO-AVIAO,ALIMENTOS COM PESTICIDAS NOS EUA E OUTROS-EMPRESTIMO SOB RESTR.,VER OBSERV.				
Nº Documento:	RJ51-0063718	Período De:	01/10/1989	Até:	
Título:	CIENTISTAS INGLESES E BRASILEIROS DIVULGAM EM LONDRES OS RESULTADOS DE UMA EXPEDICAO QUE FIZERAM NA AMAZONIA - REPORTER PEDRO BIAL				
Nº Documento:	RJ51-0063892	Período De:	22/10/1989	Até:	
Título:	GIRO PELO MUNDO - LENTES DE CONTATO,ATRIZ QUE VIROU MAE DE SANTO E OUTROS - EMPRESTIMO SOB RESTRICAO,VIDE OBSERVACAO				
Nº Documento:	RJ51-0063972	Período De:	29/10/1989	Até:	
Título:	GIRO PELO MUNDO-MENINO AMERICANO QUE TER UMA ESCOLA SO PARA ELE,A MENINA PAULISTA DE 16 ANOS QUE NAO TINHA TITULO NO TRE E OUTROS				
Nº Documento:	RJ51-0064523	Período De:	07/01/1990	Até:	
Título:	NOVIDADES DE 89:AIDS E IMUNOLOGIA,NO BRASIL;A TENDENCIA DA MODA NO MUNDO-REP.C.FRANCO;APARELHO DE LASER DE NEUDIMIO-IAG,DESENVOLVIDO EM S.PAULO;OUTROS.				
Nº Documento:	RJ51-0064817	Período De:	04/02/1990	Até:	
Título:	GIRO PELO MUNDO - O AUMENTO NA CACA AOS TUBAROE,AMEACA A ESPECIE NOS EUA,E OUTROS-EMPRESTIMO SOB RESTRICAO,VIDE OBSERVACAO				
Nº Documento:	RJ51-0064974	Período De:	18/02/1990	Até:	
Título:	EM CAMPINAS UMA CRIANCA DE 5 MESES DE IDADE CONTAMINADA PELO VIRUS DA AIDAS,FOI MATRICULADA NUMA CRECHE,E TEMIDA POR MAES DE OUTRAS CRIANCAS-REP.C.PORTO				
Nº Documento:	RJ51-0065390	Período De:	18/03/1990	Até:	
Título:	EM LOS ANGELES O ARCEBISPO ROGER MAHONEY PEDE AOS PADRES E FREIRAS QUE SE APRESENTEM COMO VOLUNTARIOS PARA TESTAR VACINA CONTRA A AIDS				
Nº Documento:	RJ51-0067796	Período De:	27/05/1990	Até:	
Título:	GIRO POR AI: OS MEDICAMENTOS CONTRA A AIDS FORAM LIBERADOS NOS EUA.				
Nº Documento:	RJ51-0068509	Período De:	01/07/1990	Até:	
Título:	NOVIDADES - O ROBO INDUSTRIAL CRIADO NOS EUA; E OUTROS				
Nº Documento:	RJ51-0068673	Período De:	15/07/1990	Até:	
Título:	MEDICOS EM SAO PAULO,ALERTAM PARA O AUMENTO DOS CASOS DE AIDS NO PAIS.-REP.FERNANDA ESTEVES.				
Nº Documento:	RJ51-0070536	Período De:	09/12/1990	Até:	
Título:	A ADMINISTRACAO DO HOSPITAL HOPKINS,NOS EUA PROCURA 1.800 PACIENTES OPERADOS POR MEDICOS QUE ESTAVA COM AIDS				
Nº Documento:	RJ51-0071025	Período De:	06/01/1991	Até:	
Título:	AS PERSPECTIVAS E NOVIDADES NA POLITICA,CIENCIA,SAUDE E NAS RELACOES MUNDIAIS PARA 1991-REPS.LUIZ FERNANDO LIMA,ALEXANDRE GARCIA,FERNANDO SILVA PINTO				

Consulta

Nº Documento:	RJ51-0071130	Período De:	13/01/1991	Até:	
Título:	O HOSPITAL GAFFREE E GUINLE CONSEGUE AUMENTAR A SOBREVIVÊNCIA DE PACIENTES AIDÉTICOS USANDO NOVOS REMÉDIOS E TRATAMENTO MAIS EFICIENTE - REP. ANGELA LINDEMBERG				
Nº Documento:	RJ51-0071353	Período De:	03/03/1991	Até:	
Título:	EM PORTO ALEGRE, A DOUTORA DORA SIMBENBERG FAZ TESTES COM UMA VACINA JAPONESA EM AIDÉTICOS E ESTA CONSEGUINDO AUMENTAR A RESISTÊNCIA DELES-REP. ROSANE MARCHETTI				
Nº Documento:	RJ51-0073400	Período De:	16/06/1991	Até:	
Título:	CIENTISTAS AMERICANOS FAZEM TESTES COM UMA NOVA VACINA QUE ESTA CONSEGUINDO CONTER O AVANÇO DA AIDS NO ORGANISMO.				
Nº Documento:	RJ51-0073675	Período De:	30/06/1991	Até:	
Título:	A CANTORA MADONNA SE REÚNE COM AIDÉTICOS E REZA NOS BASTIDORES ANTES DE COMEÇAR SHOW NO MADISON SQUARE GARDEN - CLIP DA MÚSICA "HOLIDAY" AO VIVO				
Nº Documento:	RJ51-0073810	Período De:	14/07/1991	Até:	
Título:	A AIDS SE PROLIFERA A NÍVEIS ALARMANTES NOS PRESÍDIOS BRASILEIROS				
Nº Documento:	RJ51-0075013	Período De:	22/09/1991	Até:	
Título:	OS ESTRANGEIROS QUE TRABALHAM DE GRACA AJUDANDO FAMÍLIAS CARENTES NO BRASIL - REP. AFONSO MONACO				
Nº Documento:	RJ51-0075408	Período De:	20/10/1991	Até:	* DAU *
Título:	O CRESCIMENTO ALARMANTE DA AIDS EM SANTOS QUE FAZ DA CIDADE PAULISTA A CAPITAL BRASILEIRA DA DOENÇA-REP. DOMINGOS MEIRELLES				
Nº Documento:	RJ51-0076346	Período De:	24/11/1991	Até:	
Título:	AS VITÓRIAS E AS DIFICULDADES NO COMBATE A AIDS NO BRASIL				
Nº Documento:	RJ51-0076371	Período De:	01/12/1991	Até:	
Título:	AS MANIFESTAÇÕES PELA PREVENÇÃO E COMBATE A AIDS NA EUROPA E NA ÁFRICA-REP. SILIO BOCCANERA				
Nº Documento:	RJ51-0076372	Período De:	01/12/1991	Até:	* DAU *
Título:	FREDDIE MERCURY, VOCALISTA DO GRUPO DE ROCK INGLÊS "QUEEN", MORRE DE AIDS, AOS 45 ANOS. A TRAJETÓRIA DE SUCESSO DE MERCURY À FRENTE DO GRUPO-REP. PEDRO BIAL				
Nº Documento:	RJ51-0076373	Período De:	01/12/1991	Até:	
Título:	CLIP DO GRUPO "QUEEN" CANTANDO "THE SHOW MUST GO ON"				
Nº Documento:	RJ51-0076571	Período De:	08/12/1991	Até:	
Título:	BOMBAS TERRORISTAS NA INGLATERRA - MORRE NOS EUA, KIMBERLY BERGALIS QUE CONTRAIU AIDS NO DESTINO - ELEIÇÕES NA MOLDAVIA INDEPENDENTE				
Nº Documento:	RJ51-0076764	Período De:	29/12/1991	Até:	
Título:	CIENTISTA BRITÂNICO TESTA REMÉDIO CAPAZ DE REDUZIR EM ATÉ 50% AS MORTES DE PACIENTES AIDÉTICOS-REP. VALÉRIA SFFEIR				
Nº Documento:	RJ51-0077081	Período De:	19/01/1992	Até:	
Título:	COM O PROBLEMA DA AIDS, CHEGA UMA NOVA EXPRESSÃO: O "SEXO SEGURO" ARTISTAS E PESSOAS NA RUA FALAM SOBRE O SEXO SEGURO E SUAS DUVIDAS SOBRE AIDS-REP. GLÓRIA MARIA				
Nº Documento:	RJ51-0077134	Período De:	26/01/1992	Até:	
Título:	DEPOIS DO FRACASSO DA PRACA ONDE O CONSUMO DE DROGAS ERA LIBERADO, O GOVERNO SUÍÇO TENTA CONTER DROGAS E AIDS TRATANDO VICIADOS EM ABRIGOS PARA ATAQUES NUCLEARES				
Nº Documento:	RJ51-0077184	Período De:	09/02/1992	Até:	* DAU *
Título:	O COMPORTAMENTO DE RISCO PARA CONTRAIR A AIDS VARIACÃO DE PARCEIROS SEXUAIS E A NEGLIGÊNCIA DO USO DE PRESERVATIVOS ALASTRA A DOENÇA-REP. SANDRA PASSA				
Nº Documento:	RJ51-0077255	Período De:	23/02/1992	Até:	
Título:	A POLÍCIA ITALIANA ESTÁ EXPULSANDO TRAVESTIS BRASILEIROS DE ROMA; PESQUISA REVELOU QUE 68% DOS TRAVESTIS SUL AMERICANOS NO PAÍS TEM AIDS - REP. LENISE FIGUEIREDO				
Nº Documento:	RJ51-0078425	Período De:	19/04/1992	Até:	
Título:	CRIANÇAS FILHAS DE PAIS AIDÉTICOS SÃO BATIZADAS EM SÃO PAULO				

Nº Documento:	RJ51-0078478	Período De:	26/04/1992	Até:	* DAU *
Título:	ATRIZ CARLA MARINS FALA DE SUA VIDA E SUA CARREIRA				
Nº Documento:	RJ51-0078694	Período De:	03/05/1992	Até:	
Título:	O MEDO DA AIDS LEVA A UNIAO DAS MAES DA INGLATERRA A DISCUTIR A LEGALIZACAO DOS BORDEIS-REP.VALERIA SFFEIR				
Nº Documento:	RJ51-0078810	Período De:	10/05/1992	Até:	
Título:	MENINA SHEILA DE 5 ANOS E EXPULSA DA ESCOLA,EM SAO PAULO,POR SER PORTADORA DO VIRUS DA AIDS E GERA UMA POLEMICA NACIONAL.-REP.HELENA GRAMMONT.				
Nº Documento:	RJ51-0079218	Período De:	31/05/1992	Até:	
Título:	ORTOPEDISTA DE BAURU SE NEGA A AMPUTAR A PERNA DE UM PACIENTE AIDETICO,COM MEDO DE PEGAR A DOENCA-REP.LUCIUS DE MELLO				
Nº Documento:	RJ51-0079276	Período De:	24/05/1992	Até:	
Título:	O RITUAL DE SANGUE PRATICADO NOS TERREIROS DE CANDOMBLE DE SERGIPE PODE ESTAR ESPALHANDO O VIRUS DA AIDS ENTRE SEUS PRATICANTES.-REP.GLORIA MARIA				
Nº Documento:	RJ51-0079351	Período De:	14/06/1992	Até:	
Título:	DRAMAS DE PESSOAS QUE TEM AIDS,NOS EUA-REP.CARLOS DORNELLES.				
Nº Documento:	RJ51-0079352	Período De:	14/06/1992	Até:	
Título:	PESSOAS QUE SAO ATORMENTADAS POR MANIACOS OBSESSIVOS,QUE FAZEM TELEFONEMAS E ENVIAM CARTAS ANONIMAS - REP.LEILANE NEUBARTH				
Nº Documento:	RJ51-0080013	Período De:	19/07/1992	Até:	
Título:	PAPA MANDA MENSAGEM AOS FIEIS,AGRADECENDO AS ORACOES POR SUA RECUPERACAO;PROTESTOS EM CONFERENCIA DE AIDS NA HOLANDA;PROTESTO CONTRA A POLICIA NA INGL				
Nº Documento:	RJ51-0080058	Período De:	26/07/1992	Até:	
Título:	ESPECIALISTAS DA CONFERENCIA MUNDIAL SOBRE AIDS,DE AMSTERDA,DIZEM QUE A PREVENCAO AINDA E O MELHOR REMEDIO CONTRA A DOENCA-REP.SILIO BOCCANERA				
Nº Documento:	RJ51-0080481	Período De:	13/09/1992	Até:	* DAU *
Título:	MORRE DE AIDS O ATOR ANTHONY PERKINS,NOS EUA.				
Nº Documento:	RJ51-0080810	Período De:	11/10/1992	Até:	
Título:	O TESTE DA AIDS-CENTRO DE TESTAGEM ANONIMA,DISQUE AIDS E A EXIGENCIA DE ALGUMAS EMPRESAS DO EXAME DA AIDS-REP.FERNANDA ESTEVES				
Nº Documento:	RJ51-0081002	Período De:	25/10/1992	Até:	
Título:	PROFESSOR ANTONIO DE SOUZA QUE TINHA RESULTADO POSITIVO DO TESTE DA AIDS DESCOBRE APOS CINCO ANOS QUE ESTE RESULTADO ERA FALSO-REP.SONIA BRIDDI				
Nº Documento:	RJ51-0081120	Período De:	08/11/1992	Até:	
Título:	RICK RAY MENINO AIDETICO QUE FOI EXPULSO DA ESCOLA FAZ APELO CONTRA ESTE TIPO DE INJUSTICA				
Nº Documento:	RJ51-0081253	Período De:	15/11/1992	Até:	
Título:	PROFESSOR WALTER ACCORSI ESTUDIOSO DAS PLANTAS MEDICINAIS ESTA TRATANDO AIDS ATRAVES DA PHITOTERAPIA - REPORTER ERNESTO PAGLIA				

ANEXO – A-II

Breve descrição dos programas do *Fantástico* analisados:

- **M1** - 27/03/1983 - *Síndrome da Deficiência Imunologia - Epidemia do Século*, (11min25seg). Apenas um repórter é responsável pela matéria (Hélio Costa). As fontes consultadas são 5 cientistas; 2 pacientes de Aids (1 homossexual e 1 menino hemofílico de 11 anos); e 1 membro de sociedade civil organizada. A matéria objetiva descrever os aspectos científicos da doença: os mecanismos de ação, sintomas, os grupos mais atingidos, formas de contração e conhecimentos até então adquiridos pelos cientistas. O foco está nos Estados Unidos. A atmosfera de medo e pânico em relação à doença está latente, seja no tom de voz do narrador, nos adjetivos utilizados, na música de fundo, imagens captadas, ângulo filmado na diagonal e cenas escuras. O tom é alarmista.
- **M2** - 26/06/1983- *A Luta contra a Aids - doença que destrói as defesas naturais do organismo* (5min12seg). A jornalista responsável não é identificada. A única fonte consultada é da médica Valéria Petri, que teria diagnosticado os primeiros casos da doença no país. O gancho da matéria é a morte do estilista Markito, que marca a chegada da Aids no Brasil. O enfoque dado é o científico, na medida em que procura orientar o público sobre formas de contração, grupos mais atingidos, período de incubação e providências que os cientistas e a sociedade civil (distribuição de apostila com informações sobre a Aids) está tomando. É enfatizada a questão dos problemas dos bancos de sangue. A matéria é, sobretudo, nacional e com um tom neutro-informativo, prioritariamente.
- **M3** - 29/04/1984 - *Descoberto o vírus da Aids* (7min12seg). Dois jornalistas aparecem como responsáveis pela matéria (Hélio Costa e outra cujo nome não é mencionado) e que acabam equilibrando a divulgação de informações do exterior (EUA) e do Brasil. São consultados 7 cientistas, sendo 4 brasileiros e os outros norte-americanos. O enfoque é científico, uma vez que trata da descoberta do vírus da Aids e de seus desdobramentos, além do quadro da doença no país, informando, novamente, sobre seus grupos mais afetados, números de casos no país e como a doença tem se comportado.

- **M4** - 05/05/1985 - *Combate a Aids no Brasil e no Exterior* (17min56seg) - Repórteres Eleonora Paschoal, Sérgio Brandão, Flávio Porcello, Hélio Costa e Renato Machado. Entre as fontes consultadas estão 3 membros do governo (1 federal e dois do estadual), 5 cientistas, os pais de um menino que morreu de Aids, 3 profissionais do sexo. É a primeira matéria depois do anúncio que o governo brasileiro assume oficialmente a existência da Aids e planeja ações para seu combate. O enfoque é na disseminação da epidemia pelo país (nacional), com estatística de casos em vários estados. O objetivo é aproximar a questão do espectador, de forma a responsabilizá-lo pelo contágio e disseminação do vírus. O discurso científico passa a lidar também com a política: faltam de investimentos em pesquisa, equipamentos para hospitais e recursos humanos para tentar conter a doença.
- **M5** - 24/09/1985 - *Instituto Pasteur* (5min29seg). O repórter é Sílio Boccanera. As fontes consultadas são 1 paciente de Aids, 3 cientistas. O foco é na pesquisa da França. O objetivo é trazer esperança para o espectador, com o desenvolvimento de uma substância, HPA-23 que poderá ser usada no tratamento de pacientes com Aids, impedindo o vírus de se multiplicar. O enfoque é científico e informativa.
- **M6** - 31/08/1986 - *O primeiro hospital do mundo só para o tratamento da Aids* (2min42seg). Não há repórter, apenas narrador. As fontes entrevistadas são: 2 pacientes de Aids; 1 enfermeira; 1 cientista. O foco são os EUA. A ênfase continua sendo a ciência, mas com uma tendência mais voltada para o tratamento da doença. O tom é de esperança, no sentido que fornece mais qualidade no tratamento dos pacientes, além de humanizá-los.
- **M7** - 07/12/1986 - *Rio e São Paulo – Aids no Brasil* (17min). A matéria conta com a participação de 5 jornalistas, que entrevistam 7 cientistas e 1 membro de organização não governamental. O objetivo é apresentar como a Aids está espalhada no país e mostrar a falta de atitude governamental em relação à doença, através de denúncias feitas pelos entrevistados, que legitimam a denúncia. A doença passa a ser problema de todos e a responsabilidade recai sobre o público. O tom é de alarde, a matéria é nacional e o enfoque é mais político, mesmo que os principais entrevistados sejam médicos.

- **M8** - 11/01/1987 - *Pesquisadores e cientistas brasileiros discutem as melhores maneiras de se ter um bom sistema imunológico para o combate da Aids e de outras doenças* (8min35seg). Matéria que trata sobre o cuidado com o sistema imunológico. Embora tenha a participação de 2 repórteres, que conversam com 6 médicos ou especialistas, a matéria é superficial, sem trazer novidades. Fala da importância da amamentação, de se manter uma boa alimentação e qualidade de vida para garantir saúde. A Aids certamente foi o motivo para trazer o assunto à tona, afinal o sistema imunológico se popularizou com a doença, mas ela só é mencionada rapidamente. A notícia é nacional e internacional (EUA).
- **M9** - 28/06/1987 - *As alternativas do tratamento da Aids* (19min9seg). Os repórteres são Júlio Rebouças, Afonso Mônaco e Eleonora Pascoal. São entrevistados 5 pacientes de Aids, 1 representante de organização social; e 1 membro do governo e 6 especialistas. A reportagem apresenta inúmeras alternativas ao tratamento de Aids que estão sendo desenvolvidas, muitas das quais sem aprovação nos órgãos competentes por estarem em fases de testes. O enfoque é científico e social, informativo. A notícia é nacional e internacional (EUA).
- **M10** - 27/12/1987 - *Coordenadora do Grupo Executivo de tratamento da Aids do Ministério da Saúde Lair Guerra fala da prevenção da doença durante o verão* (1min11seg). Âncora é Sérgio Chapelin e o repórter é Miriam Dutra. Apenas um membro do governo é entrevistado. O objetivo é falar de folhetos informativos sobre a Aids que serão distribuídos durante o verão para turistas estrangeiros que cheguem ao país. O enfoque é social, informativo e a notícia é nacional.
- **M11** - 17/01/1988 - *Aumentam os casos de Aids em São Paulo* (9min53seg). O âncora é Sérgio Chapelin, a repórter Mônica Teixeira. Os entrevistados são 3 médicos sem identificação, 2 pacientes de Aids e 1 avó de um paciente. A notícia mostra o mapa da doença no país e os grupos mais atingidos, indicando aumento entre as mulheres. A notícia é tendenciosa, no sentido que julga a forma pela qual os pacientes teriam se infectado, além de abusar da condição deles para conseguir tocar a emoção do espectador. Nacional, com enfoque epidemiológico e, portanto, científico.

- **M12** – 21/08/1988 - *Simpósio em São Paulo reúne os maiores especialistas em Câncer e Aids do mundo* (2min38seg). O âncora é Sérgio Chapelin, e a repórter Rosângela Santos. São consultados os 2 médicos que desenvolveram as substâncias divulgadas, ambos de Israel, Benjamin Eslevin e Nathan Trainy, além de um entrevistado brasileiro, não identificado, que pode ser cientista ou do governo. Evento científico em SP reúne especialistas em câncer e Aids, onde são anunciados os efeitos de duas substâncias com resultados positivos no tratamento da Aids, a AS-1001 e a THF-2.
- **M13** - 23/07/1989 - *Retrospectiva dos trabalhos do ator e cantor Lauro Corona por ocasião de sua morte* (6min48seg). Apenas o âncora, Sérgio Chapelin, noticia a morte de Lauro Corona. Notícia nacional, dentro da editoria gente. O programa prefere omitir que o ator morreria de Aids e também não menciona sua opção pela homossexualidade. Corona era um dos símbolos sexuais das novelas da emissora. São exibidos trechos de trabalhos que o ator fizera na emissora, conservando sua imagem saudável e de galã entre as mulheres.
- **M14** - 03/09/1989 - *Giro Pelo Mundo - Cientistas americanos descobrem um novo remédio para a Aids, a imunoadesina e outros assuntos* (1min30seg). A curta matéria é apresentada pela âncora Fátima Bernardes. Trata-se da imunoadesina, um remédio em fase de testes que é citada como sendo mais eficiente do que o AZT. Tom de esperança, com enfoque científico. Notícia internacional (EUA).
- **M15** - 07/01/1990 - *Novidades de 89¹: Aids e imunologia no Brasil*; a tendência da moda no mundo; aparelho de laser de neodímio-IG, desenvolvido em São Paulo; outros (52seg). Matéria apresentada pelo âncora Sérgio Chapelin, com o repórter C. Franco (não identificado) que relata as novidades no tratamento da Aids para o ano que se inicia. São medicamentos derivados do AZT e que não teriam efeitos colaterais e melhoram a qualidade de vida dos pacientes. Há um comentário do médico Carlos Alberto de Sá, do Hospital Gafrée e Guinle. Tom de esperança, com enfoque científico. Notícia nacional.
- **M16**: 27/05/1990 - *Giro por aí: Os medicamentos contra a Aids foram liberados nos EUA* (1min30seg). O âncora William Bonner anuncia que os medicamentos que

¹ De acordo com o ano do programa, o correto seria Novidades de 90.

vinham sendo testados, mas que estavam em fase de testes, são liberados para uso nos EUA. O único entrevistado é um médico norte-americano, sem identificação, que acredita que os pacientes da Aids não têm nada a perder, mesmo que sejam usados como cobaia, já que têm uma doença sem cura. Seriam 12 medicamentos nesta situação, segundo o Instituto Nacional de Saúde. Novamente, o tom é de esperança, com ênfase na informação científica. Notícia internacional (EUA).

- **M17** - 15/07/1990 - *Médicos em São Paulo alertam para o aumento dos casos de Aids no país* (2min59seg). Âncora é William Bonner e a repórter é Fernanda Esteves. São entrevistados 2 médicos. A matéria apresenta novos números de casos da Aids em São Paulo, mostrando que está crescendo entre os “drogados” e mulheres. O tom é de denúncia das atitudes do governo em relação ao enfrentamento da doença. Entre os pedidos, a necessidade de campanhas para conscientizar a população e a distribuição gratuita de camisinhas. A ênfase está no lado político e é nacional.
- **M18** - 13/01/1991 - *O Hospital Gaffree e Guinle consegue aumentar a sobrevida de pacientes aidéticos usando novos remédios e tratamento mais eficiente* - Rep. Angela Lindemberg (3min57seg). O âncora é Celso Freitas e a repórter é Angela Lindemberg. São entrevistados 1 médico, 1 paciente de Aids e 1 representante do governo. O enfoque é mostrar como o Hospital carioca Gafrée Guinle está tratando pacientes de Aids que estão tendo uma sobrevida maior. O tom é de esperança, informativa, científica e social. A notícia é nacional.
- **M19** - 03/03/1991 - *Em Porto Alegre a doutora Dora Simbenberg faz testes com uma vacina japonesa em aidéticos e está conseguindo aumentar a resistência deles* (2min50seg). O âncora é Celso Freitas e a reportagem é de Rosane Marchetti. São entrevistados uma médica e um paciente. A matéria fala de uma vacina japonesa contra a Aids que está sendo testada no Brasil. Fala dos benefícios que já estão sendo alcançados nos pacientes testados. Novamente, o tom é de esperança, com enfoque científico. A notícia é nacional.
- **M20** - 24/11/1991 - *As vitórias e as dificuldades no combate da Aids no Brasil* (7min1seg). O âncora é Celso Freitas e o repórter é Geneton Moraes Neto. Os entrevistados são 3 médicos e 1 membro do governo federal. A grande mudança

desta matéria é o anúncio de que uma mulher teria transmitido o vírus da Aids para um homem, neste caso o jogador de basquete dos EUA, Magic Johnson. Mostra-se o aumento da incidência da doença entre os heterossexuais, com crescimento acelerado entre as mulheres. Aborda-se também a luta de médicos para combater a doença e de pacientes para sobreviver a ela, com o depoimento de Herbert de Souza. Notícia nacional, com enfoque no discurso científico, embora aborde um viés mais social. Tom neutro.

- **M21** - 01/12/1991 - *As manifestações pela prevenção e combate à Aids na Europa e na África* (1min57seg). A âncora é Valéria Monteiro, e o repórter Silio Boccanera. O objetivo é mostrar como foi o dia internacional da Aids em vários países, saindo fora do eixo EUA-Brasil e mostrando que a doença é preocupação de todos. O enfoque é social, neutro. A notícia é internacional (Europa e África).
- **M22** – 01/12/1991 - *Freddie Mercury, vocalista do grupo de rock inglês “Queen”, morre de aids aos 45 anos* (5min25seg). A âncora é Doris Giesse e o repórter Pedro Bial. Um militante anti-Aids (ONG) é entrevistado. Mostra-se a trajetória de sucesso de Freddy Mercury à frente do grupo de rock Queen. A notícia é internacional (Inglaterra). O enfoque é social, neutro.
- **M23** - 29/12/1991 - *Cientistas britânicos testam remédio capaz de reduzir em até 50% as mortes de pacientes aidéticos* (1min7seg). A âncora é Fátima Bernardes, com reportagem de Valéria Sffeir. Um médico é entrevistado. A notícia trata sobre “a descoberta mais importante nos últimos 5 anos de pesquisa”, que a combinação do AZT com o ciclovir pode melhorar o tratamento de pacientes de Aids, indicando que a doença poderá se tornar crônica. O enfoque é científico, com tom de esperança e é internacional (Inglaterra).
- **M24** - 19/01/1992 - *Com o problema da Aids, chega uma nova expressão: o “sexo seguro”*. Artistas e pessoas na rua falam sobre o sexo seguro e suas dúvidas sobre Aids (10min16seg). A âncora é Doris Giesse e a repórter é Glória Maria. Um médico é entrevistado, 3 atores da Globo e inúmeras pessoas na rua e nos bares do Rio de Janeiro. O objetivo é questionar os entrevistados sobre a definição de “sexo seguro”, para saber se o brasileiro tem mudado seu comportamento sexual em “tempos de Aids”. Há espaço também para tirar dúvidas comuns aos telespectadores

que são respondidas pelo médico. O enfoque é social, com tom tendencioso, no sentido que sugere uma mudança no comportamento sexual, em direção ao moralmente aceitável, ou seja, a fidelidade. A notícia é nacional.

- **M25** - 09/02/1992 - *O comportamento de risco para contrair a Aids, variação de parceiros sexuais e a negligência do uso de preservativos alastram a doença* (8min23seg). O âncora é Celso Freitas e a repórter é Sandra Passa. Uma médica é entrevistada. O objetivo é introduzir o termo comportamento de risco no lugar do grupo de risco. Coloca-se em evidência, sobretudo, o “perigo” da traição como forma de contrair o vírus da Aids. O enfoque é social, com tom tendencioso, a exemplo de **M24**, moralizante. A notícia é nacional.
- **M26** - 15/11/1992 - *Professor Walter Acorsi estudioso das plantas medicinais está tratando Aids através da Fitoterapia*² (6min8seg). A âncora é Doria Giesse e o repórter é Ernesto Paglia. Entre os entrevistados estão 2 cientistas e 1 paciente de Aids. A matéria mostra o uso científico de plantas medicinais no tratamento da Aids. Embora o discurso tenda sempre ao popular, ele é legitimado com informações e depoimentos científicos. O enfoque é científico, com tom neutro. A notícia é nacional.

² Leia-se Fitoterapia. A autora preferiu conservar as informações cedidas pelo Centro de Documentação da Globo.

ANEXO – A-III

PROGRAMA 26.6.83	PROGRAMA 03.7.83
SHOW 507	SHOW 508
Vinheta pré-abertura	Vinheta pré-abertura, rosto de bailarina
<ul style="list-style-type: none"> (Locutor em off) "Os repórteres do Fantástico conviveram durante 20 dias com grupos de crianças que pertencem a 1200 Quadrilhas de menores abandonados que agem nas ruas de São Paulo. Quadrilhas que roubam, assaltam e até matam. Esta noite você vai ver um documento impressionante que serve de ponto de partida para uma discussão que não pode ser mais adiada. O que fazer com crianças assim?" A atriz Lucia Veríssimo: Juntos, Milton Nascimento, Simone e um jovem compositor Mineiro, Tadeu Franco... Volta locutor: "Depois do costureiro Marquito, mais dois casos da nova e misteriosa doença. Aids, no Brasil. E a médica que está cuidando deles dá conselhos à população; o show aplaudido por mais de cinco mil pessoal está no Palace com Lucinha Lins; cinco milhões de cruzeiros para quem der uma pista deste homem. Ele desapareceu misteriosamente há três meses; ele olhava para a imagem do santo, pedia desculpas e fugia com elas. Foi assim que roubou trinta imagens que valem de trezentos milhões de cruzeiros; você pediu e vai ver de novo: Michael Jackson; para a Justiça ela está morta porque os documentos provam isto; O Paralamas do Sucesso... 	<p>(Locutor em off)</p> <p>"Vocês viram: Quadrilhas de crianças que roubam, assaltam e até matam.O Brasil inteiro se comoveu com esta reportagem do Fantástico domingo passado. Agora um grupo de senadores vai percorrer o Brasil para investigar a situação dos menores carentes. Mas, e o Ministro da Justiça, o que pretende fazer com essas crianças?"</p> <p>"Uma canção consagrada de Elvis Presley faz sucesso em português com a dupla Kleiton e Kleidir".</p> <p>"O Repórter Hélio Costa e a luta contra a nova e misteriosa doença: AIDS, que começa a se espalhar pelo mundo. O que o governo americano está fazendo para evitar o pânico. Uma entrevista com uma vítima da AIDS".</p> <p>Paula Saldanha (vivo): "Em pleno sucesso, ele sofreu um acidente e teve que parar de compor e cantar. Mas agora está de volta: Dafê.</p> <p>(Continua Freitas em off)</p> <p>"O ator Nei Latorraca: brincando de suspense, um long play que está sendo lançado nos EUA e no Brasil: César Camargo Mariano; o mais jovem campeão de arco e flecha do mundo"</p> <p>Atriz chama musical do Quarteto em Cy.</p> <p>(cont. Freitas em off)</p> <p>"A diversão de maior sucesso em Las Vegas: Flutuar no espaço; o novo sucesso do jamaicano Eddie Grant.</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Cid Moreira (vivo): “No Paraná, 4 desaparecidos num incêndio de um navio. Em Brasília a Funai negocia a paz com os índios. Num domingo de sol, começam as eleições na Itália. 	Freitas (vivo) : Pancadaria no futebol de mulheres; vitória de Mack En Rol em Winbledon...
<ul style="list-style-type: none"> • Leo Batista: • “Loteria Esportiva - é hora de conferir o cartão. Resultados com a Zebrinha. Veja logo mais nos gols do Fantástico...” 	Vanucci: Vamos conferir agora o cartão do teste 656... (Zebrinha da loteca) “(...) e os gols do campeonato de todo o Brasil, você vai ver logo mais nos gols do Fantástico”.
RODA ABERTURA (bailarinos saem de um corredor. Biquínis pretos e coloridos)	RODA ABERTURA (bailarinos saem de um corredor. Biquínis pretos e coloridos)
Atualidades: “ Muitos mineiros tomaram um susto hoje no centro de Belo Horizonte”. (...) (matéria sobre simulação de incêndio) “ No Rio, a alegria da criançada que acordou cedo e vestiu roupa especial para brincar de piloto” (...) “ Mais humor do que corrida numa prova ciclística em Londres. Na verdade não se pode dizer que é um evento esportivo (...)”	Atualidade: (Freitas)- “No Rio os pescadores festejaram hoje o dia de São Pedro.” “Em Goiás a festa do divino pai eterno leva à Trindade mais de 80 mil pessoas. A festa é uma tradição de 46 anos”.
Musical: Paralamas do Sucesso: Vital e sua moto.	Musical: a jornalista Paula Saldanha apresenta Dafê ((cola direto com narração de Freitas em off)
Variedade/Inusitado: “ É assim que vão ser os parques de diversões do ano 2000. É no centro espacial da Nasa no Alabama, EUA. E enquanto brincam os garotos vão aprendendo muita coisa da técnica, do mistério e da emoção da corrida espacial (...)”	Show: “vejam agora os melhores momentos de um show que já foi aplaudido por mais de um milhão de pessoas aqui no Brasil... Flipper e Sisi, um casal de golfinhos mexicanos”.

Notícia: O resumo da semana .

- “O Brasil vai ter este ano um lucro extra de aproximadamente 100 milhões de dólares com as exportações (...);
- pela primeira vez os EUA aceitam negociar com a guerrilha de El Salvador (...);
- o presidente Figueiredo conheceu a maior pepita de ouro do Brasil, a segunda do mundo, que foi encontrada em serra Pelada;
- dois jornalistas americanos foram mortos num combate entre soldados de Honduras e da Nicarágua;
- **A Polícia Federal conseguiu prender três piratas** do porto de Santos em SP;
- As autoridades soviéticas puniram um locutor de rádio que criticou a invasão do Afeganistão pelo exército vermelho;
- As vacinas BCG foram suspensas (...);
- O ex-presidente de Cuba suicidou-se em Havana;
- **Em um minuto o mundo gasta milhões de dólares** com armamentos;
- O presidente Figueiredo participou no Mato Grosso do lançamento da operação Pantanal para salvar a fauna e a flora da região (...);
- O ônibus espacial Challenger (...);
- O medo de erros médicos, após a morte da cantora Clara Nunes, provocou uma redução de 80% das cirurgias no Brasil (...);
- **E o bem vence o mal nesta terra:** com esta frase o Papa se despediu da Polônia (...);

Notícia: O resumo da semana.

- “As cadernetas de poupança bateram um novo recorde de rendimento: 28,76% no Segundo trimestre (...)
- mais um passo da ciência na luta contra o câncer; já é possível fazer um diagnóstico precoce de alguns tipos da doença com um simples exame de urina (...)
- o partido democrata cristão italiano sofreu a maior derrota eleitoral de todos os tempos (...)
- o arcebispo Marcel Lefreuve se aposenta(...)
- o Banco Central intervém em empresas do grupo Coroa Brastel (...)
- **as mulheres que usam pílula anticoncepcional podem ter gêmeos quando pararem de tomá-la (...),**
- até segunda ordem estão proibidas na União Soviética o tango, bolero (...),
- o boliviano Roberto Soares, conhecido como rei da coca, fez um desafio aos EUA (...)
- **um fato inédito entre as duas Alemanhas:** A ocidental emprestou 400 milhões de dólares a A.O.(...)
- a economia brasileira vai se recuperar a partir do ano que vem, previsão feita por economistas do Banco Mundial em Brasília (...)
- a cidade de Hollywood vai tratar os viciados em coca (...),
- o governo de SP não vai cortar as contas de água e luz por cinco meses de quem estiver desempregado (...)

Chamada: "A seguir: cinco milhões de cruzeiros para quem der uma pista deste homem que desapareceu misteriosamente há três meses. Juntos, Milton Nascimento e Simone"	Chamada: "As velhinhas que viviam num asilo sem lugar nem para apanhar sol, ganham uma nova casa. O mais jovem campeão de arco e flecha do mundo. E daqui a pouco: uma reportagem que emocionou o Brasil inteiro. E agora, quem vai fazer alguma coisa por essas crianças?"
COMERCIAL UM	COMERCIAL UM
Cid Moreira (apresenta em off): Matéria sobre o vereador de Santa Bárbara, interior de São Paulo sumido há mais de um mês /.../ oferecem dinheiro para quem encontrá-lo.	Atualidade: Freitas- "tumulto na final da taça Brasil de futebol feminino"/.../ "menino de doze anos vence em Brasília a primeira travessia do lago Paranoá (...) "acidentes com bóias frias perto de Ribeirão Preto em SP(...) morreram cinco trabalhadores(...)
Atriz Lucia Veríssimo apresenta musical com Milton Nascimento, Simone e Tadeu Franco	Ator Fernando Eiras apresenta musical de César Camargo Mariano.
Cinema: "Mais uma dos Trapalhões. O 23º filme que estreou ontem em São Paulo"	Matéria/Inusitado: menino campeão de arco e flecha "Um garoto de nove anos, um arco e flecha e uma pontaria de fazer inveja a muito veterano" (...)
Humor: Chico Anísio. Fala do otimismo...	Humor: Chico Anísio "... conta a história de como fez para se livrar de um braço que salvou no mar..."
Cid em off: Videoclipe do Conjunto Plasmatics	(entra direto nas velhinhas cantando) Matéria: Comportamento: "Daqui pra frente vai ser assim: só momentos de alegria, de felicidade. Neste fim de semana as 30 velhinhas do Lar de Nazaré ganharam uma casa nova, uma casa com tudo o que elas sonhavam há tanto tempo" (...) matéria mostra imagens feitas pelo programa dois anos antes e anuncia um começo de campanha.

Chamada: "depois do costureiro Marquito mais dois casos na nova e misteriosa doença. Aids no Brasil".	"A Seguir: Ney Latorraca, brincando de suspense. Uma grande festa para o médium Chico Xavier"
COMERCIAL DOIS	COMERCIAL DOIS
Cid abre em off: Entrevista/jornalismo: Fala o que é Aids.... Dois novos casos de Aids surgiram aqui no Brasil.... Quem cuida é esta médica(...)	Variedade/suspense: "E agora vamos brincar de suspense, como se fosse num filme de Hitchkoch e o convidado é o ator Nei Latorraca"(...) o ator entra em uma casa mal assombrada e ao sair correndo de lá, vai ligar o carro e tudo explode.
Musical: cenas do show de Lucinha Lins e Cláudio Tovar. Uma Música.	Musical: Billy Joel
Cid Moreira: Notícias do dia . "Em Brasília a Funai passa o domingo negociando a paz entre os índios. (...); Domingo dia de pescaria, iscas especiais; banda de música, só faltou o principal (...); em Caruaru, Pernambuco, os bacamarteiros revivem a volta dos soldados do Paraguai com uma festa(...)	(entra direto com voz de Freitas em off) Matéria: "mais de quinze mil pessoas vão participar no próximo fim de semana de um encontro pela paz. Uma festa em homenagem a este homem. Aos 56 anos de mediunidade de Francisco Cândido Xavier (...)"
Chamada: "Para a Justiça ela está morta e os documentos provam isso. Você pediu e vai ver de novo: Michael Jackson"	Chamada: "A seguir- o repórter Hélio Costa e a luta contra a nova e misteriosa doença AIDS que começa a se espalhar pelo mundo".
COMERCIAL TRÊS	COMERCIAL TRÊS
Matéria: (Cid Moreira em off): Bizarro. "Agora vejam que caso incrível: Para a Justiça esta mulher está morta há exatamente 1 mês e 13 dias. E aqui está a prova: a certidão de óbito de Maria de Lurdes (...)"	Matéria sobre Aids com Hélio Costa - começa falando(...) "1640 pessoas já contraíram a doença, 700 já morreram(...) mas a população teme que se alastre (...)"
"Cartas, telefonemas de todo o Brasil. Você pediu e vai ver de novo: Michael Jackson"	Theresa Mascarenhas apresenta musical Quarteto em Cy

Variedade: “os esquiadores muito loucos da França. Eles aceitaram um desafio. Fazer uma pirâmide na água (...) puxados por um helicóptero”.	Atualidades: “A maior festa do folclore no norte, boi bumba. Este ano não houve briga e o grupo boi garantido foi tetracampeão”(…) “mundial de motociclismo – um show de perícia do norte-americano Roberts que venceu hoje o grande prêmio da Bélgica(…) “no Rio uma homenagem da colônia árabe aos 30 anos de colonismo de Ibrahim Sued (...) Em BH a primeira turma da escola de música de Milton Nascimento faz sua primeira apresentação...
Atualidade: Cid Moreira: “quatro tripulantes do navio Petrobrás continuam desaparecidos (...); Acidente hoje no rio Guaíba (...); Um momento de emoção no último dia do troféu Brasil disputado em São Paulo (...).	
Chamada: “Daqui a pouco, um documento incrível. Nas ruas de SP 1200 quadrilhas de crianças abandonadas. O que fazer com elas?	“Daqui a pouco: vocês viram quadrilhas de criança que roubam... e o Ministro da Justiça o que pretende fazer com elas?”
COMERCIAL 4	COMERCIAL 4
Reportagem: “Blitz geral em São Paulo, Rio de Janeiro, Sergipe e Bahia. É a incrível história de um ladrão de santos que se arrependeu e ajudou a polícia a recuperar todo o roubo. O repórter Hermano Hening conta como foi”. (...)	Variedade: Brincando de voar como astronauta. Um túnel em Las Vegas que é um brinquedo.
Musical: A jornalista Paula Saldanha apresenta Alcione	Musical: Kleiton e Kledir
	Notícias do domingo: Freitas “No Paraná foi solta uma das últimas índias Xetás (...), O Governo Federal vai investir em novas obras no Jari (...), em Pirapora, MG, um campeonato de pesca (...)”

Chamada: "as eleições na Itália. Daqui a pouco o domingo no mundo com imagens via satélite".	Chamada: "Daqui a pouco as notícias do Domingo no mundo. Em destaque: o centenário de Kafka e a final de Wimbledon".
COMERCIAL 5	COMERCIAL 5
Cid : "O domingo no mundo via satélite. Na Itália começam as eleições. Direto de Roma fala o repórter Sílio Bocanera (...); O líder palestino Yasser Arafat viajou hoje para Argel para pedir apoio contra a Síria (...); As imagens da destruição civil na guerra no norte da África (...); terminou a greve dos caminhões no Chile (...); o líder polonês Lesch Walensa vai à missa (...); uma corrida de homens contra aviões . Foi na África do Sul, 11 corredores contra ultraleves (...); o Kiss se despede do Brasil com um show em SP (...); o presidente Figueiredo passou o domingo no Rio. Agora à noite esteve no Centro de Convenções do Hotel Nacional. Veio abrir o congresso de oftalmologia (...)	Notícias do domingo no mundo
"A seguir: o problema das crianças abandonadas que se transformam em marginais perigosos".	
	Musical: Eddie Grant
	Chamada: "a Seguir- começa um debate nacional. O que fazer com as crianças abandonadas?"

COMERCIAL 6	COMERCIAL 6
Reportagem - “O que você vai ver agora é um documento impressionante , mas que tem que ser mostrado porque serve de ponto de partida para uma discussão que não pode ser adiada. Durante 20 dias os repórteres do Fantástico conviveram com crianças que pertencem a quadrilhas. São crianças, mas crianças que roubam, assaltam e até matam. Um problema que não pode ser ignorado num país onde 1/3 da juventude, 25 milhões de jovens, são classificados pelas estatísticas como menores carentes (...)	Reportagem: debate sobre o problema das crianças carentes em São Paulo
Cid Moreira: “agora uma notícia que traz de volta o otimismo . Na favela da Rocinha, Rio de Janeiro, os moradores já ganharam de presente duas escolas comunitárias (...) sim, não é a solução, mas é uma semente. Um exemplo que merece ser imitado por este Brasil afora.	(direto) Roda Encerramento
Encerramento	

ANEXO – A-IV

TRANSCRIÇÃO DE M1:

Síndrome da Deficiência Imunologia-Epidemia do Século – Repórter: Hélio Costa
27/03/1983 (11min25seg)³

Narrador (em off) - O assunto é tão grave que essa semana mesmo foi motivo de nova reportagem de alerta numa revista da importância de *Time*, além da verdadeira campanha de massa que vem sendo feita através de todos os jornais, do rádio e da televisão. De Nova York, o repórter Hélio Costa conta porque os médicos e sanitaristas estão tão preocupados.

Hélio Costa - Uma doença misteriosa que era totalmente desconhecida há dois anos, segundo as autoridades médicas americanas, transformou-se nos últimos meses na epidemia mais violenta do século. Trata-se da síndrome da deficiência imunológica, ou A-I-D-S.

Nos últimos 18 meses cerca de mil pessoas nos Estados Unidos contraíram esta doença, e mais de 500 já morreram.

Há um ano que este homem, Phil Lanzeratta, está lutando para não morrer. Esta nova doença praticamente destruiu as defesas naturais do organismo de Phil, seu mecanismo imunológico, deixando-o vulnerável a uma série de doenças fatais, que o obrigaram a ser hospitalizado 15 vezes de junho até agora.

Phil Lanzeratta (tradução feita por Hélio Costa) - “O resultado é que estou sempre fraco e cansado”, diz Phil.

Hélio Costa – 90% dos casos da síndrome da deficiência imunológica foram constatados em Nova York, São Francisco e cinco outras cidades dos Estados Unidos. Mas segundo as informações mais recentes a doença já chegou a 29 estados americanos e a 15 países. Quem diz isso é o doutor Richard Filick, que dirige um grupo de trabalho que tenta encontrar as causas da doença.

Hélio Costa – E aqui nos Estados Unidos, o senhor já considera o problema uma epidemia?
Dr. Richard Filick (tradução feita por Hélio Costa) – Sim, sem dúvida. Agora que identificamos a doença, podemos dizer que tivemos em 1978 apenas 4 casos no país. Em 1979 tivemos 9 casos, em 82 registramos mais de 700 casos, e no momento há uma epidemia.

Hélio Costa – Doutor, o senhor diria que o problema da síndrome da deficiência imunológica já é internacional, chegando a vários países?

Dr. Richard Filick (tradução feita por Hélio Costa) – Sim, já recebemos relatórios de 70 casos da síndrome da deficiência imunológica, ou A-I-D-S, em vários países, principalmente da Europa Ocidental, como Inglaterra, Alemanha, Suíça, França, cerca de 20 casos no Canadá, 20 ou 30 casos no Haiti e ilhas do Caribe e alguns poucos casos na América do Sul.

³ Os nomes dos entrevistados foram escritos de maneira aproximada a sua pronúncia, uma vez que o Fantástico da época não trazia legendas.

Hélio Costa – O corpo humano é dotado de um mecanismo imunológico natural com milhões de anticorpos que combatem infecções, vírus e bactérias. O número desses anticorpos é reduzido drasticamente nas pessoas que contraem a síndrome, ou A-I-D-S, e elas acabam com disenteria aguda, um tipo de tuberculose que não tem cura, encefalite, meningite, pneumonia, herpes e câncer da pele.

Phil Lanzeratta (tradução feita por Hélio Costa) - “Eu contrai herpes oster, uma herpes grave que ataca os nervos, e como resultado fiquei surdo do ouvido esquerdo”.

Hélio Costa – As vítimas da síndrome, ou A-I-D-S, geralmente contraem duas infecções sérias ao mesmo tempo. No caso de Phil Lanzeratta, ele sofre não apenas de herpes, mas também de um tipo raro de câncer chamado Sarcoma de Kaposi, que começa com umas pequenas manchas e depois se alastra por todo o corpo. Normalmente são registrados apenas 20 casos desse câncer por ano nos Estados Unidos, mas nos últimos 18 meses foram anotados 300 casos de Sarcoma de Kaposi aqui.

Phil Lanzeratta (tradução feita por Hélio Costa) - “Eu estava vivendo como uma bomba relógio sem saber o que ia acontecer”.

Hélio Costa – O câncer de Phil está sendo tratado, mas sua deficiência imunológica continua.

Este é o Centro de Controle de Doenças em Atlanta, Geórgia, o mais importante instituto de pesquisa de doenças contagiosas dos Estados Unidos. Aqui dezenas de cientistas trabalham noite e dia a procura de um tratamento urgente para a síndrome da deficiência imunológica, mas até agora não conseguiram resultados satisfatórios.

As únicas pistas que os cientistas conseguiram no combate à epidemia da síndrome estão nos tipos das pessoas atingidas. De cada 10 pessoas que contraíram a doença 9 são homens, alguns são hemofílicos, e outros são refugiados haitianos. Vinte e cinco por cento são viciados em drogas e, certamente, usam agulhas de injeção contaminadas. Setenta por cento das vítimas são homossexuais, razão pela qual no começo a síndrome da deficiência imunológica, ou A-I-D-S, era chamada de praga do homossexual.

O doutor Richard Filick, do Centro de Controle de Doenças, em Atlanta, diz, entretanto, que agora a síndrome não pode ser mais rotulada de praga do homossexual.

Hélio Costa – Doutor, em que estágio estão as pesquisas para se encontrar uma cura ou pelo menos um alívio para esta doença?

Dr. Richard Filick (tradução feita por Hélio Costa) – Estamos investigando várias técnicas de tratamento da deficiência imunológica. Em alguns centros estão usando o interferon, em outros estão sendo feitos transplantes de medula óssea.

Hélio Costa – O alerta contra a síndrome, ou A-I-D-S, partiu daqui do Hospital Moffitt, em São Francisco, quando um menino de um ano e meio contraiu a doença.

Dr. Arthur Armand (tradução feita por Hélio Costa) – “Não sabemos o que vai acontecer”, diz o imunologista do hospital, doutor Arthur Armand, “é a primeira vez que temos que lidar com essa doença”.

Constatou-se no hospital que, ao nascer, o menino recebeu uma série de transfusões de sangue. O doador do sangue não sabia que tinha contraído a síndrome e morreu em agosto do ano passado. O menino ainda está vivo, mas os médicos não sabem se ele sobreviverá. Duas outras vítimas, também meninos, são hemofílicos. Um deles, Joe Harvard, de 11 anos, recebeu sangue contaminado.

Joe Harvard (tradução feita por Hélio Costa) – “Dá muito medo”, diz ele, “mas às vezes eu fico (?) e esqueço tudo, mas a quase todo o momento o problema me vem a cabeça”.

Hélio Costa – De julho até agora 27 pessoas contraíram a doença através de transfusões de sangue e dez delas já morreram. Só nos Estados Unidos, 10 milhões de transfusões de sangue são feitas todos os anos, e não existe nenhum exame capaz de mostrar se o sangue está contaminado com a síndrome da deficiência imunológica.

Essa semana, o doutor Eduard Brant, a principal autoridade da saúde pública americana, determinou que os bancos de sangue não aceitem doações de pessoas que pertençam ao grupo de prováveis portadores da síndrome.

Dr. Allan Brownsting (tradução feita por Hélio Costa) - “Isto não é a solução”, diz o doutor Allan Brownsting da Associação dos Hemofílicos, “mas no momento não há outro jeito”.

Hélio Costa – A partir dessa semana, os bancos de sangue nos Estados Unidos não aceitam mais doações de haitianos, de pessoas que não usam só agulhas de injeção descartáveis e de homossexuais.

Essa semana a prefeitura de Nova York criou um serviço de emergência para atender as pessoas que acham que estão com a síndrome da deficiência imunológica. O serviço está recebendo em média 100 chamadas por dia.

Por outro lado, o maior centro de pesquisas do câncer nos Estados Unidos, o Memorial Hospital de Nova York, criou um grupo de pesquisas liderado pelo doutor Bijai Safai para tentar encontrar um tratamento adequado para a síndrome, ou A-I-D-S, principalmente porque ela provoca um raro tipo de câncer, que é o Sarcoma de Kaposi.

Hélio Costa –O que o procurou encontrar quando está pesquisando a síndrome da deficiência imunológica?

Dr. Bijai Safai (tradução feita por Hélio Costa) – Nossa pesquisa se concentra em 3 áreas diferentes: primeiro a epidemiologia, para sabermos com esta doença se alastrou pelo país. Segundo, a imunologia para sabermos como a síndrome ataca o sistema imunológico. E terceiro, o tratamento, que estamos tentando descobrir para conseguirmos curar essa doença.

Hélio Costa – O senhor tem alguma notícia de algum paciente do Brasil com essa síndrome de deficiência imunológica?

Dr. Bijai Safai (tradução feita por Hélio Costa) – Até agora já atendemos uma pessoa do Brasil que sofre dessa doença.

Hélio Costa – E qual é a percentagem de sobrevivência das pessoas que contraem a síndrome da deficiência imunológica?

Dr. Bijai Safai (tradução feita por Hélio Costa) – Até agora, o índice de mortalidade é de aproximadamente 40% até dois anos depois de contrair a doença.

Hélio Costa – A síndrome da deficiência imunológica é fatal. Segundo cientistas do Centro de Controle de Doenças em Atlanta, Geórgia, 75% das pessoas que contraem essa doença morrem em menos de 3 anos. Vejam só essa comparação: a varíola, no auge da epidemia mundial, matava em média 25% de suas vítimas.

Talvez a mais importante pesquisa para se encontrar a cura da síndrome da deficiência imunológica esteja sendo feita aqui na Universidade de Harvard, onde, por acaso, dois cientistas descobriram que a morte inexplicável de vários macacos tinha as mesmas características das mortes provocadas pela deficiência imunológica em pessoas em Nova York. Todas essas pesquisas estão sendo feitas porque a síndrome, ou A-I-D-S, é uma das doenças mais traiçoeiras que já surgiram até hoje.

Hélio Costa – O senhor pode detectar essa doença numa pessoa?

Dr. Bijai Safai (tradução feita por Hélio Costa) – Até agora nós não temos um exame para mostrar a presença da doença. Ela ataca e só depois de dois anos é que podemos detectá-la. É depois de dois anos que a pessoa começa a sentir que está doente.

Hélio Costa – O que é que se pode fazer para se evitar contrair essa doença?

Dr. Bijai Safai (tradução feita por Hélio Costa) – Nós achamos que a doença é transmitida através de contato sexual entre homossexuais, através de agulhas de injeção contaminadas e através de sangue já contaminado em transfusões. Se conseguirmos controlar isto, a epidemia será contida.

Hélio Costa – A síndrome da deficiência imunológica é, conforme dissemos, fatal, até agora não há cura. Segundo cientistas ela é mais implacável do que a leucemia e mais contagiosa do que a hepatite.

Muito embora no Brasil os casos da síndrome sejam mínimos, as precauções adotadas nos Estados Unidos também se aplicam. Fazer uma triagem dos doadores de sangue, e não usar agulhas de injeção contaminadas. Além disso, só resta esperar que os cientistas encontrem logo a cura para esse mal fulminante.

Narrador (em off) - E atenção a essa notícia, chega ao Brasil nessas próximas semanas o médico que diagnosticou os primeiros casos da síndrome da deficiência imunológica, é o professor Harold Mill, catedrático de doenças infecciosas da Universidade de Columbia. Ele vem para participar do Simpósio Internacional sobre Antibiótico-terapia no Rio e ajudar as autoridades médicas e sanitárias brasileiras a enfrentar o problema logo de início para evitar a ameaça de uma nova epidemia.

TRANSCRIÇÃO DE M3:

Descoberto o vírus da Aids – Repórter: Hélio Costa
29/04/1984 (7min12seg)

Narrador (Celso Freitas) - Cientistas franceses e americanos anunciam o primeiro grande passo contra uma doença que vem assustando o mundo inteiro, foi descoberto o vírus da AIDS, ou síndrome da deficiência imunológica adquirida. Com isso, mais de 6 mil pacientes em vários países passam a ter uma esperança de cura. De Nova York informa o repórter Hélio Costa.

Hélio Costa - Com a anunciada descoberta do vírus da Aids os cientistas poderão ter dentro de 6 meses um teste para detectar a doença no seu estágio inicial e assim combatê-la, e dentro de dois anos, aproximadamente, a primeira vacina contra a Aids.

Hélio Costa - Este é o vírus mortal do chamado câncer *gay*. O doutor Luc Montaigner, do Instituto Pasteur de Paris, lhe deu o nome de LAV vírus. O doutor Robert Gallo, do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos, denominou-o HTLV-3. Ao anunciar a descoberta, a secretaria de saúde dos Estados Unidos, Margareth Heckler, disse que os pesquisadores americanos estão mais adiantados, porque já conseguiram produzir o vírus da Aids em quantidade suficiente para ser estudado. O doutor Robert Gallo constatou que a Aids é um vírus que produz um tipo de câncer que invade as células que compõe o mecanismo imunológico. Ali o vírus se reproduz e ataca outras células fazendo com que a vítima perca sua defesa natural contra infecções e doenças.

Dr. Robert Gallo (Tradução de Hélio Costa) - Doutor Gallo, do Instituto Nacional do Câncer, diz que na pior das hipóteses as pessoas que já tem a doença poderão ser tratadas, impedindo-se que o vírus se reproduza e se alastre de uma célula para outra. “Agora que conhecemos o vírus causador da doença”, disse ele, “podemos tentar várias outras soluções”. “Agora podemos também pensar na prevenção da doença. Como a Aids é causada por um vírus será possível fazer uma vacina. Não sabemos quando essa vacina estará pronta. Nós já temos a tecnologia para produzir a vacina, que poderá estar sendo usada dentro de alguns anos”.

Hélio Costa - Só nos Estados Unidos, existem mais de 4 mil vítimas de Aids, cerca de 2 mil pessoas já morreram, e só nos primeiros 3 meses deste ano foram registrados aqui mais 880 casos da síndrome da deficiência imunológica adquirida. Todos, entre homossexuais, pessoas que receberam transfusões de sangue, drogados e refugiados haitianos.

Segundo o doutor Vicent Devita, diretor do Instituto Nacional do Câncer, responsável pela descoberta, a cura da Aids é agora apenas uma questão de tempo.

Dr. Vicent Devita (Tradução de Hélio Costa) - “Eu não quero dizer que o problema da AIDS é agora muito simples, mas trata-se de uma doença infecciosa, e tínhamos a certeza de que poderíamos descobrir o causador da Aids dispondo de recursos e de tempo”.

Narrador (Celso Freitas) - Um médico brasileiro, o doutor Cláudio Daniel Ribeiro, da equipe de pesquisadores do departamento de imunologia da Fundação Oswaldo Cruz no Rio morou 6 anos na França e conviveu em Paris com o doutor Luc Montaigner, exatamente na época em que o cientista terminavam as pesquisas que culminaram com a descoberta do vírus da Aids, só agora revelada. No Rio de Janeiro, o doutor Cláudio Daniel faz parte do grupo de cientistas que pesquisa a Aids, e já foram investigados 18 casos com sintomas da doença. Desses, 9 foram confirmados como a síndrome da deficiência imunológica adquirida, a Aids, e 3 pacientes morreram.

No Brasil inteiro, calculam os pesquisadores, já existem mais de 80 casos comprovados de Aids. Poucas cidades brasileiras têm serviço de atendimento a população. Em Porto Alegre, onde já foi registrada uma morte, existe até orientação por telefone. No Rio, por exemplo, a doutora Maria Leide Wan-Del-Rei é a chefe do grupo de pesquisa recém criado pela secretaria de saúde, e tanto ela quanto o doutor Cláudio Amaral, diretor do departamento geral de epidemiologia fluminense, indicam os pontos de informação sobre a Aids. Hospital do Fundão, Hospital Gafrée Guinle e Fundação Oswaldo Cruz.

Repórter (uma repórter sem identificação) - São Paulo já têm diagnosticado 44 casos de Aids comprovados com 20 mortes, um número que está crescendo e surpreendendo os médicos nos últimos meses. A Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo tem registrado pelo menos 4 casos de Aids por mês. Essa incidência da doença preocupa doutor Paulo?

Dr. Paulo (só assim identificado, mas com base em matérias posteriores, conclui-se que trata-se do Dr. Paulo Roberto Teixeira, então coordenador do Programa de Combate à Aids do Estado de São Paulo) - Não preocupa em termos absolutos, nem tanto quando se observa a evolução que ela tem tido aqui no nosso estado. E, particularmente, quando se compara com a curva de evolução de outros países, nós vemos que, aqui no Estado de São Paulo, a doença está se desenvolvendo um pouco além daquilo que nós supúnhamos que pudesse acontecer.

Repórter (uma repórter sem identificação) - Em São Paulo em específico, a doença nesta proporção preocupa até os países vizinhos?

Dr. Paulo - Se diz o seguinte, nós temos sido notificados, temos recebido comunicados de países da região, particularmente Argentina e Uruguai, que registraram alguns casos e na parte de investigação do foco transmissor foi localizado o Estado de São Paulo como provável local onde as pessoas tenham adquirido a doença. Quer dizer, é possível que São Paulo esteja se constituindo em um centro difusor da doença para outras regiões.

Repórter (uma repórter sem identificação) - Agora tem um jeito, uma maneira de se detectar essa doença logo no início?

Dr. Paulo - Veja, pelo menos por enquanto o diagnóstico é quase, ou principalmente, clínico. Ou seja, só a partir de determinados sintomas, o que significa que a doença já está instalada, é que nós podemos levantar suspeita. O indivíduo pode albergar o vírus e estar incubando a doença por um período de até dois anos ou mais e, nesta fase, ele não tem qualquer alteração, qualquer manifestação que pode chamar atenção. Portanto, só quando se manifestam os sintomas, ou seja, a doença já instalada, é que nós temos condições de fazer o diagnóstico.

Narrador (Celso Freitas) - Muitas vezes o resultado é dramático. O vírus da Aids se alastra por todo o corpo e provoca um câncer raro chamado de Sarcoma de Kaposi.

Repórter (uma repórter sem identificação) - E como fica com o Sarcoma de Kaposi?

Dr. Dráuzio Varella (ele não é identificado na matéria) - A característica principal do Sarcoma de Kaposi é o dessas lesões purpúreas, de aspecto avermelhado, que surgem na pele basicamente.

Repórter (uma repórter sem identificação) - Qual o tratamento?

Dr. Dráuzio Varella - O tratamento pode ser este de se aplicar substâncias que provocam uma potencialização da imunidade local e, através dessas próprias defesas imunológicas, fazer a destruição dessas lesões, ou tratamento com drogas, que é a quimioterapia ou eventualmente a utilização de radioterapia sobre o local das lesões.

Repórter (uma repórter sem identificação) - Será possível o paciente que tem Aids se recuperar?

Dr. Dráuzio Varella - Eu acho teoricamente possível, nós conhecemos mal essa doença porque ela tem 4 anos praticamente ou 5, então é mal conhecida. Mas, eu acho que teoricamente existe essa possibilidade, porque o defeito imunológico é estabelecido na idade adulta, não são pessoas que nasceram com defeito imunológico. O defeito se estabelece depois de adulto, teoricamente pode haver uma reversão disso, pelo menos.

Repórter (uma repórter sem identificação) - Agora, as pessoas têm muito medo, até de chegar perto de uma pessoa que tem Aids, né? Esse medo tem fundamento?

Dr. Dráuzio Varella - Esse medo não tem nenhum fundamento. Quer dizer, essas lesões podem ser tocadas sem nenhum medo, mesmo o toque direto, porque elas são lesões embora tumorais são lesões que não tem nenhuma possibilidade de transmissão. Essas pessoas são pessoas que podem estar no convívio social sem nenhum problema, porque, realmente, não há qualquer chance de transmissão por via direta.

TRANSCRIÇÃO DE M12:

Simpósio em São Paulo reúne os maiores especialistas em Câncer e Aids do mundo –
Âncora: Sérgio Chapelin, Repórter: Rosângela Santos, 21/08/1988 (2min38seg)⁴

Âncora Sérgio Chapelin - Os maiores especialistas do mundo em câncer e Aids estão reunidos em São Paulo. Eles participam de um simpósio internacional onde essas doenças, ainda hoje o principal desafio da medicina moderna, estão sendo debatidas.

Repórter Rosângela Santos - O encontro foi aberto com um debate sobre os aspectos epidemiológicos da Aids. A evolução dessa doença impressiona os próprios especialistas e o Brasil é um destaque negativo. Em números absolutos é o segundo país do mundo em casos de Aids. Os últimos números divulgados pelo Ministério da Saúde preocupam. De 1982 a julho de 88, 3952 casos foram notificados, 50% dos doentes morreram. Até 1990 o Ministério prevê que 38 mil brasileiros estarão com Aids.

⁴ Os nomes dos entrevistados foram escritos de maneira aproximada a sua pronúncia, uma vez que o Fantástico da época não trazia legendas.

No primeiro dia de simpósio o destaque foi a apresentação de duas novas drogas contra Aids. Elas estão sendo aplicadas ainda em estágio de testes em pacientes de alguns países da Europa e dos Estados Unidos. Assim como o AZT, as novas drogas aumentam a sobrevida do paciente com algumas vantagens, não são tóxicas e apresentam pouquíssimos efeitos colaterais.

O doutor Benjamim Eslevin, de Israel, é um dos descobridores do AS-101, que hoje é a maior estrela entre as novas drogas contra a Aids. A droga estimula o sistema imunológico do paciente, aumentando as defesas do organismo.

Dr. Benjamin Eslevin (tradução da repórter Rosângela Santos) - O doutor Benjamin Eslevin explica que o AS-101 ataca as células cancerosas e também inibe a proliferação do vírus da Aids. Os pacientes tratados com o AS-101, segundo o especialista, tiveram um aumento de linfócitos, os glóbulos brancos que sofrem diretamente o ataque do vírus da Aids.

A outra droga, o THF-2, foi desenvolvida pelo médico israelense Nathan Treiny. O medicamento também estimula as defesas imunológicas do organismo.

Dr. Nathan Treiny (tradução da repórter Rosângela Santos) - O doutor Treiny diz que a droga forma uma nova legião de glóbulos brancos. Ela não é capaz de curar o paciente, mas o médico acredita que o THF-2, somado às novas drogas que estão sendo pesquisadas, pode aumentar as chances de cura da Aids. As duas drogas já vão começar a ser testadas no Brasil.

Membro do governo ou cientista brasileiro (sem identificação) - Infelizmente, ainda são todas drogas que não estão dando resultados eficiente, 100%. Algumas delas estão dando uma sobrevida maior do que outras, e nós temos que fazer esta apresentação e iniciar no Brasil, efetivamente, a nossa pesquisa também.

ANEXO – A-V

Flop (Argentina)

Miro (Iugoslávia)

Líbero/Paulo Garfunkel (São Paulo —Brasil)

Rice (São Paulo — Brasil)

Cartuns sobre Aids apresentados na Bienal Internacional de Humor — Sem Aids, Com Amor, em 1997. Xavier (2001).

ANEXO – A-VI

10/08/1988

26/04/1989

Capas da *Veja* trazendo o tema da Aids.